# Contos Tradicionais do Brasil

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

global editora

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub

# CONTOS TRADICIONAIS DO BRASIL

Luís da Câmara Cascudo

***

1ª edição digital
São Paulo
2014

global editora

# SOBRE A REEDIÇÃO DE CONTOS TRADICIONAIS DO BRASIL

A reedição da obra de Câmara Cascudo tem sido um privilégio e um grande desafio para a equipe da Global Editora. A começar pelo nome do autor. Com a concordância da família, foram acrescidos os acentos em Luís e em Câmara, por razões de normatização bibliográfica, permanecendo sem acento no corpo do texto quando o autor cita publicações de sua obra. Foi feita também a atualização ortográfica, conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa; no entanto, existem muitos termos utilizados no nosso idioma que ainda não foram incorporados pelos grandes dicionários de língua portuguesa, como o Volp – nestes casos, mantivemos a grafia utilizada por Câmara Cascudo.

O autor tem uma forma peculiar de registrar fontes. Como não seria adequado utilizar critérios mais recentes de referenciação, optamos por respeitar a forma da última edição em vida do autor. Nas notas corrigimos apenas erros de digitação, já que não existem originais da obra. Ainda nas notas, o leitor atento poderá encontrar referências cruzadas e siglas eventualmente utilizadas pelo autor, como Jafl para *Journal of American Folk-lore*.

No mais, é deliciar-se com a linguagem cheia de oralidade do mestre.

*Os editores*

# PREFÁCIO

*Nenhuma ciência como o Folclore possui maior espaço de pesquisa e de aproximação humana. Ciência da psicologia coletiva, cultura do geral no Homem, da tradição e do milênio na Atualidade, do heroico no quotidiano, é uma verdadeira História Normal do Povo.*

*De todos os materiais de estudo, o conto popular é justamente o mais amplo e mais expressivo. É, também, o menos examinado, reunido e divulgado. Para centenas de volumes de versos populares, possuímos três ou quatro coleções de contos tradicionais.*

*O valor do conto não é apenas emocional e delicioso, uma viagem de retorno ao país da infância. Nem social, expondo o dogma da Fraternidade Universal pelo simples emprego de seu método, como ensinava Saintyves. Constitui elemento indispensável para ciências afins. Franz Boas, antropologista, é um dos patronos da* American Folklore Society*. Sem Folclore não era possível* The Mind of Primitive Man*. Marrett dedicou um volume inteiro para demonstrar as relações entre o Folclore e a Psicologia,* Psychology and Folklore *(Londres, 1920). George Laurence Gomme já o fizera quanto à História,* Folklore as an Historical Science *(Londres, 1908). De sua amplidão, já em 1891, declarava Andrew Lang: "Se me perguntassem como e por que o Folclore difere da Antropologia, ficaria um pouco embaraçado para responder...".*

*Se ele recolhe e estuda a produção anônima e coletiva (Van Gennep) é um dos altos testemunhos da atividade espiritual do Povo, em sua forma espontânea, diária e regular. Ligado, um pouco confundido com a Etnografia, o Folclore ensina a conhecer o espírito, o trabalho, a tendência, o instinto, tudo quanto de habitual existe no homem. Ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solitárias e poderosas, da memória e da imaginação popular.*

*O conto é um vértice de ângulo dessa memória e dessa imaginação. A memória conserva os traços gerais, esquematizadores, o arcabouço do edifício. A imaginação modifica, ampliando pela assimilação, enxertias ou abandonos de pormenores, certos aspectos da narrativa. O princípio e o fim das histórias são as partes mais deformadas na literatura oral.*

*O conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões e julgamentos.*

*Para todos nós é o primeiro leite intelectual. Os primeiros heróis, as primeiras cismas, os primeiros sonhos, os movimentos de solidariedade, amor, ódio, compaixão vêm com as histórias fabulosas ouvidas na infância. A mãe-preta foi a Sheherazade humilde das dez mil noites, sem prêmios e sem consagrações. Quanto lhe ouvimos contar, segue, lentamente, ao nosso lado, emergindo nas horas tranquilas e raras de alegria serena.*

*Dos sessenta e dois cursos dados em vinte e cinco Universidades norte-americanas sobre Folclore*[1]*, cinco são dedicados exclusivamente ao conto popular, ao* folk-tale*.*

*Na Universidade da Califórnia, o Prof. Archer Taylor, na Indiana University, o Prof. Stith Thompson, na Universidade de Michigan, o Prof. Ernst A. Philippson, na Universidade do Novo México, o Prof. Arthur L. Campa, e na Universidade de North Carolina, o Prof. Ralph S. Boggs, mantêm programas sobre origens, desenvolvimento, confrontos, influências, classificação dos contos populares.*

*Para sua classificação sistemática, após anos de análise, escreveu o prof. Antti Aarne o "Verzeichnis der Marchentypen", publicado no n. 3 do* Folklore Fellows Communications*, traduzido e ampliado pelo Prof. Stith Thompson, "The Types of the Folk-tale, a classification and bibliography", n. 74 das* FF. Communications*, Helsinki, Academia Scientiarum Fennica, 1928.*

*Esse processo classifica os motivos, os elementos típicos dos contos, indicando por letras e algarismos que correspondem às constantes de cada* folk-tale*. Adotei, no possível, essa classificação no presente volume.*

*As características do conto popular são, para mim:*

A) – Antiguidade.
B) – Anonimato.
C) – Divulgação.
D) – Persistência.

*É preciso que o conto seja velho na memória do povo, anônimo em sua autoria, divulgado em seu conhecimento e persistente nos repertórios orais. Que seja omisso nos nomes próprios, localizações geográficas e datas fixadoras do caso no tempo.*

*De sua antiguidade, atestam detalhes de ambiente, armas, frases, hábitos desaparecidos. Raro é o conto que menciona armas de fogo. Falam sempre de carruagem, espada, transportes a cavalo, reclusão feminina, autoridade paterna, absolutismo real.*

*Os contos aludem ao cabelo solto das donzelas, às crianças enjeitadas que o achador envolvia na capa, ao rei triste que só vestia branco, à coabitação prévia, antes da cerimônia nupcial. Foram "usus", regras de vida diária, legalizados em sua ancianidade histórica.*

*As mulheres casadas não podiam usar o cabelo solto. A cabeleira livre era privativa das donzelas. Falando da esposa, informa Oliveira Martins: "Não traria mais os cabelos soltos, como as donzelas; esses cabelos que são o símbolo da liberdade. Entrançava-os, prendia-os, envolvia-os numa touca, ou numa rede. Pela cabeça se conhecia o estado: a virgem vai* in capillos*, a esposa* cum touca*: assim o dizem os nossos forais"*[2].

*Envolver numa capa era uma das fórmulas expressas da adoção... "basta cobrir o filho adotivo com as dobras da capa,* per stolae fluentis sinus*,* ou sous le drap, ou pardessous de le mantiel*, como diz Beaumanoir"*[3].

*O rei triste vestia branco, porque o branco era o luto até fins do século XVI. Ainda na morte do rei D. João I de Portugal, o cronista Rui de Pina informa que "el-rei tomou*

*doo de preto e os ifantes tomaram burel, segundo sempre até aqui se costumou”*[4]*. O* doo *era de preto e o burel era branco. Nas exéquias do rei D. Fernando, em Toledo, a rainha ia “vestida dalmafega preta... Os portugueses que cõ ella ãdauam leuauão burel branco vestido”, Fernão Lopes, Crônica de D. João I*[5].

*Da coabitação prévia, ensina Oliveira Martins*[6] *ser frequente entre os* kocchs*, segundo Latham. Na Irlanda e na Holanda, entre o ajuste e as núpcias, o noivo visitava de noite a noiva, entrando no próprio leito em que ela estava, porém vestida. Na Alemanha a visita noturna dizia-se* kilpen*. Consiglieri Pedroso leu, no VII Congresso de Antropologia, reunido em Lisboa em setembro de 1880, uma comunicação sobre “Algumas formas de casamento popular em Portugal” em que se argumentava: “Por outro lado, na insistência com que as Constituições dos bispados portugueses proíbem a coabitação dos nubentes antes do matrimônio, um fato singular que a observação dos costumes lhe explicou como o resto de uma poliandria primitiva. Disse constar-lhe que ainda no lugar da Madalena os noivos coabitam hoje antes do casamento: e entre os* saloios *dos arredores de Lisboa encontrou costumes singulares”.*

*O Prof. Aurélio M. Espinosa, da Stanford University, na Califórnia, EE.UU., resumindo, na introdução do seu “Cuentos Populares Españoles” (Stanford, 1923, 1924, 1926), o trabalho dos folcloristas modernos, disse “Estos investigadores estudian los cuentos populares primeramente como cuentos, comparándolos con los de todas partes del mundo, buscando su origen y tratando*

*de descobrir su verdadera genealogia y evolución a través de la historia de los pueblos, y no dejan de estudiar en cuanto les es posible las ideas, costumbres primitivas y cultura de los pueblos primitivos y modernos de donde los cuentos proceden. Un tema tradicional se estudia a través de la literatura escrita y oral, se tiene siempre en cuenta la historia verdadera de los pueblos y el contacto de unos con otros, se estudian todas las versiones que se pueden reunir en un cuento o de una tradición, se examina su parentesco, se estudia en fin a base del estado de cultura del pueblo de su procedencia y se determina su origen, su historia y su difusión. Los últimos resultados de estos estudios pueden servir no sólo para completar las investigaciones de los cuentos populares como cuentos propriamente dichos sino que também para buscar materiales útiles para las ciencias afines, en particular para la antropologia, la psicologia, la religión y la historia", vol. 1, pág. 11-12.*

*Esses estudos, entre nós, dispersam-se entre o "amadorismo" e a industrialização literária dos temas folclóricos. João Ribeiro, em 1919, escrevia, serenamente: "Investigar as origens e a formação das histórias populares, acompanhá-las em suas migrações aonde elas vão como domésticos na companhia das gentes e dos povos, não é ainda uma preocupação que mereça estímulos. Tudo, entre nós, que não é dinheiro, é tolice e inutilidade. Bem o sei".* O Folk-lore *XXXVI, pág. 254, Rio de Janeiro, 1919.*

*A reação amanhece, lentamente. Um dia, interessará...*

*

*Sobre a origem dos contos não ousei adiantar palavras. Nem sua interpretação. Caberá a um volume especial quando, reunidos em maior número, abrangendo variantes, possa o material constituir uma área mais ampla para confronto e dedução.*

*

*Sobre o Foclore Negro no Brasil, se é determinante ou simplesmente convergente, dando coloração, trazendo figuras e soluções, tenho opinião igual ao velho Heli Chatelain:* "African folk-lore is not a tree by itself, but a branch of one universal tree", no *"Folk-Tales of Angola", pág. 20.*

*

*Dar o título de "tradicionais" pareceu lógico, porque esses cem contos estão vivos, trazidos, de geração em geração, na oralidade popular. Alguns, retirados de coleções impressas, com as precisas indicações bibliográficas, pertencem fielmente à mesma estirpe. Na colheita das histórias, fixei, não o local do nascimento do narrador, mas a cidade em que maior número de anos residiu, onde passou sua infância, onde ouviu e registrou na memória os contos que transmitiu. A linguagem dos narradores foi respeitada noventa por cento. Nenhum vocábulo foi substituído. Apenas não julguei indispensável grafar* muié, prinspo, prinspa, timive, terrive*. Conservei a coloração do vocabulário individual, as imagens, perífrases, intercorrências. Impossível será a ideia do movimento, o timbre, a representação personalizadora das figuras evocadas, instintivamente feita pelo narrador. Os colaboradores tinham os níveis*

*culturais mais diversos. Foram desde a senhora ao ginasiano, da cozinheira à ama analfabeta, da velha mãe de criação ao jardineiro efêmero, com as idades de doze a setenta e cinco anos, Fernando Luís e Manuel Galdino Pessoa.*

*

*Volto a lembrar que nunca encontrei nos sertões do Nordeste brasileiro um vaqueiro falando como falam os vaqueiros nos livros de "costumes regionais". Há, evidentemente, uma espécie de gíria sertaneja, tão ilustre quanto a carioca. Não seria útil empregá-la aqui pelo simples fato de não a ter ouvido pelos contadores das minhas histórias. Os contos narrados por meu pai, minha mãe, minha tia foram todos ouvidos no alto sertão da Paraíba e do Rio Grande do Norte.*

*

*Não conheço história privativa de uma região. Naturalmente haverá maioria de sereia nos contos das praias. Mas as sereias encantam nas histórias do sertão e nelas passam os peixes encantados e a serpente que dorme num palácio no fundo do mar.*

*

*A proporção entre os elementos indígenas, africanos e brancos no Folclore brasileiro é 1.3.5. Contos indígenas e africanos justapõem-se de maneira indecifrável. Ciclo do Jabuti, Ciclo da Micura ou da Raposa, nos indígenas brasileiros e nos negros Bantus e do Sudão, idênticas. Vezes dispensamos argumentar que o português está na África, residindo, casando, brigando, morrendo, nascendo, comendo, contando histórias, desde*

*quinhentos anos. A irradiação é contínua, infiltrando-se no Folclore negro. Tanto o Curupira ameríndio fareja o* sangue real*, mira piché, pichê como o Ma-kishi rosnava, sentindo o estrangeiro:* – M’o’nzo inii ualenge-mu.

*Franceses, portugueses, espanhóis, ingleses, hindus repetem o indígena tupi e o negro angolês:* aqui me cheira a sangue real! *O nosso* andou-andou-andou *está nas porandubas amazônicas:* uatá-uatá-uatá*. Nos* misoso *que Chatelain ouviu em Luanda vinha o* uende-uende*,* walked, walked, andou-andou*, como os meus amigos sertanejos usavam, descrevendo os longos dias de caminhada. Emigrando, os contos tomam, devagar, outros hábitos. A moral da anansi, a aranha cúpida, violenta, vitoriosa pela astúcia bestial, modifica-se, às polegadas, na Jamaica, em Surinã. No Brasil, a estupidez da onça corresponde à ferocidade bruta do leopardo africano. Nas nossas histórias, como nos filmes de série, o bandido malvado acaba perdendo no último ato. Perde a onça. Perde o Diabo. O Bem sempre vence. A Morte também.*

*

*Não cito as escolas meteorológica, filológica, antropológica, histórica, ritualista, a infalível eclética, afora uma dúzia de cisões e cismas eruditos. Ainda não me foi concedida a sabedoria para aproximar-me dessas discussões substanciais. Um dia, querendo Deus, irei também discutir se o Jabuti representa o Sol, a força criadora da Vontade, um* urmythus *ou simplesmente um Jabuti.*

*

*O mais antigo conto que se conhece é a história “Dois Irmãos”. Encontrou-a na Itália Mrs. D’Orbiney, em 1852, escrita num papiro que o visconde de Rougé examinou e proclamou sua antiguidade veneranda. Todos os egiptólogos estão de acordo. É uma história escrita pelo escriba Anana para o príncipe Seti Memeftá, filho do faraó Ramsés Miamum, há três mil e duzentos anos! É uma história para criança, um conto popular, reunindo os elementos sugestivos dos enredos miraculosos, acreditados na época. Brugsch julga o escriba Anana contemporâneo de Moisés. Anepu e Batau, irmãos, moram juntos. Anepu é casado e sua mulher tenta Batau que lhe resiste. A mulher de Anepu acusa o cunhado de violência. Anepu prepara-se para matar o irmão. Este, avisado pelas bezerras do curral, foge. Anepu persegue-o, mas o Deus Armachis, invocado por Batau, fez aparecer um rio entre os dois irmãos. Quando amanheceu o dia, Batau, o mais novo, disse ao mais velho que ia para a floresta dos cedros e deixaria sua alma numa flor, lá em cima da árvore. Se o cedro fosse derrubado e a flor caísse, ele morreria. Ensinou o processo de ressuscitá-lo. E separaram-se. Anepu matou a mulher e ficou vivendo sozinho, com seus bois e seu campo. O deus solar Armachis falou ao deus Chnum e este deu uma linda mulher a Batau, para que não continuasse solitário na floresta dos cedros. Um cacho do cabelo da mulher de Batau caiu no mar e foi perfumando as águas até o rio onde lavavam as roupas do faraó. O faraó, informado do estranho perfume, descobriu o cacho de cabelo e mandou procurar a dona. Depois de muita*

*luta, veio a mulher de Batau para o faraó e contou como seu marido morreria. Cortaram o cedro, a flor caiu e Batau morreu. O irmão, sabendo, veio e procurou a flor da alma de Batau até que a encontrou. Colocou o corpo de Batau numa esteira e a flor num vaso com água de cevada. Depois deu essa água para boca do irmão que se ergueu, vivo. Batau transformou-se no novilho-sagrado, propriedade de Anepu. O faraó comprou o novilho-sagrado por muito ouro e o colocou num santuário. Quando a nova mulher do faraó foi visitar o novilho, este falou, exprobrando-lhe o procedimento. A mulher pediu ao faraó para comer o fígado do novilho-sagrado e o faraó matou o touro e a mulher comeu o fígado. No momento do sacrifício, duas gotas de sangue do novilho-sagrado caíram e duas árvores nasceram. Quando a mulher veio repousar na sombra dessas árvores, elas falaram, censurando sua conduta. A mulher pediu que o faraó cortasse as árvores para fazer tábuas. Uma lasca feriu a mulher na boca. Ela ficou grávida e nasceu um príncipe. O faraó morreu e o príncipe subiu ao trono. Era Batau. Mandou julgar a mulher e puniu-a. O irmão, Anepu, foi feito Vice-Rei e substituiu-o no governo do Egito. E o papiro assim finda: "Foi composto pelo escriba Anana, possuidor deste rolo. Que o Deus Tót livre da destruição todas as obras contidas neste rolo".*

*Anterior à literatura clássica, ao documento de história, às atividades metafísicas, existe nessa história para crianças a metempsicose, a onipotência do Rei, imaginação comentando tradições locais, registro real do espírito egípcio, na plenitude de sua verdade psicológica.*

*Os elementos do conto dos “Dois Irmãos”, escrito há trinta e dois séculos, estão vivendo nas histórias tradicionais do Brasil. Neste volume, o conto 22 mostra um Gigante com a alma exterior guardada num ovo, como a de Batau estava na flor do cedro. Os contos 30 e 43 tratam de um boi de estimação que é abatido para que u’a mulher coma o fígado do animal. O processo feminino para obter a morte do novilho é o mesmo. Nem mesmo com 3.200 anos, a víscera apetecida mudou para a vontade da concubina. Por quê? Porque o fígado era a origem do sangue e o sangue era a alma. Há vinte séculos Galeno oficializou a doutrina e o povo continua fiel ao mestre, dizendo* sangue-novo, calor-de-sangue, *para as dermatoses, e os hansenianos comem fígado de criança porque a lepra é doença do sangue e não doença da pele. Fígado novo é sangue novo e sangue novo acaba a doença velha. Assim nasceu a tradição do “Papa-Figo”, o apavorador velho que carrega os meninos num saco para vender o fígado aos ricos morféticos.*

*

*Paul Sébillot mostra que a mulher é melhor contadeira de histórias que o homem. Guarda em maior quantidade porque lhe cumpre o agasalho dos filhos e a tarefa de adormecê-los, entretendo-os com o maravilhoso. Os irmãos Grimm fizeram sua coleção admirável ouvindo as velhas, as “tias” da tradição oral portuguesa, as* bás, *e* mães-pretas *do Brasil. Tive mulheres e homens como narradores excelentes. Dom Apolinar Barber foi o colaborador máximo de Juan Alfonso Carrizo, o mestre do “Cancioneiro Popular de Tucuman” (Buenos Aires, 1937,*

*dois tomos), como o inesquecido J. Leite de Vasconcelos honrou a Tia Miquelina de Golães, auxiliar preciosa para sua "Etnografia Portuguesa" (Lisboa, 1937, dois tomos). Miss Mary Frère ouviu vinte e quatro histórias da mesma velha hindu, e o seu "Old Deccan Days"[7] é um dos melhores livros da literatura oral da Índia.*

*

*O título* "Contos Tradicionais" *tem sido preferido pelos folcloristas de Portugal e Brasil. Contos Tradicionais do Povo Português, de Teófilo Braga, em 1883, Contos Populares Portugueses, de Adolfo Coelho em 1879 e de Consiglieri Pedroso em 1910. A nona publicação da "Folk-Lore Society", de Londres, em 1882, publicara uma coleção de contos populares portugueses de Consiglieri Pedroso, "Portuguese Folk-Tales, collected by Professor Z. Consiglieri Pedroso, trans. by Miss H. Monteiro, with an Introduction by W. R. S. Ralston". Sílvio Romero divulgou a primeira coleção de "Contos Populares do Brasil", Lisboa, 1885 e Rio de Janeiro, 1897, contendo 88 histórias. Foi ainda o título escolhido pelo Prof. Lindolfo Gomes, "Contos Populares da tradição oral no Estado de Minas", e João da Silva Campos, "Contos e Fábulas Populares da Bahia". Na Espanha, as grandes coleções de Fernan Caballero, Rodriguez Marín, Aurélio M. Espinosa têm o nome de "Cuentos, etc.". Assim os franceses, italianos, belgas, russos, etc.*

*

*Dividi os cem contos em doze seções. Se o problema da classificação foi resolvido pelo método Aarne-Thompson, tanto mais lógico quanto for abrangendo, pelo*

*conhecimento bibliográfico, o Folclore centro, sul-americano e insular, o mesmo não ocorre com a divisão. Antti Aarne escreveu: –* "For each editor has arranged his collection to his own judgment, which in only a few instance has been guided by a deeper knowledge of the subject." *Minha divisão atende aos "motivos", no critério de uma tentativa de sistematização.*

**CONTOS DE ENCANTAMENTO** – *Correspondem aos* Tales of magic, Tales of supernatural, aos Cuentos, Conti, Racconti, Fairy Play, Marchem, os misoso *dos negros de Angola*, skarki *dos russos*.

**CONTOS DE EXEMPLO** – Ordinary Folk-tales, o *velho "Exemplo"*, Exempli, Stories, Fireside stories, Consejas, *dos espanhóis, empregado igualmente no Folclore ibero-americano, "Un grupo de Consejas Chilenas", de Rodolfo Lenz, Santiago de Chile, 1912.*

**CONTOS DE ANIMAIS** – *Fábulas, na acepção clássica*, Animal Tales.

**FACÉCIAS** – Jockes and Anecdotes, Patranha, schwank, Contrafavore.

**CONTOS RELIGIOSOS** – Religious Tales, *contos de intervenção divina. Os africanos de Angola denominam* ji-sabu*.*

**CONTOS ETIOLÓGICOS** – *João Ribeiro,* O Folk-Lore*, p. 20. – "A expressão conto etiológico é técnica entre os folcloristas; quer dizer que o conto foi sugerido e inventado para explicar e dar a razão de ser um aspecto,*

*propriedade, caráter de qualquer ente natural. Assim há contos para explicar o pescoço longo da girafa, o porquê da cauda dos macacos etc." É, na espécie, clássico o livro de O. Dahnhardt,* Contos Populares da História Natural *(Naturgeschichtliche Volksmarchen). Um livro póstumo do Prof. Robert Lehmann Nitsche estudou os motivos etiológicos da mitologia sul-americana, Studien zur Sudamerikanischen Mythologie die Atiologischen Motive, Hamburgo, 1939.*

**DEMÔNIO LOGRADO** – *Todos os contos ou disputas em versos em que o Demônio intervém perde a aposta e é derrotado. Parece necessário estabelecer o* Ciclo*, isto é, a reunião de contos e lendas derredor de um motivo único, o Demônio Logrado.*

**CONTOS DE ADIVINHAÇÃO** – Riddles Tales, Ratselmarchen, Ji ningonongo *de Angola*. *A vitória do herói depende da solução de uma adivinhação chamada enigma, tradução de gestos, decifração da origem de certos objetos. Mt. 812 de Aarne-Thompson, The Devil's Riddle. A Princesa casará com quem decifre um enigma proposto por ela. "A princes is offereed in mariage to the youth who can propose a riddle which she cannot solve." H341.1. de Stith Thompson.*

**NATUREZA DENUNCIANTE** – *O ato criminoso é revelado pela denúncia de ramos, pedras, ossos, flores, frutas, aves, animais.* Virged in chains. *Contos em que os episódios são sucessivamente Íbicos. Mt. 780 de Aarne-Thompson, The Singing Bones; XVI de Sílvio Romero; 27*

*de Teófilo Braga. La Flor de Lilitá, del Olivar, Liriolay, La Flauto.*

**CONTOS ACUMULATIVOS** – Cumulative Tales, Formula Tales, arranged in chains. *Contos em que os episódios são sucessivamente articulados. Fases temáticas consecutivamente encadeadas. A neve que prendeu o pé da formiga. Mt. 2031 de Aarne-Thompson,* The Frost-bitten Foot. Ketten-Marchen. *Incluo nesta secção os* Contos sem-Fim *e os* Trava-Línguas; Endless Tales Unfinished Tales, Cuentos-de-nunca-acabar.

**CICLO DA MORTE** – *Nos contos em que aparece o diabo este perde infalivelmente. A Morte, ao contrário, vence. Debalde o homem procura enganar, utilizando todos os recursos da inteligência, o pagamento fatal de dívida. Como esses contos têm assunto típico, inconfundível, seria lógico o Ciclo.*

**TRADIÇÃO** – *Chamo "Tradição", nos contos populares, o que, não constituindo história nem lenda, mantém persistente citação nas narrativas tradicionais. O Japim* (Cassicus cela, Linn) *imita todos os pássaros exceto o Tamurupará* (Monassa nigrifons). *Onde há ninho de Japim (o Xexéu nordestino) há uma formiga chamada tapiucaba. São tradições.*

*

*Os motivos dos contos tradicionais são cinco, oito, dez mil, para todo o Mundo. As centenas de milhares que conhecemos e sabemos existir são combinações indefinidas desses motivos essenciais, ambientes,*

*pormenores típicos, situações psicológicas. Os contos variam infinitamente, mas os fios são os mesmos. A ciência popular vai dispondo-os diferentemente. E são incontáveis e com a ilusão da originalidade.*

*O conto mais tradicional, conhecido e querido numa região mais universal nos seus elementos constitutivos. Um tema restritamente local não se divulga nem interessa.*

*

*Esta coleção não possui os contos sem-fim, os trava-línguas nem as anedotas tradicionais, expressões veneráveis e superiores de antiguidade e predileção coletiva. A Anedota, espécie de pintura mural, irresponsável e maravilhosa de acuidade satírica, voz anônima do povo, é uma obra-prima que se desinteressa do* copyright*. Sua função social, eliminando recalques e realizando análise serena, é um índice tão claro da mentalidade de um Povo como os melhores padrões nos testes. São assuntos que aguardam os benefícios de um estudo tranquilo e fiel.*

*

*Heli Chatelain informa que os negros em Luanda terminavam os contos com fórmulas especiais ou rituais, como, talqualmente fazemos. Minhas Senhoras e meus Senhores, bem ou mal, terminei minha pequena história.*

*Aqui findo quanto pude reunir na tradição oral, nos contos velhos que encantaram as gerações brasileiras. Possa esta coleção animar o estudo do Folclore, numa unidade de trabalho, tenacidade e alegria cordial*.

E como encontraram,

Tal qual encontrei;
Assim me contaram,
Assim vos contei!...

*Luís da Câmara Cascudo*

**1** Ralph Steele Boggs, “Folklore in University Curricula in the United States”. “South Folklore Quaterly”, vol. IV, n. 2, junho-1940.
**2** Oliveira Martins, “Quadro das Instituições Primitivas”, 2ª ed., 1893, p. 27.
**3** Idem, p. 37.
**4** Oliveira Martins, “A vida de Nun’Alvares”, 1ª ed., Lisboa, 1894, p. 102.
**5** Idem, p. 102-103.
**6** Oliveira Martins, “Quadro das Instituições Primitivas”, p. 28. “Elementos de Antropologia”, 2ª ed., Lisboa, 1881, p. 257. Comentando a comunicação de C. Pedroso, escrevia Oliveira Martins: “Corroborando o que o prelator disse, convém ajuntar que ainda há poucos anos (e talvez agora ainda), na população de várias freguesias serranas da Madeira havia o costume de ir à *experimenta*. Não era a coabitação prévia dos nubentes: era o sistema de um amancebamento que levaria ou não levaria ao casamento segundo a *experimenta* provasse bem ou mal. Deve ver-se aqui uma tradição, ou apenas um abastardamento dos costumes? Era uma tradição, atestada pelos contos populares”.
**7** Mary Frère — *Old Deccan Days* or Hindoo fairy legend current in Southern India collected from oral traditions with and introd. and notes by Sir Bartle Frère, 3ª ed., Londres, 1881.

# 1 – CONTOS DE ENCANTAMENTO

# O Fiel Dom José

*E*ra uma vez um príncipe que encontrou numa sapataria um rapaz tão vivo e simpático que desejou tê-lo como amigo e companheiro. O rei foi pedir ao sapateiro que desse seu filho para viver com o príncipe e o sapateiro cedeu. O rapaz se chamava José e o Rei deu o *dom*. Todo o mundo no reinado só o conhecia, daí em diante, por Dom José.

O príncipe e Dom José eram inseparáveis nas festas, passeios e caçadas. O rei tinha uma filha muito bonita mas invejosa e de mau gênio. Vendo aquela amizade do irmão com Dom José, enciumou-se e planejou desfazer o afeto que ligava os dois moços.

Uma manhã mandou dizer a Dom José que fosse conversar com ela no seu próprio quarto. Dom José procurou o príncipe, contou o convite e perguntou se devia ir.

– Vá, Dom José!

Dom José foi e a princesa recebeu-o muito bem e ficou meia hora conversando assuntos tolos, negócios da cidade, modas, etc. Meia hora depois Dom José saiu e foi narrar ao príncipe o que sucedera. No outro dia sucedeu o mesmo, mas a princesa prendeu o moço uma hora no seu quarto.

Apesar de sabedor de tudo, o príncipe começou a ficar desconfiado das conversas. Pela terceira vez a princesa mandou buscar Dom José e só o despediu hora e meia

depois. Dom José repetiu toda a conversa ao seu amigo, mas o príncipe não acreditou e, julgando que ele tivesse tentado seduzir sua irmã, pediu ao rei para expulsá-lo do reinado. O rei, mesmo a contragosto, mandou Dom José sair e ir morar numa ilha distante.

Ficando sozinho, o príncipe não achava graça em cousa alguma, emagrecendo, definhando, não querendo caçar nem assistir às festas. Chegou mesmo a adoecer de cama e o remédio que houve foi o rei mandar buscar Dom José. Com a notícia da vinda do amigo, o príncipe foi melhorando, melhorando, e saiu uma bela manhã para caçar. Andou, andou pelos campos, quando viu, distante, numa relva muito verde e brilhante, uma abóbora enorme, coberta de uma névoa faiscante que quase não deixava ver. O príncipe baixou a aba do chapéu, aproximou-se da abóbora e viu que estava fechada e tinha um letreiro:

*Para Dom José será*
*quem daqui tirará.*

O príncipe quis tocar mas a abóbora desapareceu. Voltando para casa o príncipe encontrou Dom José e fez muito agrado, conversando e planejando caçadas e brincadeiras futuras.

No outro dia, cedinho, lá foram caçar. O príncipe foi andando no caminho anterior, levando o companheiro para o lado onde vira a abóbora encantada. Sucedeu o que se esperava. Viram a campina verde e a névoa faiscante que não deixava enxergar. Foram para perto e leram o letreiro:

*Para Dom José será*
*quem daqui tirará.*

Dom José botou a mão em cima da abóbora e esta se abriu, mostrando a mais linda princesa do mundo. Dom José tirou-a de dentro da abóbora e disse ao príncipe, que ficara assombrado com a beleza da moça:

– O que sou devo ao príncipe, meu senhor. Esta é a ocasião de começar a pagar os benefícios recebidos. Dou esta princesa pela mão ao príncipe meu senhor para sua legítima esposa!

O príncipe ficou radiante de contente e a princesa sorriu para ele agradada e satisfeita com a decisão de Dom José. Ficaram muito animados, conversando, contando à moça que estivera encantada. Como o sol se tornasse quente por demais, os três resolveram passar a força-do-calor abrigados na sombra de umas árvores muito copadas. Deitaram-se e o príncipe e a princesa adormeceram logo. Dom José ficou acordado, vigiando.

Lá para as tantas, três rolinhas passaram voando, fizeram umas voltas em três raminhos, bem em cima da cabeça de Dom José. Começaram as três rolinhas a falar, entretidas.

Disse a primeira:

– O príncipe está muito vaidoso por ter recebido a princesa mas não se aproveitará dela. Quando passarem o rio ela pedirá água corrente e bebendo morrerá.

*E quem isto ouvir e contar*
*em pedra-mármore há de se virar!*

A segunda continuou a profecia:

– E se a princesa não morrer da água corrente há de morrer quando beber a primeira colher de sopa no jantar dessa noite.

*E quem isto ouvir e contar*
*em pedra-mármore há de se virar!*

A terceira rolinha findou:

– Mesmo que a princesa escape da água e da colher envenenada, será devorada pela serpente de duas cabeças na madrugada.

*E quem isto ouvir e contar*
*em pedra-mármore há de se virar!*

Dom José tudo ouvira e, logo que as rolinhas voaram, levantou-se, acordou os príncipes e seguiram viagem. Foram passando o rio e a princesa, quando viu as águas claras, correntes e frias do rio, começou a ter sede e a pedir um copo para beber.

– Vão seguindo, vão seguindo, que eu vou buscar água e levo – declarou Dom José.

Os dois continuaram a jornada e Dom José quando os alcançou, algum tempo depois, foi explicando que caíra e perdera toda água mas estavam perto do palácio e lá havia tudo do bom e do melhor.

Chegando foram logo festejados e o rei e a rainha abençoaram a princesa, cobrindo-a de carinhos e anunciando logo o casamento. Dom José foi o padrinho e a princesa solteira a madrinha. De noite houve o banquete, com todos os homens ricos do lugar, e Dom José pediu para não tomar parte na mesa e sim servir como criado.

Os noivos ficaram surpreendidos com aquele pedido. Mas, insistindo Dom José, cederam, e ele serviu como mordomo. Logo que puseram a sopa nos pratos e a noiva segurou a colher de ouro, enchendo-a e levando-a à boca, Dom José correu, arrebatou-a e entregou uma outra colher de prata, dizendo:

– Coma com esta e não pergunte por quê...

O noivo fez um ar de zanga mas nada disse. Acabou-se o jantar e houve baile. Dom José foi ao príncipe e pediu, por um último favor, deixasse ele dormir no mesmo quarto do casamento. O príncipe espantou-se mesmo e ainda mais a noiva, mas sendo Dom José quem dera a mulher ao marido, entenderam que merecia tudo e consentiram no que pedira.

Dom José foi buscar um alfanje, amolou-o como a uma navalha e escondeu-o debaixo da sua cama, preparada no mesmo quarto dos noivos.

Recolheram-se todos e Dom José ficou acordado, botando sentido nos rumores e nos passos. Pela madrugada, quando caiu a friagem ouviu-se um arrastado e foi aparecendo pela janela um bicho mais horroroso da terra, uma serpente que não tinha fim, preta, grossa, com duas cabeças, capaz de engolir sem mastigar a uma junta de bois de carro.

Dom José desembainhou o alfanje e assim que a serpente passou o batente da janela descendo para o chão do quarto, sacudiu um golpe tão violento que decepou as duas cabeças de uma só vez.

Um jorro de sangue esguichou e três pingos salpicaram a face da princesa que estava dormindo. Dom José

limpou tudo, atirando o corpão da serpente para fora.

Esta, assim, que bateu na terra, sumiu-se. Dom José viu as três gotas de sangue na bochecha da princesa e foi tirá-las com todo cuidado. Quando estava passando, muito de leve, a ponta dos dedos, a princesa acordou e gritou que Dom José estava querendo faltar-lhe com o respeito. O príncipe ficou furioso mas Dom José não se defendeu.

Amanheceu o dia e o príncipe foi queixar-se ao rei e Dom José foi condenado a morrer degolado imediatamente. Juntou-se a gente toda para assistir sua morte.

Antes de subir para o tabuado onde seria cortado o pescoço, Dom José pediu para contar uma história. O rei consentiu e Dom José começou lembrando sua vida. Contou as vozes das três rolinhas e, quando disse como livrara a princesa de beber a água fresca do rio, ficou transformado em mármore até o peito. Disse como trocara a colher de ouro envenenada por uma de prata. Ficou de mármore até o pescoço. Quando esmiuçou o caso da serpente de duas cabeças, virou-se em mármore, dos pés à cabeça, como uma estátua.

O rei, a rainha, os noivos e a princesa solteira choraram demais, lastimando Dom José. Todo o povo chorou também. O príncipe mandou construir um pedestal no jardim e colocou a estátua de mármore e aí passava a maior parte do dia, chorando e recordando o fiel Dom José.

Meses depois estava o príncipe nesse lugar, quando duas rolinhas vieram voando e pousaram nos ombros da

estátua, começando a falar. Disse uma:

– Agora é que o príncipe sabe quem era seu amigo e o que valia o fiel Dom José, encantado para livrar a princesa da morte...

Respondeu a outra:

– É verdade, mas para tudo há remédio. Quando nascer o filhinho do príncipe, passe este alfange no pescocinho do menino e molhe toda a estátua nesse sangue inocente, Dom José voltará a viver como dantes...

O príncipe ouviu essas palavras e ia se levantando quando duas amas vieram correndo do palácio, avisando que a princesa tivera um menino tão bonito como o dia. O príncipe não perdeu tempo. Correu até o quarto, beijou a mulher, segurou o filhinho nos braços e voltou para junto da estátua. Puxou a espada, cortou o pescoço da criança, molhando o mármore no sangue inocente. Assim que acabou, a estátua estremeceu e Dom José pulou do pedestal para baixo, como era dantes.

Antes de abraçar o príncipe, pegou na cabeça e no corpo do menino, juntou as partes e a criança ficou sã e salva, apenas com uma listinha vermelha no pescoço. Abraçaram-se como irmãos, chorando de alegria e Dom José entrou no quarto da princesa levando o menino nos braços, dormindo tranquilamente.

As festas foram as mais compridas e bonitas deste mundo e Dom José casou com a irmã do príncipe, vivendo até cem anos na mais perfeita felicidade.

*Luísa Freire,*
*Ceará-Mirim, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Luísa Freire, branca, analfabeta, residiu em nossa casa de 9 de junho de 1915 até 23 de julho de 1953, quando faleceu. Nascera em junho de 1870. Foi colaboradora preciosa em literatura oral. Com maiores anotações publiquei no Porto, Portugal, um volume inteiro contendo "Trinta Estórias de Bibi"[8]. Bibi era seu apelido dado por mim quando menino e conservado a vida inteira.

*O Fiel Dom José* tem variante no "Contos Tradicionais do Povo Português", de Teófilo Braga, nº 12, *A Bixa de Sete Cabeças*, vindo do Algarve. Na versão portuguesa não há o encontro da abóbora encantada nem a presença da princesa que casa com o fiel Dom José. As pombas avisam: "E quem isto ouvir e não se calar – Em pedra-mármore há de se tornar". No mais, idêntico. Os irmãos Grimm colheram este conto na Alemanha, o "Fiel João", estudado exaustivamente por Erich Rösch, "Der Getreue Johannes", FFC, vol. XXVII, nº 77, Helsinki, 1928, com 147 versões. Variantes no "Portuguese Folk-Tales", de Consiglieri Pedroso, "Pedro and the Prince", 25, Londres, 1882. "Pedro e Pedrito", nº XXXIV do "Contos da Carochinha" (Adolfo Coelho). Variante no Deccan, "Rama and Luxaran", citada pelo coordenador português. Outra versão clássica no "Pentamerone" de Giambatista Basile (1634), *The Raven*, Nona distração do quarto dia, edição inglesa de N. M. Penzer do original italiano de Benedetto Croce, IIº, 72, Londres, 1932. É o Mt. 516 de Aarne-Thompson, *Faithful John*.

**8** *Trinta "estórias" brasileiras*. Porto: Editora Portucalense, 1955. (N.E.)

# Os Compadres Corcundas

Disse que era uma vez dois corcundas, compadres, um rico e outro pobre. O povo do lugar vivia mangando do corcunda pobre e não reparava no rico. O pobre andava triste e de mais a mais o tempo estava cruel e ele era caçador.

Numa feita, esperando uns veados, já tardinha, adormeceu no girau e acordou noite alta. Ficou sem querer voltar para casa. Ia se acomodando para pegar no sono de novo quando ouviu uma cantiga ao longe, como se muita gente cantasse ao mesmo tempo.

“Deve ser alguma desmancha de farinha aqui por perto. Vou ajudar!”

Desceu da árvore e botou-se no caminho, andando, andando, no rumo da cantiga que não descontinuava. Andou, andou, até que chegando perto de um serrote, onde havia uma laje limpa, muito grande e branca, viu uma roda de gente esquisita, vestida de diamantes que espelhavam ao luar. Velhos, rapazes e meninos, todos cantavam e dançavam de mãos dadas, o mesmo verso, sem mudar.

*Segunda, terça-feira,*
*Vai, vem!*
*Segunda, terça-feira,*
*vai, vem!*

O caçador ficou tremendo de medo. As pernas nem deixavam ele andar. Escondeu-se numa moita de

mofundos e assistiu sem querer àquela cantoria que era sempre a mesma, horas e horas.

Com o tempo, foi-se animando, ficando mais calmo e, sendo metido a improvisador e batedor de viola, cantou, na toada que o povo esquisito estava rodando.

*Segunda, terça-feira,*
*Vai, vem!*
*E quarta e quinta-feira,*
*Meu bem!*

Boca para que disseste! Calou-se tudo imediatamente e aquele povo todo espalhou-se como ribaçã procurando, procurando. Acharam o corcunda e o levaram para o meio da laje como formiga carrega barata morta. Largaram ele e um velhão, brilhando como um sacrário, perguntou, com uma voz delicada:

– Foi você quem cantou o verso novo da cantiga?

O caçador cobrou coragem e respondeu:

– Fui eu, sim senhor!

O velhão disse:

– Quer vender o verso?

– Quero sim, senhor. Não vendo, mas dou o verso de presente porque gostei do baile animado.

O velho achou graça e todo aquele povo esquisito riu também.

– Pois bem – disse o velhão –, uma mão lava a outra. Em troca do verso eu te tiro essa corcunda e esse povo te dá um bisaco novo!

Passou a mão nas costas do caçador e este tornou-se esbelto como um rapaz, sem corcunda nem nada.

Trouxeram um bisaco novo e recomendaram que só abrisse quando o sol nascesse.

O caçador meteu-se na estrada, andando, andando e assim que o sol nasceu abriu o bisaco e o encontrou cheio de pedras preciosas e moedas de ouro. Só faltou morrer de contente.

No outro dia comprou uma casa, com todos os preparos, mobília, vestiu roupa bonita e foi para a missa, porque era domingo. Lá na igreja encontrou o compadre rico, também corcunda. Este quase cai de costas, assombrado com a mudança. Perguntou muito e mais espantado ficou reparando no traje do compadre, e ao saber que ele tinha casa e cavalo gordo e se considerava rico.

O pobre contou tudo; e, como a medida do ter nunca se enche, o rico resolveu arranjar ainda mais dinheiro e livrar-se da corcunda nas costas.

Esperou uns dias pensando no que ia fazer e largou-se para o mato no dia azado. Tanto *fez* que ouviu a cantiga e botou-se na direção da toada. Achou o povo esquisito dançando de roda e cantando:

*Segunda, terça-feira,*
*Vai, vem!*
*Quarta e quinta-feira,*
*Meu bem!*

O rico não se conteve. Abriu o par de queixos e logo berrando:

*Sexta, sábado e domingo!*
*Também!*

Calou-se tudo rapidamente. O povo esquisito voou para cima do atrevido e o levaram para a laje onde estava o velhão. Esse gritou, furioso:

– Quem lhe mandou meter-se onde não é chamado, seu corcunda besta? Você não sabe que gente encantada não quer saber de sexta-feira, dia em que morreu o Filho do Alto; sábado, dia em que morreu o Filho do Pecado, e domingo, dia em que ressuscitou quem nunca morre? Não sabia? Pois fique sabendo! E para que não se esqueça da lição, leve a corcunda que deixaram aqui e suma-se da minha vista senão acabo com seu couro!

E quando falava os outros iam dando empurrão, tapona e beliscão no rico. O velho passou a mão no peito do corcunda e deixou ali a outra, aquela de que o compadre pobre se livrara.

Depois deram uma carreira no homem, deixando-o longe, e todo arranhado, machucado, roxo de bofetadas e pontapés.

E assim viveu o resto de sua vida, rico, mas com duas corcundas, uma adiante e outra atrás, para não ser ambicioso.

*João Monteiro,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Teófilo Braga traz *Os Concundas* colhido no Porto (*Contos Tradicionais do Povo Português*, I, 177, 82). O *povo esquisito* da variante brasileira está mencionado como sendo *umas bruxas*. O canto primitivo era *Entre quintas e sextas e sábados*! O homem não ajuntou verso algum. Apenas cantou com as bruxas. O outro inventou: – *E os domingos, se for necessário*, ganhando a giba que o primeiro deixara, levando dinheiro. Carmem Lyra registra uma versão de Costa Rica: *Salir con un Domingo Siete* no seu *Los cuentos de mi tia Panchita* (1936. Imprenta Española, Soley & Valverde, p. 22). Os dois *compadres guechos* tiveram aventura idêntica. O pobre ouviu as *brujas* cantando: – *Lunes y martes y miércoles, tres,* e

completou: – *Jueves y viernes y sábado, seis*! Recebeu sacos de ouro e tiraram-lhe a corcunda. O compadre rico, imitando-o, cantou: – *Domingo, siete*! As bruxas deram-lhe uma sova e pespegaram-lhe o outro *guecho* na nuca. P. Sébillot no *Contes des Provinces de France* (Paris, 1920, p. XLVIII) registra *Les Deux Bossus et Les Nains*, conto da Baixa Bretanha, recolhido por F. M. Luzel. Os dois *bossus*, Nonnic e Gabic, receberam prêmio e castigo no encontro com os *Danseurs de nuit, na lande de Penn-an-Rochou, non loin du bourg de Plouaret*. *Os danseurs de nuit* eram anões e cantavam: – *Lundi, mardi et mercredi*. Nonnic improvisou: *Et jeudi e puis vendredi*! Livraram-no da *bosse* e encheram-no de riqueza. Gabic, de invejoso, lá se foi e cantou, na melhor intenção possível: *Et samedi et dimanche*! Ganhou outra corcunda. O conto é corrente na Europa, sucedido com Kurilos, Gnomos, Pulpicans, etc. Emanuel Cosquin encontrou-o na Lorena, *Les Fées et les deux Bossus*. Stanislas Prato estudou-o, comentários e bibliografia, *Bibliographie des variantes de trois contes, Les deux Bossus et les Nains*, separata do "Bulletin de Folclore", tomos 1 e 2, 1893. É o Mt. 503 de Aarne-Thompson, *The Gifts of the Little People*. Emile Souvertre. "De Foyer Breton", registra "Des Korils, de Plaudren", p. 235 da ed. Nelson. É o 182 dos irmãos Grimm. Os "Mt" (Marchentypen) de Aarne-Thompson tem bibliografia. Variante no "Pentamerone", terceira distração do quarto dia, *The Three Animal Kings*.

# A Princesa de Bambuluá

Havia na estrada que ligava duas cidades importantes uma grande pedra com uma gruta espaçosa, onde costumavam os viajantes pernoitar quando surpreendidos pela noite naquele deserto. Era muito frequentada a paragem mas começou a aparecer uma visagem e os viajantes preferiam fazer uma curva a ter de passar pela pedra da margem do caminho.

Contavam que os homens eram acordados por uma voz celestial dizendo:

– Quem quer desencantar a princesa de Bambuluá? – Viam apenas o rosto de uma moça bonita como um anjo. Só o rosto. E era esse rosto que pedia socorro.

Muitos homens corajosos aceitaram o encargo mas desistiram das provas e fugiram espavoridos e molhados de sangue. O lugar foi ficando abandonado cada vez mais. Raramente passava uma criatura humana e assim mesmo bem depressa, olho no pé, olho no mato.

Numa tarde apareceu por ali um rapaz amarelo, franzino, muito cansado e faminto e se sentou na laje sem saber o que fazer de sua vida. Surgiu o rosto da moça encantada e perguntou se ele era capaz de desencantar a princesa de Bambuluá.

– Sou – disse o amarelo –; sou homem para enfrentar o perigo, mas quero comer, beber e descansar primeiro...

– Entre para a gruta – disse o rosto.

O amarelo, que se chamava João, entrou e encontrou uma mesa cheia de comida variada e gostosa, uma boa rede armada e um banho morno preparado. João tomou o banho, mudou a roupa, comeu e deitou-se na rede. O rosto reapareceu dizendo:

– Hoje à meia-noite vai até aquela árvore que fica no alto da serra e deita-te no chão. Haja o que houver, não te levantes, não grites, não te defendas e apenas poderás rolar até aqui onde ficarás a salvamento.

João cumpriu à risca. Perto da meia-noite foi até a árvore que ficava bem longe da gruta e deitou-se. Logo depois viu três vultos mascarados, cobertos com umas capas escuras, conversando.

– Há tempos que não tropeço com gente deitada aqui – dizia um. Outro comentava:

– Deve ter sido à custa de pau que ficamos livres. – Um deles bateu com o pé em João e gritou:

– Aqui está um embrulho! Vamos empurrá-lo! Chega o pau nele!

As pancadas, pontapés, choveram sobre João que suportou calado e, apenas dando um jeito no corpo, começou a rolar, a rolar por cima de pedras, espinhos, galhos secos, debaixo da saraivada de golpes, dos três embuçados. Rolou, rolou, rolou, até que encostou na gruta. Imediatamente as figuras sumiram-se e João pôde sossegar, todo roxo de pancadas. A princesa de Bambuluá apareceu, já desencantada numa terça parte do corpo. Mandou preparar todo conforto para o *amarelo* que passou o resto da noite e o dia seguinte tomando coragem para a segunda prova.

Na noite escolhida os três encapuzados surraram brutalmente o pobre rapaz que não deu a menor demonstração de estar sentindo maus-tratos. Rolou, rolou, rolou até a gruta e os três carrascos desapareceram.

João ficou recebendo curativos nas feridas e alimentando-se convenientemente até recobrar suas forças. Finalmente, na terceira noite, as provas foram cruéis. Os três fantasmas, furiosos pela insistência do candidato, moeram-no de pancadas e sacudiram-no dentro de um barreiro cheio de cacos de vidro e espinhos. João ficou picotado como um paliteiro. Ao romper da madrugada os três algozes fugiram como sombras. A princesa de Bambuluá estava desencantada inteiramente, dos pés à cabeça, bonita como os amores. Tratou de João e pôde curá-lo em quinze dias.

Viajaram então para a cidade vizinha e ali chegando a princesa hospedou-se na casa de uma velha professora, rica e sábia, que a recebeu como ela merecia. A princesa disse a João:

– Vou embarcar amanhã para o reinado de Bambuluá e voltarei uma vez por ano para ver você. É preciso que o meu noivo estude a língua dos pássaros e tudo quanto seja necessário para um homem importante. No fim de cinco anos creio que já estará você preparado para acompanhar-me ao reinado do meu Pai e casar comigo. Não se esqueça de mim e lembre-se que minha visita anual durará apenas algumas horas. Estude muito.

No outro dia a princesa tomou o navio e foi embora para Bambuluá deixando João na casa da professora

velha que tinha duas filhas lindas. Começou o rapaz a estudar tudo, especialmente a língua dos pássaros, fazendo progressos todos os dias. A velha ensinava com afinco e como ia gostando do moço pensou que seria melhor casá-lo com uma de suas filhas do que educá-lo para a princesa de Bambuluá que bem podia escolher outro noivo com facilidade.

Quando chegou o dia da princesa fazer a primeira visita, a professora preparou uma festa mas ofereceu a João um copo de vinho misturado com dormideira. O rapaz bebeu e caiu como morto, dormindo profundamente. A princesa de Bambuluá chegou, abraçou todos e não conseguiu falar com o noivo porque este dormia a sono solto. Pela tarde a princesa voltou para o navio e seguiu viagem.

João acordou e ficou muito triste com o sucedido mas continuou estudando cada vez mais. No outro ano, no dia em que a princesa voltaria a visitá-lo, a professora tornou a fazê-lo dormir com o vinho misturado com dormideira. A princesa olhou muito o noivo mas não pôde despertá-lo. Assim se passaram os cinco anos. A princesa de Bambuluá estava certa de que João não a queria, não estudara coisa alguma, vivendo nas festas. Tudo isso era dito pela professora velha. Na data da princesa vir, João, desconfiado, ficou de sobreaviso mas a princesa não veio. A professora disse que a princesa de Bambuluá era uma ingrata e que João devia casar-se com uma de suas filhas, moças prendadas e bonitas. João recusou, arrumou o que possuía e partiu.

Caminhou pela praia do mar muitos dias. Numa tarde deparou uma casa solitária e bateu palmas, chamando o dono. Depois de muito bater, ouviu uma voz macia, muito baixa, mandando que ele entrasse. João penetrou até a cozinha e viu um velhinho encarquilhado junto do fogo. Parecia ter mais de cem anos. Tratou João muito bem e o moço contou sua história. O velhinho disse:

– Eu sou o Príncipe dos Pássaros. Pode ser que algum dos meus soldados saiba onde fica o reinado de Bambuluá. Vou chamá-los...

Agarrou um tamborzinho e começou a bater, a bater, a bater. O céu ficou escuro de pássaros, de todos os tipos, cores e figuras que desciam para a casa, entrando pelas portas e janelas e cercando o velho com todo respeito. Assim que viam o rapaz, partiam de bico aberto contra ele, julgando-o inimigo do Príncipe. O velhinho sossegava-os com um gesto. A todos o Príncipe dos Pássaros perguntou o caminho para o reinado de Bambuluá. Ninguém sabia.

– Durma hoje aqui e vá amanhã perguntar ao meu Pai, o Rei dos Pássaros, onde fica o reinado de Bambuluá.

João agradeceu muito ao velhinho e seguiu jornada na manhã seguinte. Andou três dias e três noites. Avistou uma casinha na encosta de um morro. Subiu, bateu palmas e encontrou um velho, tão velho, que estava encolhido, encorujado, junto do fogo. Quase não falava. Recebeu-o muito bem, deu-lhe que comer e ouviu a história. Depois falou:

– Vou ver se os meus soldados sabem alguma cousa... – Pôs na boca um apito de prata e apitou, apitou, apitou.

Emas, nambus, jacus, tamatiões, todos os pássaros grandes, que correm mais do que voam, compareceram, precipitando-se contra João porque pensavam que ele quisesse ofender ao Rei dos Pássaros. O velho-velhinho aquietava-os com a mão. Perguntou a todos e nenhum soube onde ficava o reinado de Bambuluá.

– Durma hoje aqui e amanhã procure meu Pai, o Imperador dos Pássaros. Esse deve saber...

João agradeceu muito, dormiu e continuou sua peregrinação na manhã seguinte. Andou, andou, andou. No quarto dia de viagem viu uma casinha no alto de uma serra, lá em cima, muito alvinha. Subiu com dificuldade e bateu palmas um tempo sem fim. Finalmente entrou e deparou um velho, velho, velho, tão velho que vivia dentro de uma cabaça, enrolado em pasta de algodão e suspenso em cima do fogo. Recebeu João muito bem, deu-lhe que comer e beber, mostrou uma rede armada, ouviu sua história e prometeu auxiliá-lo. Tirou da cabaça uma gaita de perna de ema e soprou um som fininho, fininho, por alguns minutos.

Assim que ele acabou, ouviu-se um barulho de asas e o céu ficou preto, preto, preto, de urubus, aos milhares e milhares, cobrindo tudo. Rodearam a casa e foram entrando e saudando o velho como a um Imperador. Queriam matar a João mas o Imperador fazia um gesto e os urubus obedeciam. Nenhum conhecia o caminho para o reinado de Bambuluá. O Imperador mandou-os embora e virou-se para um urubu velho que estava dormindo num canto, tão velho que não tinha mais penas e sim os

canhões. O urubu ouviu a pergunta e respondeu, estirando as asas enormes:

– Saiba o meu imperial senhor que o reinado de Bambuluá era os meus pastos. Fui muito lá. Fica depois do Inferno. Passa-se por cima, na quentura do fogo do Diabo. Logo na descida está uma campina que olhos maus não podem ver, cheia de palácios bonitos, com muita gente agradável. É aí o reinado de Bambuluá.

O Imperador dos Pássaros disse a João que fosse comprar um boi de cinco eras, matasse, cortasse carne, tripas, bofe, coração, fígado, rins, quebrasse os ossos e trouxesse tudo para o urubu velho comer. Dentro de três dias estaria pronto para a viagem.

João comprou o boi de cinco eras, fez tudo quanto lhe ordenaram e colocou o montão de comida na frente do urubu velho que começou a comer sem parar, dia e noite. Ia comendo, comendo, e os canhões se abriam em penas e o urubu ia ficando empenado novamente. Dois dias depois já estava pronto e deu uns voos, experimentando as asas e as forças.

O Imperador dos Pássaros explicou a João que montasse o urubu, segurando dois cotos de penas como se fossem fueiros, e cruzasse os pés por debaixo da asa. Fechasse os olhos, só abrindo quando o urubu parasse. Havia de sentir um vento muito quente e o urubu faria muitas voltas. Era na ocasião em que passariam por cima das bocas do Inferno. João seguiu tudo direitinho e o urubu voou alto, alto, alto, empinando acima das nuvens. Depois de horas, desceu como um raio e começou a fazer curvas, como que recuando e o rapaz sentia um

calor tão forte que lhe dava a impressão de estar pisando em brasas assopradas.

Bruscamente o urubu voou mais alto e desceu rápido pisando em terra. João abriu os olhos e viu que estava numa campina verde, com água corrente e perto de muitas casas bonitas. No cimo de um morro estava um palácio que era uma babilônia de grande.

O urubu despediu-se e voou. O rapaz veio andando, andando, até que alcançou as primeiras casas. Na janela de uma dessas estava uma velha muito simpática que lhe perguntou quem era e o que estava fazendo no reinado de Bambuluá. João escondeu umas partes e contou outras, e a velha mandou-o entrar e acomodar-se com sua pequena bagagem.

O rapaz estava com fome mas a velha nada tinha que lhe oferecer. Era uma antiga criada do palácio do Rei. Este lhe dera aquela casinha, roupa e mandava todos os dias abundante tabuleiro de comida vinda da cozinha real. Pediu que João tivesse paciência e esperasse pelo meio-dia, hora em que o almoço havia de chegar.

Para distrair-se, João abriu a bruaca, tirou um violino e substituiu as cordas comuns por umas cordas encantadas que a princesa lhe havia dado. Música tocada nessas cordas fazia toda a gente dançar. João afinou o instrumento e começou a tocar uma música tão sacudida, tão feiticeira, tão requebrada, que a velha se peneirou toda e saiu dançando pelo meio da sala. Os homens que iam passando na rua paravam para ouvir e entravam forte no bailado, balançando o corpo e sapateando como uns danados. Tanta gente passasse e

ouvisse como entrava para a casa e ficava perdida no meio da dança. Ao meio-dia chegou a empregada do palácio e do meio da rua se vinha desmanchando no compasso, equilibrando o tabuleiro. Arriou-o na mesa e pulou como uma maluca.

No palácio notaram a demora da criada e mandaram outra buscá-la. Esta o que fez foi aderir ao baile com todas as forças do corpo. Mandaram uma segunda, terceira, quarta e quinta e todas se misturaram com os dançarinos, saracoteando. Finalmente a rainha, com algumas damas, veio pessoalmente verificar em que tanta criada estava entretida. Nem andou meio caminho e já ficou bulindo com os pés e, rainha e damas, largaram-se no folguedo como umas desesperadas. O Rei, vendo que o palácio estava deserto e a fome o apertava sem que o almoço aparecesse, saiu com os fidalgos à procura daquele mistério. Não escapou. Voou para o brinquedo como gato aos bofes. Dançaram, dançaram, dançaram. Até que o João parou o violino e todo mundo ficou mais morto do que vivo. O Rei então disse:

– Amanhã ofereço uma festa no palácio porque depois de amanhã vai casar minha filha. Você será o tocador. Não deixe de ir senão mando cortar-lhe a cabeça.

Dispersaram todos. A princesa não deixara seu aposento e quando as criadas contaram a história do baile, ficou surpreendida e desconfiou que fosse o músico, o seu antigo noivo, que a desencantara e a quem dera as cordas mágicas e fizera educar. Enviou uma criada de confiança e, quando se convenceu de que

era mesmo João, mandou-o chamar e tudo combinou para a festa próxima.

O noivo oficial andava todo orgulhoso, bebendo ares, sem enxergar ninguém, porque ia casar com a filha do Rei.

No dia da festa, quando o salão real ficou que não cabia uma cabeça de alfinete, a princesa saiu, bonita como uma estrela do céu, e disse, em alto e bom som:

– Rei meu Pai, Rainha minha mãe, meus senhores e senhoras! Se eu perdesse a chave da minha mala e mandasse comprar outra para abrir, e antes de servir-me da nova encontrasse a velha, que deveria fazer?

Todos responderam:

– Use a velha, Princesa, não se deixam amores velhos pelos novos...

– Pois – concluiu a princesa –, aqui está meu noivo antigo, que sofreu por mim os maus-tratos, desencantando-me e estudando para ser digno do posto, vindo até aqui só para ver-me.

E entrando, saiu trazendo João pela mão, todo bem-vestido, com joia no dedo que parecia mesmo um príncipe.

Todos os convidados bateram palmas e o Rei e a Rainha abençoaram o casamento que se realizou no outro dia, com tanta festa que não teve fim.

Eu estava lá e vi tudo e trouxe um boião de doce mas na ladeira do Escorrega escorreguei, caí e quebrou-se tudo...

*Francisco Ildefonso (Chico Preto),*
*Praia de Areia Preta, Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Essa *Princesa de Bambuluá* faria as delícias de um pesquisador. Reúne elementos de vários contos europeus, numa sequência de episódios populares, que denuncia a dispersão dos temas e natural criação, pela convergência. O narrador, analfabeto, negro, contou-a muitas vezes, sem colaboração inconsciente. Banal é o processo para a princesa desencantar. O emprego do vinho soporífero, a *dormideira*, o *endormillon* dos contos franceses, pertencerá a outro fio. Os três encontros com o Príncipe, o Rei e o Imperador dos Pássaros radica-os ao ciclo dos Príncipes Encantados, nos quais a esposa procura o marido por intermédio das aves benfazejas. Há mesmo um detalhe interessante: o velho urubu que exige alimentação copiosa para poder transportar o rapaz até o reinado de Bambuluá. Ocorre, sendo águias e não os brasileiros urubus, no *Les Chateu Suspendu Dans Les Airs*, de Paul Sébillot (*Contes Des Provinces de France*, p. 21, Paris, 1920), nos contos espanhóis, *Marisoles*, nº 124, p. 249, *El Castillo de Las Sietes Naranjas*, nº 125, p. 252, etc. O violino que obriga toda a gente a dançar (*La Gaita Que Hacia a Todos Bailar*, nº 153, p. 323, da coleção Aurélio M. Espinosa) é irmão do conto d'*O Beija-Florzinho* (Silva Campos, nº XXXI) que obrigou todos a um samba sem fim, interrompido pelo manguá do dono da casa que desfez o baile à força de pau. A comparação da chave de ouro perdida é clássica. A viagem conduzida pela águia é comum nas histórias tradicionais. Alfredo Apell, *Contos Populares Russos*, comentando *João Cachorro e o Camponês Branco*, *O Bicho Norka* e *Os Três Reinos*, XIX, XX e XXI de uma coleção, estuda esse pormenor, existente nesses contos, através das narrativas francesas, gregas, alemãs, italianas, portuguesas, norueguesas, sírias, lituanas, calmucas, etc.

# A Princesa do Sono Sem Fim

Havia um reinado em que a rainha velha tinha a sina de correr de lobisomem, matando gente para beber o sangue. O príncipe seu filho era um moço sem tacha, bom e valente, e vivia triste com o destino da mãe. Sua distração era ir conversar com um velho, muito velhinho, que morava fora da cidade, perto de uma floresta sombria, na qual ninguém ia caçar nem passear.

O velhinho armava uma rede no alpendre para o príncipe descansar e este passava horas e horas ouvindo as histórias do tempo antigo, esquecendo-se da rainha velha e da sua doença de beber sangue de gente.

Vez por outra, quando o vento passava mais forte e levantava os galhos do arvoredo, o príncipe enxergava, lá ao longe, uma pequena mancha vermelha, parecendo um telhado de casa.

Um dia ele perguntou ao velhinho que telhado ao longe era aquele. O velho, então, contou:

– Aquilo é um palácio encantado, príncipe meu senhor. Meu avô contou a meu pai e este contou a mim que, há cem anos, está ali dormindo uma princesa, com todos os seus criados, pajens e mordomos, por via de umas fadas. No reinado Fulano, o rei e a rainha, nesse tempo, não tinham filhos e só faltavam morrer de vontade. Apresentou-se a rainha grávida e descansou uma menina bonita como o sol. Todo o dia era uma festa no palácio. Para o batizado o rei convidou todas as fadas que

existiam por perto do reinado. Só não convidou a fada mais velha porque ninguém sabia da morada dela e julgavam que tivesse morrido.

As fadas vieram todas e já estava na mesa do banquete quando a fada velha apareceu resmungando e dando de corpo como uma condenada. A fada mais moça botou reparo na zanga da fada velha e mais do que depressa escapuliu-se da mesa e se escondeu sem que ninguém notasse sua falta. Depois do banquete as fadas foram fadar, dando as sinas e os dons. Cada uma dizia a cousa mais bonita.

– Eu te fado que sejas linda como a luz do sol.

Outra dizia por aqui assim:

– Eu te fado que sejas boa como o amor de mãe. Eu te fado que sejas rica como um tesouro. Eu te fado com a ciência de Salomão. E assim foram dizendo, e o rei, todo satisfeito, ao lado da rainha que tinha a princesinha nos braços. No fim, a fada velha se levantou, com a fala grossa, e disse:

– Nem vale a pena tanta sina boa para essa menina. Ela será tudo isto mas durante pouco tempo. Quando se puser moça, irá visitar a quinta do seu pai e aí furará a palma da mão com um fuso de fiar algodão e morrerá logo, sem remédio nem jeito.

As fadas, que já tinham fadado e não podiam desmanchar o que a fada velha tinha feito, choravam, quando a fada mais moça saiu de trás de uma cortina e disse:

– Não posso desmanchar o que foi fadado porque não tenho poderes mas, como ainda não fadei, fado esta

menina para que, quando o fuso lhe ferir a palma da mão, não morra, mas fique dormindo cem anos, acordada que seja por um príncipe, case e seja feliz.

Acabou-se a festa e o rei proibiu, sob pena de morte, que alguém fiasse com o fuso no seu reinado. Apesar de todo cuidado, quando a princesinha inteirou os quinze anos, foram todos visitar outro palácio que o rei possuía dentro de umas matas mais bonitas do mundo. A menina andava, para cima e para baixo, corrigindo tudo, e, lá num quarto esconso da casa, encontrou uma velha ama que estava fiando. Pediu logo para ver o que era e desejou imitar. Assim que pegou no fuso, este saltou e varou sua mão.

Nem marejou sangue mas a princesinha caiu para trás, como morta. Correram todos e deitaram a menina numa cama, num quarto preparado de um tudo, espelhando de bonito. A fada moça veio voando e bateu a varinha de condão na cumeeira do palácio. Todo mundo que estava dentro, tirando o rei e a rainha, pegou no sono profundo. Os músicos ficaram com os instrumentos na boca e a mesma cozinheira agarrou a dormir com a mão segurando uma galinha que estava assando no fogo.

O rei e a rainha, como aquilo era sina permitida por Deus, beijaram a filha, abençoaram e foram embora, com a fada, para o reinado. Por lá morreram e o reinado deles acabou-se. Só ficou o palácio dentro do arvoredo, com a princesa dormindo o sono sem fim. Era o que meu avô contava a meu pai e este me contou quando eu era menino.

O príncipe ficou alvoroçado com a história que o velho contou e não dormiu pensando na princesa encantada. Pela manhã pegou um facão bem afiado e tocou-se para a mata, perto da casinha do velho. Chegou e meteu o facão, abrindo uma picada, porque era tudo fechado, fechado. Ia abrindo e entrando, e, assim trabalhando, foi andando, até que deu numa roda de árvores enormes e no meio estava o palácio coberto de cipós, sem nenhum rumor, parecendo morto. O príncipe entrou pela porta principal e foi vendo soldados, músicos, damas e senhores, até cozinheiras e meninos, até os bichos, tudo parado, dormindo a sono solto.

Depois de subir as escadas e passar as salas cheias de gente roncando, viu deitada numa cama, forrada de seda, a moça mais bonita que a terra havia de comer, profundamente adormecida. O príncipe chegou para perto e pegou na mão da princesa e esta logo abriu os olhos, dizendo:

– Oh príncipe! Como demoraste em vir!...

O palácio estremeceu e todo mundo acordou. O príncipe ouviu as cornetas tocando, bichos berrando, as pisadas dos soldados, gritos, a música, enfim o barulho de gente viva.

Veio um mordomo muito bem-vestido anunciar que o jantar estava na mesa e o príncipe comeu a galinha que estava sendo assada há cem anos.

Ficou aí como num céu aberto. Veio o padre e casou os dois sem perder tempo. Os dias voavam e a princesa era feliz. O príncipe, sabendo a mãe que tinha, ia ao palácio dar ordens e voltava, dizendo que estava caçando. Não

queria que ninguém o acompanhasse. No fim de um ano a princesa teve um filho lindo que se chamou Belo-Dia; e no outro ano nasceu uma menina, batizada por Bela-Aurora.

Apareceram umas guerras e o príncipe não podia deixar de ir com as tropas. Como não queria deixar a mulher e os filhos naquele ermo, resolveu levar todos para casa. Foi na frente e contou o que se passara a sua mãe. A rainha velha só fazia pigarrear, com a cara fechada como o rei Herodes, imaginando cousas ruins.

Antes de ir embora, o príncipe dividiu o palácio em duas partes. A rainha velha ficaria num canto e a mulher com os filhos noutro, todos com criados e conforto. Chamou o príncipe ao mordomo que era muito seu amigo, de toda confiança, e pediu que vigiasse a família e tivesse cuidado com a rainha velha.

Assim que o príncipe montou a cavalo e viajou, a rainha velha começou a ter vontade de beber sangue e comer carne humana. Ficou mesmo bruta e, não podendo passar o desejo, chamou o mordomo e mandou que lhe servisse Belo-Dia, com bom molho, no almoço do dia seguinte.

O mordomo só faltou morrer. Pensou, pensou, procurou a princesa, contou tudo, levou Belo-Dia para sua casinha, longe do palácio e escondeu-o. Na manhã do outro dia matou uma lebre, guisou-a bem e avisou que o almoço estava na mesa. A rainha velha comeu a fartar lambendo os beiços e gabando tudo.

Dias depois, veio o desejo e ela mandou que o mordomo matasse Bela-Aurora. O mordomo levou a

menina para casa e assou uma paca. A rainha achou o prato gostoso por demais.

Dias passados, exigiu que a princesa fosse refogada em molho de tomate e cebola, para o jantar, porque tinha a carne dura. O mordomo levou a princesa para sua casa, juntou-a aos filhos, bem escondidos, e matou uma veadinha, refogando-a e preparou o jantar, com molho de tomates e cebolas. A rainha velha comeu, saboreando.

Os dias iam passando e a velha tornou a ter a cisma da carne humana de cristão e saiu de noite, como uma desesperada, farejando quem mandar matar para saciar sua sina. Ia passando por uma rua longe do palácio, tarde da noite, quando ouviu a voz da princesa sua nora e a dos netos, conversando dentro de uma casa. Subiu na calçada, encostou o ouvido e soube que era ali a casa do mordomo e que a princesa estava fazendo Belo-Dia dormir, porque este perdera o sono e acordara Bela-Aurora, todos com saudades do pai.

A rainha velha, feia como uma coruja, nem coração tinha para essas cousas, saiu babando de raiva e pela manhã mandou prender a nora, os netos e o mordomo. Uma fogueira enorme foi feita diante do palácio, e quando o braseiro estava escandeando de quente, a rainha velha veio para a varanda assistir à morte da mulher e dos filhos do seu filho e do pobre mordomo.

Já vinham todos amarrados, no sol pegando fogo, quando ouviram a fortaleza salvar e o tropel de cavalaria. Era o príncipe que vinha voltando com os seus soldados, morto de saudades da mulher e dos filhos. Chegando na praça e vendo aquele horror, o príncipe voou do cavalo

embaixo, puxou a espada e livrou a esposa e os filhinhos e o mordomo das cordas, e, bufando de raiva, gritou perguntando quem se atrevera a pôr a mão no que ele queria demais em cima do Mundo.

A rainha velha saltou do sobrado para o fogo das fogueiras, com medo do castigo, e aí morreu, queimada, estorricada, virada cinza e pó preto.

O príncipe foi para o palácio com a princesa, Belo-Dia e Bela-Aurora, abraçando-os e chorando de alegria. Nomeou o mordomo para vice-rei num reinado que ganhara na guerra. E morreram todos de velhos, bem felizes.

*Luísa Freire,*
*Ceará-Mirim, Rio G. do Norte.*

**Nota** – É a história da *Bela Adormecida no Bosque*, a universal *La Belle au Bois Dormant*, divulgada por Perrault, comentada minuciosamente por Saintyves: *Les Contes de Perrault et Les Récits Parallèles*, Paris, 1923, p. 61 a 101. O tema era conhecido no *Anciennes Croniques D'Angleterre*, *Faits et Gestes du Roy Perceforest et Des Chevaliers du Franc Palais*, cujo original latino provém do século XIII. Há um episódio semelhante entre o cavaleiro Troylus e a bela Zellendine, adormecida (idem, p. 99). Teófilo Braga incluiu uma variante do Algarve: *A Saia de Esquilhas*, nº 4, p. 1ª. É o Mt. 410 de Aarne-Thompson, *Sleeping Beauty*, com os elementos F 316, D 1186. 9, F 316. M 370, D 945, D 735 não está completo porque o príncipe desencanta a princesa adormecida segurando-lhe a mão e não a beijando, e T 101, *and holds a happy mariage*. O final de minha versão, fiel a Perrault, não foi classificado no *Types of Folk-tale*, p. 66, 67, FFC. 74. A citação de "elementos", letras seguidas de algarismos, refere-se à sistemática do prof. Stith Thompson, *Motif-Index of Folk-Literature*, cinco volumes, Indiana University Library, Bloomington, 1932-1935, U.S.A. Versões seiscentistas no "Pentamerone", segunda da oitava e quinta da quinta. Confrontar com o "Rei Caçador", de Sílvio Romero, em que os três filhos são "Sol, Lua e Luar".

# Bicho de Palha

Contam que um homem muito rico enviuvou e casou novamente, tendo uma filha que se punha mocinha e que era linda. A madrasta antipatizou logo com a enteada e se tomou de ódio quando teve uma filha e esta era relativamente feia, comparada com Maria.

O homem possuía propriedades espalhadas e vivia viajando, dirigindo seus negócios. Durava pouco tempo em casa e nesses momentos Maria passava melhor. Na ausência do pai, a madrasta obrigava-a aos serviços mais rudes e pesados, alimentando-a do que havia de pior e em quantidades insignificantes.

A vida ficou insuportável para a moça que se consolava rezando e chorando. No caminho do rio, onde ia lavar roupa, encontrava sempre uma velhinha de feições serenas e muito boa. Maria acabou contando seus sofrimentos e o silêncio que guardava para não magoar o pai. A velhinha animava-a com palavras cheias de doçura.

Como a madrasta fosse se tornando mais violenta e brutal, a enteada resolveu abandonar a casa e ir procurar trabalho longe daquele inferno. Encontrou-se com a velhinha e, confessando sua ideia, a velha concordou, aconselhou-a muito, deu-lhe a bênção e, na despedida, tirou uma varinha, pequenina e branca como prata, dizendo:

– Leva esta varinha, Maria, e, quando estiveres em perigo, desejo ou sofrimento, deves dizer: “minha varinha de condão, pelo condão que Deus te deu, dai-me”. E tudo sucederá como pedires.

Maria agradeceu muito e fugiu. Antes, obedecendo ao conselho da velha, fez uma grande capa de palha entrançada com um capuz onde havia passagem para olhar, e meteu-se dentro.

Depois de muito andar, chegou a uma cidade importante. Pediu emprego num palácio e lhe disseram não haver mais lugar. Ia saindo triste e com fome, quando um empregado lembrou que precisavam de alguém para lavar as salas, corredores e escadas, e limpar os aposentos da criadagem. Maria aceitou o encargo e, graças ao seu vestido singular, só a chamavam “Bicho de Palha”.

Suja, silenciosa, retirada pelos cantos, trabalhando sempre, Bicho de Palha não incomodava ninguém e todos a toleravam.

O palácio era de um príncipe moço, benfeito e airoso, que ainda tinha mãe, e estava na idade de casar. Noutro palácio, no lado oposto da cidade, realizariam festas durante três dias. As moças estavam alvoroçadas com os bailes, assistidos pelos rapazes da sociedade. No palácio a conversa versava sobre os bailes. Amas, visitantes e criadas comentavam a organização e o esplendor das três noites elegantes.

Finalmente chegou a primeira noite. Bicho de Palha, através dos orifícios de sua máscara, olhara o príncipe e o amava sinceramente. Rondava, discretamente, por

perto dele, ansiando por uma ordem. Já de tarde, não havendo outra empregada por ali, o príncipe gritou:

– Bicho de Palha! Traga uma bacia com água...

Bicho de Palha levou a bacia e o príncipe lavou o rosto. Depois todos foram para o baile, uns para dançar e outros para ver.

Ficando sozinha no seu quarto escuro, Bicho de Palha despiu a capa, pegou a varinha e comandou como a velhinha lhe ensinara:

– Minha varinha de condão! Pelo condão que Deus te deu, dai-me uma carruagem de prata e um vestido cor do campo com todas as suas flores.

Palavras não eram ditas, apareceu a carruagem de prata, com cocheiros e servos, e um vestido completo, do diadema aos sapatinhos, cor do campo com todas as suas flores.

Bicho de Palha vestiu-se, tomou a carruagem e foi para o baile onde causou sensação. O príncipe veio imediatamente saudá-la e só dançou com ela, não permitindo que os outros moços se aproximassem. Confessou que estava impressionado e perguntou onde ela residia. Bicho de Palha ensinou...

– Moro na Rua das Bacias...

À meia-noite em ponto, pretextando ir respirar o ar livre, a moça correu para sua carruagem que desapareceu na estrada. O príncipe ficou inconsolável e saiu da festa logo a seguir.

No outro dia, no palácio, as criadas contavam ao Bicho de Palha as peripécias do baile e a princesa misteriosa que fora a roupa e o rosto mais formosos da noite. O

príncipe despachara muitos criados para procurar a Rua das Bacias e todos regressaram sem saber informar.

Nessa tarde, o príncipe pediu a Bicho de Palha uma toalha. Quando todos partiram para a festa, Bicho de Palha pegou a varinha e obteve uma carruagem de ouro e um vestido cor do mar com todos os seus peixes. Vestiu-se e foi para o palácio do baile. Logo na entrada, toda a gente a reconheceu e aclamou-a como a mais elegante, graciosa e simpática. O príncipe não saía de junto, conversando, dançando, fazendo mil perguntas. Insistiu pelo endereço da moça.

– Não moro mais na Rua das Bacias e sim na Rua das Toalhas. Mudei-me hoje.

Aconteceu como a primeira noite. Bicho de Palha inventou uma desculpa e meteu-se na carruagem que correu como um relâmpago. O príncipe saiu também e passou o outro dia suspirando e mandando procurar, em toda a cidade, a Rua das Toalhas.

Bicho de Palha ouviu as impressões entusiásticas dos empregados na cozinha, todos contando a paixão do príncipe e a beleza da moça.

Na tarde desse dia o príncipe pediu a Bicho de Palha um pente. Vendo-se sozinha no palácio, Bicho de Palha invocou o poder da varinha de condão e recebeu uma carruagem de diamantes e um vestido da cor do céu com “todas as suas estrelas”.

Entrando no salão do baile, Bicho de Palha recebeu as saudações como se fora uma rainha. Ninguém jamais vira moça tão atraente e um vestido tão raro. O príncipe andava atrás dela como uma sombra, servindo-a e

perguntando tudo, doido de amor. Bicho de Palha disse que se havia mudado para a Rua dos Pentes, definitivamente. E dançaram muito.

Perto da meia-noite, sabendo que era a hora em que a moça desaparecia como se fosse encantada, o príncipe chamou seus criados e mandou abrir uma escavação junto do portão do palácio, esperando que a carruagem parasse. Tal, porém, não se deu. Bicho de Palha saltou para a carruagem e esta disparou como um raio, pulando no fosso, mas o solavanco fora tão brusco que um sapatinho de Bicho de Palha, atirado fora da portinhola, perdeu-se. Um criado achou-o e levou-o ao príncipe que ficou satisfeitíssimo.

Debalde procuraram na cidade a Rua dos Pentes. O príncipe deliberou encontrar a moça por outra maneira. Mandou levar o sapatinho a todas as casas, calçando-o em todos os pés. Quem o usasse, perfeito, nem largo nem apertado, seria a encantadora menina dos bailes.

Os criados andaram rua acima e rua abaixo, calçando o sapatinho nos pés das moças e das velhas. Nenhuma conseguia dar um só passo com ele no pé.

Voltaram os criados para o palácio e experimentaram calçar os chapins nas empregadas e amas. Nada. Finalmente uma criada engraçada lembrou que Bicho de Palha não fora convidada para calçar o mimoso calçado.

Riram todos, mas, para que o príncipe não os acusasse de ter deixado alguém de calçar o sapatinho, mandaram buscar Bicho de Palha, como motivo de riso, e lhe disseram que experimentasse. Bicho de Palha, com a varinha na mão, pediu que lhe aparecesse no corpo, por

baixo da capa de palha o vestido da terceira noite da festa.

O príncipe veio assistir. Bicho de Palha, cercada pela criadagem que ria, meteu o pé no sapatinho e este lhe coube perfeitamente. Depois estirou o outro pé e todos viram que calçava sapatinho igual ao primeiro. Mal podiam crer no que viam, quando caiu a palha, e apareceu a moça formosa dos três bailes, com o vestido cor do céu com todas as estrelas, o diadema com a lua de brilhantes, tudo rebrilhando como as próprias estrelas do firmamento.

O príncipe precipitou-se abraçando-a e chamando por sua mãe para que conhecesse a futura nora.

Casaram logo. Bicho de Palha contou sua história, e a varinha de condão, cumprida a vontade da velhinha, que era Nossa Senhora, desapareceu, deixando-os muito felizes na terra.

*Dáhlia Freire Cascudo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Minha mulher ouviu esse conto, dezenas de vezes, de sua velha ama, Lourença Maria da Conceição. É uma convergência de *Pele de Asno* e de *Maria Borralheira*. De *Pele de Asno* há somente alusão ao amor incestuoso do rei por sua filha, como se lê no *Peau d'Asne* de Charles Perrault, pormenor raríssimo nas histórias populares brasileiras e que apenas encontrei nuns fragmentos referentes a São José, *Vaqueiros e Cantadores* ("Um tema universal: O Pai que queria casar com a filha. A rara versão poética, p. 238, Editora Itatiaia-Edusp – Belo Horizonte, 1984")[9], comentando documentação encontrada no *Cancioneiro do Norte*, de Rodrigues de Carvalho, segunda edição, p. 53, Paraíba, 1928. Num conto português, *Linda Branca*, de S. Miguel dos Açores, na coleção de Teófilo Braga, nº 27, a Linda Branca disfarça-se com uma peliça e uma máscara muito feia. P. Saintyves (*Les Contes de Perrault et les Récits Parallèles*, Paris, 1923) estuda exaustivamente a questão enumerando os disfarces da Pele de Asno. Não fala em palha, p. 196. A universalidade da história de *Maria*

*Borralheira* dispensa bibliografia. Marian Roalf Cox compendiou 130 variantes e 76 de *Pele de Asno*, além das formas intermediárias, *Cinderella*, Londres, 1893 (*Three hundred and forty five variants*). É a Gata Borralheira, Maria Borralheira de Portugal e Brasil, Cendrillon, Cinddarella, Gatta Gennedontola, da Itália, Aschenbrodel, da Finlândia, Aschenputtel, da Alemanha, Cuzza Tzenere, de Dalmácia, Pepeljuga, da Bósnia-Herzegovina, Popielucha, da Polônia, Pelendrusis, da Lituânia, Popelusa, da Hungria, Popelusce, da Tchecoeslováquia, Popelezka, da Bulgária, Staetopouta, da Grécia, Cinicienta, dos países do idioma castelhano. Nesse *Bicho de Palha* fundem-se os detalhes do disfarce hediondo, com o fio temático da vara de condão, os três vestidos maravilhosos, a perda do sapatinho e a identidade de processo de identificação. Mt. 510, *Cinderella and Cap ó Ruscher*, de Aarne-Thompson.

Teófilo Braga, *Estudos da Idade Média*, 56-57, Porto, 1869, lembra o encontro na Gata Borralheira do velho símbolo jurídico dos esponsais feitos pelo ato de calçar um sapatinho. João Ribeiro, *Notas de um Estudante*, São Paulo, 1922, “O Pé e o Sapatinho”, estudou o tema com a clareza de sempre, citando o *Livro de Rute*, IV, 7, os irmãos Grimm, etc. Convergem naturalmente elementos eróticos. Strabão informa que o sapatinho vermelho de Rodopis foi levado por uma águia (águia ou vento, Strabão, Eliano) até Mênfis onde o faraó Psamético o viu e apaixonou-se pela invisível dona, com quem casou. Perring descobriu-lhe o túmulo, todo de basalto azul. Sílvio Romero divulgou a versão brasileira de “Maria Borralheira”, *Folclore Brasileiro*, III, nº 15, com as minhas notas, Editora Itatiaia-Edusp – Belo Horizonte, 1985. Sobre a cerimônia de calçar o sapato como ato matrimonial ver ainda Funck Bretano, *Lutero*, 172, 292, Rio de Janeiro, 1943; Marion Roalfe Cox, *Cinderella*, 500, Londres, 1893; P. Saintyves, *Les Contes de Perrault*, 156, Paris, 1932; Ana Brigitta Rooth, *The Cinderella Cycle*, Lund, Suécia, 1951. A versão portuguesa mais recente é a de Fernando de Castro Pires de Lima, *Contos para Crianças*, “A Gata Borralheira”, 10-12, Porto, 1948.

**9** Edição atual – São Paulo: Global, 2005. (N.E.)

# O Veado de Plumas

Era uma vez uma rainha que seria completamente feliz se tivesse filhos. Estava, numa ocasião, tão excitada que, não reparando que era justamente o pino do meio-dia, hora em que os anjos do Céu estão cantando, gritou:

– Meu Deus! Pelas horas que são! Dai-me um filho nem que seja com cara de bicho...

Nasceu-lhe um filho forte, benfeito, rosado, mas tendo em vez de rosto um focinho de veado.

Cresceu depressa, muito inteligente e agradável, possuindo uma sabedoria fora do comum e virtudes mágicas. O Rei e a Rainha traziam-no escondido para que ninguém soubesse que o herdeiro do trono tinha cara de veado.

Ao pôr-se rapaz, o príncipe pediu que o deixassem sair pelo mundo, procurando aventuras para esquecer seu físico. Os pais deram permissão e o príncipe viajou numa noite escura, para que não o vissem os súditos de seu pai.

Andou, andou, andou dias e dias, até que finalmente chegou a um reinado muito grande e bonito. Logo na entrada da cidade estava um letreiro convidando qualquer homem a construir uma ponte ligando as duas partes do reinado que eram divididas por um abismo sem fundo, obrigando aos moradores a uma volta de mais de cem léguas. Quem construísse a ponte seria pago com o

seu peso em ouro e casaria com uma das três filhas do rei. Caso contrário sofreria a pena de morte.

Muita gente morrera tentando levantar a ponte. Quando o trabalho estava prestes a findar-se, erguia-se um pé de vento e desmanchava tudo.

O príncipe de cara de veado ofereceu-se e foi aceito. Ficou na beira do precipício, deitou-se e dormiu como se estivesse em casa. Passou quase todo o dia seguinte passeando e olhando para todos os lados como se não tivesse o que fazer. Da janela mais alta do palácio a princesa acompanhava os passos do Cara de Veado.

Ao anoitecer, o príncipe andou para lá e para cá, como se estivesse rezando. Parou, abriu os braços e apareceu uma nuvem de trabalhadores, em ambos os lados da barranca, iniciando imediatamente o serviço. Toda a noite houve o rumor de um formigueiro e ao romper do dia uma ponte de pedra ligava as duas margens do abismo, ponte larga, sólida, assombrando a todos.

O Rei ficou satisfeitíssimo. Cara de Veado recusou o ouro e esperou a noiva. As duas filhas do Rei nem admitiam a ideia de alguém sonhar em casá-las com uma criatura feia como o Cara de Veado. A mais moça declarou-se pronta a ser mulher do príncipe misterioso.

Foi um casamento feito depressa porque não tinha graça ver-se uma moça bonita casada com um camarada meio homem, meio bicho. Depois da cerimônia, o Rei perguntou ao genro onde ele queria morar.

– Na minha casa, real senhor!

E mostrou um palácio que era uma Babilônia, aparecido por encanto perto da mansão do rei.

A princesa casada vivia feliz mas Cara de Veado não queria acompanhar a mulher para parte alguma, temendo envergonhá-la. As duas outras princesas casaram com dois príncipes elegantes e estavam orgulhosas dos maridos, fazendo inveja à irmã mais moça.

Sucedeu que, de tantos em tantos anos, o Rei mandava realizar umas cavalhadas muito concorridas. Vinha gente até do fim do mundo assistir. Todos os fidalgos corriam às justas, com lanças, tirando as argolinhas de ouro que eram dadas às damas, com muitos aplausos da multidão. Depois seguia-se um baile que durava a noite toda.

As duas princesas passavam os dias examinando vestidos e sonhando com as festas. A irmã caçula aparentava alegria mas estava triste porque o marido não havia de correr às argolinhas com aquela cara.

Na manhã do dia das cavalhadas, Cara de Veado chamou a mulher e lhe disse:

– Aqui está o vestido que você deve ir à festa. Dê-me um banho, cate meus piolhos, perfume meu corpo e ficarei fechado num quarto até sua volta. Não quero que notem sua falta.

A princesa fez tudo quanto o marido pedira e, muito a contragosto, trancou-o num quarto, vestiu-se, tomou a carruagem e seguiu. Quando ela apareceu no tablado, todo mundo bateu palmas porque era a mais bonita de todas.

Começou a corrida. No meio dos cavaleiros apareceu um homem desconhecido, bonito, forte, bem armado e num cavalo que era um corisco. Correu todos os torneios

e tirou todas as argolinhas. Ninguém o conhecia e quando os cavaleiros desfilaram junto do Rei para saudá-lo, o desconhecido baixou a lança de prata e deixou todas as argolinhas de ouro no colo da mulher do Cara de Veado.

O povo bateu tanta palma que a cidade estrondava.

A mulher do Cara de Veado quis sacudir fora as argolinhas e não fez para não afrontar a fidalguia mas tomou a carruagem e voltou para casa. Encontrou o marido onde o deixara, perguntando se gostara das corridas. Ela respondeu contando o que sucedera.

– Você não gostaria mais de se ter casado com um cavaleiro como esse que lhe deu as argolinhas, do que comigo?

– Eu não troco meu marido por todos os cavaleiros desse mundo – respondeu a princesinha.

– Menos dois – disse o Cara de Veado.

A mulher não entendeu e o marido não lhe explicou.

No dia seguinte houve o mesmo caso. O cavaleiro desconhecido reapareceu, melhor vestido, montado e armado, e ganhou as argolinhas. Foi saudar o Rei e deitou-as todas no regaço da mulher do Cara de Veado. Depois, picou o cavalo nas esporas e sumiu-se.

A mulher voltou e contou o acontecido. Cara de Veado perguntou se ela não seria mais feliz com o desconhecido do que com ele.

– Eu não troco meu marido por todos os cavaleiros do mundo – foi a resposta.

– Menos dois – resmungou o Cara de Veado.

No terceiro, a mesma façanha. Cara de Veado ouviu a história e a resposta da esposa e disse:

– Menos dois...

E mandou que a mulher se vestisse para o baile. A mulher não queria ir mas ele obrigou-a. A princesinha foi resolvida a não dançar porque só desejava dançar com o marido. No meio da festa apareceu o cavaleiro misterioso tão bem-vestido que causou espanto. Todas as damas e donzelas queriam dançar com ele, mas o cavaleiro foi até onde estava a mulher do Cara de Veado e pediu-lhe a honra de uma dança. Para não fazer desfeita, a moça aceitou e dançaram com muita graça várias vezes.

À meia-noite a princesinha saiu do baile e voltou para a casa. Encontrou Cara de Veado na mesma posição e houve a mesma troca de perguntas e respostas.

– Menos dois – repetiu.

Pela manhã a mulher deu a comida ao marido e foi administrar sua casa. Num quarto velho que havia no fim do palácio, viu um armário grande, empoeirado. Espanou-o e abriu-o. Qual não foi sua surpresa quando deparou todas as roupas que o cavaleiro misterioso usara nos três dias do torneio e no baile da véspera. Estava de boca aberta mirando aquelas maravilhas, quando ouviu um gemido. Voltou-se e viu o Cara de Veado.

– Você não ouviu eu dizer, por quatro vezes, “menos dois”? Pois cada vez que tinha uma prova de sua fidelidade, descontava dois anos no tempo do meu encanto. Esse quarto fechado não podia ser aberto porque fica fora do governo da casa. Sua curiosidade mudou meu destino e não posso mais ficar aqui.

A princesinha começou a chorar. Cara de Veado abriu uma janela enorme que havia e pediu que a mulher olhasse para o nascente e fosse dizendo o que avistasse. A mulher obedeceu.

– Estou vendo uma nuvem escura!

– Não é essa...

– Estou vendo uma nuvem cinzenta!

– Não é essa...

– Estou vendo uma nuvem branca!

– É esta! Adeus!

A nuvem branca foi crescendo, crescendo, encheu o quarto e no meio dela Cara de Veado pulou. A nuvem subiu, subiu, e a mulher avistou um grande Veado coberto de plumas, olhando-a do alto. E desapareceu.

Imediatamente o palácio desmanchou-se como se fosse feito de fumaça. A princesinha voltou para o palácio do rei seu Pai, chorando como uma órfã. O Rei recebeu-a muito bem mas as duas irmãs riram muito da situação dela.

– Quem lhe obrigou a casar com bicho em vez de casar com gente? Vá procurar seu marido nos matos!...

A princesa deliberou procurar o marido pelo mundo. Muniu-se de um bordão e caminhou, caminhou, caminhou...

Num cair da noite chegou a uma casinha muito limpa e agradável, onde viu uma velha asseada e risonha que a recebeu com caridade. Deu-lhe de comer, de beber. A princesinha contou sua vida. A velha lhe disse:

– Minha filha, isto aqui é perigoso, mas, como você é protegida de Deus, eu vou tentar. Esconda-se por trás

desse fogão porque a minha Filha quando chega, tudo fica gelado.

– Quem é sua filha?

– A Lua!

Quando a Lua chegou, a casinha ficou banhada por uma luz que parecia leite. A Lua estava de mau humor, farejando alto:

– Aqui me cheira a sangue real! Aqui me cheira a sangue real!

– Não é nada, minha filha. Jante e vamos conversar.

A Lua jantou e sossegou. A mãe perguntou:

– Minha filha, se por aqui chegasse uma peregrina, cansada e triste, que faria você?

– Eu, minha mãe? Tratá-la-ia bem...

A moça saiu de trás do fogão e a Lua recebeu-a bem, ouvindo-a contar sua história. Depois disse:

– Queria ajudar mas não sei onde fica o reinado do Veado de Plumas. Quem deve saber é minha madrinha, a Noite.

Sucedeu na casa da Noite o mesmo que houvera na casa da Lua. A Noite ignorava o reinado do Veado de Plumas e indicou a casa do Sol.

A princesinha seguiu seu caminho. O Sol, aquietado por sua mãe, conversou com a moça, mas desenganou-a quanto ao itinerário.

– Não sei. Quem deve saber são os Ventos.

Lá se foi a princesinha para a casa dos Ventos. A mãe dos Ventos alimentou-a, escondeu-a e aplacou a fúria dos filhos que chegaram uivando como uns desesperados. Depois do jantar, puseram-se às boas e entraram na

conversa. O Vento Norte não sabia, nem o Vento Sul. O Vento Oeste já ouvira falar. O Vento Leste ficou importante:

– Sei onde é. Fica longe. É um reinado bonito, governado por um veado vestido de plumas muito alvas e brilhantes. Eu a levo amanhã.

Pela madrugada a mãe dos Ventos acordou a princesinha e lhe disse:

– Minha filha, quando você chegar lá, esconda-se na mata da lagoa do meio. Tem duas pedras de prata numa margem e aí todos os bichos encantados vêm beber água, diariamente. Fique de jeito que, assim que o Veado de Plumas baixar a cabeça n'água, pule em cima, agarre-se nele e não se solte, haja o que houver. Deus a leve...

O Vento do Nascente arrebatou a moça e voou quase todo o dia. Ao tombar da noite deixou-a num caminho, perto da floresta. A moça viu a lagoa. Correu para lá e escondeu-se junto das duas pedras de prata.

Todos os animais vinham beber, aos grupos. Ao crepúsculo, ouviu-se um barulho de paus quebrados e galhos partidos e os bichos todos correram com medo. Apareceu então um Veado de Plumas enorme, majestoso como um monarca, e veio vindo, veio vindo, devagar, o focinho para o ar, desconfiado. Ia chegando para perto e, de repente, dava um trote e ficava longe. Depois voltava, aspirando forte, inquieto. Tanto se chegou, tanto se chegou que deu as costas para o lado da moça e pôs o focinho n'água da lagoa. A moça, mais que depressa, saltou-lhe em cima, grudando-se no seu pescoço como se fosse um cadeado.

O Veado de Plumas deu mais de mil saltos, pulos, reviravoltas, bramando, atirando coices que escureciam, esfregando-se pelas árvores, correndo, mas a princesinha não o largou e mais e mais se segurava naquele turbilhão de pinotes e piruetas. Tanto o Veado saltou e se encostou nos espinhos que as plumas foram voando, uma a uma, e o couro se transformando em pele humana. Quando o veado cansou extenuado, e parou, estava mudado num príncipe bonito e forte, com a princesinha pendurada ao pescoço.

Foram juntos para o palácio que se erguia no centro da floresta. Entraram e foram recebidos pelos fidalgos que eram os animais desencantados. Um jantar magnífico apareceu e festejaram toda a noite o fim da penitência.

Pela manhã o Rei, sogro do Cara de Veado, foi olhar pela janela do seu palácio e viu um castelo muito mais imponente que o seu, ao lado. Mandou perguntar quem morava nele e, ao saber que voltara sua filha e o marido, correu para abraçá-los, chorando de alegria.

Houve festejos públicos três dias.

As duas princesas ficaram tão furiosas com a vitória da irmã que se precipitaram da torre, espatifando-se nos lajedos da calçada.

A rainha-mãe de Cara de Veado, que estivera todo esse tempo muda, recobrou a fala, sinal de que Deus lhe perdoara.

*Fernando Luís da Câmara Cascudo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Meu filho ouviu esse conto várias vezes, pelas criadas, vindas do interior do Estado. Não li, nas séries que possuo e pude consultar, nenhum

outro semelhante, em seu contexto. Dividindo-o, é possível reconhecer as procedências, nos fabulários europeus, especialmente da península ibérica. Poder-se-ia chamar a história *Cara de Veado,* mas as narradoras teimavam em dizê-la *Veado de Plumas*. Os príncipes encantados que nasceram com focinho de cão, de macaco, de burro foram muitos. A atuação do *Cara de Veado* nas corridas de argolinhas já o filia a outro ciclo, assim como a presença no baile, tentando seduzir a própria esposa. No conto *Bicão*, que Silva Campos recolheu na Bahia (nº LXVIII), há o mesmo diálogo entre a moça e o príncipe encantado, mandando este que ela diga se vê as nuvens. A moça anuncia as nuvens escura, cinzenta e branca, que o leva. A viagem da esposa, peregrinando pela casa da Lua, da Noite, do Sol e dos Ventos, procurando saber onde ficava o reinado do Veado de Plumas, é um dos pormenores mais tradicionais na Europa. Ocorre, entre alguns contos, no *Le Pays des Margriettes* (Jean Fleurys, *Littérature Orale de la Basse-Normandie*, Paris, 1883), no *A Paraboinha de Ouro* (Teófilo Braga, nº 31), *El Castillo de Oropé* (Aurélio M. Espinosa, nº 128, Soria, Espanha), etc. O final exótico, da luta com o Veado de Plumas, não recordo haver encontrado símile.

A viagem da esposa é um dos motivos mais conhecidos dos contos europeus, ao redor do tema da “Terra a leste do Sol e a oeste da Lua”, os ventos (o vento Sul ou o Norte) levam a moça para o esposo, seguindo-se pormenores sempre diversos. Os contos dos irmãos Grimm, de George Webbe Dasent, a coleção escocesa de Campbell registram variantes.

# O Príncipe Lagartão

Uma rainha desesperava-se por não ter filhos. Uma vez, perdendo a paciência, pediu que Deus lhe desse um herdeiro mesmo que fosse com a forma de lagarto. Meses depois, deu à luz um lagartão.

Mesmo lagarto era filho do rei e tratado como príncipe, no berço macio e com o conforto do palácio. Sucedeu, porém, um fato: a primeira ama que entregou o seio para o lagarto mamar ficou sem o bico do peito porque o bicho torou, rente, com um apertão das gengivas. E assim a segunda, a terceira, a quarta, a quinta, a sexta, etc.

Ia ficando o palácio sem gente. O lagarto, que tinha a voz de menino, chorava com fome, bulindo com as patas como se fossem braços e pernas. O rei e a rainha, aflitos, vendo a hora do filho morrer de fome, ofereciam prêmios e ordenados altos a quem fosse capaz de alimentar o herdeiro do reinado.

Atraídas pelo dinheiro e pelos presentes, as amas compareciam mas todas ficavam sem o bico do peito, cortado pelo lagarto no momento de começar a mamada.

Perto do palácio real moravam umas moças órfãs, muito honestas e trabalhadeiras. A mais jovem era inteligente como uma fada e querida por quem a conhecia. Ouvindo contar a aflição da rainha, a mocinha, que se chamava Maria, foi oferecer-se para criar o príncipe Lagartão, como estava sendo apelidado.

A rainha, que simpatizava muito com ela, avisou-a dos perigos e perguntou se tinha leite. Maria explicou:

– Rainha, minha senhora! Mande fazer uma armação de ferro na forma de um seio. Enchemos essa forma com leite e o príncipe pode mamar sem ofender a ninguém.

Mandou-se fazer o seio de folha de ferro, cheio de leite, e Maria, amarrando-o ao busto, deu de mamar ao príncipe Lagartão, que ficou com as gengivas machucadas de tentar fazer o que fizera com as outras. Mamou, mamou, ficou satisfeito e adormeceu. O palácio sossegou e os anos foram passando sem alteração.

O príncipe Lagartão estava enorme, comendo tudo. Tinha os olhos e a voz humana. No mais, era um bichão de meter medo ao mais valente.

Quando ele ficou na idade do sacramento, disse para a rainha que precisava casar-se.

A rainha falou ao rei e ambos botaram anúncio no reinado para que as moças comparecessem ao palácio a fim de o príncipe Lagartão escolher sua esposa. Não apareceu ninguém. Não havia moça que quisesse casar com um lagarto mesmo que o lagarto fosse príncipe.

O rei podia obrigar, mas ficou receoso de ser castigado por Deus pelo seu orgulho. Conversou com o príncipe Lagartão, contando o sucedido. O príncipe Lagartão disse:

– Não tem importância, Rei meu Pai. A noiva está achada e é Maria que me criou com o peito de ferro. Mande chamá-la e pergunte se quer fazer esse outro serviço por mim.

O rei disse à rainha e esta mandou chamar Maria e expôs todo passado. A moça pediu três dias para responder e foi rezar. Rezou, rezou, pedindo que Deus lhe mostrasse os caminhos certos. Voltou ao palácio e aceitou a proposta.

Fizeram o casamento no palácio. Maria ficou bonita como uma rosa e o noivo arrastava-se, todo vestido de seda verde, bordada de ouro e pedras preciosas. Houve banquete e lá para as tantas da noite o casal foi conduzido ao quarto.

Logo que entraram o príncipe Lagartão soprou a luz e ficou nas trevas. Maria mudou a roupa e deitou-se. Apesar do escurão a noiva reparou que o marido estava no meio do quarto, em pé, como um homem, e ia tirando uma por uma as sete capas, deitando-as ao chão. Quando arrancou a derradeira, estava um homem perfeito. Foi para o leito e Maria fingiu que nada vira.

Pela manhã, quando Maria acordou, já o esposo estava feito o grande lagartão esverdeado e feio. Foram para o café e os dias não trouxeram novidades.

A rainha, com a curiosidade de mãe, tanto perguntou, tanto perguntou, que a moça contou o que vira. A rainha lhe disse:

– Maria, vista sete camisas brancas, virgens de uso, molhadas n’água de laranjeira. Quando for para o quarto, fique na beira da cama, sentada, sem mudar a roupa. O príncipe há de perguntar por que você não troca a roupa. Você diga que só o fará ao mesmo tempo que ele. Cada camisa que você tirar ele faz o mesmo com uma capa e você reza uma Ave-Maria. No fim, quando acabarem,

você estira a mão para ele e espeta-lhe a ponta desse espinho, tirado da coroa de Jesus Cristo na Sexta-feira da Paixão. Faça o que lhe digo e seja feliz, minha filha.

Deu o espinho a Maria e esta, se melhor ouviu, melhor fez. De noite, na hora de dormir, sentou na cama, vestida dos pés à cabeça. O príncipe Lagartão, habituado com a mulher ir-se logo deitando para descansar, fez finca-pé e pôs-se como um homem, no meio do quarto, no escuro. Reparando que a mulher estava acordada e vestida perguntou-lhe se não ia trocar a roupa, como costumava. Maria respondeu que só mudava a roupa ao mesmo tempo que ele. O príncipe Lagartão, que usava sete capas verdes, achou graça, sabendo que ela não podia acompanhar, peça por peça, o número do traje dele. Disse que sim e tirou uma capa pondo-a em cima do tapete. Maria, mais do que depressa, tirou uma camisa e rezou uma Ave-Maria. E foram assim indo, camisa e capa, até as últimas. Maria então pôs a ponta do espinho entre os dedos e aproximando-se do marido, estendeu-lhe a mão. O príncipe Lagartão, sem maldar, apertou-lha e soltou um grito. As sete capas ficaram transformadas em manto.

Imediatamente o quarto ficou claro como o dia e no meio estava um rapaz bonito, forte e benfeito, todo contente pelo fim do encanto. As sete capas ficaram transformadas em mantos lindos e as sete camisas em flores de laranjeira.

Maria e o marido acordaram o rei e a rainha, contando o caso e todo o reinado festejou muitos dias o fim da penitência, sendo o casal muito feliz.

*Francisco Ildefonso,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Aurélio M. Espinosa (*Cuentos Populares Españoles*, IIº, nº 131, 267) incluiu *El Lagarto de Las Siete Camisas*, ouvido em Cuenca. Difere o final. O lagarto despe as sete camisas e a mulher avisa a sogra. Esta queima as camisas e o príncipe fica mais encantado que nunca, desaparecendo para o *Castillo de Irás y no Volverás*. Se a esposa quiser vê-lo, deverá gastar, na caminhada, sete pares de sapatos de ferro e outros tantos gastará a criança que ia nascer. No conto espanhol a mulher é ajudada pela Mãe das Águias e recebeu nozes encantadas, presente da Virgem. Consegue ser reconhecida pelo marido comprando o direito de dormir no mesmo quarto, a troco de maravilhas que as nozes contêm. O príncipe está adormecido nas duas noites mas a vê na última e são muito felizes. É visivelmente, convergência de outros contos, comuns em Portugal e Brasil. A parte final do conto brasileiro parece-me mais pura. Acabar o encanto pela queima da pele encantada é o processo tradicional no fabulário europeu. No norte do Brasil assim termina o encantamento da Cobra Honorato, ou Cobra Norato, José Carvalho, *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará* (Belém, 1930, 21). *La destruction de la peau loin d'être un malheur met fin à l'ensorcellement*, lembra P. Saintyves. É o Mt. 425 de Aarne-Thompson não havendo the search for the lost Stusband, a procura do esposo. Há os elementos C 750, D 621.1, D 700. Straparola (XIII *Piacevoli Notte*, noite-II, fábula-I) conta a "história" do Príncipe Porco, filho do rei d'Anglia. O Príncipe mata duas irmãs e casa com a terceira que o desencanta. A pele é rasgada, não podendo o moço, forte e bonito, voltar a usá-la.

# A Princesa Jia

Um casal tinha três filhos já em idade de trabalhar, mas, sendo muito unidos, não se separavam. Um dia o velho chamou os três filhos e disse que eles precisavam procurar a vida pelo mundo de meu Deus. No fim de um ano todos deviam voltar para a casa dos velhos.

Partiram os rapazes e logo adiante viram que a estrada se abria em três veredas. Cada um tomou a sua. José pela esquerda, Pedro pela do meio e João pela direita.

José e Pedro chegaram a cidades muito grandes e bonitas e acharam trabalho em palácios onde duas moças viviam e se engraçaram deles.

João andou, andou, andou, dormindo no mato, e dias depois viu um palácio deteriorado, feio, sujo, no meio de umas pedras escuras. O lugar era esquisito que fazia medo. João estava tão cansado e faminto que parou na porta e bateu palmas sem que ninguém respondesse. Bateu, bateu, e uma voz grossa roncou lá de dentro:

– Vá entrando!

João encontrou uma sala enorme, onde estava uma rede armada e uma mesa comprida, coberta de teia de aranha, pucumã e porcarias. A voz continuou:

– Descanse...

João tirou os sapatos, deitou-se e pegou numa madorna quando a voz acordou-o:

– Jante!...

Jantou muito bem, havendo do bom e do melhor. Depois a voz ensinou onde era o quarto, com todos os preparos. João dormiu como um anjo. De manhã chamaram para o café, o almoço, a janta e a ceia. Passava o dia andando os arredores e lendo uns livros, pretos de poeira, que encontrara.

Na hora da ceia, tempos passados, ouviu os baques pesados no corredor e apareceu uma Jia que não tinha fim, grandona, gorda, repelente. Veio pulando, toda mole, escorrendo baba, até perto de João e sentou-se juntinho. O moço ia se esgueirando.

– Está com nojo de mim, João?

– Não senhora, dona Jia!

Conversaram e a Jia disse:

– Amanhã é o dia que você deve comparecer na casa de seus pais. Encontrará um cavalo selado junto da porta.

Na manhã seguinte, João mudou a roupa, almoçou e viu um cavalo selado que não tinha lugar para mais enfeites ricos. Montou-se e ia dando de rédeas quando a Jia apareceu, capengando:

– Espere aí, João. Leve esta lembrança para sua mãe.

Deu um saquinho, muito sujo, encardido, amarrado por um cordão imundo. O rapaz guardou o troço no bolso e galopou para casa. Antes de o sol se pôr avistou a casa e apeou-se no alpendre, onde seus pais e irmãos conversavam.

Jantaram muito satisfeitos e depois José e Pedro entregaram os presentes que traziam, roupa, calçado, chapéus, dinheiro. Os velhos agradeceram.

– E você, João, que me trouxe da viagem?

João entregou o saquinho de nada. Os irmãos riram como uns perdidos, mangando do tamanho do presente. A velha, recebendo o saquinho, sacudiu-o para fazer cair o que estivesse dentro. Quase não acabava de sair moedas de ouro, brilhantes, pedras preciosas, tudo de muito. Os velhos ficaram assombrados. E disseram, dançando:

*José vai casar bem,*
*E Pedro casa melhor,*
*Mas João...*
*Passa-lhe a mão!*

Os irmãos ficaram zangados. Quando anoiteceu despediram-se e João montou o cavalão que corria como o vento. Num ruflo estava diante do palácio velho e escuro. João apeou-se e entrou. Encontrou o banho pronto e depois a janta. Jantou e dormiu e continuou a mesma vida, conversando com a Jia, cada vez mais nojenta e amorosa.

Um ano se passou e a Jia lembrou que no dia seguinte devia estar o moço na casa dos pais, levando uma lembrança feita pela noiva.

Sucedeu como no ano anterior. No momento em que João ia picando o cavalo nas esporas, apareceu a Jia e lhe deu um vidrinho, com a boca quebrada, cheio de uma água que parecia lodo. O rapaz recebeu para não fazer desfeita e voou para casa.

A festa foi a mesma. José e Pedro traziam finos presentes bordados pelas noivas, em seda e ouro, representando passarinhos e estrelas, tudo faiscando de beleza. Quando chegou a vez de João e este entregou o

vidrinho, foi uma risadaria geral. A velha destapou o vidrinho e sacudiu a água em cima da cama porque se fosse cheiro havia de servir. Imediatamente a cama ficou lastrada das maiores belezas do mundo, camisas, toalhas, lençóis, fronhas, todos os arranjos de casa, nuns bordados tão delicados e de cores tão feiticeiras que mão de gente não podia ter feito aquele serviço. Os velhos, não se contendo, dançaram:

*Pedro vai casar bem!*
*José vai casar melhor!*
*Mas João...*
*Passa-lhe a mão!*

Os manos fizeram cara feia, não achando graça na cantiga dos pais. Assim que anoiteceu se despediram. Os velhos disseram que, na próxima vez, deviam trazer as esposas e ficar uma semana, porque já estavam ricos e queriam hospedar os três filhos e as três noras com gosto e agrado.

Foram todos embora e João seguiu na vida velha no palácio feio ao lado da Jia.

Um ano depois, a Jia avisou que na manhã seguinte seria o dia de João se apresentar com a noiva.

– Eu não tenho noiva!

– Tem, sim senhor! Sou eu!

João tinha vontade de fugir mas não teve coragem de pagar o bem com o mal e, com pena da Jia, ficou calado. Quem cala consente.

Mal amanheceu o dia, e, depois do café, João encontrou, em vez do cavalo bonito e bem arreado, uma égua lazarenta, coberta de perebas e de moscas

varejeiras, com a sela, bridas, rédeas, rabicho, tudo consertado com pedaço de cordão, caída de sujeira. Mesmo assim montou e saiu. Mal a égua dera os primeiros passos, tropeçando com a própria sombra, João ouviu um barulho desesperado atrás de si e, voltando-se na sela, reparou que todos os animais e aves o acompanhavam como se fizessem uma procissão. Galinhas, galos, perus, patos, guinés, gansos, porcos, tudo vinha seguindo, misturado, numa algazarra de carnaval. E o pior é que a Jia apareceu montada na garupa da égua, muito de seu, como se estivesse num trono. O pobre João só imaginava a mangação dos irmãos e do povo da rua quando fosse atravessar a povoação em que residiam os pais. Mas ficou conformado com a vontade de Deus, que lhe dera um bicho tão feio para noiva.

Com o trote do cavalo, a Jia desequilibrava-se e vinha ao chão, num papoco. Tornava a subir para a garupa da égua e ficava, agarrada como um cipó, até que despencava e ia bater na areia. Na terceira queda, desistiu de viajar na égua e chamou o galo para servir-lhe de montada. O galo parou e a Jia começou a lutar para montar-se no pescoço dele. Luta que luta, sobe e desce e João, esperando, achou tanta graça naquela cena mas teve tanta piedade que saltou do animal e veio, rindo, ajudar a Jia a se acomodar em cima do galo. Assim que ele colocou a Jia onde ela queria ficar, ouviu-se um estrondo e passou um clarão azul, tão forte, que cegava. João fechou os olhos, deslumbrado, e quando os abriu, estava diante de uma princesa bonita como uma

estrela, sentada numa carruagem dourada, com seis cavalos brancos e um mundo de gente vestida de seda, bordada de ouro e tremendo de brilhantes, esperando. Era um cortejo tão faiscante que João não podia acreditar que fosse verdadeiro.

A princesa sorrindo disse:

– Eu fui a Jia que não recusaste para noiva e nunca fizeste pouco de seus presentes e feiura. Estou desencantada e serei uma esposa fiel e amante. Esses são meus criados e estavam todos encantados.

A égua perebenta virara um cavalo gordo e espelhante, coberto de arreios que valiam uma riqueza. João montou e veio com aquele povão, estrada a fora, até sua casa, onde seus pais e irmãos o receberam como um rei coroado.

Fez-se o casamento, com grandes festas, e João foi morar no palácio velho, agora novo e cheio de luzes e de criados, sendo muito feliz.

*Luísa Freire,*
*Ceará-Mirim, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Não conheço história semelhante à "*Princesa Jia*". O gênero é universal, constando em todos os fabulários do mundo as princesas transformadas em macacas, rãs, serpentes, etc., cuja quebra do encanto dependerá da coragem ou da fidelidade dos namorados e servidores. A maior semelhança deste conto é com "*La Princesa Mona*", que Aurélio M. Espinosa ouviu em Cuenca, "*Cuentos Populares Españoles*, IIº, p. 306, nº 145. Quem mais se aproxima é o conto "*La Princesa Rana*", da literatura oral de Costa Rica, coligido por dona Maria de Nogueira, "*Cuentos Viejos*" (p. 65. San José da Costa Rica, 1938). Stanislas Prato, nas "Quatro novelline populari Livornesi", registra a "Il ré sú tre figlioli", onde a encantada é uma rã que se transforma em mulher formosa; Corazzini tem o conto da "Ranaottola"; Visentini, "La Rana"; Gianandrea, "El figlio del re che sposa na ranocchita", segundo as notas de Teófilo Braga, "Contos Tradicionais do Povo Português", 1. 175.

Sílvio Romero ouviu em Sergipe “A Sapa Casada”, XXI, versão da *história* que registrei. Afanasiev, “Contos Populares Russos”, 17-24, *La Rana Zarewna*, Buenos Aires, 1948. Ver minhas notas ao conto XXI, de Sílvio Romero. Em Portugal há uma variante recente divulgada por Fernando de Castro Pires de Lima, *Contos para Crianças*. “A Carrapatinha”, 115-118, Porto, 1948.

# Almofadinha de Ouro

Era uma vez uma menina muito bonita e graciosa, filha única, e que teve a infelicidade de ficar órfã de mãe. Seu pai ficou ainda moço e casou novamente, com uma viúva que tinha uma filha, pondo-se mocinha e muito feia e orgulhosa. A madrasta, na presença do marido, tratava a enteada bem, mas, como esse vivia viajando, vingava-se, obrigando-a a trabalhos pesados, como lavar roupa, limpar a estrebaria, o galinheiro, a casa inteira, etc. A mocinha começou a viver amargurada e sofrendo toda a espécie de privações e insultos. De tanto padecer, perdeu a paciência e achou que o remédio era fugir daquele purgatório.

Antes de tomar essa decisão, a moça rezava todas as noites à Nossa Senhora, que era sua madrinha, pedindo que lhe ensinasse os caminhos do bom proceder. Nossa Senhora virou-se numa velhinha e falou com ela no caminho do rio, explicando tudo. Abençoou-a e lhe deu uma almofadinha de ouro que era encantada. Quando precisasse de alguma cousa, pedisse à almofadinha de ouro, que fora dotada por Deus com poderes.

Deixando a casa, a moça andou muitos dias, com fome e sede, e acabou encontrando uma ocupação num palácio vistoso, residência de um príncipe solteiro e muito agradável.

A moça, para não causar suspeitas e despertar maldades, sujou o rosto e andava tão imunda que só lhe

deram o serviço de tratar das galinhas e dos porcos, dormindo no fundo do quintal, num quartinho escuro e isolado do palácio.

Dia vai e dia vem, anunciaram três dias de festas e toda a gente ficou influída para esse divertimento preparando as roupas novas, encomendando os arranjos e fazendo cálculos. O príncipe era um dos mais alegres e as moças da cidade desejavam que ele se engraçasse de uma delas e casasse, por ocasião das festas.

Chegando o primeiro dia, o príncipe foi para o baile e os empregados do palácio fugiram para ver as luzes e a entrada das pessoas que iam dançar. A princesa velha, mãe do príncipe, foi também.

Ficando sozinha, a moça tomou banho, penteou-se e pediu à almofadinha de ouro que lhe desse um vestido cor do campo com suas flores e uma carruagem com criados.

Apareceu, incontinenti, o pedido, e a moça vestiu-se e compareceu à festa, causando um assombro pela sua formosura e lindeza do traje. O príncipe largou todas as outras e só dançou com ela. Como lembrança do encontro, fez-lhe presente de um anel. Perto da meia-noite a moça desapareceu, fugindo para casa onde trocou a roupa; o vestido e o carro sumiram.

No segundo dia aconteceu a mesma cousa. A moça levou um vestido cor do mar com todos os seus peixinhos e o príncipe ficou encantado por ela, dançando, servindo-a e conversando. Deu-lhe uns brincos. Antes da meia-noite a moça não foi encontrada em parte alguma.

Já estava em casa, suja e feia como habitualmente parecia aos olhos de todos.

No terceiro dia, o mesmo sucedido. Desta vez o vestido era da cor do céu com todos os seus astros, e a moça encandiava a vista pelo brilho das joias. O príncipe só faltava gritar de contente. Presenteou-lhe com um colar e ficou triste quando ela desapareceu, antes da meia-noite.

Passados os três dias, só se falava na cidade naquele assunto da moça desconhecida, com os três vestidos mais bonitos do mundo. O príncipe procurou-a como um cego procura a luz e não a encontrou em parte alguma. Estava tão apaixonado que adoeceu de cama, trancou-se no quarto e só deixava entrar sua mãe. Todo mundo lastimava a doença do príncipe e os médicos não tinham mais remédio para aconselhar nem receita que servisse. O príncipe nem queria comer e a princesa velha fazia as maiores promessas para que o filho se alimentasse, fosse como fosse.

Um dia a moça disse à princesa velha que queria fazer um bolo para o príncipe doente. A princesa achou graça no atrevimento, mas tanto a moça pediu e rogou que obteve o consentimento. Preparou-se, foi para a cozinha e fez um bolo dourado, colocando dentro da massa o anel que o príncipe lhe dera na primeira noite do baile.

O príncipe nem queria ver a comida, mas sua mãe tanto pediu que ele cortou um pedaço do bolo e, ao levar à boca, reparou num objeto que aparecia na parte restante no prato. Puxou com o bico da faca e reconheceu o anel. Comeu todo o bolo, melhorando, e declarou que queria

outro bolo feito pela mesma pessoa. A moça fez o outro bolo e neste mandou o brinco, que o príncipe achou e ficou certo de que a moça estava por perto. Pediu outro bolo e neste veio o colar. Então, sem ter mais dúvida, disse à princesa velha que mandasse ao seu quarto quem fizera os três bolos. A princesa obrigou a moça a mudar de roupa, perfumar-se para tirar o mau cheiro do galinheiro, e disse que se apresentasse ao seu filho.

A moça subiu a escada, com a almofadinha de ouro na mão, e, assim que bateu na porta, pediu que lhe aparecesse no corpo o vestido do terceiro dia da festa, dos pés à cabeça. Quando a porta se abriu e ela entrou, o príncipe deu um grito de alegria, levantou-se da cama bonzinho de saúde, chamando pela mãe e mostrando a moça que estava mais bonita do que nas noites passadas.

Casaram-se imediatamente, contando a moça sua história, e foram felizes até a morte.

*Lourença Maria da Conceição,*
*S. José de Mipibu, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Ocorre nesse conto os motivos de "*Pele d'Asno*" e de "*Maria Borralheira*". O príncipe reconhece a desconhecida por meio de joias encantadas no bolo, como no episódio "*Peau d'Asne*", de Perrault. É do ciclo da Bela Perseguida ou no plano geral do Auxílio sobrenatural. Uma versão espanhola de Jaraíz de la Vera, Cáceres, "*Los Três Trajes*", é quase idêntica à variante brasileira. Aurélio M. Espinosa, *opus cit*. IIº, nº 110, p. 209. Os presentes identificadores são, igualmente, um anel, um colar e uns brincos.

O ciclo temático é universal. Os vestidos maravilhosos são "constantes" na espécie. Sílvio Romero encontrou-os em três contos, VIII, Pássaro Preto, XI, Dona Labismina, e XV, Maria Borralheira. Alfredo Apell, "Contos Populares Russos", divulgou três versões, VII, VIII e IX, estudando, com amplo confronto na literatura oral europeia, o assunto. O encontro de joias no bolo ocorre na versão IX, assim como as respostas da princesa sobre sua

residência: – sou da terra da Toalha, sou da terra do Pente[10], 143-144. (Lisboa, s. d. 1920). Apell cita longa bibliografia.

**10** Aqui o autor se refere ao conto “Bicho de palha”, nesta obra. (N.E.)

# Maria Gomes

Um homem viúvo tinha tantos filhos que não os podia alimentar nem vestir convenientemente. Quase sempre, na hora das refeições, uma das crianças ficava com fome. O Pai lastimava-se de sua miséria e, na falta de outro auxílio, deliberou abandonar um dos filhos na floresta. Tirou a sorte e recaiu na filhinha Maria que era muito inteligente, bonita e trabalhadeira.

O homem levou a mocinha para a floresta e a deixou debaixo de uns pés de araçá, recomendando que se orientasse pelas pancadas do machado com que ele ia derrubar uma árvore para tirar uns favos de mel de abelhas.

Maria ficou, ficou, ficou. As horas passavam e o dia estava escurecendo quando ela ouviu umas pancadas. Procurou caminhar na direção do som e encontrou apenas o cabaço amarrado a um galho. O vento é que o fazia bater e provocava o barulho.

Vendo-se perdida, Maria andou, andou, andou e, ao anoitecer, subiu a uma árvore e de lá avistou o telhado de uma casa. Desceu e caminhou até deparar um casarão muito velho quase em ruínas, num descampado que metia medo aos mais corajosos.

Muito cansada e faminta, Maria rodeou a casa, entrou por uma porta larga e viu que as paredes estavam cheias de instrumentos de música e havia uma rede armada a um canto. A moça segurou um violino e tocou, tocou,

tocou. De repente apareceu uma mesa coberta de iguarias fumegantes e apetitosas.

Uma voz misteriosa disse:

– Maria Gomes? O jantar está na mesa!

Maria jantou à vontade. Quando acabou, a voz se ouviu:

– Maria Gomes? Seu quarto é o último, no corredor!

A moça encontrou um quarto preparado de tudo, muito confortável, com roupa para mudar e objetos de uso. Deitou-se e dormiu tranquilamente.

Passaram-se muitas semanas. A moça tocava música; durante o dia, arranjava a casa, limpando-a. Não via pessoa alguma. Apenas a voz misteriosa dirigia o serviço.

Numa noite, a voz informou:

– Maria Gomes? Seu pai está doente. Quer ir vê-lo?

– Quero! – disse Maria Gomes.

A voz continuou:

– Amanhã pela manhã estará um cavalo branco selado esperando à porta. Dentro daquela gaveta há muito dinheiro. Leve quanto desejar para sua família. Tenha todo cuidado em obedecer a duas condições: primeira é não dizer onde e como está vivendo. A segunda é atender aos rinchos do cavalo. Quando ele der o primeiro rincho, despeça-se de todos. Ouvindo o segundo, esteja no meio do caminho e ao terceiro meta o pé no estribo. Se perder o cavalo nada mais posso fazer. Não esqueça!...

No outro dia tudo sucedeu como a voz ensinara. Maria encontrou o cavalo, com silhão, montou-o e num minuto estava em casa do pai. O velho melhorou logo que a viu e recebeu muito dinheiro, ficando todos satisfeitíssimos

com a visita da moça que julgavam morta e devorada pelas feras da mata.

No meio da conversa, Maria ouviu o relincho do cavalo branco. Imediatamente abraçou o pai, os irmãos e as irmãs, recusando todos os oferecimentos, e correu para a estrada. Nada dissera de sua vida, embora fosse muito interrogada. Ao segundo rincho do cavalo, a moça estava bem perto do animal e, mal este deu o terceiro sinal, Maria meteu o pé no estribo e foi transportada velozmente para o casarão misterioso no meio da floresta.

Assim outros tempos correram. Duas vezes Maria Gomes visitou seu pai. Na última ocasião o velho, já bem alquebrado pela idade e doença, faleceu. Maria chorou muito, agarrada com os irmãos. Soluçava tão alto que não ouviu o primeiro relincho do cavalo branco. Percebendo o segundo, correu como uma bala mas o terceiro relincho não a alcançou em ponto de montar. O cavalo partiu e Maria Gomes continuou correndo atrás do cavalo, gritando, chamando e chorando. Já estava exausta quando o animal voltou, coberto de espuma e se deteve esperando que ela o montasse.

– Se você não corresse atrás de mim eu voltaria para matá-la à força de coices –, disse o cavalo encantado.

No outro dia a voz explicou:

– Maria Gomes? Você já tem me servido muito. Agora eu devo ajudar você e completar minha sina. Vista-se de homem e monte o cavalo branco do qual nunca mais se separe e ouça todos os conselhos que ele lhe der. Será para sua e minha felicidade.

A voz emudeceu. Maria dormiu. Pela manhã vestiu-se de homem, encheu os bolsos de dinheiro, montou o cavalo branco e galopou até um reinado próximo.

Aí procurou empregar-se e, sendo robusto, benfeito e simpático, falando com desembaraço, encontrou o lugar de jardineiro no palácio do Rei.

O príncipe vinha todas as manhãs olhar as flores e conversar com o jardineiro com quem acabou sendo amigo íntimo. Sem saber por quê, ia-se apaixonando pelo rapaz. Os olhos do jardineiro pareciam duas joias. O príncipe dizia à rainha velha.

*Minha Mãe do coração,*
*Os olhos de Gomes matam,*
*De mulher sim, d'homem não!*

A rainha velha dissuadia o filho dessa impressão, mas o príncipe teimava, teimava, teimava cada vez mais inseparável do Gomes.

Maria Gomes colocara o cavalo numa manjedoura vizinha ao seu quarto e não saía sem ele. Nunca montou outro animal apesar dos oferecimentos do príncipe.

Este vivia repetindo que os olhos de Gomes eram de mulher. A rainha velha aconselhou-o:

– Leve Gomes para uma caçada. Na hora de dormir arme as redes debaixo do jasmineiro grande que é encantado. As flores caem em cima das mulheres e as folhas em cima dos homens. Pela manhã, bote reparo onde ficaram as flores...

O príncipe foi com Gomes caçar. Armaram as redes, pela tardinha, debaixo do jasmineiro. O príncipe adormeceu logo e Gomes depois. As flores caíam na rede

de Maria e as folhas em cima do príncipe. O cavalo branco que estava perto aproximou-se, relinchou e as flores caíram no príncipe e as folhas em Gomes.

Pela manhã o príncipe estava que parecia uma noiva ou um anjo, todo vestidinho de jasmins. Ficou decepcionado e voltou ao palácio sem saber da verdade.

A rainha velha deu outra orientação:

– Leve Gomes para um banho no rio. O jeito é você ficar sabendo...

Foram os dois. O príncipe caiu logo n'água e Gomes começou a despir-se lentamente, conforme o cavalo lhe dissera. Quando ficou apenas com a camisa, o cavalo começou a pular, a piafar, atirando patadas e desembestou pelo campo, obrigando Gomes e o príncipe, este nu em pelo, a correrem para aquietá-lo. Quando o conseguiram, Gomes estava molhado de suor e o príncipe cansadíssimo.

A rainha velha escolheu outro caminho:

– Convide ele para almoçar no palácio. Se for mulher sentar-se-á em cadeira baixa e esperará que a sopa esfrie.

O príncipe convidou Gomes e este foi ouvir o cavalo que lhe explicou tudo. No almoço, Gomes escolheu uma cadeira alta e tomou a sopa bem quente.

A rainha velha não desanimou:

– Quando estiverem conversando, em roda, sacuda uma laranja para ele. Se for mulher, habituada com a saia, abrirá as pernas para ter maior espaço e melhor aparar a fruta. Se for homem, juntará as pernas.

O cavalo, que adivinhava, avisou a Gomes. Sacudiram a laranja e Gomes apertou as pernas.

A rainha velha falou ainda:

– Só resta uma forma. Durma uma noite no mesmo quarto.

O príncipe convidou Gomes para um trabalho no palácio e o prolongou tanto que o falso rapaz foi obrigado a ficar para dormir nos aposentos do amigo. O príncipe esperou que Gomes adormecesse mas a moça resistiu toda a noite. Assim ainda a segunda, mas, na terceira, não podendo com as pálpebras, dormiu. O príncipe passou a mão pelo busto do amigo e encontrou a saliência dos seios.

– Eu bem sabia que você era mulher e não homem. Como estou apaixonado, prepare-se para casar comigo.

Pela manhã Maria Gomes foi onde estava o cavalo e contou tudo.

– Sei perfeitamente. Já chegou meu tempo de liberdade. Daqui a dias é 13 de junho, dia de Santo Antonio, meu padrinho. Peça ao Rei velho que marque umas cavalhadas para esse dia, convidando todo mundo. Eu comparecerei e te levarei comigo porque teu noivo sou eu!

Maria Gomes ficou radiante e foi pedir ao Rei velho que anunciasse umas cavalhadas, com jogo de argolinhas, para o dia de Santo Antonio. O Rei velho, que era muito influído para essas festas, convidou toda a gente e preparou um terreiro enorme, com arquibancadas para os fidalgos e as famílias assistirem.

No dia de Santo Antonio o terreiro ficou negrejando de gente. Cavaleiros sem conta compareceram, vestindo luxuosamente. Logo ao começar a justa surgiu um cavaleiro desconhecido, coberto de prata, magnificamente montado e correu argolinhas com todos os outros vencendo-os facilmente. Trouxe todos os adversários e pôs as argolinhas no colo do Rei muito lisonjeado.

O príncipe achou o cavaleiro muito antipático e não o aplaudiu.

No segundo dia, o cavaleiro voltou, vestindo roupa de ouro, e venceu a todos, entregando as argolinhas à rainha velha.

No último dia o cavaleiro, vestindo diamantes, derrotou todos os adversários e pôs as argolinhas no colo do príncipe, que virou o rosto para não fazer a vênia de agradecimento.

Nesse momento o cavaleiro atirou uma fita azul em Maria Gomes. Esta segurou uma ponta com o bico do pé e a outra com os lábios, fechando os olhos, como lhe dissera o cavalo, dias antes. Instantaneamente encontrou-se na garupa do cavalo que o cavaleiro montava.

Rei, rainha, príncipe, povo, todos correram para prender o raptor mas ninguém viu senão a poeira.

O cavaleiro galopou até o casarão velho. Parou e desceu Maria Gomes. Assim que esta pisou no chão, ouviu-se um estrondo e o casarão transformou-se num lindo palácio, resplandecente de luzes e cheio de criados, fidalgos e camareiros. Maria Gomes casou-se com o

cavaleiro que era o cavalo encantado, e foram felizes como Deus com os anjos.

*Luísa Freire,*
*Ceará-Mirim, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Silva Campos coligiu na Bahia o "*Biacão*" (LXVIII, p. 290), semelhantíssimo ao conto português "*Sardinha*", do Algarve, recolhido por Teófilo Braga, 14º, p. 36, 1º vol., ambos do ciclo dos peixes encantados e benfeitores. No "*Maria Gomes*", a inicial, recorda perfeitamente o tema universal de "*João e Maria*", perdidos na mata pela vontade paterna. A moça que se veste de homem e é posta à prova ocorre em inúmeros contos europeus. Dois dos mais populares, Aurélio M. Espinosa registrou em Espanha, "*La Ahijada de San Pedro*", em Jaraíz de la Vera, Cárceres e "*El Oricuerno*", em Cuenca, com pormenores iguais ao "*Maria Gomes*". Versão de Portugal é a "Afilhada de Santo Antônio", que Adolfo Coelho incluiu no seu "Contos de Carochinha". Straparola (Notte-4, Favola-I) narra as aventuras de Constança que, vestida de homem, se fez amar pela rainha da Bitínia e posta a provas. Descoberta pelo Rei, casou-se com ele.

Confrontar com o "Sarjatário", conto XXXII, de Sílvio Romero. Variante de Mt. 531 de Aarne-Thompson, *The Clever Horse*, e outra no "Pentamerone", III, 7, *Corvetto*. O prof. W. O. Sypherd, "professor emeritus" da Universidade de Delaware, anuncia um volume sobre esses cavalos famosos na arte e na ficção, incluindo os modelos da literatura oral brasileira, Bufanim e Trancelim.

# O Marido da Mãe-D’Água

Era uma vez um moço pescador muito destemido e bom que lutava com as maiores dificuldades para viver. Ultimamente o vento mudara e quase não havia peixe. Passava horas e horas na praia, com a pindaíba na mão e os peixes fugiam dele como o Diabo da cruz. O rapaz estava mesmo desanimado e dormia com fome mais das vezes.

Numa noite de luar estava ele querendo pescar e o peixe escapulindo depois de comer a isca. A noite foi avançando, avançando, o luar ficando alvo como a prata e caindo mesmo a friagem. O rapaz não queria voltar para sua casinha sem levar nem que fosse um peixinho para matar a fome.

Já ia ficando desanimado quando começou a ouvir umas vozes cantando tão bonito que era de encantar. As vozes foram chegando para mais perto, mais perto, e o rapaz principiou a olhar em redor para ver quem estava cantando daquele jeito. Numa ponta de pedra apareceu uma moça bonita como um anjo do céu, cabelo louro, olhos azuis e branca como uma estrangeira. Ficou com o corpo meio fora d’água cantando, cantando, os cabelos espalhados, brilhando como ouro.

O pescador ficou todo arrepiado mas criou coragem e disse:

– Que desejais de um cristão, alma penada?

A moça respondeu:

– Não sou alma penada, cristão! Sou a Mãe-d’Água! Nunca uma pessoa me perguntou alguma cousa e sempre eu dei, e jamais me ofereceram auxílio. Tens coragem?

– Tenho, declarou o rapaz.

– Queres pegar peixe?

– Quero!

– Pois sacode o anzol onde eu estou. Deves vir todas as noites até o quarto minguante e só pescar de meia-noite até o quebrar da barra.

Abanou a mão e mergulhou, sumindo-se.

O rapaz fez o que ela tinha aconselhado e pegou tanto peixe que amanheceu o dia e não pudera carregar tudo para casa.

Nunca mais viu a Mãe-d’Água mas, no tempo da lua, vinha pescar e foi ficando mais aliviado da pobreza. Os meses iam passando e ele ficando com saudade daquela formosura. Uma noite de luar, estando na pesca, ouviu o canto da Mãe-d’Água e, largando tudo, correu na confrontação da cantiga. Quando a Mãe-d’Água botou as mãos em cima da pedra o rapaz chegou para junto e, assim que ela se calou, o pescador agradeceu o benefício recebido e perguntou como pagaria tanta bondade.

– Quer casar comigo? – disse a Mãe-d’Água.

O rapaz nem titubeou:

– Quero muito!

A Mãe-d’Água deu uma risada e continuou:

– Então vamos casar. Na noite da quinta para sexta-feira, na outra lua, venha me buscar. Traga roupa para mim. Só traga roupa de cor branca, azul, ou verde. Veja

que não venha alfinete, agulha ou cousa alguma que seja de ferro. Só tenho uma condição para fazer. Nunca arrenegue de mim nem dos entes que vivem no mar. Promete?

O rapaz, que estava enamorado por demais, prometeu tudo e deixou a Mãe-d'Água, que desapareceu nas ondas e cantou até sumir-se.

Na noite citada o pescador compareceu ao lugar, trazendo roupa branca, sem alfinete, agulha ou cousa que fosse ferro. Antes de o galo cantar, a Mãe-d'Água saiu do mar. O rapaz estava com um lençol bem grande, todo aberto. A Mãe-d'Água era uma moça tão bonita que os olhos do rapaz ficaram encandiados. Enrolou-a no lençol e foi para casa com ela.

Viveram como Deus com os Santos. A casa ficou uma beleza de arrumada, com um-tudo, roupa, mobília, dinheiro. Comida, água, nada faltava. O rapaz ficou rico da noite para o dia. O povo vivia assombrado com aquela felicidade que parecia milagre.

Passou-se um ano, dois anos, três anos. O rapaz gostava muito da Mãe-d'Água, mas de umas cousas ia se aborrecendo. A moça não tinha falta, mas, na noite da quinta para a sexta-feira, sendo luar, ficava até o quebrar da barra na janela, olhando o mar. Às vezes cantava baixinho que fazia saudade até às pedras e aos bichos do mato. Às vezes chorava devagarinho. O rapaz tratava de consolar a mulher, mas, com o correr dos tempos, acabou ficando enjoado daquela penitência e principiou a discutir com ela.

– Deixe essa janela, mulher! Venha dormir! Deixe de fazer assombração!

A Mãe-d’Água nem respondia, chorando, cantando ou suspirando na sina que Deus lhe dera.

Todo mês sucedia o mesmo. O rapaz ia ficando de mal a pior.

– Venha logo dormir, mulher presepeira! Que quisila idiota é essa? Largue essa mania de cantiga e choro virada para o mar! Você é gente ou é peixe?

E como o melhor já possuía em casa, deu para procurar vadiação do lado de fora, chegando tarde. A Mãe-d’Água recebia-o bem, não se queixando de nada e tudo ia correndo com satisfação e agrado da parte dela.

Numa noite o rapaz foi a um baile e ficou a noite inteira dançando, animado como se fosse solteiro. Nem se lembrava da beleza que esperava por ele em casa.

Só voltou de manhã e foi logo gritando pelo café, leite, bolos e mais coisas para comer. A Mãe-d’Água, com paciência, começou fazendo mais que depressa o que ele dissera, mas não vinha na rapidez do corisco.

O mal-agradecido, sentando-se numa cadeira, de cara franzida, não tendo o que dizer, começou a resmungar.

– Benfeito! Quem me mandou casar com mulher do mar em vez de gente da terra? Benfeito. É tudo misterioso, cheio de histórias. Coisas do mar... hi... eu te arrenego!

Logo que disse essas palavras, a Mãe-d’Água deu um gemido comprido e ficou da cor da cal da parede. Levantou as duas mãos e as águas do mar avançaram como um castigo, numa onda grande, coberta de espuma, roncando como um bicho feroz. O rapaz,

morrendo de medo, deu uma carreira de veado; subindo um monte perto da casa. Lá de cima se virou para ver. Casa, varanda, cercado, animais, tudo desaparecera. No lugar estava uma lagoa muito calma, pegada a um braço de mar. Ao longe ouviu uma cantiga triste, triste como quem está se despedindo do mundo.

Nunca mais viu a Mãe-d'Água.

**Nota** – O velho Antônio Alves, um dos mais antigos pescadores de Natal, contou esse conto, dizendo-o conhecido em todo litoral. J. da Silva Campos ("*O Folk-Lore no Brasil*", edição comentada por Basílio de Magalhães, Rio de Janeiro, 1938) recolheu dois episódios na Bahia, p. 244 e p. 256. Ao contrário de minha versão, a Mãe-d'Água provoca a cólera do marido, fazendo-o quebrar o juramento de não arrenegar os habitantes das águas. Conseguem livrar-se e retomam a vida anterior nos rios e lagoas. Nos contos registrados por Silva Campos há visível coloração negra. Os maridos ficam ricos e se tornam pobres depois de divorciados das encantadas mulheres. No conto nº XLVI, a Mãe-d'Água entra na correnteza cantando: – "Zão, zão, zão, zão – Calunga – Olha o munguelendô – Calunga – Minha gente toda – Calunga – Vamos embora – Calunga – Para minha casa – Calunga – de baixo d'água – Calunga – Eu bem te dizia – Calunga – Que não arrenegasses – Calunga – De gente de debaixo d'água – Calunga". E todas as cousas a seguiam e com ela se sumiram no rio. No conto nº XLVII abre-se um buraco no meio da sala e a Mãe-d'Água canta: – "Minha gente – É de xambariri – Cai, cai, cai – No mundé", e sucessivamente vai convidando a casa, filhos, escravos, dinheiro, gado, e tudo desaparece na escavação. A tradição brasileira da Mãe-d'Água é diversa. É a sedução pela beleza e pela irresistível atração do canto. A convencional Iara não abandona o rio para casar e viver em terra. O comum é a morte do namorado, querendo reunir-se ao seu amor impossível. Assim tem sido o tema tratado pelos poetas e romancistas. O cônego Francisco Bernardino de Souza, *"Lembranças e Curiosidades do Vale do Amazonas*", Pará, 1873, p. 50, registra uma versão literatizada, como passada em Manaus. O indígena segue a Iara e, em certas horas da noite, os pescadores, daí em diante, veem de longe um vulto de mulher cantando e ao lado dela um homem, no igarapé do Taruman. As versões recolhidas pelo barão de Santana Néri no "*Folk-Lore Brésilien*", Paris, 1889, são facilmente reconhecíveis como de influência cultural europeia, como o é, aliás, o mito inteiro da Iara que canta, encarnação ameríndia de Loreley renana. Blaise Cendrars ("*Anthologie Nègre*", Paris, 1927, nº 60) narra um conto dos Bassutos, da África meridional, onde Séètetelané encontra um ovo de avestruz e dentro dele depara uma formosa mulher com quem se casa e enriquece, sob a condição única de não a chamar filha-do-ovo-de-avestruz.

A moça desapareceu e Séètetelané acordou tão miserável como dantes. Em Madagascar existe a família Zafirmarano, quer dizer “filhos d’água”, provinda de uma Ondina com um Betsmisaraka de Tamatave. A Ondina exigiria segredo quanto à sua origem mas o esposo, bêbado, descobriu tudo e a Ondina regressou ao rio, levando as filhas e deixando os filhos. Gabriel Ferrand, “*Contos Populaires Malgaches*”, Paris, 1893, p. 91. Um dos romances popularíssimos na Europa central era “Undine” (1811), do barão Frederico de La Motte Fouqué (1777-1843), onde a Ondina do Reno, sobrinha de Kulhleborn, rei do rio, apaixona-se e casa com o fidalgo Huldebrand de Ringstolten. Este jamais deverá insultar as criaturas que vivem nas águas. O cavaleiro, irritado pelas intromissões de Kulhleborn, fala asperamente e a Ondina desaparece. Os Morgans de Ouessant casam com as meninas bonitas que vão residir nos palácios submarinos. No “*Livro de Linhagens*” vê-se que o fundador da família Marinho, em Portugal, casou com uma Ondina, encontrada adormecida à beira-mar e batizada com o nome de Marinha. A aparição dos lagos como castigo é outra tradição em todos os folclores.

# O Papagaio Real

Duas moças moravam juntas e eram irmãs, uma muito boa e outra maldizente e preguiçosa. Cada uma tinha seu quarto. A mais velha começou a notar um barulho de asa e depois fala de homem no quarto da irmã. Ficou desconfiada e foi olhar pelo buraco da fechadura. Viu uma bacia cheia d'água no meio do quarto. Quando deu meia-noite chegou na janela um papagaio enorme, muito bonito e voou para dentro, metendo-se na bacia, sacudindo-se todo, espalhando água para todos os lados. Cada gota d'água virava ouro, e o papagaio, quando saiu do banho, foi um príncipe mais formoso do mundo. Sentou-se ao lado da irmã e pegaram a conversar animados como noivos.

A irmã ficou roxa de inveja. No outro dia, de tarde, encheu o peitoril da janela de cacos de vidro, assim como a bacia. Nas horas da noite o papagaio chegou e, batendo no peitoril, cortou-se todo. Voou para a bacia e cortou-se ainda mais. Arrastando-se, o papagaio não virou príncipe, mas chegou até a janela e disse para a moça, que estava assombrada com o que sucedera:

– Ai, ingrata! Dobraste-me os encantos! Se me quiseres ver, só no reino de Acelóis.

E, batendo asas, desapareceu. A moça quase se acaba de chorar e de se lastimar. Brigou muito com a irmã e deixou a casa, procurando o noivo pelo mundo. Ia andando, empregando-se como criada nas casas só para

perguntar onde ficava o reino de Acelóis. Ninguém sabia ensinar e a moça ia ficando desanimada.

Uma noite, depois de muito viajar, já cansada, ficou com medo dos animais ferozes e subiu em uma árvore, escondendo-se bem nas folhas. Estava amoquecada quando diversos bichos esquisitos chegaram para baixo do pé de pau e pegaram a conversar.

– De onde chegou você?

– Do reino da Lua!

– E você?

– Do reino do Sol!

– E você?

– Do reino dos Ventos!

A moça prestou atenção. No primeiro cantar dos galos sumiram-se todos, e ela desceu e continuou a marcha. Andou, andou, até que chegou noutra mata e, para não ser devorada, trepou numa árvore. Lá em cima, quando a noite ficou bem fechada, chegaram umas vozes no pé do pau.

– De onde veio?

– Do reino da Estrela!

– De onde veio?

– Do reino de Acelóis!

– Que novidades me traz?

– O príncipe está doente e ninguém sabe como tratar dele...

A moça botou reparo e na madrugada seguiu no mesmo rumo pois as vozes já tratavam do reino de Acelóis. Andou, andou, andou. Finalmente, quando anoiteceu, estava dentro de uma floresta. Subiu em um pau e ficou

quieta, lá em cima. Mais tarde as vozes começaram na falaria:

– De onde vem você?

– Do reino de Acelóis!

– Como vai o príncipe?

– Vai mal, coitado, não tem remédio!

– Ora não tem! Tem! O remédio é ele beber três gotas de sangue do dedo mindinho de uma moça donzela que queria morrer por ele!

Quando amanheceu o dia, a moça tocou-se na estrada. Ia o sol se sumindo quando ela avistou o reinado de Acelóis. Entrou no reinado e pediu agasalho numa casa. Na hora da ceia perguntou o que havia e disseram que o assunto da terra era a doença do príncipe. A moça, no outro dia, mudou os trajes, foi ao palácio e pediu para falar com o rei.

– Rei Senhor! Atrevo-me a dizer que ponho o príncipe bonzinho se Rei Senhor me der, de tinta e papel, a metade do reinado e de tudo quanto lhe pertencer.

O rei deu, de tinta e papel, a metade de tudo quanto possuía. A moça foi para o quarto, meiou um copo d’água, furou o dedo mindinho, botou três gotas de sangue dentro, misturou e mandou ele beber. Assim que o príncipe engoliu, foi abrindo os olhos, levantando-se da cama e abraçando a moça, numa alegria por demais.

O rei ficou muito satisfeito e quando o príncipe disse que aquela era a sua verdadeira noiva desde o tempo em que ele estava encantado em um papagaio real, o rei não quis dar consentimento porque a moça não era princesa. A moça então falou:

– Rei Senhor! Tenho por tinta e papel a metade de tudo quanto é do rei senhor neste reinado. O príncipe é do rei senhor e eu tenho por minha a metade dele. Se rei senhor não quiser que eu case com ele, inteiro, levarei para casa uma banda.

Ao ouvir falar em cortar o príncipe pelo meio, como a um porco, o rei chegou-se às boas e deu o consentimento. Foram três dias de festas e danças e até eu me meti no meio, trazendo uma latinha de doce, mas na ladeira do Encontrão, dei uma queda e ela, *pafo*! – no chão!...

*Benvenuta de Araújo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – É o Mt. 432 de Aarne-Thompson, *The Prince as Bird*. Os elementos, constantes da minha versão, são idênticos aos do resumo de Antti Aarne: – O príncipe com forma de pássaro voa para sua linda noiva, D 641.1; transformando-se, em sua presença, em homem, D 621, D 150; uma irmã cruel, S 31, coloca vidros, espinhos, facas, navalhas, na janela por onde o pássaro entrará, S 181; a moça segue seu noivo, H 1385.5; ouve casualmente vozes misteriosas (animais, feiticeiras), N 452; aprendendo o segredo do tratamento do noivo, tomando caminho certo, tratando-o e curando-o. Aarne diz esse conto popular na Finlândia, Lapônia, Dinamarca, Noruega, Suécia, Sicília, Rússia, Grécia. Teófilo Braga registra uma versão do Algarve, “A paraboinha de ouro”, nº 31, idêntica em toda primeira parte; Adolfo Coelho traz uma variante de Ourilhe, Celorico de Basto, “O príncipe das palmas verdes”, uma versão do Chile, chamo-o “El Príncipe Jalma”. A versão brasileira de Sílvio Romero é “O papagaio de limo verde”. Versão no “Pentamerone”, II, 2. (1634).

# O Filho da Burra

Um casal unido teve um filho tão grande e forte que era uma cousa por demais. Meses depois o homem e a mulher morriam e a criança foi criada por uma burra. O menino formou, botou corpo, e só o chamavam Filho da Burra.

Já grande, Filho da Burra foi ganhar a vida e empregou-se num reinado onde mandou fazer uma bengala de ferro. O ferreiro fez uma bengala da grossura de um braço, e Filho da Burra, quando experimentou, dobrou o ferro como se fosse um fio de arame. Mandou fazer outra, mais grossa, que ficou do seu gosto.

Como o seu patrão não o podia sustentar, porque ele comia dois bois por dia e quatro sacas de farinha, o rapaz largou o emprego e saiu pelo mundo. Encontrou um homem arrancando pé de pau com raízes e tudo e rolando para um lado.

– Como você se chama?

– Me chamo Rola-Pau!

– Vamos ganhar a vida juntos?

– Vamos!

Saíram os dois e lá adiante viram outro camarada que empurrava as pedras como se fosse brinquedo, tirando todas do lugar.

– Como se chama você?

– Me chamo Rola-Pedra.

– Vamos ganhar a vida juntos?

– Vamos!

Foram os três andando até que pararam numa campina bonita e aí ficaram. Fizeram uma casinha de palha e todo o dia dois iam caçar e um ficava para fazer a comida num tacho bem grande. Ficou Rola-Pau e os companheiros foram para os matos.

Quando o almoço ia ficando pronto apareceu um bicho enorme roncando e pedindo todo de comer.

– Ou como o almoço ou como você!

Rola-Pau trepou-se na cocuruta da casinha, com um medo doido, e o bichão devorou o almoço todo. Quando Filho da Burra e Rola-Pedra voltaram e não viram a comida, ficaram para morrer de raiva. Ficou então Rola-Pedra e, nas horas costumeiras, o bicho chegou e Rola-Pedra botou-se a ele brigando. Brigaram muito tempo e Rola-Pedra, vendo que morria, largou e deu uma carreira de levantar poeira. Filho da Burra, quando chegou e não teve almoço, teve uma raiva danada.

No terceiro dia ficou ele preparando a comida. O bicho apareceu com a mesma conversa. Filho da Burra largou-lhe uma bengalada com a bengala de ferro que pegou bem no focinho do bicho e este não quis mais peleja. Ganhou os matos e Filho da Burra foi atrás, pega aqui, pega acolá, até que o bicho pulou num buraco e sumiu-se de terra a dentro. Filho da Burra marcou bem o canto e voltou para a casinha.

No outro dia veio com os dois companheiros e trouxeram o tacho amarrado numas cordas compridas. Filho da Burra meteu-se no tacho e os dois arriaram até embaixo. Lá no fundo da terra era espaçoso e tinha

casas. Na primeira casa que Filho da Burra bateu apareceu uma moça bonita e disse que, pelo amor de Deus, ele fosse embora porque ali vivia uma serpente que matava toda a gente. O rapaz respondeu que viera para lutar com a serpente e matá-la. A moça explicou:

– Não pode ser. Quando ela cansa de brigar e cai para uma banda, pede pão e vinho. Come e bebe e fica de novo forte, vencendo todo o mundo.

– Pois, a senhora se quiser ficar livre, em vez de dar o vinho e o pão à serpente, dê a mim!

A moça prometeu. A serpente foi chegando, quebrando árvores e fazendo um barulho de ventania. O rapaz escondeu-se detrás da porta. A serpente foi entrando e fungando:

– Aqui me cheira a sangue real! Aqui me cheira a sangue real!

A moça dizia que não havia ninguém mas a serpente tanto procurou que viu Filho da Burra e voou em cima dele para matá-lo. Filho da Burra passou-lhe a bengala de ferro que saía fumaça. Foi uma briga que não tinha fim, até que caíram, um para cada lado, sem forças. A moça, mais que depressa, trouxe pão e vinho que a serpente estava pedindo, e deu ao rapaz que comeu e bebeu, tornando a ficar forte. Levantou-se e *sentou* a bengala na cabeça da serpente esbandalhando-a. A moça ficou satisfeita e disse que tinha mais duas irmãs encantadas, morando em duas casas adiante.

Filho da Burra foi para a segunda e lá a moça contou a mesma cousa. O rapaz fez a mesma proposta de comer o pão e beber o vinho e a moça aceitou. Escondeu-se e

esperou o bicho feroz que chegou como um pé de vento, derribando tudo:

– Aqui me cheira a sangue real! Aqui me cheira a sangue real!

A moça negou, negou, mas o bicho caçou o rapaz e o encontrou, botando-se a ele e brigando com vontade. O bicho era terrível mas a bengala de ferro não fazia graça e os dois inimigos terminaram sem força para acabar o combate, caindo no chão os dois. O bicho pediu o vinho e o pão e a moça foi buscar, mas entregou ao rapaz que esmagou a cabeça do monstro.

Passou para a terceira casa e lá era um macacão cabeludo que morava com a pobre moça. Aconteceu o mesmo. O macacão quando chegou farejando:

– Aqui me cheira a sangue real! Aqui me cheira a sangue real!

Foi procurando e achou o rapaz, partindo para cima dele. Filho da Burra enfincou-lhe a bengala com vontade. Briga lá e briga cá, até que uma bengalada raspou a cabeça do macacão e uma orelha caiu no chão. Filho da Burra agarrou a orelha e meteu-a no bolso porque o macacão sumiu-se, correndo como um condenado.

O rapaz juntou as três moças e os tesouros que elas tinham e foi para onde estava o tacho. Balançou na corda e o tacho foi puxado por Rola-Pau e Rola-Pedra, cheio de dinheiro. Depois subiram as três moças e o tacho desceu. Imaginando que os dois camaradas tivessem maldando a morte dele para ficar com as moças e o tesouro, Filho da Burra botou uma pedra bem grande no tacho e balançou

a corda. Subiram o tacho até quase em cima e depois cortaram as cordas, despencando tudo para baixo.

Rola-Pau e Rola-Pedra já tinham escolhido as duas moças para noivas e acharam que deviam deixar Filho da Burra no buraco para gozarem a riqueza que tinham ganho. Foram para o reinado do pai das três moças.

Ficando lá embaixo, Filho da Burra estava meio triste quando apareceu o Diabo, que era o macacão, gritando e saltando:

– Filho da Burra! Me dá minha orelha!

– Não dou!

– Filho da Burra! Me dá minha orelha que eu te tiro daqui!

– Tire primeiro!

O Diabo virou-se numa árvore e o rapaz subiu por ela até fora do buraco. Quando ficou livre, voltou o Diabo pedindo a orelha.

– Só dou a orelha se você me levar para o reinado!

– Levo. Vou me virar num cavalo e você monte, feche os olhos e só abra quando eu parar!

Virou-se num cavalo, selado, e Filho da Burra montou, fechando os olhos. Quando o cavalo parou ele abriu e estava no reinado do pai das moças.

Rola-Pau e Rola-Pedra, numa carruagem, tinham ido casar na Igreja. No palácio só ficava o rei e a princesa mais moça. Filho da Burra, quando o Diabo tornou a pedir a orelha, disse que queria se encontrar dentro do palácio real:

– Feche os olhos! – Ele fechou e quando abriu estava no salão do rei.

Chamou o rei e contou toda a sua história. O rei não queria acreditar na malvadeza dos futuros genros. O rapaz tirou do bolso um lenço e mostrou a ponta da língua da serpente que vivia com a princesa mais velha, a orelha da fera que estava com a do meio e a orelha do macacão que prendera a caçula.

O rei chamou a princesa e esta confirmou tudo. Mandaram buscar Rola-Pau e Rola-Pedra, que voltaram com os convidados. Quando viram Filho da Burra no salão, correram para a janela e saltaram do sobrado abaixo, quebrando a cabeça nas pedras do calçamento, morrendo imediatamente. Filho da Burra casou com a princesa mais moça e viveu muito feliz.

E a orelha do macacão? O Diabo recebeu e voltou para os infernos.

*Cícero Salvino de Oliveira,*
*Alexandria, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Sílvio Romero, XIXº, colheu uma variante em Sergipe, "Manuel de Bengala". Em Portugal, Teófilo Braga tem "A Bengala de dezenove quintais", 47º, e Adolfo Coelho, "O Homem da espada de vinte quintais", a primeira versão de Santa Maria, Famalicão, e a outra da Foz do Douro. Há diversas portuguesas denominadas "Bengalas de Ferro, "Bengala de cem quintais", etc. Os espanhóis possuem o ciclo de "Juan el Oso" de que o prof. Espinosa registrou três variantes, 133º, 134º e 135º, de Soria, Santander e Toledo. Braga anota longa bibliografia desse conto através da Europa, evidenciando suas transformações e adaptações na literatura oral, "*Contos Tradicionais do Povo Portuguez*", II, p. 198-190. Alfred Apell trouxe versões no seu "*Contos Populares Russos*", XIX, XX e XXI, "João Cachorro e o Camponês Branco", "O Bicho Norka". "Os Três Reinos" com um longo estudo elucidativo, p. 307-328. É, de um modo geral, o Mt. 650 de Aarne-Thompson, embora poucos elementos típicos se encontrem no registro do "Types of the Folk-Tale", p. 104. Mesmo assim consta a força desmedida do herói, a bengala monstruosa, etc., F 611.9, F 612, I. Em quase todas (99%) aparecem os elementos das duas versões brasileiras, as lutas pelas três moças, a orelha cortada, a traição e o castigo dos companheiros, assim como os dois serem

dotados de força física, tendo os nomes de Arranca-Pinheiro, Arrasa-Montanha, Jean de la Meule, Appuie-Montagne, Tord Chêne, Arranca-Serra, Passa-Vau (Sílvio Romero), Arrancapinos, Allanacerros, Aplastacuestas, Aplastapeñas, etc. Na versão portuguesa da Foz do Douro, de Adolfo Coelho, nº 22, o herói se chama "*Mama-na-Burra*", por ter sido, como o Filho da Burra, criado por um desses animais.

José Osório de Oliveira incluiu no seu *Literatura Africana* (Lisboa, 1944, 5) uma versão da Ilha do Fogo, Cabo Verde, *João que Mamou na Burra*. Ocorrem elementos dos Mt. 301, *The Three Stolen Princesses* e 650, *Strong John*, mais aproximado. Adolfo Coelho iniciou o estudo das pesquisas bibliográficas desse conto na *Revista Ocidental*, 329-346, Lisboa, 1873, iniciando-as pelo *Awarische Textes* de Schiefner, os contos russos de Ralston, os sérvios da senhora Csedomille Mijatovies, as coleções sicilianas de Giuseppe Pitré e italianas de Domenico Comparetti. Infelizmente não o concluiu.

# O Espelho Mágico

O rapaz, órfão de pai e mãe, saiu pelo mundo para ganhar a vida. Ia por um caminho quando viu uma pedra tapando a boca de um formigueiro e as formigas lutando para arredá-la. O moço, que tinha bom coração, abaixou-se e tirou a pedra com cuidado para não matar as formigas. Quando acabou, uma formiguinha falou:

– Se você se encontrar em dificuldades, diga: Valha-me o Rei das Formigas.

O rapaz seguiu sua estrada e adiante encontrou um carneiro com uma pata enganchada num arame. Soltou o bichinho. O carneiro disse:

– Quando você tiver uma dificuldade, diga: Valha-me o Rei dos Carneiros!

Lá mais longe o rapaz viu um peixe dentro duma poça d'água rasa, quase se acabando. O peixe estava com o lombo de fora, morrendo. O moço tirou-o da poça e sacudiu numa lagoa perto. O peixe mergulhou, foi embaixo, veio em cima, e falou:

– Quando você tiver uma dificuldade, diga: Valha-me o Rei dos Peixes.

Quase avistando o reinado, o rapaz encontrou um gavião deitado no chão, seco de sede. Levou-o, deu-lhe um banho, deixou ele beber água e soltou. O gavião voou para um galho de pau e disse:

– Quando você tiver uma dificuldade, diga: Valha-me o Rei dos Pássaros!

Chegando no reinado, o rapaz soube que a princesa tinha um espelho mágico que mostrava todas as cousas escondidas. O espelho só tinha forças de meia-noite até o primeiro cantar do galo. Quem se escondesse, e a princesa não descobrisse, casava com ela e, se ela achasse, perdia o homem a vida. O rapaz foi se oferecer para essa aventura.

Na primeira noite, procurou um canto fora do reinado e disse: Valha-me o Rei dos Carneiros! O carneiro apareceu e o rapaz disse o que queria.

– Monte nas minhas costas! – O rapaz montou e o carneiro largou-se correndo, de mato a dentro, para umas brenhas fechadas onde havia uma gruta. Deitou o rapaz na gruta e encheu os arredores de carneiros, uns por cima dos outros, que ninguém via outra cousa afora carneiro.

À meia-noite a moça puxou o espelho e procurou o rapaz, por todos os lados. Tanto virou que deu com a gruta, e o espelho mostrou o rapaz deitado no chão, coberto de carneiros. A princesa tomou nota e foi dormir.

No outro dia o rapaz se apresentou.

– Onde eu estava escondido?

– Deitado no chão, dentro de uma gruta, rodeado de carneiros!

– Era isso mesmo!

O rapaz apelou para o peixe. Foi à beira-mar e chamou: Valha-me o Rei dos Peixes! O peixe riscou na praia. O moço contou sua dificuldade. O Rei dos Peixes mandou um tubarão engolir o rapaz e uma baleia engolir o tubarão e foi para o fundo do mar.

Na meia-noite, a princesa foi consultar o espelho. Caçou na terra e nos ares e procurou nos mares, com tanto cuidado que descobriu onde o rapaz estava dormindo. Na manhã, o moço apareceu e perguntou:

– Onde eu passei a noite?

– Dentro de um tubarão, este numa baleia, no fundo do mar!

– Era isso mesmo!

Dessa vez o rapaz chamou o gavião e contou sua agonia. O gavião levou-o nas costas até em cima das nuvens e lá apareceu outro gavião ainda maior que cobriu o Rei dos Pássaros com suas asas.

À meia-noite a princesa procurou o rapaz nas águas e na terra e não achou. Procurou nos ares e não viu. Tanto olhou e olhou que enxergou um pontinho escuro por cima das nuvens. Botou reparo e descobriu tudo. O rapaz, quando veio ao palácio, perguntou:

– Onde dormi a noite passada?

– Em cima de um gavião, coberto por outro, em cima das nuvens!

– Era isso mesmo!

Como era o terceiro dia, o rapaz foi condenado à morte, mas a princesa ficou com pena dele e pediu ao rei para deixar o moço experimentar uma vez mais. O rapaz ficou contente e foi valer-se do Rei das Formigas. Esse ouviu a conversa toda e disse:

– O espelho descobriu você na terra, no mar e nos ares. Mas o espelho não pode ver a própria princesa. Eu vou virar você numa formiga e você suba para cima do vestido dela e esconda-se bem.

Dito e feito. O rapaz virou formiga, entrou no palácio, foi ao quarto da princesa e subiu pelo vestido acima, bem devagar para ela não pressentir, e escondeu-se na bainha da camisa.

À meia-noite a princesa procurou o rapaz em toda parte, virou e mexeu, e nada de ver onde ele estava dormindo. Passou-se a hora das forças do espelho encantado e ela não viu cousa alguma. Amanheceu o dia e o rapaz voltou a ser gente e veio perguntar onde tinha dormido.

– Não sei onde você dormiu! Onde foi?

– Não digo enquanto não me casar com você!

Fizeram o casamento com muita festa e só depois de casado é que o moço disse onde tinha passado a sua última noite de solteiro.

*Cícero Salvino de Oliveira,*
*Alexandria, Rio G. do Norte.*

**Nota** – É o Mt. 329 de Aarne-Thompson, *Hiding from the Devil*. Antti Aarne informa que esse motivo é popular na literatura oral da Europa Central, Finlândia, Dinamarca, Rússia, Grécia, etc. As características, que correm na presente versão brasileira, são: a obrigação de os candidatos à mão da princesa esconderem-se dela. H. 321; tinha a princesa janelas ou espelhos mágicos, D 1323.3; os vencidos eram decapitados, H. 901.I e Q 405; o herói merece a gratidão de animais D 684; perde duas vezes, e transformando-se em inseto, esconde-se na própria princesa, D 641; e com ela se casa, L 161. Na minha versão a princesa não estava encantada como no elemento D 700.

# Os Três Companheiros

Um bombeiro, um soldador e um ladrão eram muito amigos e resolveram viajar por este mundo para melhorar a vida. Tinham eles um cavalo encantado que respondia todas as perguntas.

Chegaram a um reinado onde toda a gente estava triste porque a princesa fora furtada por uma serpente que morava no fundo do mar. Os três companheiros acharam que podiam fazer essa façanha e consultaram o cavalo. Este mandou o soldador fazer um bote de folha de flandres. Meteram-se nele e fizeram-se de vela.

Depois de muito navegar, deram num ponto que era o palácio da serpente. Quem ia descer? O bombeiro não quis nem o soldador. O ladrão agarrou-se na corda que os outros seguravam e lá se foi para baixo. Pisando chão, viu um palácio enorme guardado por uma serpente que estava de boca aberta.

O ladrão subiu depressa, morrendo de medo. Voltaram para casa e foram perguntar ao cavalo o que era possível fazer. O cavalo ensinou que a serpente dormia de boca aberta e quando estava acordada ficava com a boca fechada. Debaixo da cauda tinha a chave do palácio. Quem tirasse a chave, abrisse a porta, encontrava logo a princesa. Os três amigos tomaram o bote de folha de flandres e lá se foram para o mar.

Chegando no ponto os dois não queriam descer. O ladrão desceu e, como estava habituado, furtou a chave

tão de mansinho que a serpente não acordou. Abriu a porta, entrou, foi ao salão, encontrou a princesa, disse que vinha buscá-la e saíram os dois até a corda. Agarraram-se e os dois puxaram para cima. Largaram vela e o bote navegou para a terra.

Quando estavam no meio dos mares a serpente apareceu em cima d'água, que vinha feroz. Que se faz? Era a morte certa.

– Deixa vir – disse o bombeiro.

Quando a serpente chegou mais para perto, o bombeiro tirou uma bomba e jogou em cima da serpente. A bomba estourou e a serpente virou bagaço. Na luta, o bote furou-se e a água estava entrando de mais a mais, ameaçando ir tudo para o fundo do mar. Que se faz? Morte certa!

– Deixe comigo – disse o soldador.

Tirou seus ferros e soldou todos os buracos e o bote navegou a salvamento até a praia.

Chegaram no reinado recebidos com muitas festas pelo rei e pelo povo. O rei deu muito dinheiro aos três, mas o ladrão, o bombeiro e o soldador queriam casar com a princesa.

– Se não fosse eu a princesa estava com a serpente! – dizia o ladrão.

– Se não fosse eu a serpente devorava todos – dizia o bombeiro.

– Se não fosse eu iam todos para o fundo do mar! – dizia o soldador.

Discute e discute, briga e briga, finalmente a princesa escolheu o ladrão, que era seu salvador, e este pagou

muito dinheiro aos dois companheiros. O ladrão casou e mudou de vida e todos viveram satisfeitos.

*Cícero Salvino de Oliveira,*
*Alexandria, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Há uma série de contos, conhecidos em toda a Europa, incluindo os Bálcãs, Rússia, países centro e sul-americanos, Jamaica, etc., em que três ou quatro irmãos ou companheiros viajam em procura de aventura e se distinguem pelas diferentes profissões, alfaiate, caçador, vaqueiro, marinheiro, ladrão, barbeiro, etc. Antti Aarne, fixando o quadro geral deste tipo de *folk-tale*, denominou-o *The Four Skilful Brothers*, os quatro irmãos espertos, aproveitando as constantes de maior percentagem. O título provinha dos irmãos Grimm. É o Mt. 653 de Aarne-Thompson. Sílvio Romero registrou a variante de Sergipe, "Os três moços", XLVI. Versão no "Pentamerone", VII, 5, *The Five Sons*. Idem no "Touti-Nameh", XXII, *D'un marchand qui ne trouvait plus sa fille* (trad. de Emile Müller da redação de Mohammed Qaderi, 76-78, Paris, 1934), evidenciando sua antiguidade e popularidade na Pérsia em 1330. A característica é a disputa final, cada um proclamando a superioridade do seu auxílio e querendo a princesa única. Penzer, anotador do "Pentamerone", indica influência notória de uma tradição sagrada da Índia, registrada no *Vetalapanchavismsati* ou *Twentyfive Tales of a Vetala*, que é o demônio. No *Katha Sarit Sagara* ("The Ocean of Story", trad. de C. H. Tawney, vol. VI, 273-275, Londres, 1926). N. M. Penzer cita muitos exemplos do motivo, *Tales of a Vetala*. No "Pentamerone", IIº, 43, *The Three Crowns*.

# A Banda da Coroa

Num reinado muito rico e bonito viviam o rei e a rainha que gostavam um do outro mas teimavam por tudo. Tanto teimaram que o rei um dia apostou que se aquela nuvem que parecia fosse papagaios a rainha seria colocada numa caixa de vidro e jogada no mar. A rainha apostava que eram maracanãs. Eram papagaios e a rainha foi colocada numa grande caixa de vidro, com comida, água e roupa e as águas do mar a levaram para longe.

Dias andou a caixa em cima do mar até que encalhou numa ilha onde moravam dois velhos. A rainha foi recolhida como filha e, no tempo, deu à luz um menino que estava esperando quando apostou com o rei seu marido. Criou-se o menino na ilha, aprendendo a ler, escrever e contar com sua mãe, que ensinava riscando na areia da praia. De quando em quando, o velho subia uma bandeirinha e um navio que passava mandava um bote a terra, comprar frutas.

Os velhos morreram e o menino, agora rapaz forte e instruído, achou que devia seguir carreira no mundo. Subiu a bandeirinha e, quando um navio mandou o bote, embarcou-se com sua mãe e com o que pôde levar. O capitão do navio simpatizou muito com ele e aceitou ser seu padrinho. Quando chegaram a uma cidade, a rainha ficou numa casa e o rapaz continuou viagem, aprendendo vida de marujo.

Já era piloto quando, numa tarde, estava olhando o mar e um peixe enorme veio à tona e deu uma rabanada, atirando um objeto pesado em cima do rapaz. Foi ver o que era e encontrou a banda de uma coroa, tão rica que espelhava aos olhos, capaz de encandear. Mostrou-a ao seu padrinho e este rumou logo para o reinado mais próximo, onde procurou o rei e ofereceu a banda da coroa.

O rei ficou assombrado com tanta riqueza, mas disse que não podia comprar a coroa pela metade. Daria uma fortuna pela coroa inteira. O capitão do navio voltou para bordo muito triste e contou o caso ao afilhado. Este deu parecer:

– Vamos voltar para o ponto onde o peixe me deu a rabanada. O senhor manda fazer uma caixa, amarrada a uma corda forte e eu desço para procurar a outra metade no fundo do mar. Quando balançar a corda o senhor puxa.

Tudo se fez assim. O rapaz desceu e lá no fundo do mar viu uma floresta escura e uma casinha com a porta meio aberta. Ia se aproximando quando o mesmo peixe que lhe atirara a metade da coroa apareceu e disse:

– Ali mora um dragão feroz que tem uma princesa presa. A porta meio aberta quer dizer que ele não está. Se não tem coragem, vá embora logo, antes que seja tarde para salvar sua vida.

O rapaz era mesmo destemido, botou-se para a casa e lá encontrou uma moça bonita que olhos maus não podiam ver. A moça ficou com medo que o dragão voltasse e fizesse o rapaz em pedaços. O moço disse que

ali tinha vindo em busca da banda de uma coroa, mas agora queria, além da coroa, a moça também.

Esta, satisfeita, contou que era uma princesa e o dragão se apaixonara por ela matando seu pai e todos os seus e a trazendo para o fundo do mar. A outra banda da coroa estava no tesouro do dragão, que era tudo furtado ao rei pai dela. Deu ao rapaz um machado de prata e disse:

– Se aquela árvore ali for cortada antes de o dragão chegar, tudo está acabado porque a vida dele está no tronco. Ao contrário, se ele chegar e encontrá-lo aqui não há quem o salve da morte certa.

O rapaz atirou-se ao trabalho, cortando a árvore com o machado de prata com tanta força que o pau ia pendendo, pendendo para o chão. Ouviu-se longe um ronco medonho e a moça avisou que o dragão ia chegando. O rapaz amiudou os golpes e, assim que o bichão apareceu no terreiro, a árvore despencou e caiu por terra. O dragão também deu um berro que estremeceu tudo e caiu de uma banda, morto.

O moço entrou na casa, comeu e, ajudado pela moça, fez uma porção de trouxas com a banda da coroa e joias. Depois foram até o lugar onde estava a corda com a caixa. O rapaz encheu-a de riquezas e balançou. A caixa subiu e desceu vazia. Outra vez as riquezas subiram. Depois o rapaz botou a moça dentro da caixa, mas esta não queria ir.

– Se você for na frente eu tenho certeza de que a caixa vai voltar. Se eu for, ninguém pode garantir que a caixa desça para você.

– Não diga isto! Meu Padrinho não me faz falsidade!

A moça subiu e, quando o capitão viu aquela beleza e tanta joia, cortou a corda e largou o navio para diante, deixando o afilhado no fundo do mar.

Foi o capitão para o reinado vizinho e lá vendeu a outra banda da coroa. O rei, quando viu a princesa que vinha com o capitão, ficou encantado, mas a moça não falava uma só palavra nem ria. Foi hospedada no próprio palácio, com as honras todas e o rei oferecia uma riqueza a quem fizesse a princesa dar uma gargalhada.

O rapaz, que ficara no fundo do mar, não desanimou. Voltou para a casinha onde a moça morava e ali ficou vivendo. Tempos depois viu o peixe que dera outra banda da coroa nadando para cima e para baixo, como procurando um ponto. Perguntou o que era. O peixe queria saber onde estava a árvore do dragão, cortada pelo rapaz com machado de prata. O moço foi ensinar o canto e o peixe ficou comendo o miolo do pau, com a gana de um esfomeado.

No outro dia o peixe voltou e disse:

– Eu sou encantado mas vou desencantar amanhã. Vou nadar até em cima e quando chegar lá me transformarei em pássaro. Voarei até meu reinado e lá voltarei a ser o príncipe que fui, antes de esse dragão me enfeitiçar. Em recompensa por teres ensinado onde estava o miolo da árvore, posso ir contigo no lombo até em cima e virado em passarinho ir até o reinado onde está a princesa, muda e sem achar graça em cousa alguma. Fique esperando por mim até amanhã pela madrugada mas

não tire nem uma fruta dessas que estão nas árvores, senão haverá uma desgraça.

O rapaz ficou sozinho, mas como era filho da rainha teimosa, achou ser uma tolice viajar sem levar uma daquelas frutas tão grandes e bonitas como não havia na terra. Tirou uma laranja de ouro e meteu no bolso. Imediatamente ficou pequenininho e todo engelhado, enrugado, cabelos brancos como um velho anão.

Na madrugada o peixe chegou e o levou no lombo até a beira do mar. Aí, virando pássaro, botou o rapaz no bico e bateu asas para o reinado, deixando o moço, que parecia um velho, num caminho deserto.

O rapaz seguiu até o reinado, hospedou-se numa casa e no outro dia soube que o rei dava um prêmio a quem fizesse a princesa rir. Foi ao palácio e disse que era capaz de fazer a princesa achar graça, mas só o faria com duas condições: a primeira era estar presente o rei, o capitão do navio e a corte. A segunda era a sala ficar fechada e ninguém sair antes de ele dar a conversa por terminada.

O rei aceitou as condições e levou o falso velhinho para o salão onde estava a princesa. Convidou a corte e o capitão do navio, agora homem rico e importante. Quando todos estavam sentados e prestando atenção, o falso velho começou a contar a história da sua vida.

Contou a teima do rei e da rainha, a aposta, a caixa de vidro e a viagem. O rei, entendendo que aquilo se passara com ele, já arrependido, quis sair da sala mas não deixaram, porque palavra de rei não volta atrás.

Contou seu nascimento e sua vida na praia até que embarcou no navio, como o capitão fora seu padrinho e

como apareceu o peixe que sacudiu com o rabo a banda da coroa.

Aí o capitão do navio quis ir-se embora mas não deixaram.

Contou como descera ao fundo do mar para ir buscar a outra banda da coroa e encontrara a moça prisioneira que lhe dera o machado de prata para derrubar a árvore que tinha a vida do dragão.

Aí a moça, que estava prestando toda atenção, deu uma gargalhada e começou a chorar, recordando seus sofrimentos.

Contou como botara a árvore no chão e o dragão morrera, passando ele e a moça toda a noite fazendo trouxas com as riquezas do tesouro, enchendo a caixa que era puxada para o navio. Contou que a moça subira sem querer e ele ficara embaixo porque o padrinho cortara a corda, abandonando-o no fundo do mar.

Contou o resto e o rei levantou-se chorando e abraçou-o, admirado de ele ser tão velho. Aí a princesa veio e pediu que ele lhe desse a laranja de ouro que trouxera do jardim do dragão. O falso velho tirou a laranja do bolso e entregou-a à moça. Assim que a moça recebeu, ficou velha e o rapaz recobrou toda sua mocidade. A moça sacudiu, mais que depressa, a laranja no mar, e voltou a ser formosa como dantes era.

O rapaz disse ao pai onde estava a rainha sua mãe. O rei mandou uma carruagem buscá-la. Fez-se o casamento do rapaz, agora príncipe, com a princesa. O capitão do navio foi enforcado para não ser falso. Todos viveram muito felizes.

*Clotilde Caridade Gomes,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – O conto foi narrado como sendo “Da Rainha Teimosa”. Dei-lhe o que inicia a página. É um verdadeiro *puzzle* de motivos, uma reunião de episódios que figuram em várias histórias, somados e articulados num tema comum. O abandono da mulher numa caixa ao mar, a educação solitária do filho, o herói abandonado no fundo do mar, a princesa muda, as três histórias narradas ao mesmo tempo, ao rei, ao capitão e à princesa, não caracterizarão o episódio, aparecendo, como sabemos, divididos noutros contos. É uma legítima história tradicional, com as cores sedutoras da aventura e do inopinado. Parece-me um dos *unclassified tales*, não pela abundância dos centros de interesse, mas por tratar-se, visivelmente, de uma convergência, mesmo antiga, de várias histórias. Ter-se-ia verificado essa soma no Brasil?

Rainha e princesas postas numa caixa e abandonadas no mar pertencem a um ciclo clássico de Perseu. O tipo comum é o do conto nº 18 dessa coleção, espalhadíssimo pelo mundo.

# A Princesa Serpente

Era uma princesa bonita e boa que trouxera a sina de transformar-se em serpente um ano inteiro, desde o momento em que casasse. A princesa vivia triste porque o remédio seria descobrir uma amiga que a substituísse durante o ano do casamento e não a traísse. Como arranjar essa amiga fiel?

Nos fundos do palácio morava uma viúva arremediada, que tinha três filhas bem formosas e parecidas. A princesa mandou convidar a mais velha para passar o dia com ela.

A moça veio e a princesa encheu-a de agrados, mostrando os vestidos e as joias, passeando todo palácio. Quando chegou a hora do almoço, a princesa mandou que ela esperasse no quarto.

Voltou meia hora depois trazendo o fígado de uma galinha, por todo almoço da convidada. A moça comeu o fígado e ficou com fome o resto do dia, não achando graça em cousa alguma. Assim que escureceu e a princesa mandou deixar a moça em casa, logo que ela foi chegando e entrando, foi logo gritando:

– Minha mãe, bote-me de comer que venho morta de fome. A princesa só sabe agradar, mas, na hora do almoço, tive um fígado de galinha!

A escrava que fora com a moça ouviu e contou à princesa e esta convidou a moça do meio. Esta foi, e se

passou a mesma cousa, apenas a princesa lhe dera a metade do fígado da galinha.

Voltando para casa a moça foi gritando do meio da rua que estava sucumbida de fome e botasse logo almoço, jantar e ceia para ela. A escrava tornou a contar o que ouvira e a princesa convidou a mais moça.

Esta passou o santo dia entretida com os vestidos, enfeites, joias e móveis do palácio, recebendo apenas uma terça parte do fígado da galinha. Nem comeu. Embrulhou para levar para sua mãe e continuou alegre. De tarde, quando chegou não disse cousa nenhuma de mal, elogiando tudo quanto vira, especialmente a bondade da princesa.

A princesa mandou buscar a mais nova e cobriu-a de presentes, vestidos e preparos ricos, dando-lhe um quarto pegado ao seu. Contou que tivera necessidade de arranjar uma amiga fiel e que soubesse guardar segredo e não mexericar, e a única maneira fora aquela de dar pedaços de fígado de galinha. Contou ainda que tivera a sina de virar serpente e que gostava muito de um rapaz, não casando porque não tinha quem a substituísse na alcova e lhe merecesse confiança.

Ficou tudo combinado. A princesa ia casar e deixaria a moça no seu quarto. A moça era parecidíssima com ela. Assim que acabasse a cerimônia a princesa corria para o quarto e a moça vestiria o vestido de noiva e a outra, já virada em serpente, ia cumprir sua sina durante um ano. O resto confiava no coração da amiga.

Assim sucedeu direitinho. O noivo, quando a moça lhe apareceu já vestida com os trajes próprios, ficou

convencido de que se tratava realmente da princesa, quando esta, coitada, corria os campos, virada numa serpente preta.

Houve festa e quando se agasalharam, a moça pegou na mão do noivo e disse que fizera uma promessa ao Jesus Crucificado para não ter vida comum com o marido durante um ano, dormindo no mesmo quarto mas em camas separadas. Abriu um gavetão da cômoda e mostrou um vulto do Crucifixo, que assistiria o cumprimento da promessa. O noivo conformou-se com a situação por tratar-se de promessa.

Passaram-se todos os meses até o dia em que a princesa devia desencantar.

Nessa tarde, num local bem escondido, a moça levou três bacias, uma com leite, uma com água da fonte e outra com perfume. A serpente chegou, comprida, e foi se metendo na bacia de leite e se enrolando, se enrolando. Saltou de dentro a princesa tal qual era antes de cumprir a sina. Lavou-se na água da fonte e depois tomou um banho de perfume. Vestiu as roupas que a amiga levara e veio para seu quarto, deitando-se na sua cama.

O marido, nas horas de dormir, veio e, passando a mão pelo rosto dela notou que a pele estava áspera, vermelha e pegando fogo de quente. A princesa levantou-se, chamou os pais e a amiga, contou toda a história, louvando a fidelidade e a prudência da moça. Finalmente, como toda mulher é maliciosa, perguntou à amiga referindo-se ao marido:

– Como você pôde livrar-se dele?

– Com esse aqui! – respondeu a moça. E abrindo o gavetão da cômoda mostrou Jesus Cristo Crucificado.

Todos acharam muito bonito o parecer e a princesa casou a amiga com um príncipe seu primo, ficando todos no palácio.

*Clotilde Caridade Gomes,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Ouvi tantas vezes essa história que terminei reconhecendo sua divulgação em vários Estados do Nordeste brasileiro. Tanto no sertão como no litoral era contada, infalivelmente, quando pedia uma velha e boa *história de Trancoso*. O tema é pobre de acidente, prestando-se apenas aos fins morais de ressaltar a fidelidade da amiga. Creio tratar-se de conto semiesquecido, porque não mais dizem por que a princesa teve a sina de virar serpente, e como fora possível a semelhança da amiga. De notar, a simpatia da serpente e do leite.

O banho de leite também ocorre numa fábula de Straparola. *Piacevoli Notte*, Noite-3, Favola-III. Biancabella se torna sábia e linda depois de um banho de leite e de orvalho que lhe dá sua irmã, uma *biscia* encantada em cobra.

# O Peixinho Encantado

Era uma velha que tinha um filho tão preguiçoso que passava o dia deitado. Não sabia fazer cousa alguma e se a mãe não arranjasse o que comer morria de fome. A velha, perdendo a paciência, pegou dum pau e deu umas pancadas no preguiçoso, obrigando-o a sair de casa e ganhar fosse quanto fosse.

– Vá buscar nem que seja lenha para o fogo!

O preguiçoso saiu se arrastando e gemendo, bem devagar até a mata. Sentou-se uns tempos sem ânimo para quebrar um galhinho de pau seco. Vindo a sede, lembrou-se que ali estava um poço muito fundo. Meteu a mão n'água e, com grande surpresa, trouxe um peixinho vivo, pulando ainda. O preguiçoso ia metê-lo no bolso quando o peixinho falou por aqui assim:

– Não me mates. Se me sacudires dentro do poço, darei tudo o que pedires dizendo: "Querendo Deus e meu peixinho..."

O preguiçoso, com preguiça de levar o peixe, sacudiu-o novamente dentro do poço. Esteve sentado, imaginando a trouxa de lenha que precisava fazer. Finalmente, para experimentar, disse:

– Querendo Deus e meu peixinho, apareça aqui um feixe bem grande de lenha.

Apareceu um feixe que era um despotismo de grande. O preguiçoso nem tentou levantar uma ponta, tão pesado era. Tornou a falar:

– Querendo Deus e meu peixinho, quero ir para casa montado neste feixe de lenha.

Escanchou-se no feixe e este saiu numa carreira doida. Toda a gente que ia vendo aquela arrumação caía na gargalhada e o preguiçoso ficava zangado com a mangação. Por fim o feixe passou diante do palácio do rei onde a princesa e suas amigas estavam, na varanda, tomando fresco. Quando viram aquela marmota, deram uma risada que não acabava mais. O preguiçoso, *vendo* as risadas da princesa, disse:

– Querendo Deus e meu peixinho, a princesa terá um filho meu!

Chegando em casa o preguiçoso entregou o feixe de lenha, deitou-se e daí em diante viveu muito bem com a velha, pedindo tudo ao peixinho.

A princesa adoeceu e os médicos, depois de muito exame e remédio, descobriram que ela estava esperando criança. O rei quase fica doido. Veio um menino muito bonito e ninguém sabia quem era o pai. O rei botou aviso para que todos os homens se reunissem numa praça. Foram todos, até o preguiçoso. A princesa veio com o filhinho, com o rei e a corte. Iam todos passando pelo meio do povo. Quando o menino viu o preguiçoso, estirou as mãozinhas e agarrou-se nele, gritando:

– Papai!

O rei mandou prendê-lo incontinenti, assim como a filha, e meteu-os, com o neto, num grande caixão, sacudindo tudo ao mar. O caixão saiu boiando, barra a fora...

O preguiçoso, deitado no caixão, nem-como-cousa, muito satisfeito brincando com o filho. Depois que a fome chegou e que comeram do bom e do melhor, o rapaz disse:

– Querendo Deus e meu peixinho, esse caixão dê numa praia perto do palácio do rei.

O caixão correu em cima d'água como um peixe. Deu numa praia e parou. Saíram todos de dentro e o preguiçoso disse:

– Querendo Deus e meu peixinho, apareça aqui um palácio muito mais bonito e preparado do que o do rei.

Imediatamente um palácio formoso apareceu. O preguiçoso, a princesa e o menino foram viver como ricos, tendo criados, carruagens e todos os preparos.

O rei, muito triste e arrependido pelo que fizera, passava parte da noite sem sono, passeando. Numa dessas noites avistou ao longe um clarão e mandou saber o que era. Disseram que era um palácio mais bonito que o palácio real, todo iluminado. O rei, pela manhã, saiu para ver. Encontrou o palácio e não se cansava de admirar. Foi se chegando para perto e avistou um moço bem-parecido e delicado que o convidou para entrar e almoçar. Vai, o rei aceita, não reconhecendo o preguiçoso.

No fim do almoço, o preguiçoso, com as artes do peixinho, fez aparecer no bolso do rei uma colher de ouro da mesa. Acabando de comer, o moço deu pela falta de uma colher de ouro e desconfiou do rei. Este se defendeu, já alterado. O moço mandou revistar e foi

achada a colher no bolso do rei que ficou acabrunhado pela vergonha.

– Como é que eu sou ladrão sem saber?

– Da mesma forma que sua filha foi mãe sem querer! – respondeu o moço, dando-se a conhecer.

Chamaram a princesa e o menino para o rei abençoar. Fizeram as pazes e foi a vida mais feliz deste mundo.

*Benvenuta de Araújo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Teófilo Braga registrou a versão portuguesa do Algarve, "O Peixinho Encantado", nº 26, não havendo a prisão dos personagens nem a aparição do palácio. É o mesmo "João Mandrião" da coleção de Adolfo Coelho (XXX), o "Preguiçoso da Forneira", da série de Consiglieri Pedroso (XVII), o "Pedro Preguiça" dos "Contos Tradicionais do Algarve", nº 60, coleção de Ataíde de Oliveira. Os irmãos Grimm recolheram a variante alemã, "O Pescador e sua mulher"; Alfredo Apell ("Contos Populares Russos", 1,33) divulgou "Emiliano Parvo", com enredo idêntico, em suas linhas gerais. Apell cita as variantes russa de Afanasiev, grega de Hahn, eslovena de Afanasiev, napolitana de Giambattista Basile, em que o mandrião Perounto refere as façanhas do nosso preguiçoso, etc. Na América Central, Carmen Lyra recolheu "Juan, el de la carguita de leña", na sua coleção de contos populares de Costa Rica, "Cuentos de mi tia Panchita", 98. É o Mt. 675 de Aarne-Thompson, *The Lazy Boy*, onde há o salmão mágico e a ordem: – *By the word of the salmon*! D 1712.1; a viagem em cima do feixo de lenha, D 1600,11; a princesa ri e fica grávida, T 512; reconheceu-se o filho, H 481; são abandonados num caixão no mar, S 141; transformação do palácio, D 1131; e a humilhação do real sogro, L 175. Além da bibliografia, autenticando a existência do conto na Europa do norte e leste, Grécia, América-Indiana, há a citação do livro de Wesseelski, "Hodscha Nasreddin", coleção de contos turcos e árabes. Silva Campos registrou uma variante da Bahia, "O Preguiçoso e o Peixinho", LXVI, onde não há o castigo da princesa nem o perdão do rei.

Straparola (*Piacevoli Notti*, edição de 1584) registra uma versão popular quinhentista. Pietropazzo pescou um peixe milagroso, Tonno, seguindo-se o enredo inteiramente igual à variante brasileira desta coleção, *Notte terza*, *favola-I*. Em vez de colher é uma maçã de ouro que se oculta no bolso do rei. A filha explica: – *Et fi come voi dell'involato pomo d'oro innocente, cosiparimente della gravidanza, io ne fui innocentissima*.

# Os Sete Sapatos da Princesa

Era uma vez um reino em que havia uma princesa que gastava sete pares de sapatos por noite. Ninguém podia explicar esse mistério.

Vai então Joãozinho, um rapazote que andava correndo mundo e que saíra de casa com a bênção do pai, tinha chegado a essa terra e ouviu falar desse misterioso caso. O rei daria a mão da princesa em casamento a quem descobrisse tudo como era. Mas quem o tentasse e não descobrisse – era ali na certa – daria a cabeça a degolar.

Procurou o rei, combinou dormir num aposento próximo do quarto da princesa. Mas a princesa ordenou à aia que pusesse dormideira no chá de Joãozinho, como fazia com todos os outros, mas o rapaz, que era esperto, não bebeu.

Fingindo que estava a dormir, Joãozinho notou um bauzinho debaixo da cama da princesa. Pela meia-noite a princesa chamou:

– Calicote! Calicote!

De dentro do baú saiu um diabinho:

– É hora! É a hora, princesa!

A princesa vestiu-se e pôs no baú seis pares de sapatos novos. Com o que tinha nos pés, eram sete ao todo. O diabinho pegou do baú e acompanhou a princesa e tomaram uma carruagem. Joãozinho saltou para a traseira e a carruagem partiu. Passaram por campos de flores extraordinárias. Flores de bronze, de prata, de

ouro, de diamante, de rubi, de esmeralda. Joãozinho apanhou uma para amostrar e guardou no bornal.

Chegaram a um rico palácio iluminado, cheio de criados, convidados, música e movimentação festiva. Foram todos para a sala de jantar e Joãozinho escondeu-se debaixo da mesa, metendo no bornal um ou outro osso de peru e galinha caído do serviço.

Começou o baile e a princesa dançava rasgando um par de sapato em cada contradança, trocando-o pelos novos. Calicote lançava os sapatos velhos para um canto e Joãozinho ia se apoderando de um pé de cada par de botinas estragado. Perto das duas horas, a princesa disse:

– Calicote. É hora!

– Sim, princesa, vamos!

Voltaram do mesmo jeito. Calicote entrou para o bauzinho que foi escondido debaixo da cama. Pela manhã o rei perguntou a Joãozinho a solução do enigma. O moço pediu que fosse dado um banquete com a presença do Bispo e da princesa.

Realizou-se o banquete e, à hora da sobremesa, Joãozinho perguntou em voz alta se no jardim real existia flor de bronze, de prata, de ouro, etc. e ia mostrando as que colhera durante sua jornada noturna. E mostrava os ossos de galinha e de peru de ouro. A princesa ia ficando cada vez mais pálida; depois mostrou os sete sapatos que trouxera, fazendo a princesa desmaiar.

Correndo ao quarto, Joãozinho veio com o baú e pediu ao senhor Bispo para benzer. O Bispo benzeu e o baú deu um estouro, soltando-se no ar um cheiro de enxofre que

ninguém podia suportar. A princesa abriu os olhos, voltando a si, exclamou, cheia de alegria:

– Graças a Deus, estou livre!

Perdera o mau fado que uma fada infernal lhe dera, quando tinha doze anos, com inveja da sua grande beleza. Joãozinho casou com a princesa, vivendo todos muito felizes.

*Lindolfo Gomes, "Contos Populares, etc."*
*Volume II, p. 63, São Paulo, sem data.*

**Nota** – Essa história foi contada ao prof. Lindolfo Gomes por um guia de viagens, da cidade de Ubá, Minas Gerais, e aqui resumida. Em novembro de 1875, escrevendo dos Açores o Dr. Teixeira Soares a Teófilo Braga, informava-o de que, entre os contos populares recolhidos naquele arquipélago, figurava "*A Princesa que rompia sete pares de calçados de noite*", tratando-se, visivelmente, desse que o Sr. Lindolfo Gomes registrou no Brasil. É o conto 153 dos irmãos Grimm, ocorrendo na Alemanha, Estônia, Lapônia, Dinamarca, Finlândia-sueca, Noruega, Tchecoslováquia, Grécia, Rússia, Livônia, etc. É o Mt. 306 de Aarne-Thompson, *The Danced-out Shoes*. Apenas os elementos D 1950 e D 2131 não se completaram na versão mineira porque Joãozinho não se torna invisível nem o palácio encantado é subterrâneo. Consiglieri Pedroso, "Portuguese Folk-Tales", *The Seven Iron Slippers*. O soldado descobre o segredo da princesa ajudado pelo chapéu que o torna invisível e a bota mágica.

# A Rainha e as Irmãs

Era uma vez três moças muito bonitas e trabalhadoras, órfãs de pai e mãe e que moravam juntas, vivendo de costurar. Numa noite estavam trabalhando muito entretidas e, para passar o tempo, conversavam sobre casamentos. Vai a mais velha e diz assim:

– Se eu casasse com o rei fazia para ele uma camisa que cabia na palma da mão e vestindo o cobria todo.

A do meio respondeu:

– Pois se eu casasse com o rei tecia e bordava uma camisa que cabia dentro de um ovo de pomba, e aberta forrava uma cama.

A terceira disse:

– Eu tenho outra opinião. Se casasse com o rei teria três filhos, dois meninos e uma menina, todos com uma estrela de ouro no meio da testa.

Aconteceu que o rei estava passeando justamente diante da casa e parou para ouvir toda a conversa das três moças. No outro dia mandou buscar as três moças e, agradando-se muito da mais moça, casou com ela e convidou as cunhadas para ficar no palácio como princesas.

O rei e a rainha viviam muito bem, mas as duas irmãs ficaram contrariadas com a sorte da mocinha, casando com o rei e sendo rainha. Tiveram inveja e começaram a imaginar um jeito de perder a irmã e uma delas casar com o rei.

Houve então umas guerras e o rei teve de ir, deixando a rainha esperando criança. As duas cunhadas disseram que ele podia ir sossegado. No tempo, a rainha teve seu descanso que era um menino bonito como o dia, com uma estrela de ouro na testa. As cunhadas do rei trocaram o menino por um sapo e escreveram ao rei contando a mentira. Encarregaram a uma criada que levasse a criança e sacudisse no mar. Foi a criada, e não tendo coragem, abandonou o menino junto de uma árvore, perto da casa de um caçador. Este, logo depois, passou e, vendo aquela trouxa chorando, abaixou-se e viu que era uma criança. Levou-a para sua casa e como não tinha filhos ficou criando o enjeitado.

Quando o rei voltou ficou muito triste, mas perdoou a rainha. As guerras continuavam e ele foi guerrear, deixando a mulher grávida. As duas irmãs malvadas tornaram a fazer a mesma perversidade, mudando o outro menino, com a estrela de ouro na testa, por um sapo horroroso e mandando avisar ao rei que a rainha tivera um bicho em vez de um filho.

A mesma criada foi sacudir o menino no mar mas deixou o enjeitado debaixo de uma árvore. O mesmo caçador encontrou e levou para casa o pobrezinho.

Quando o rei veio de novo custou a perdoar a rainha, mas sempre se conformou. Pela terceira vez foi ele guerrear e as cunhadas fizeram a mesma maldade. Desta feita veio uma menina, linda como os amores, e as duas pestes disseram que a irmã tivera um sapo, mandando essa notícia ao rei. A menina foi abandonada

e o caçador, que já criava os dois meninos, ficou criando os três filhos do rei.

O rei, quando acabou as guerras, não desculpou a mulher, mandou prendê-la e botar para fora do reinado. Como gostava muito dela, prometeu só vestir de branco e nunca mais dar uma festa. As duas cunhadas faziam tudo para agradá-lo e uma delas casar com ele.

O caçador criou os três enjeitados com todo mimo. Já estavam crescidinhos. A menina ajudava em casa e os dois iam com o caçador para as matas. Numa dessas caçadas, longe de casa, viram eles uma estrada estreitinha que subia para um monte muito alto. Perguntaram para onde ia aquele caminho.

– Vai para a fonte da Água da Vida – respondeu o caçador –, ainda não voltou uma só pessoa daqueles que foram buscar essa água.

– Pois eu vou – disse o mais velhinho.

E disse para o irmão que, se no fim de sete dias não voltasse nem desse sinal de vida, fosse procurá-lo. E tocou-se para o monte.

Andou, andou, andou. Quando ia chegando no topo do monte atravessou um pomar com frutas tão bonitas que encantavam. Havia um rio de água muito fresca. O rapazinho estava com fome e com sede. Tirou uma fruta, comeu-a e bebeu água. Imediatamente se tornou uma estátua de pedra.

Sete dias depois, o irmão, não tendo notícia, foi procurá-lo e aconteceu a mesma cousa. Ficou virado numa estátua de pedra. A irmãzinha, não vendo os dois manos voltarem, disse ao caçador que ia também em

busca dos perdidos. O caçador só faltou chorar de desespero, mas a menina teimou e foi.

Quando chegou ao pomar estava morta de fome e de sede, mas sentou-se no chão e comeu o pão seco que levava e bebeu água de um cabacinho.

Acabou, rezou e andou para cima. Encontrou um palácio que era uma babilônia de grande, sem vivalma. Logo na entrada estava um poço com uma água fervendo. A menina encheu o cabacinho e tocou para trás.

Quando ia saindo do pomar viu duas estátuas nos lados da estrada e muitas outras espalhadas. A menina parou e reparou que as estátuas eram os dois irmãos seus. Não sabia o que fazer quando se lembrou que levava Água da Vida no cabacinho. Tirou-o da cintura, destapou e deixou cair umas gotas em cima das duas estátuas. Assim que a água bateu em cima da pedra, esta estremeceu e os dois moços voltaram a ser gente, abraçando a irmã. O caçador fez muita festa quando os viu voltar em paz e a salvamento.

Como todos os três tinham estrelas de ouro na testa, o caçador fizera três gorrinhos que eles usavam na cabeça, escondendo o brilho. Estavam os três tomando café na ceia quando uma velha parou e pediu esmola. Foram buscá-la para comer, sentando-a à mesa. A velha ia comendo calada, sem tirar os olhos dos três. De repente perguntou ao caçador se eram seus filhos. O caçador contou a história. A velha empurrou o prato e começou a chorar como uma condenada.

– Esses meninos são filhos do rei e quando nasceram eu fui matá-los, jogando-os no mar. Como não tive coragem

deixei, um de cada vez, debaixo do pé de pau onde o caçador os achou! Por minha culpa a santa mãe deles foi botada para fora do reinado e vive num convento de freiras como empregada, lavando o chão e comendo de esmola. Eu perdi tudo quanto me deram por esse serviço e estou arrependida dos meus pecados e quero ajudar a fazer a vontade de Deus!

Os dois meninos e a menina perdoaram logo e foram, sem perder tempo, ao convento das freiras onde encontraram sua mãe, que os abraçou chorando e veio com eles para a casa do caçador.

O rei não casara e só vestia branco, andando triste e suspirando. De tanto chorar com a dureza de sua sorte, cegou e não houve remédio de médico que desse melhora ao rei. Deu aviso que, quem soubesse de um bom remédio para a cegueira, fosse ao palácio que seria recompensado. Os três viram a mão de Deus nesse caso. Vestiram-se decentes e foram levando a Água da Vida. Chegaram e pediram para ver o rei. Quando entraram no salão e as duas tias foram vendo, reconheceram logo e ficaram da cor da cal das paredes. A menina pediu licença e molhou os olhos do rei com água. Logo recobrou a luz dos olhos e ficou sem ter onde botar os seus salvadores. Foi logo dizendo:

– Peçam o que quiserem!

Os três tiraram os gorrinhos da cabeça, aparecendo as estrelas de ouro, e se ajoelharam e disseram:

– Queremos só que o senhor nos bote sua bênção porque é nosso pai!

O rei avançou para eles como um doido, abraçando e chorando. As duas tias pularam por uma janela do palácio e se espatifaram nos lajedos da rua. Os meninos e a menina contaram tudo. O rei mandou logo buscar o caçador e a velha, dando muito dinheiro aos dois e foi, com os filhos e toda a corte, onde estava a mulher, pedindo perdão pelo mal que lhe fizera enganado.

A mulher perdoou tudo e ficou sendo outra vez rainha. O rei deu festas tão bonitas que as festas de hoje são feias comparadas àquelas. E todos foram muito felizes.

*Benvenuta de Araújo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Sílvio Romero registrou desse conto a versão de Sergipe, "Os três coroados". Teófilo Braga mais duas: "O Rei Escuta", da Ilha de S. Miguel, e "As cunhadas do rei", de Aião, no Minho. Ataíde Oliveira uma outra do Algarve, mais próxima às brasileiras. A mais antiga variante é a de Gonçalo Fernandes Trancoso, na primeira edição do seu "Histórias de Proveito e Exemplo", 1575, já registrando episódio popular e tradicional no povo português, "As irmãs invejosas" (p. 101 da coletânea que, de Trancoso, fez o prof. Agostinho de Campos) ou "A rainha virtuosa e as duas irmãs", resumido por Teófilo Braga, "*Contos Tradicionais*", IIº, 164º, p. 100. Não há no conto de Trancoso objeto miraculoso (pássaro que fala, árvore que canta, água da vida). Braga, citando Reinhold Kohler e Stanislau Prato, expõe longa bibliografia, mostrando a universalidade da história e seus estudos eruditos na Alemanha, França, Itália, Rússia, etc., idem p. 192-195. Alfredo Apell, "Contos Populares Russos", Lisboa, sem data (é 1920), publica duas variantes eslavas, "A árvore que canta e a ave que fala" e "As três irmãs", V e VI. Difícil será não ser encontrado o episódio nas literaturas orais da Europa e Ásia, subsequentemente América. Os árabes levaram ao Egito e à península ibérica de onde o recebemos. Está como era de esperar, nas "Mil e Uma Noites", nas aventuras do príncipe Ferid. Toda África setentrional o conheceu. É o Mt. 707 de Aarne-Thompson, *The Three Golden Sons*, com as inevitáveis variações, mas conservando o caráter típico. A maioria dos elementos componentes sobre-existem na presente versão, registradas na classificação de Antti Aarne e Stith Thompson. Três moças conversam propondo ofertas miraculosas se desposassem o rei, N 201; nasceria filho com estrela de ouro na testa, H 71.1; o rei chama-as e casa com a mais jovem, L 50 e L 162; as irmãs substituem os recém-nascidos e acusam a

rainha de ter tido um sapo (cão, cobra, toupeira, etc.), K 2115; as crianças são recolhidas por um caçador (vaqueiro, pescador, etc.), R 131.2, R 131.4 (ordenhador ou pescador); e prendem a rainha, S 401, ou expulsam-na do reino.

Na minha versão existem ainda: – Procura de água da vida (*Water of life*), H 1321; são transformados em estátuas ou colunas de mármore, D 232; a irmã os liberta, R 124, e se apodera da água da vida; são reconhecidos pelo pai e a mãe volta a ser rainha, Q 261. Os comentários de Apell são bem plausíveis, dando origem oriental ao conto e indicando os árabes como os veículos. Embora o episódio seja popular na Índia (*Frere Stokes*) não o recebemos dessa fonte. Uma versão de Cuenca, "Los siete infantes", recolheu o prof. Espinosa no seu "*Cuentos Populares Españoles*, nº 119º, p. 234, vol. IIº. As três filhas do alfaiate prometem, se casassem com o rei, ensombrar todo o palácio com uma vara de tela, fazer o mesmo com um palmo, e sobraria pano, e a terceira havia de ter sete filhos com uma estrela na testa. Criados por um moleiro, uma velha lhes deu uma *varita de virtú*. Fazem prodígios e acabam reconciliando a mãe com o pai.

A variante Straparola registrou, *Le Piacevoli Notti*, noite-3, fabula-4. Giam Francesco Straparola, de Caravaggio, faleceu em 1557. A edição *princeps* é de 1560. Li a edição de 1584, Venetia, *appareffo* Domenico Farri, pertencente ao bibliógrafo Batista Pereira, *le XIII Piacevoli Notti*. Esta variante é conhecida no Brasil e a ouvi em 1941. Ocorrem os três objetos mágicos, Água da Vida, Pássaro Encantado e a Fruta que Canta. Neste conto cita-se o Rei vestindo sempre branco, por viver triste. É o luto branco ainda oficial nas primeiras décadas do século XVI e que Garcia de Resende comentou a proibição "Miscellanea",... *vimos burel defendido*. O burel era branco. Ordenara-se o luto *pano de dó, negro*. No *El Libro de las Mil Noches e Una Noche*, trad. de Mardrus, XVI, 107-154, há uma versão, *Farizada la de sonriza de rosa*, correndo o Bulbul-el-Haar, o Pássaro que fala, Árvore que canta e Água cor de ouro.

# A Princesa Sisuda

Diz que era uma vez um rei muito bondoso e feliz mas se tornou triste porque sua filha única deixou de rir. Ficou sisuda e não havia quem a fizesse mostrar os dentes, fosse a que pretexto fosse. Com aquela penitência dentro do palácio o rei foi ficando diferente, e até cheio de raivas e de violência se tornou. Nem parecia o rei de outrora.

Aconselhado pelos doutores, o rei anunciou que dava a mão da princesa a quem a fizesse soltar uma boa gargalhada. O palácio ficou formigando de gente que ia tentar fazer a moça dar uma risada. Faziam todos caretas, davam saltos, contavam cousas engraçadas. Nada. Vieram até palhaços mas a princesa nem mostrou a cor dos dentes.

Começaram a vir as pessoas que moravam fora do reino mas tudo inutilmente. A moça não ria. O rei cada vez ia ficando pior.

Um rapaz que soube da notícia resolveu procurar fazer a princesa rir. Os vizinhos mangaram muito dele, contando o que sucedera com os outros. O rapaz era teimoso e fez ouvidos de mercador. Arranjou sua trouxa e veio para o reinado.

O rei marcou o dia para ele comparecer e o moço não perdeu ocasião. Subiu a escadaria, passando por muitos homens bem-vestidos e chegou ao salão onde estava o rei com a princesa. Um criado abriu a porta e ele entrou.

Quando viu o salão ricamente preparado, cheio de cadeiras douradas e de espelhos, com o chão coberto de tapetes, o rapaz ficou tão atrapalhado e confuso que nem se podia mexer do lugar. O criado, muito duro, quis empurrá-lo, mas o homenzinho, ainda mais acanhado, deu uma volta tão depressa que esbarrou no criado e ambos foram ao chão numa queda estrondosa, pernas para o ar, desarranjando tudo. Aquilo foi tão rápido que a princesa, que não tinha levantado os olhos, quando olhou, já os dois estavam esperneando por cima dos tapetes, derrubando as cadeiras. A princesa disparou numa gargalhada gostosa, que ecoou por todo palácio.

O rei ficou satisfeito mas, lembrando que prometera casar a filha com quem a fizesse rir, ficou muito sério e pensativo, imaginando como resolveria aquele caso.

Mandou chamar o rapaz e perguntou se ele não queria dinheiro em vez de se casar com a princesa:

– Não, senhor, quero é a princesa como rei meu senhor prometeu!

– Pois casar você não casa. Se quiser dinheiro eu dou. Não vou ter um genro da sua iguala...

O rapaz ficou acabrunhado e saiu do palácio. Ia por um caminho de cabeça baixa, quando viu três sombras. Olhou mais e enxergou que eram uma formiga, uma lagartixa e um rato, discutindo por causa de um bicho morto. O rapaz apartou a briga e dividiu tudo direitinho, dando uma parte para cada um. Os três bichinhos ficaram contentes e disseram:

– Quando precisar de um de nós, chame e será valido.

Voltando para o palácio o rapaz soube que o rei mandara convidar um príncipe muito formoso e rico para casar com sua filha. O rapaz correu para o caminho, chamou pelos três bichinhos. Esses compareceram imediatamente. O rapaz contou o que lhe sucedera e pediu auxílio. Os três bichinhos estiveram um tempo conversando, perguntando e combinando. Finalmente o rato deu o plano:

– Vou buscar uma raiz que você espreme e dá um suco que faz dor de barriga de matar. Quem beber esse suco não terá outro jeito senão evacuar seja onde estiver.

Assim mesmo foi. O rato trouxe a raiz e o rapaz espremeu o suco. A lagartixa levou-o para o quarto e a formiga, de gota em gota, devia botar na boca do príncipe adormecido.

Antes do casamento, o príncipe e a princesa passavam a noite juntos, como era costume naquele tempo. Só depois de três dias é que se fazia a cerimônia. Na primeira noite assim que o príncipe se deitou, o rapaz deu o remédio à lagartixa e esta subiu pela parede, passou as telhas e desceu pelo lado de dentro. A formiga recebeu e foi levando para a boca do príncipe. Este, no sono, lambia o beiço e o remédio ficava na garganta. E de gota em gota a mezinha ia fazendo efeito. O príncipe, mesmo sem acordar, sujou a cama toda com excrementos. A princesa acordou furiosa e botou o noivo para fora do quarto. De manhã disse ao rei que não queria um sujão daqueles para seu marido. O príncipe tanto pediu e tanto suplicou que a princesa deixou-o dormir mais uma vez no mesmo quarto.

Novamente o moço entregou o remédio à lagartixa e a formiga encarregou-se de levar à boca do príncipe. Com pouco mais, sem querer, o noivo fez outra desgraça na cama e foi expulso pela princesa, que ficou encarnada de raiva.

No outro dia o rei despedira o príncipe, e a princesa dizia que aquilo era castigo por ele não ter dado licença para ela casar com quem a fizera rir. Palavra de rei não volta atrás. O rei consentiu e o rapaz casou com a princesa. Foi uma festa que durou três dias e eu estive lá, comendo do bom e do melhor e não arranjei nada para vocês porque vim comendo no caminho.

*João Monteiro,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Na coleção do prof. Espínola há variante de Sevilha e Leão, “La Princesa que nunca se reía”, números 177 e 178. Mt. 559 de Aarne-Thompson, *Dungbeetle, the princess made to laugh*. Os motivos formadores, de minha versão, T 68.I, H 340, H 340.I, T 171, L 161.

A gratidão de animais pela boa divisão de caça é igualmente comum nos contos tradicionais. Tanto registrou Straparola, N-3, F-4, como Heli Chatelain num dos seus *Folk-Tales of Angola*, III, 65, *Na Nzua Dia Kimanaueze*.

# A Princesa e o Gigante

Diz que era uma vez um casal que tinha três filhas muito bonitas e um filho. De uma feita a mais velha estava passeando pelo bosque quando um leão apareceu e a carregou. Os pais ficaram muito tristes. Tempos depois a segunda filha era levada por uma águia, e a terceira, tomando banho, foi arrastada para o fundo do mar por um peixe. Os velhos só faltaram morrer de dor. Um ano passado, o rapaz que era forte e valente disse aos pais que queria correr mundo, procurando notícias de suas irmãs que ele sabia não estarem mortas. Os pais abençoaram o rapaz e este saiu.

Ia atravessando um descampado quando avistou um grupo de bichos discutindo. Aproximou-se e viu que era um leão, uma águia e um peixe dourado. Perguntou a razão da discussão e soube que era a divisão de um boi que morrera. O rapaz ofereceu-se para partidor. Os três aceitaram. O rapaz esquartejou o boi e deu a carne do lombo e das pernas ao leão. Deu as costelas, ossos etc., à águia e as tripas, bofes e mais miúdos ao peixe. Todos ficaram satisfeitos. O leão falou agradecendo e deu um fio de sua cabeleira. A águia deu uma pena e o peixe uma escama. O rapaz seguiu jornada.

Numa noite viu muito longe uma luz clara e tocou-se para lá. Era uma casa grande rodeada de muros altos. O rapaz notou que o muro estava cheio de bichos que iam e vinham como se montassem guarda. Ficou olhando,

escondido, quando viu por uma janela sua irmã passar, bonita, muito bem-vestida. O rapaz tanto fez que pulou o muro, fugindo dos bichos e conseguiu chegar até a sala onde encontrou sua irmã deitada. Quando esta o viu, reconheceu-o logo e o abraçou cheia de alegria.

– Eu sou casada com o rei dos animais. É um príncipe encantado no corpo de um leão. Se ele chegar e encontrar você, matá-lo-á com toda a certeza. Esconda-se aqui dentro deste armário.

O rapaz ficou dentro do armário. Ouviu um barulho e uns roncos furiosos. Depois o leão entrou para o banho e saiu um príncipe bonito e delicado. Foi jantar com a mulher e, no meio da refeição, ela disse:

– Marido, se aparecesse aqui o meu irmão, seu cunhado, que farias?

– Dava um abraço e convidava para comer comigo.

– Pois então – disse a mulher – saia do armário, meu irmão.

O rapaz saiu e o cunhado abraçou-o alegremente. Depois reconheceu nele o partidor do boi e ainda mais amigo ficou. Contou que estava encantado até o fim do mundo porque o gigante feiticeiro não podia morrer.

No outro dia o rapaz seguiu, informado do caminho para a casa da sua segunda irmã, casada com o rei das aves, morando no alto de uma montanha.

O leão, seu cunhado, havia dito que ele não teria dificuldade alguma se tivesse o fio de sua cabeleira apertado na mão. O rapaz fez o mesmo com a pena da águia e passou pelo meio dos pássaros que guardavam a

casa do rei, cada um enorme, com o bico preparado e afiado como uma espada.

Encontrou a segunda irmã feliz com seu marido, outro príncipe encantado pelo mesmo gigante. Pediu que ele se ocultasse até que ela sossegasse o marido. Assim sucedeu. A águia chegou bufando:

– Aqui me cheira a sangue real, aqui me cheira a sangue real!

A mulher acalmou-o. A águia entrou para uma banheira com água morna, largou as penas e ficou um homem alto e bonito. Durante o jantar a moça fez a mesma pergunta:

– Marido, se aparecesse aqui meu irmão, cunhado vosso, que faríeis?

– Oh! Dava um abraço e convidava para jantar comigo.

A mulher foi buscar o irmão e o cunhado tratou-o muito bem, reconhecendo que ali estava quem havia repartido a carne do boi. Ensinou o caminho para a casa do rei dos peixes, casado com a mais nova das três irmãs.

Só no segundo dia de viagem é que o rapaz pôde chegar à margem do mar. Apertou a escama e saiu das ondas o peixe dourado.

– Que queres?

– Ver minha irmã!

O peixe dourado mandou um peixe grandão buscar o rapaz no lombo, agarrado nas barbatanas, e mergulhou com ele para o fundo do mar. Havia um palácio de vidro e encontrou a irmã muito satisfeita com o marido. Contaram que o príncipe estava encantado por um gigante que não morria nunca.

O rapaz, pela manhã, pediu que lhe ensinassem a casa do gigante. Ficava muito longe, numas grutas, no reino de Acelóis.

Um peixe levou o rapaz até a praia. Lá ele apertou a pena e veio a águia que lhe conduziu no bico até o reino de Acelóis, apontando as grutas.

O rapaz foi indo, foi indo, rastejando, até que chegou perto e ouviu uma moça chorando. Perguntou por que chorava e ela disse que estava prisioneira de um gigante muito bruto e mau que queria porque queria casar com ela. Respondendo às perguntas do rapaz, a moça contou que o gigante não morria nunca porque tinha a vida muito bem guardada.

Quando ele chegar agrade, agrade e pergunte onde guarda a vida...

E foi embora para os arredores. O gigante chegou e a moça tratou-o bem, agradando-o, passando a mão nos cabelos, perguntou por que ele não morria. O gigante riu, mostrando a dentadura horrível:

– Não morro nunca porque minha vida está na raiz daquele pé de árvore...

A moça apercebeu que ele estava mentindo e assim que se viu sozinha correu e pôs água na árvore, enfeitou o tronco, tirando os garranchos e varrendo ao redor. Quando o gigante voltou e viu aquele agrado todo, ficou cheio de importância e convencido de que a moça estava gostando dele.

– Ontem eu disse que minha vida estava naquele pé de pau mas era brincando. Minha vida está dentro de uma

pombinha, a pombinha numa caixa, a caixa dentro de outra, esta numa terceira no fundo do mar.

A moça, logo que pôde, contou ao rapaz e este correu para a montanha onde chamou a águia. A águia levou-o até a praia e aí o rapaz chamou o rei dos peixes e pediu a caixa. Todos os peixes ajudaram e a caixa veio até a praia. Ninguém podia abrir. O rapaz chamou o leão e este os bichos mais fortes que rebentaram as caixas, mas a pombinha voou. Logo o rapaz socorreu-se do rei das aves e este mandou um gavião atrás da pomba que acabou voltando para a praia. O rapaz agarrou-a e ficou com um ovo na mão. O moço segurou o ovo e foi para a casa do gigante.

Lá chegando encontrou o gigante estirado, arquejando. O rapaz entrou e quebrou o ovo na testa dele. Ouviu-se um estrondo horroroso que fez estremecer tudo. As grutas viraram palácio lindo e os bichos todos desencantaram.

O rapaz casou com a princesa, mandou buscar os pais e ficou morando no palácio do gigante, cheio de riquezas. O leão, a águia e o peixe, príncipes, foram para seus reinados, mas vinham todos os anos passar uns tempos com o cunhado. E viveram na terra como anjos e no céu como santos.

*Benvenuta de Araújo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – É o Mt. 302 de Aarne-Thompson, *The Orgre's Heart in the Egg*. Os elementos da versão acima estão indicados, segundo o método de Stith-Thompson, em B 351, R 11, G 821, E 700, E 762. O conto pertence a um ciclo universal, existindo em todos os folclores conhecidos, desde a coleção de Grimm, nº 197, até entre os indígenas Zunis, onde Franz Boas registrou

uma variante, *Journal of American Folk-Lore*, XXXV, 76, nº 4. Na coleção de Teófilo Braga é o nº 8, do Algarve. No Brasil, Sílvio Romero publicou a versão *O Bicho Manjaléo*. Miss Marly Frère, na sua colheita de contos populares hindus (Índia do sul), *Old Deccan Days*, registrou o “Punchkin”, onde há o característico da *External Soul*, alma, vida, substância vital, externa.

# Couro de Piolho

Era uma vez uma princesa que estava sendo penteada pela ama quando esta encontrou um piolho no pente. A princesa ficou tão admirada com aquele achado que resolveu criar o piolho numa caixinha. O piolho cresceu tanto que, mudando de caixas, estava enorme. A princesa mostrou-o ao rei seu pai que mandou matar o bicho e tirar-lhe o couro para fazer o assento de uma cadeira para seu salão. Ordenou que a rainha e a princesa guardassem todo segredo e disse que dava a mão da filha em casamento a quem adivinhasse de que era feito o forro da cadeira real.

Como a princesa era muito bonita e rica, correram moços de todas as partes para a prova. Nenhum acertou. Os meses passavam e a princesa estava zangada com tanta demora no casamento. Primeiro vieram rapazes das primeiras famílias e depois os de menor fortuna, seguidos pelos pobres. Centenas e centenas de homens olhavam e tornavam a olhar a cadeira e não havia jeito em descobrir a que animal pertencera aquele couro esquisito.

Bem longe da cidade morava uma velha que tinha um filho chamado João, meio amalucado mas esperto. João, sabendo da promessa do rei, resolveu tentar a fortuna. A mãe debalde aconselhou-o a desistir daquela loucura. João nem ouviu. A velha preparou a matalotagem e o rapaz pôs-se a caminho.

Andou, andou, e quando anoiteceu estava perto da cidade, mas achou melhor dormir no mato. Amarrou a rede a uns galhos, fez o fogo, assou carne e ia comer quando apareceu um velhinho muito trêmulo, dizendo que estava morto de fome e de cansaço.

– Não faça cerimônia, homem de Deus, vá comendo e descanse.

O velho sentou-se, comeu, bebeu água, descansou. Lá para as tantas, João, com sono, e tendo apenas uma rede, ofereceu-a ao velho.

– Não quero. Deus lhe pague por tudo. Quero dar uma lembrança. Leve estes três fios da minha roupa. Quando se vir agoniado queime um deles e será valido.

Disse essas palavras e meteu-se pelo mato. João dormiu a noite inteira e pela manhã desarranchou-se e botou o pé na estrada com vontade.

Chegando, procurou o palácio do rei e um lugar para pousada. Deram-lhe agasalho bem pertinho do palácio. João andou rondando a casa do rei, vendo o movimento da gente que subia e descia as escadas.

No outro dia foi ao palácio e disse que queria adivinhar de que era feita a cadeira do rei. Mandaram-no subir, com outros rapazes. João, todo acanhado, ia suando frio. Quando entraram no salão, estava o rei, a rainha, a princesa e muitos homens importantes e bem-vestidos. Mostraram a cadeira bem no meio da sala. João foi olhando, de longe, e ouvindo as palavras dos outros:

– É couro de cobra!

– Não é!

– É couro de rato!

– Não é!

– É couro de lagartixa!

– Não é!

O rapaz esgueirou-se para o vão de uma janela, puxou um dos fios, queimou-o dizendo – quero saber de que é feito o forro daquela cadeira – e imediatamente veio à ideia a imagem do piolho. Ficou alarmado com tamanho absurdo mas, tendo confiança no velhinho, avançou para o meio da sala e esperou sua vez. Um criado chamou-o e o rei perguntou de que era feito o forro da cadeira.

– É couro de piolho!

– É mesmo. Acertaste!

Toda a gente bateu palmas e abraçou o rapaz. A princesa não achou graça naquele moço malvestido, sujo e com um ar desajeitado e palerma.

Houve um jantar com todas as variedades de comidas. Depois, o rei chamou João e lhe disse:

– Está tudo muito bem mas para você casar com a princesa deve cumprir outro preceito. Amanhã, pela manhã, receberá cem coelhos e deve levá-los para o campo e voltar pela tardinha, sem faltar um só.

João ficou certo de que guardar coelhos é o mesmo que juntar moscas. Não ficaria um só para exemplo. Mas, mesmo assim, aceitou e dormiu num quarto todo preparado. Pela manhã deram café e outras cousas e cem coelhos. Quando o rapaz saiu pelo portão do palácio não via mais um coelho que fosse. Tinham fugido todos.

João andou até o campo, deitou-se debaixo de uma árvore e queimou o segundo fio que tivera de presente:

– Quero um jeito para guardar esses coelhos!

Palavras não eram ditas, apareceu uma gaita, pequenina. João pegou e soprou. Saiu um apito estridente. Imediatamente os coelhos vieram correndo como uns loucos e se enfileiraram como soldados diante do rapaz. João espantou-os para que fossem comer. Pela tardinha apitou na gaitinha, juntou os cem coelhos e tocou-se para o palácio. Assim que chegou mandou dizer ao rei que contasse os bichos. Contaram. Estavam todos os cem.

No outro dia voltou com os cem coelhos porque a princesa estava maldando uma diabrura para não casar com João. Este chegou, deitou-se debaixo da árvore e os coelhos sumiram-se, pulando para todos os lados.

No pino do meio-dia apareceu uma das criadas da princesa, toda bonita e trajada. Vinha comprar um coelho por todo dinheiro que fosse. O rapaz, desconfiando, teve uma ideia. Disse que vendia o coelho por um beijo. Vai a criatura e aceitou o preço, dando o beijo. João entregou o coelho e a moça segurou o bichinho nos braços e botou-se para casa, bem depressa. Logo que João a perdeu de vista soprou a gaita e o coelhinho debateu-se com tanta força que arranhou a moça e voltou como um raio para junto dos outros.

A moça chegou triste e contou à princesa que não pudera trazer o coelho. A princesa disse que ela não tinha sabedoria e mandou outra. Aconteceu o mesmo, sendo que o preço subiu para dois beijos. A segunda moça voltou sem o coelho e a princesa veio, ela mesma, decidir a questão.

Encontrou João na sombra e puxou conversa, com muito rodeio e acabou falando na compra de um coelho.

– Só vendo se a princesa minha senhora me der a sua camisa.

A princesa zangou-se, mas, não tendo outro remédio, foi para trás de uma árvore, tirou a camisa e deu-a ao rapaz, recebendo o coelho. Enrolou o bichinho numa toalha e veio voando para o palácio. Nem passou o portão e já o coelho, ouvindo o apito da gaita, arrancava-se da toalha e voltava como uma flecha. A princesa nem olhou para trás, de furiosa.

De tarde o rapaz voltou e entregou os cem coelhos. O rei mandou-o chamar e disse:

– Amanhã eu reúno a corte toda e quero que você traga um saco cheio de mentiras.

João ficou desesperado com essa lembrança. Trancou-se no quarto e queimou o último fio:

– Quero um saco cheio de mentiras!

Ouviu umas vozes que ensinavam o que ele devia fazer.

No outro dia, o salão estava apinhado de gente, o rei, a rainha, a princesa e todas as criadas, espelhando de bem-vestidas. O rei chamou João, mandou entregar-lhe um saco e disse:

– Vamos, encha esse saco de mentiras, na vista de todos que aqui estão.

O rapaz pegou no saco, abriu-lhe a boca, segurando-a com a mão esquerda e, estirando a direita, como se tirasse uma fruta do pé, começou a falar:

– Por um coelhinho fujão a criada da princesa me deu um beijo. É mentira ou não?

– É mentira – gritou a criada que dera o beijo.

João fez que metia uma cousa dentro do saco e declarou:

– O saco está enchendo!

– Por um coelhinho fujão a outra criada da princesa me deu dois beijos. É mentira ou não?

– É mentira! É mentira! – gritava a outra criada, que dera dois beijos.

– Saco meio! – dizia o rapaz. E gritando:

– Por um coelhinho fujão a princesa minha senhora me deu sua camisa. É mentira ou não?

– É a mentira maior do mundo! – gritou a princesa.

– Saco cheio! Saco cheio, Rei meu senhor!

– É verdade – declarou o rei –, o saco está cheio. Falta saber se a princesa quer mesmo casar com você.

João olhou para a princesa e esta, que já estava gostando dele, balançou a cabeça que sim. Casaram e foi uma festa de arromba. Eu lá estive e comi de tudo e trouxe uma compoteira de doce para vocês, mas na ladeira do Conclis dei uma queda e quebrei o nariz...

*Luísa Freire,*
*Macaíba, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Na coleção Espinosa há três variantes espanholas desse conto, sob os números 9, 10 e 11, “Piel de piojo y aro de hinojo”, “El traje de piojo” e “El pandero de piojo”, ouvidas em Santa Fé (Granada), La Guardia (Pontevedra) e Zamora, *Cuentos Populares Españoles*, I, 50, 54, 55. Não há o velho misterioso (santo feiticeiro, alma protetora) com o presente dos três fios da roupa. O conto é corrente na Europa do norte. É o Mt. 621 de Aarne-Thompson. O resumo de Antti Aarne refere a traje feito com o couro do piolho, *The Louse-Skin*. O final da minha versão é o Mt. 852 de Aarne-Thompson, *The Hero Forces the Princess to Say* “*That is a Lie*”, a princesa a quem fizer dizer *isto é uma mentira* (H. 345).

Há nos contos populares portugueses o *saco cheio de mentiras*. No *El Livro de las Mil Noches y una Noche*, de J. C. Mardrus, vol. XXII, 81-101, há uma versão oriental popular, “História de Baibars y los Capitanes de Policia – História contada pelo 6º Capitan de Policia”.

# O Chapelinho Vermelho

Uma senhora viúva tinha uma filha de dez anos, que era o seu enlevo. Sempre que se aproximava o dia do aniversário de Laura, a mãe a levava à cidade e escolhia um presente ao gosto da pequena. No seu décimo aniversário, ela desejou possuir uma sombrinha cor vermelha, que a mamãe comprou. Desde então não saía a passeio sem a sombrinha, as meninas vizinhas puseram-lhe a alcunha de “Chapelinho Vermelho”.

Certa vez a mãe de Laura preparou um bolo para a filha levar à casa de sua avó, à beira de uma floresta. Recomendou-lhe que fosse pelo caminho sem dele se desviar, porque no mato havia bichos maus.

Laura tomou o bolo e a princípio observou a recomendação; mas em dado ponto do itinerário, viu uma borboleta azul que era uma beleza e quis segurá-la. A borboleta voou para a mata; Chapelinho Vermelho seguiu-lhe a pista até um recanto onde se lhe deparou um vulto de olhos de fogo, que a fitou demoradamente: era um lobo que logo se aproximou, perguntando o que viera fazer ali.

Respondeu a menina que levava um bolo à sua avó e, vendo uma borboleta, seguiu-a até a paragem onde se achava.

A isso respondeu o interlocutor:

– Você é que está um bolo bom de comer. – E prosseguiu:

– Diga-me uma cousa, menina: sua avó mora só?

– Sim, senhor.

– E você quando lá chegar como faz para ela lhe abrir a porta?

– Eu bato e ela pergunta: “– Quem está aí?” Respondo: “– É Chapelinho Vermelho, sua neta, que lhe vem trazer um bolo”. Vovó diz, então: “– A chave está por baixo da porta, presa ao cordão cuja ponta se vê de fora”. Eu abro a porta e entro, porque minha vovó já custa a se levantar da cama.

Informado o lobo, concluiu a ingênua criança:

– Agora, peço que o senhor me indique a direção que devo seguir para achar com presteza o caminho e me perdoe ter entrado em seus domínios sem lhe pedir licença. Não foi por mal e só por causa da borboleta.

O lobo apontou-lhe um rumo errado e partiu pela floresta como uma flecha, até descobrir a casa da avó de Laura, onde, imitando a voz desta e pondo em prática as informações colhidas, entrou e chegando ao quarto engoliu a pobre da velha, tendo antes fechado a porta de entrada e posto a chave no lugar de costume.

Assim satisfeito, deitou-se na cama da vítima e cobriu-se o melhor que pôde. Decorrido um certo espaço de tempo, chega Chapelinho Vermelho e, depois das perguntas e respostas costumeiras, entra, ignorando tudo que se havia passado com a velha, não tendo, entretanto, fechado, por esquecimento, a porta da rua.

Ao penetrar no quarto, depôs o bolo em um móvel e notando que a suposta avó estava toda enrolada na cama, inquiriu:

– Vovó, você parece que está com muito frio?

Teve em resposta:

– Muito frio, minha neta.

– Vovó, por que é que você está com as orelhas tão compridas?

– É para ouvir bem, minha neta.

– E por que vovó está com a boca tão grande?

– É para devorar-te. – E segurando Laura, engoliu-a, como antes o fizera à velha avó.

Nos arredores da vivenda da pobre velha morava um caçador cujas ovelhas de vez em vez eram dizimadas por esse mesmo lobo e o caçador andava-lhe no encalço. Passando por perto daquela habitação, quase sempre via a avó da menina à janela e com ela conversava; mas, na tarde de que se trata e em que ocorreram tão graves acontecimentos, olhou e não a viu. Intrigou-o a circunstância de se achar aberta a porta da rua. Caminhou para o lugar indicado e entrou na sala; silêncio absoluto!

Pé ante pé foi até o quarto e, desde logo vendo o lobo, imaginou o que teria sucedido.

Tomou da faca e sangrou-o. Examinando o animal de perto, verificou que estava com o ventre entumescido; abriu-o e eis que saltam as duas vítimas que lhe relataram quanto haviam sofrido do feroz animal.

Chapelinho Vermelho e o caçador transportaram a velha, que ficou desde então morando com a filha e a neta. Desde esse dia Laura nunca mais se esqueceu das recomendações e conselhos maternos.

*Desembargador Afonso Cláudio,*

*“Trovas e Cantares Capixabas”, p. 121. Rio de Janeiro, 1923.*

**Nota** – Toda Europa e continente americano conhecem Chapelinho Vermelho, *Le Petit Chaperon Rouge*, que Charles Perrault, desde o século XVII, imprimiu. No conto francês não há nome para a *petite fille de village*. O lobo devora a avó, mete-se no leito e o diálogo com Chapelinho Vermelho é mais longo, incluindo as perguntas sobre o tamanho dos braços, pernas, orelhas e finalmente os dentes. O lobo *se jetta sur le petit Chaperon Rouge, et la mangea*. Acabou-se a história, bem inexplicavelmente porque as histórias populares não acabam em tragédia e tristeza. A versão alemã dos irmãos Grimm é mais acorde com o espírito do povo. Tem o final da variante brasileira que o Des. Afonso Cláudio registrou no Estado do Espírito Santo. A diferença é que o caçador abre o ventre do lobo, retira as vítimas e as substitui por pedras. O lobo acorda e morre. O caçador ganha a pele do monstro e tudo se passa alegremente. Nas versões brasileiras que conheço, impressas e orais, há sempre o chapéu vermelho, que o Des. Afonso Cláudio trocou pela sombrinha. A intenção é ensinar às mocinhas a evitar conversa com estrangeiros. Especialmente desconhecidos de falas doces e amáveis. Perrault poetou, fechando seu conto:

*Mais, hélas qui ne sçait que ces loups doucereux*
*De tous le loups sont les plus dangereux!*

# A Bela e a Fera

Era uma vez um rico mercador que tinha três filhas, cada qual a mais bela. Depois empobreceu e foi morar longe da cidade, onde pudesse esconder a vergonha de sua pobreza. As filhas mais velhas ficaram muito tristes com isso, por não poderem mais sustentar o luxo de que tanto gostavam. A mais nova, que se chamava Bela, acomodou-se à sorte e tudo fazia por consolar o velho pai.

Vai senão quando o mercador teve notícia de um bom negócio numas terras muito distantes e, para tentar ainda o fado, partiu para lá. Ao despedir-se perguntou às filhas o que queriam que lhes trouxesse, caso fosse feliz nos negócios.

A mais velha disse que queria um rico piano; a do meio pediu um vestido de seda e a mais nova respondeu que não pretendia nada, senão que ele fosse muito feliz e a abençoasse.

O pai, que esta era a filha que ele mais prezava, insistiu com Bela que escolhesse também alguma prenda.

– Pois bem, meu pai, quero que me traga a mais linda rosa do mais lindo jardim que o senhor encontrar.

O mercador partiu e não lhe correram os negócios como esperava. Vinha regressando muito acabrunhado, em noite tenebrosa, sem mais esperanças de encontrar pousada, quando, em meio de um bosque, viu brilhar muitas luzes. Tocou para lá. Era um rico castelo. Bateu à

porta longo tempo: ó de casa!, e ninguém respondeu. Em vista disso foi entrando e percorrendo toda a casa, sem lhe aparecer viva alma. Por fim viu surgir um criado de farda que lhe veio dizer que o jantar estava à mesa. O hóspede foi para a sala de jantar e lá encontrou um perfeito banquete. Comeu com apetite. Mas não tornou mais a ver o criado, senão quando este o veio avisar de que eram horas de dormir, mostrando-lhe em seguida o mais belo quarto que se podia imaginar.

Estava muito admirado de tudo quanto via e achava tudo aquilo muito misterioso; mas, enfim, estava fatigado e com sono. Adormeceu sonhando com a sua filha Bela.

De manhã ergueu-se, disposto a continuar a viagem. Saiu para o pátio, a fim de tomar o animal, mas quando avistou o jardim do castelo lembrou-se logo do pedido de Bela, e como visse a mais linda rosa que jamais seus olhos haviam contemplado, foi logo colhê-la. Quando a teve nas mãos, pensando no contentamento que ia dar à filha, surgiu de súbito um monstro, uma fera horrível, com estas palavras:

– Ah!... desgraçado! Em paga de eu te haver acolhido em meu palácio, vens roubar-me o meu sustento! Pois não sabes que eu me alimento só de rosas?

– Eu não sabia – respondeu o mercador muito vexado. – Errei, confesso. Mas eu queria levar esta flor à minha filha mais nova, que me pediu de lembrança a mais linda rosa que eu encontrasse. Posso, entretanto, restituir-lha. Aí a tem.

– Não; leve a flor, mas com a condição de trazer-me aqui a primeira criatura que avistar em sua casa, quando

chegar. ·

Como não tinha outro remédio, o mercador aceitou a condição imposta e partiu com a flor.

Em caminho ia pensando no caso, mas estava certo de que tudo se resolveria bem, porque a criatura que sempre vinha ao seu encontro era a cachorrinha da casa. Assim não aconteceu. Ao chegar, a primeira criatura que ele avistou foi sua filha Bela, a quem entregou a rosa, contando-lhe tudo o que havia acontecido e lamentando a sua infelicidade.

– Lá por isso não seja, meu pai, pois irei, e a Fera há de se apiedar de nós.

No outro dia foram ter ao castelo, onde tudo se passou como anteriormente.

Quando, pela manhã, a moça colheu a rosa, a Fera apareceu, mas a rapariga se pôs a achá-la muito bonita e acariciá-la. O monstro apaziguou-se e o mercador, chegando a hora de partir, despediu-se, chorando, da filha que ali ficou vivendo.

Algum tempo depois Bela mostrou desejo de tornar a ver o pai, mas a Fera não quis que ela se afastasse dali. Mandou chamar o velho, que veio logo num átimo. Lá passou uns dias e quando foi para voltar disse à Fera que lhe entregasse a menina. A Fera respondeu-lhe que nem por tudo deste mundo lhe tornava a dar, que podia vir vê-la quando entendesse. E lá por dinheiro não, que fosse ao seu tesouro e levasse as riquezas que quisesse.

O mercador voltou rico para casa.

Passado algum tempo, a Fera chamou a moça e lhe disse:

– Tua irmã mais velha acaba de casar-se.

– Como sabes disto?

– Queres vê-la?

– Sim, eu queria.

A Fera levou-a a um quarto encantado e mostrou-lhe um espelho onde ela viu a irmã, no braço com o noivo, ao lado dos pais e dos convidados.

Bela pediu então com muita brandura que a deixasse ir à casa.

E a Fera disse-lhe:

– Se eu deixasse, você não voltaria aqui.

A moça jurou que não seria assim tão ingrata e prometeu voltar ao fim de três dias.

A Fera consentiu, mas disse-lhe:

– Se não voltares em três dias, me encontrarás morto. Leva este anel e não tires do dedo, porque se o tirares, me esquecerás.

A moça foi, visitou a família e contou às irmãs tudo que era passado e disse-lhes que se sentia feliz. As outras, com inveja, na noite que completava o terceiro dia, esconderam-lhe o anel e ela não se lembrou mais da Fera.

O pobre animal, ao tempo que Bela ia-se esquecendo, ia também amofinando. A irmã casada contou ao marido o que havia feito com a outra e ele que era um homem sério obrigou-a a entregar o anel à irmã. Dito e feito. Logo que teve o anel no dedo, Bela de tudo se lembrou novamente. Partiu sem demora e chegou ao castelo quando se completavam três dias e meio que dali havia se ausentado.

Procurou o *bicho* por todos os aposentos, chamou-o muitas vezes, mas não tornou a vê-lo, até que por fim foi dar com ele quase moribundo, estendido entre as gramas do jardim.

Supôs que estivesse morto e, como muito o estimava, quis dar-lhe um beijo. Quando o beijou, a Fera, de repente, transformou-se num belo príncipe.

Estava encantado. Bela, com aquele beijo, lhe tinha quebrado o encanto e o príncipe recebeu-a em casamento.

*(Contada por uma senhora de Cataguases, Minas),*
*Lindolfo Gomes, "Contos Populares, narrativas maravilhosas*
*e lendárias, seguidas de cantigas de adormecer,"*
*da tradição oral, no Estado de Minas,*
*vol. II, p. 59, São Paulo, s. d.*

**Nota** – *A Bela e a Fera*, na versão brasileira de Minas Gerais, é uma das mais completas. Sua universalidade é registrada pelos folcloristas. O prof. Lindolfo Gomes, como John Thackray Bunce, liga-a ao mito de Cupido e Psiquê, o episódio que Apuleio nos conta no "Metamorfoses". Há detalhes que recordam milhares de outros contos, já sem idade, pela velhice, como Urvasi e Pururavas, divulgado por Max Müller. Perrault e Grimm deram as versões do idioma francês e alemão. Sir George Webbe Dasent, na coleção dos "Populars Tales from the Norse" (1888), registrou a *Bela e a Fera* nórdicas, na linda história da "Terra a leste do Sol e a oeste da Lua". *A Fera* é um Urso Branco, como na variante basca de Webster ("*La Belle et la Bête*") é uma grande serpente. Os enredos diferem, tanto o do dr. Dasent como o de Webster, que são mais complexos, com muitas peripécias e convergências. É o Mt. 425 C de Aarne-Thompson, com o elemento D 735, desencantamento por um beijo.

A promessa de entregar (sacrificar) quem primeiro visse no seu regresso articula o conto com as raízes mais antigas da tradição religiosa. Jefte prometeu oferecer em holocausto *aquilo que, saindo da porta de minha casa, me sair ao encontro*, vencendo ele os Amonitas, *Juízes*, 11, 30-31. Vitorioso, saiu-lhe ao encontro sua filha e o Gileadita a imolou, 34-40.

Estudei este elemento, muito comum e clássico na literatura oral e lendária, no “Voto de Idomeneu”, *Anúbis e Outros Ensaios in Superstição no Brasil*, Belo Horizonte, 1985[11]. A redação de “La Belle et la Bête” é de Jeanne Marie Le Prince de Beaumont, 1711-1780, aproveitando conto oral que, por este intermédio, obteve divulgação imediata nos livros infantis da época.

**11** Em *Superstição no Brasil*. Edição atual – 5. ed. São Paulo: Global, 2002. (N.E.)

# A Moura Torta

Era uma vez um Rei que tinha um filho único, e este, chegando a ser rapaz, pediu para correr mundo. Não houve outro remédio senão deixar o Príncipe seguir viagem como desejava.

Nos primeiros tempos nada aconteceu de novidades. O Príncipe andou, andou, dormindo aqui e acolá, passando fome e frio. Numa tarde ia ele chegando a uma cidade quando uma velhinha muito corcunda, carregando um feixe de gravetos, pediu uma esmola. O Príncipe, com pena da velhinha, deu dinheiro bastante e colocou nos ombros o feixe de gravetos, levando a carga até pertinho das ruas. A velha agradeceu muito, abençoou e disse:

– Meu netinho, não tenho nada para lhe dar: leve essas frutas para regalo, mas só abra perto das águas correntes.

Tirou do alforje sujo três laranjas e entregou ao Príncipe, que as guardou e continuou sua jornada.

Dias depois, na hora do meio-dia, estava morto de sede e lembrou-se das laranjas. Tirou uma, abriu o canivete e cortou. Imediatamente a casca abriu para um lado e outro e pulou de dentro uma moça bonita como os anjos, dizendo:

– Quero água! Quero água!

Não havia água por ali e a moça desapareceu. O Príncipe ficou triste com o caso. Dias passados sucedeu o mesmo. Estava com sede e cortou a segunda laranja.

Outra moça, ainda mais bonita, apareceu, pedindo água pelo amor de Deus.

O Príncipe não pôde arranjar nem uma gota. A moça sumiu-se como uma fumaça, deixando o Príncipe muito contrariado.

Noutra ocasião o Príncipe tornou a ter muita sede. Estava já voltando para o palácio de seu Pai. Lembrou-se do sucedido com as duas moças e andou até um rio corrente. Parou e descascou a última laranja que a velha lhe dera. A terceira era bonita de fazer raiva. Muito e muito mais bonita que as duas outras. Foi logo pedindo água e o Príncipe mais que depressa lhe deu. A moça bebeu e desencantou, começando a conversar com o rapaz e contando sua história. Ficaram namorados um do outro. A moça estava quase nua e o Príncipe viajava a pé, não podendo levar sua noiva naqueles trajes. Mandou subir em uma árvore, na beira do rio, despediu-se dela e correu para casa.

Nesse momento chegou uma escrava negra, cega de um olho, a quem chamavam a Moura Torta. A negra baixou-se para encher o pote com água do rio mas avistou o rosto da moça que se retratava nas águas e pensou que fosse o dela. Ficou assombrada de tanta formosura.

– Meu Deus! Eu tão bonita e carregando água? Não é possível... – Atirou o pote nas pedras, quebrando-o e voltou para o palácio, cantando de alegria. Quando a viram voltar sem água e toda importante, deram muita vaia na Moura Torta, brigaram com ela e mandaram que fosse buscar água, com outro pote.

Lá voltou a negra, com o pote na cabeça, sucumbida. Meteu o pote no rio e viu o rosto da moça que estava na árvore, mesmo por cima da correnteza. Novamente a escrava preta ficou convencida da própria beleza. Sacudiu o pote bem longe e regressou para o palácio, toda cheia de si.

Quase a matam de vaias e de puxões. Deram o terceiro pote e ameaçaram a negra de uma surra de chibata se ela chegasse sem o pote cheio d'água. Lá veio a Moura Torta no destino. Mergulhou o pote no rio e tornou a ver a face da moça. Esta, não podendo conter-se com a vaidade da negra, desatou uma boa gargalhada. A escrava levantou a cabeça e viu a causadora de toda sua complicação.

– Ah! É vossimicê, minha moça branca? Que está fazendo aí, feito passarinho? Desça para conversar comigo.

A moça, de boba, desceu, e a Moura Torta pediu para pentear o cabelo dela, um cabelão louro e muito comprido que era um primor. A moça deixou. A Moura Torta deitou a cabeça no seu colo e começou a catar, dando cafuné e desembaraçando as tranças. Assim que a viu muito entretida, fechando os olhos, tirou um alfinete encantado e fincou-o na cabeça da moça. Esta deu um grito e virou-se numa rolinha, saindo a voar.

A negra trepou-se na mesma árvore e ficou esperando o Príncipe, como a moça lhe tinha dito, de boba.

Finalmente o Príncipe chegou, numa carruagem dourada, com os criados e criadas trazendo roupa para vestir a noiva. Encontrou a Moura Torta, feia como a

miséria. O Príncipe, assim que a viu, ficou admirado e perguntou a razão de tanta mudança. A Moura Torta disse:

– O sol queimou minha pele e os espinhos furaram meu olho. Vamos esperar que o tempo melhore e eu fique como era antes.

O Príncipe acreditou e lá se foi a Moura Torta de carruagem dourada, feito gente. O rei e a Rainha ficaram de caldo vendo uma nora tão horrenda como a negra. Mas, palavra de Rei não volta atrás e o prometido seria cumprido. O Príncipe anunciou seu casamento e mandou convite aos amigos.

A Moura Torta não acreditava nos olhos. Vivia toda coberta de seda e perfumada, dando ordens e ainda mais feia do que carregando o pote d'água. Todos antipatizavam com a futura Princesa.

Todas as tardes o Príncipe vinha despairecer no jardim e notava que uma rolinha voava sempre ao redor dele, piando triste de fazer pena. Aquilo sucedeu tantas vezes que o Príncipe acabou ficando impressionado. Mandou um criado armar um laço num galho e a rolinha ficou presa. O criado levou a rolinha ao Príncipe e este segurou com delicadeza, alisando as peninhas. Depois coçou a cabecinha da avezinha e encontrou um caroço duro. Puxou e saiu um alfinete fino. Imediatamente a moça desencantou-se e apareceu bonita como os amores.

O Príncipe ficou sabendo da malvadeza da negra escrava. Mandou prender a Moura Torta e contou a todo o mundo a perversidade dela, condenando-a a morrer queimada e as cinzas atiradas ao vento.

Fizeram uma fogueira bem grande e sacudiram a Moura Torta dentro, até que ficou reduzida a poeira.

A moça casou com o Príncipe e viveram como Deus com seus anjos, querida por todos. Entrou por uma perna de pinto e saiu por uma de pato, mandou dizer El-Rei Meu Senhor que me contassem quatro...

*Lourenço Maria da Conceição,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Com o mesmo título Sílvio Romero registra a versão popular brasileira, *Folclore Brasileiro* – Contos Populares do Brasil, Belo Horizonte, 1985, vol. 87, nº 14, Coleção Reconquista do Brasil (Nova Série). É um dos contos mais divulgados na literatura oral do mundo. O prof. Walter Anderson, da Universidade de Kiel, prepara um volume dedicado exclusivamente às "Três Cidras de Amor". É o nº 46 da coleção de Teófilo Braga. Mt. 408 do "Types of Folk-Tales" (Aarne-Thompson), *The Three Oranges*. Braga cita as variantes da Ilha de São Miguel dos Açores em que as cidras são substituídas pelas nozes, talqualmente na versão italiana de Perugia, recolhida por Stanislau Prato, *Le tre noci fatate*. Aurélio M. Espinosa, da Universidade de Stanford, Califórnia, estudou a classificação deste conto, "La Classificación de los Cuentos Populares", separata do Boletim de la Academia Española, tomo XXI, p. 175-208, Madrid, 1934, e divulga as variantes de Toledo e Cuenca, "Cuentos Populares Españoles", tomo IIº, p. 120-121, 236-239, Stanford University, Califórnia, 1924. Ocorre ainda no "Pentamerone", IX, 5, anotada por Penzer. As indicações de Espinosa, IIº, 460, da edição espanhola de 1947, são definitivas. Bolte e Polivka, anotadores dos contos dos Grimm, indicam ampla bibliografia e variante, "*Anmerkungen Zu den Kinder und Hausmarchen der Bruder Grimm*, vols. IIº, 125 e IVº, 125. Ver minhas notas a Sílvio Romero, IIIº, 113-114, com extensão maior bibliográfica. Tanto Soropita, amigo de Luís de Camões, cita as Cidras de Amor, como Gregório de Matos comparava as três filhas de Vasco de Souza de Paredes na Capela do Sitiá de Caípe na Bahia *mais que as três Cidras de Amor*.

O princípio da versão que registro é diversa das conhecidas. O princípio e o final dos contos populares são as partes que sofrem maiores alterações.

# Pedro, José e João

Era uma vez um velho muito rico e viúvo que tinha três filhos bonitos e fortes. Quando nascia um deles, o pai plantava uma árvore. Os três se fizeram homens e cada um possuía um cavalo, um cachorro, uma espada e o pé de pau.

Duma feita, chegando na idade de sair pelo mundo, o mais velho, Pedro, procurou o velho e pediu para deixar a casa.

– Pode sair. Quer minha bênção com pouco dinheiro ou minha maldição com muito dinheiro?

– Quero muito dinheiro, meu Pai. Bênção é luxo.

O Pai deu muito dinheiro a ele, mandou selar o cavalo, afiar a espada e soltar o cachorro. Pedro montou e seguiu jornada, contente como quê. No fim de uns dias ouviu, lá ao longe, uma voz cantando:

– Tinga sala ó menga! Tinga sala ó menga!

Botou-se no rumo. Deu com um casarão cercado de alpendres. No meio do terreiro uma velha estava pilando café num pilão que era um enorme. Pedro saltou e pediu arrancho. A velha olhou e disse:

– Eu deixo se o meu netinho amarrar o cavalo naquele fio de linha, e também o cachorro e a espada porque tenho muito medo...

Pedro desapeou e amarrou o cavalo no fio de linha que era um cabelo. A velha tirou outro fio da cabeça e

sugigou o cachorro e com um terceiro cabelo inquiriu a espada.

– Entre, meu netinho!

Pedro entrou e foi servida uma ceia muito boa. Quando acabou, a velha levou ele para o alpendre e disse:

– Meu netinho tem força? Quer brincar de queda de corpo comigo, para distrair?

– Ora, minha avó, que ideia!

Assim que a velha o segurou, Pedro sentiu que ela podia com dez homens. Lutou, lutou e vendo que era subjugado, gritou:

– Me acode, meu cavalão!

– Engrossa, engrossa, meu cabelão! – respondeu a velha.

O cavalo dava coices e bufava como uma fera, mas não conseguiu quebrar o cabelo que se virava numa corrente de ferro. Pedro gritou:

– Me acode, meu cachorrão!

– Engrossa, engrossa, meu cabelão! – E o cachorro não pôde acudir, preso numa corda forte como um cabo de linho. Pedro gritou, já cai não cai:

– Me acode, meu espadão!

– Engrossa, engrossa, meu cabelão! – E a espada não saiu da bainha porque o cabelo da feiticeira fez um emaranhado de fio de aço. Pedro caiu e a velha amarrou-o e sacudiu-o num alçapão onde estavam muitos cavaleiros que tinham sido vencidos pela velha.

Na manhã seguinte, José, o segundo filho, olhou para a árvore de Pedro e reparou que estava murcha. Procurou o Pai imediatamente:

– Meu Pai, Pedro está doente ou preso. Quero correr mundo e ir livrá-lo.

– Quer minha bênção com pouco dinheiro ou minha maldição com muito dinheiro?

– Dinheiro faz tudo. A bênção vem depois.

Sucedeu o mesmo. Teve o dinheiro, enchendo as bruacas. Selou o cavalo, meteu a espada na bainha, chamou o cachorro e largou-se na estrada.

Dias depois, tardinha, ouviu o pilão batendo e a voz cantando:

– Tinga sala ó menga! Tinga sala ó menga!

Tocou o cavalão no rumo e viu a mesma velha, pilando milho. Pediu arrancho e teve a mesma resposta. Aceitou os pedidos e amarrou o cavalo, o cachorro e a espada com fios de cabelo que a feiticeira deu. Entrou, jantou e a velha convidou-o para brincar de queda de corpo. José era forte como um touro e pegou a velha como quem pega uma boneca. A velha livrou-se e agarrou-o com mão de ferro. Principiou a briga feia. Lá para as tantas a velha foi derrubando José e este valeu-se da garganta, gritando pelo cavalo, pelo cachorro e pela espada, e não foi valido porque o cabelo da velha se transformara em correntes e fios de ferro puro. José caiu e a velha jogou-o no subterrâneo, como os outros.

Na manhã, João, o mais moço, viu a árvore de José toda murcha, com as folhas amarelas. Procurou o Pai.

– Meu Pai, estou na idade de correr mundo. A árvore de José está murcha, dizendo que ele está em perigo de morte. Quero sair também...

– Pode sair. Quer minha bênção com pouco dinheiro ou minha maldição com muito dinheiro?

– Quero sua bênção sem dinheiro. Não há ouro deste mundo que pague a bênção de um pai.

O Pai deu mais dinheiro do que aos outros. João montou o cavalo, amarrou a espada na cintura e seguiu viagem, acompanhado pelo cachorro.

Andou, andou, andou. Numa tarde, ao sol se pôr, ouviu a pancada do pilão e a voz cantando:

– Tinga sala ó menga! Tinga sala ó menga!

Botou-se mais que depressa para a direção e encontrou a velha pilando arroz. Saltou e pediu descanso. A velha fez as propostas que tinha feito. João ficou desconfiado de um cabelo segurar um cavalo, um cachorro e uma espada. Desceu do animal, fingindo aceitar, e fez que amarrava o cavalo, o cachorro e a espada.

A velha levou-o para dentro e deu de jantar. Depois saíram para espairecer e convidou o rapaz para uma queda de corpo. João aceitou. Foram lá e foram cá, brigando no duro, mas a velha era forte como um leão. O rapaz notou que seria vencido bem depressa e pediu socorro:

– Me acuda, meu cavalão!

– Engrossa, engrossa, meu cabelão! – O cabelo virou cadeia de ferro mas caiu no chão porque não estava segurando o pescoço do cavalo. Este voou para cima da velha, aos coices, seguido pelo cachorro e pela espada que acabaram com a velha em dois tempos, às dentadas e furadas.

Assim que a velha caiu e morreu, João ouviu um vento passar pela casa. Abriram-se todas as portas e saíram os prisioneiros, muito contentes agradecendo o favor que o rapaz lhes fizera. Os quartos estavam cheios até a cumeeira de ouro e todos disseram que João era dono de tudo.

Apareceram cavalos e os homens foram-se embora. Os três irmãos ficaram juntos, abraçados. Pedro então perguntou o que se devia fazer com o corpo da velha.

– Enterra-se – disse José.

– Queima-se – disse João.

Resolveram queimar. Fizeram uma fogueira bem fornida e sacudiram a feiticeira dentro, atiçando o fogão que subiu, clareando tudo. De repente ouviu-se um estouro terrível que abalou a casa e os galhos das árvores vieram até o chão. Rebentara o fígado da velha e pularam fora três ovos, grandes e brancos como ovos de ema.

Os três irmãos dividiram os ovos. Embora tivessem comido muito bem, acharam gosto em comer os ovos. Foram para dentro e Pedro quebrou a casca do primeiro ovo.

Saiu uma moça bonita como os primores:

– Dê-me água, pelo amor de Deus! Água depressa! – pediu ela.

Pedro sem perder tempo entregou o coco cheio d’água. A moça bebeu e sorriu para ele. Sentou-se e explicou dizendo que ela era filha do Rei e estava com duas irmãs, dentro dos ovos há mais de cem anos.

José quebrou logo o seu e viu aparecer a moça ainda mais bonita que a de Pedro:

– Dê-me água, pelas chagas de Cristo! Água mais-que-depressa!

José entregou o coco d'água e a moça se satisfez, quebrando o encanto.

João, por sua vez, partiu o ovo e a moça que estava dentro da casca era uma verdadeira santa de bonita. Muito mais do que as duas juntas. Parecia o Sol. Bebeu água e ficou conversando com as irmãs e os três irmãos, todos muito alegres.

Resolveram casar logo que chegassem na cidade onde o pai das moças era Rei. Montaram a cavalo e as moças numa liteira e seguiram jornada, deixando a casa amaldiçoada pegando fogo.

Na cidade do Rei casaram e cada qual ficou em sua casa que era um palácio. João era o querido do sogro por ter desencantado e vencido a velha feiticeira, que fizera prisioneiros muitos homens e tomara riquezas sem conta. As duas princesas e os maridos ficaram enciumados e aborrecidos com a irmã e João, e começaram a tecer intrigas e armar tocaias para prender os dois, com medo de que o Rei deixasse a coroa para o casal predileto, mas nada conseguiram e João herdou o Reino, perdoando aos irmãos e cunhadas e sendo todos felizes.

*Lourença Maria da Conceição,*
*São José de Mipibu, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Lembra esse conto o "Castillo de Irás y no Volverás", o 139 da coleção espanhola do Prof. Aurélio M. Espinosa. Há o episódio das "Três Cidras de Amor", as três princesas estão encantadas dentro de três ovos. Não há substituição das noivas pela negra invejosa. Mostra apenas o fio temático numa adaptação inteiramente nova. Ouvi esse conto ainda

menino, voltando a ouvi-lo e registrá-lo cerca de trinta anos depois, inalterado, inclusive a letra da cantiga da feiticeira, *tinga sala ó menga*. Possivelmente essa minha versão indicará outro rumo para o famoso “Três Cidras de Amor” (Moura Torta). Como o episódio é popular no Oriente e no Ocidente, encontrar-se mulher ou riqueza no âmago das frutas e dos ovos, sugeria o Prof. Espinosa que tivesse havido convergência de outro motivo, o da negra feiticeira, com o alfinete mágico, encantando a noiva. Neste “Pedro, José e João” há o motivo dos três ovos encantados e nenhuma moura torta, com seu alfinete transformador. Numa história portuguesa, “A torre de Babilônia”, nº 48, da coleção Teófilo Braga, há o detalhe de o cabelo transformar-se em cadeia de ferro, variante do conto espanhol coligido pelo Prof. Espinosa. Nos “Contes Populaires Lorrains”, de Emm. Cosquin, há “Le fils du Pêcheur” e “Le dons de trois Animaux”, quanto às ofertas de objetos mágicos, são mencionados na minha versão. Há variantes sérvias, alemãs, italianas e catalãs.

# 2 – CONTOS DE EXEMPLO

# Maria de Oliveira

Era uma vez um príncipe, filho único, cheio de mimos e de agrados. Seus pais o amavam demasiado e por isso ele ficou orgulhoso e habituado a satisfazer todas as vontades sem encontrar oposição.

Quando se fez rapaz, no ponto de casar, namorou uma princesa e estava animado para o sacramento. Tinha ele um criado de sua confiança que era mestre em magia, sabendo muitos segredos do futuro. O príncipe participou o casamento. O criado disse:

– A noiva do príncipe meu senhor ainda está para nascer!

– Não diga isso, amigo!

– O que tem de ser tem muita força, meu senhor!

Vai um dia o príncipe desmanchou o noivado e ficou gostando de outra princesa. O criado, quando ouviu o amo lhe dizer que ia casar, repetiu o dito:

– A noiva do príncipe meu senhor ainda não nasceu!

– Não diga isso, amigo!

– O que tem de ser tem muita força, meu senhor!

Novamente o príncipe acabou o noivado. Ficou se entretendo com as caçadas. Ia quase todos os dias para o mato, levando o criado de confiança, gastando dias e dias sem voltar para o palácio do rei seu pai.

Numa dessas caçadas o príncipe ficou descansando debaixo de um arvoredo sombrio que era uma beleza. Pertinho ficava a casa de um casal pobre mas

trabalhador e honrado. O homem, sempre que o príncipe chegava para a sombra das árvores, vinha fazer oferecimentos e conversar com ele.

Numa ocasião o príncipe e o criado apearam-se e o dono da casinha não veio, como costumava, saudar o filho do rei. Apareceu depressa dizendo que o príncipe o desculpasse porque sua mulher estava para dar à luz uma criança e ele a ajudava. O príncipe agradeceu e ficou descansando.

Para matar o tempo, o príncipe lembrou-se de perguntar ao criado:

– Amigo, diga-me, que destino terá a criança que nascer agora?

O criado fez os cálculos e disse:

– Morrerá enforcada, príncipe meu senhor!

Daí a pouco o príncipe perguntou a mesma cousa. O criado respondeu:

– Se a criança nascer nesse momento traz a sina de morrer degolada!

Logo depois, a outra pergunta do príncipe, o criado dizia que se a criança nascesse naquele momento havia de morrer afogada.

Uma meia hora depois o dono da casa voltou todo satisfeito, anunciando que sua mulher tinha descansado uma menina, bonita como os amores, gordinha e corada. E voltou para junto da sua mulher.

O príncipe perguntou:

– Que destino traz essa menina que nasceu?

O criado fez os cálculos e disse:

– Essa menina que acaba de nascer casará com o príncipe meu senhor e será dona deste reinado!

– Vamos ver se desmancho o destino!

– O que tem de ser tem muita força, meu senhor!

O príncipe entrou na casinha do pobre e pediu a este que lhe desse a menina para ele criar como filha, com todo luxo e gosto. O homem e a mulher, depois de algumas negativas, aceitaram o oferecimento e o príncipe mandou embrulhar na sua capa a criancinha, entregou-a ao criado e montou a cavalo, partindo para o palácio.

No caminho, atravessando um bosque de oliveiras, parou, mandou o criado descer e ordenou que fosse matar a menina, sacudir o corpo num barranco e trazer a ponta da língua como sinal de haver cumprido a ordem.

O criado foi para o mato, com a menina e lá chegando não teve coragem de matar uma inocente. Fez uma cama de folhas, debaixo de uma oliveira, deitou a menina e, matando a um guabiru, cortou a ponta da língua e foi mostrá-la ao príncipe que acreditou estar a criança bem morta.

Nesse mesmo dia uma antiga criada do palácio, que morava com seu marido numa casinha nos arredores, veio cumprir uma promessa de rezar um rosário e acender três velas bentas nos pés de uma santa cruz que havia ali. Entrando, a mulher ouviu choro de recém-nascido e tanto procurou que avistou a criancinha, já roxa de frio e de fome. Agarrou-a mais do que depressa, agasalhando-a e foi mostrá-la ao marido. Como não tinham filhos e suspeitaram de um mistério com gente

poderosa, conduziram a menina para casa e a mulher se fez de mãe legítima, espalhando a notícia de ter dado à luz uma filhinha.

Como a menina fora achada num pé de oliveiras, chamou-se Maria de Oliveira.

A rainha, desconfiada que sua velha criada não fosse mãe verdadeira, mandou-a chamar e botou-a debaixo de confissão para saber a verdade. A mulher negou mas disse tudo como sucedera. A rainha, que soubera do crime do filho, evitado pelo criado exclamou:

– Meu Deus! O que tem de ser tem muita força!

Não permitiu que a criada voltasse com Maria de Oliveira e ficou com a menina, adotando-a como filha, dando tratamento e ensino de uma princesa.

O Rei morreu e o príncipe foi coroado. Maria de Oliveira estava uma moça feita, toda bonita e faceira, elegante e vestindo como poucas. A rainha era doida por ela mas o jovem Rei tinha um ódio de morte, embora não soubesse a história da mocinha.

Dia vai, dia vem, o Rei moço cada vez odiava mais sua irmã de criação. Nunca lhe dirigia a palavra nem lhe pedia cousa alguma. A moça, entretanto, tudo fazia para satisfazê-lo e entrar nas suas graças.

Não podendo mais explicar a razão de sua raiva contra ela, o Rei exigiu do seu velho criado a verdade sobre a morte da menina na mata das oliveiras. Tanto ameaçou e gritou que o velho disse tudo direitinho.

– Então Maria de Oliveira é aquela menina?

– O que tem de ser tem muita força, meu senhor!

O Rei resolveu matar Maria de Oliveira e como precisasse de um motivo justo, chamou-a, pela primeira vez. A moça foi correndo e rindo de alegria. O Rei, bem sério, entregou-lhe as chaves da sala do tesouro e disse que ia viajar no outro dia e quando regressasse queria ter na mão a penca de chaves, como a entregara.

Maria de Oliveira foi para seu quarto e guardou as chaves numa gaveta da cômoda. O Rei, que a seguira, viu o lugar, entrou, pé ante pé, furtou as chaves e sacudiu-as no mar. Depois seguiu sua viagem.

Maria de Oliveira foi procurar as chaves para escondê-las melhor e não achou cousa alguma. Passou a noite procurando como uma louca e nada encontrou. Correu até a rainha e contou tudo. A rainha velha ficou muito calma e replicou:

– Mais altos são os poderes de Deus que a vontade dos homens, minha filha. O que tem de ser tem muita força!

À tarde os criados compraram peixe para a ceia e quando abriram uma cavala, grande e gorda por demais, viram um objeto escuro e pesado que reconheceram ser um molho de chaves. Levaram a penca à rainha que a mandou entregar à Maria de Oliveira no oratório.

No outro dia o Rei chegou e foi logo dizendo:

– Onde estão as chaves, Maria de Oliveira?

– Estão aqui, Rei meu senhor!

O Rei mudou de cor e quase não acertou a andar, de assombrado.

Para vencer o destino que lhe fora dito, deliberou casar com outra e mandou buscar uma princesa num reinado vizinho. O Rei de lá aceitou o pedido e embarcou a

princesa. Esta vinha muito triste porque amava outra pessoa no reinado do seu Pai e não queria, de forma alguma, casar com o Rei moço.

O Rei, a rainha velha e Maria de Oliveira foram receber a princesa. Maria de Oliveira estava que era um espelho, de bonita, faiscando de joias e todo o mundo a gabava. A princesa, ao contrário, estava pálida, sem animação e tão murcha para quem vinha se casar, que Maria de Oliveira, quando a viu, disse:

*– Pássaros que cantam,*
*Uvas que dançam...*
*Nunca vi noiva*
*Com tanta mudança!*

A princesa ficou logo simpatizando com Maria de Oliveira e, assim que chegou ao palácio, trancou-se num quarto e contou seu segredo à moça.

– Arranje um jeito de o Rei não fazer vida comigo. Eu quero voltar para o reinado do rei meu pai. Ficarei grata por toda a vida se for possível esse trato.

Maria de Oliveira então conversou baixinho com a princesa e acertaram o contrato. A princesa disse que o Rei apagasse a luz e ela entraria no escuro. O Rei assim fez e Maria de Oliveira foi no lugar da princesa. Algumas horas depois, o Rei, satisfeito por ter enganado o destino, deixou a moça e, com uma bengala, veio até a cama de Maria de Oliveira, onde a princesa estava deitada, e deu-lhe uma surra feroz, julgando bater em Maria de Oliveira.

Durante a noite o Rei tirou do pescoço um colar de ouro e colocou em Maria de Oliveira. Depois pegou no sono e

a moça escapuliu-se para seu quarto, indo a princesa para o quarto do Rei, toda machucada pelas bengaladas.

Na manhã seguinte o Rei admirou-se de a princesa estar tão abatida e pesarosa e Maria de Oliveira, que apanhara tanta pancada, andar pulando feito canário.

À noite foi a mesma cousa. Maria de Oliveira ganhou um anel com o nome do Rei e este veio dar outra sova na pobre princesa, certo de que estava surrando Maria de Oliveira.

Durante o dia a surpresa do Rei foi enorme. Maria de Oliveira viva como um azougue. A princesa molenga, arrastando os pés, amarela como flor de algodão.

Na terceira noite, Maria de Oliveira recebeu uma pulseira e a princesa outra carga de pau.

Vendo-a tão doente, calada, sucumbida, o Rei não quis saber de muita conversa. Desconfiou de ter acontecido algum sucesso estranho. De mais a mais Maria de Oliveira não veio almoçar ficando no quarto, dizendo que estava doente.

– Ah! Desta vez a bengala fez milagre e desencantou a bicha! Vamos ver essa mocinha cheia de prosa!

Tocou-se para o quarto de Maria de Oliveira. Encontrou-a muito linda, bem-vestida, com o colar no pescoço, anel no dedo e pulseira no braço.

O Rei, aproximando-se, reconheceu as joias que pensava ter dado à princesa e ficou espantado.

– Quem te deu essas joias, Maria de Oliveira?

– Foi o Rei meu senhor!

O Rei balançou a cabeça e rodou em cima dos pés, indo mandar preparar um navio para a princesa viajar,

voltando ao reinado do rei seu Pai, levando muitos presentes e desculpas.

Não podendo mais lutar contra o destino, o Rei casou com Maria de Oliveira, coroando-a rainha e foram muito felizes.

*Luísa Freire,*
*Ceará-Mirim, Rio G. do Norte.*

**Nota** – É a *Maria da Silva*, versão do Algarve, que Teófilo Braga registra no seu *Contos Tradicionais do Povo Português*, 1, 38, nº 15. Há mesmo o episódio, tão comum noutros contos, da perda e encontro do anel atirado ao mar e trazido por um peixe. Não há, no conto português, a troca de noivas, o verso de Maria de Oliveira, a oferta das joias, também encontradiços nas histórias populares, e o pajem brasileiro é mágico, o que não se dá na versão originária de Portugal.

Bem visível é o hábito desaparecido da coabitação prévia, "experimenta", *kilpen*.

# A Menina dos Brincos de Ouro

Uma mãe, que era muito severa para os filhos, fez presente a sua filhinha de uns brincos de ouro. Quando a menina ia à fonte buscar água e tomar banho, costumava tirar os brincos e botá-los em cima de uma pedra.

Um dia ela foi à fonte, tomou banho, encheu a cabaça e voltou para casa, esquecendo-se dos brincos. Chegando em casa, deu por falta deles e, com medo de a mãe ralhar com ela e castigá-la, correu à fonte a buscar os brincos. Chegando lá, encontrou um velho muito feio que a agarrou, botou nas costas e levou consigo. O velho pegou a menina, meteu dentro de um surrão, coseu o surrão e disse à menina que ia sair com ela de porta em porta para ganhar a vida e que, quando ele ordenasse, ela cantasse dentro do surrão senão ele bateria com o bordão. Em todo o lugar que chegava, botava o surrão no chão e dizia:

*Canta, canta meu surrão,*
*Senão te meto este bordão.*

E o surrão cantava:

*Neste surrão me meteram,*
*Neste surrão hei de morrer,*
*Por causa de uns brincos d'ouro*
*Que na fonte eu deixei.*

Todo mundo ficava admirado e dava dinheiro ao velho. Quando foi um dia, ele chegou à casa da mãe da menina que reconheceu logo a voz da filha. Então convidaram o velho para comer e beber e, como já era tarde, instaram muito com ele para dormir. De noite, como ele tinha bebido demais, ferrou num sono muito pesado. As moças foram, abriram o surrão e tiraram a menina que já estava fraquinha, quase para morrer. Em lugar da menina, encheram o surrão de excrementos.

No dia seguinte, o velho acordou, pegou no surrão, botou às costas e foi-se embora. Adiante em uma casa, perguntou se queriam ouvir um surrão cantar. Botou o surrão no chão e disse:

*Canta, canta meu surrão,*
*Senão te meto este bordão.*

Nada. O surrão calado. Repetiu ainda. Nada. Então o velho meteu o cacete no surrão que se arrebentou todo e mostrou a peça que as moças tinham pregado no velho, o qual ficou possesso.

*Nina Rodrigues, "Os Africanos no Brasil ", São Paulo, 1933, p. 286.*

**Nota** – Nina Rodrigues escreveu: "Não sei se este conto tem alguma versão portuguesa equivalente. Não o encontro nos *Contos Populares*, apesar de ser muito conhecido quer aqui na Bahia, quer no Maranhão. O fato de, no Brasil, não ser ele mais um conto de animal, não é motivo para se lhe recusar a origem africana", p. 287. Teófilo Braga, *Contos Tradicionais do Povo Português* (1º, p. 7, Porto, 1883) registra a versão portuguesa, colhida no Algarve (3º conto), intitulada *O Surrão*. O velho ameaçava a menina: "Estou metida neste surrão, – Onde a vida perderei – Por amor dos meus brinquinhos – Que eu na fonte deixei". O velho adormeceu numa venda e retiraram a menina, substituindo-a por *todas as porcarias*. O velho rompeu o surrão, sujou-se e foi preso. Aurélio M. Espinosa, professor de Stanford University, Califórnia, Estados Unidos, registrou *El Zurrón que*

*Cantaba* ouvido em Soria, na Espanha (*Cuentos Populares Españoles*, Stanford University, 1º, p. 92, 1823). O *viejo ameaçava*: – “Canta, zurrón, que si no te doy un coscorrón. A niña cantava: – Per un anilito de oro que en la fuente me dejé – He olvidado a padre y madre y en el zurrón moriré”. As irmãs da menina reconheceram-na pela voz e, quando o velho foi beber numa taberna, trocaram a moça por um gato e um cão. Segue a história idêntica. Com o nome de *O Negro do Surrão* ou *A Moça do Surrão*, é popularíssima em todo Brasil. J. da Silva Campos incluiu-a na série de contos comentados por Basílio de Magalhães (*O Folklore no Brasil*, p. 265. Rio de Janeiro, 1928) com o nome de *O Surrão que cantava*. Silva Campos recolheu os contos no Recôncavo Baiano e a versão traz um negro velho, falando mau português, como dono do surrão. “Canta, canta, minha surrão, – Sinão eu ti dá – Cum cachamora di minha brudão”. Hospeda-se o negro na própria residência dos pais da mocinha que alimentaram o preto e, adormecendo este, livraram a filha, enchendo o surrão com urinóis. No outro dia o negro foi até o Rei para que este ouvisse o surrão cantar e, como não conseguisse cousa alguma, rebentou-o a pauladas despejando as imundícies. Prenderam o negro e condenaram-no à forca. Nina Rodrigues, citando A. Ellis, “*The Yoruba, Speaking Peoples of Slave Cost of West*” (Londres, 1894) lembra um conto iorubano como possível origem da “*Menina dos brincos de ouro*” ou “*O Velho do Surrão*”. Olú tinha um filho chamado Sigô e este, caçando, foi arrastado por uma enchente para um barranco onde se afogaria se não fosse salvo por Ajapá, a tartaruga, Fada-Calva que o fez seu escravo. Colocou Sigô dentro de um tambor e o tocava nas festas e praças, sendo muito aplaudida. Percutido por uma vaqueta, o tambor cantava: “Sigô é filho de Olú – Oh! dai-me a liberdade – Sua mãe deu-lhe um carneiro e mandou caçar – Oh! dai-me a liberdade – Seu pai deu-lhe um cavalo e mandou caçar – Ah! dai-me a liberdade! – Ouvi o que digo. Ele foi esconderijo do elefante – Ah! dai-me a liberdade! A enxurrada da chuva atirou-o num fosso – Ah! dai-me a liberdade! – E assim ele ficou escravo da Tartaruga – Ah! dai-me a liberdade!”. A tartaruga terminou indo a uma festa oferecida pela família de Sigô e esta a embriagou, adormecendo-a. Abriram o tambor e retiraram Sigô, pondo dentro um corvo. No outro dia o tambor grasnava horrivelmente e a tartaruga ficou decepcionada quando verificou o logro que lhe sucedera. Blaise Cendrars, na “*Anthologie Nègre*” (Paris, nº 59, 1927), divulga um episódio tradicional dos negros Sossas, da Guiné, “*Histoire de l’oiseau merveilleux du cannibale*”, que é, em tudo, semelhante. A filha de um chefe vai banhar-se e deixa um objeto que a obriga a voltar para apanhá-lo. Encontra então um gigantesco canibal, com uma só perna, que a agarra e a mete dentro de um saco. Segue-se a história do surrão que canta. O canibal leva o surrão para casa dos pais da prisioneira e estes tiram a menina e enchem o saco com sapos e cobras. O canibal regressa para sua morada onde é esperado por outros canibais que foram convidados para devorar a moça. Abrem o surrão e, vendo serpentes e sapos, matam o canibal, julgando que quisesse zombar dos amigos. René Basset, *Contes Populares*

*D’Afrique*, divulga a *Histoire de l’oiseau merveilleux du cannibale*, nº 128, de Mac Call Theal, *Kaffir-Folk-Lore*, Londres, 1897, variante legítima. De origem oriental, o conto nos foi trazido possivelmente pelos escravos africanos pois coincide com suas áreas de influência embora existindo em Portugal e Espanha, levado pelos árabes.

# Quirino, Vaqueiro do Rei

Era uma vez um Rei que possuía muitas fazendas de gado entregues a vaqueiros de confiança. Uma das melhores propriedades era confiada ao negro Quirino, que tinha fama de não mentir. O Rei vivia gabando o vaqueiro, apontando-o como modelo de veracidade. Essa opinião despertava inveja entre os fidalgos e um deles, rico e poderoso, resolveu acabar com a celebridade moral de Quirino, vaqueiro do Rei.

Na fazenda de que Quirino se encarregava, o orgulho do Rei era um boi barroso, bonito como não havia outro. Cada ano o vaqueiro ia até a casa do Rei prestar contas.

Chegava, riscando o cavalo e dizia por aqui assim:

– Pronto, meu amo! Aqui está Quirino, Vaqueiro do Rei!

O Rei perguntava:

– Como vai, Quirino?

– Com a graça de Deus e o favor do meu amo!

– A obrigação?

– Em paz e a salvamento.

– As vacas?

– Umas gordas e outras magras.

– O boi barroso?

– Vai forte, valente e mimoso!

O fidalgo disse ao Rei que Quirino era capaz de mentir. O Rei repeliu a ideia.

– Vamos apostar, Majestade?

– Pois vamos! Dez fazendas de gado, cem touros escavacadores e duzentas vacas leiteiras com os chifres dourados?

– Está apostado!

O fidalgo tinha uma filha muito bonita, chamada Rosa. Chamou a moça e contou a aposta. Por dinheiro Quirino não peca. Com ameaça, Quirino não peca. Abaixo de Deus, a mulher pode com tudo que tem fôlego.

Rosa se vestiu como uma mulher do povo e foi até a fazenda onde estava o boi barroso. Encontrou Quirino e conversou com ele, fazendo tanto trejeito, dando tanta volta no corpo que o vaqueiro ficou alvoroçado e se apaixonou por ela.

Ficaram muitos meses vivendo juntos, andando para lá e para cá, no serviço do campo. Numa manhã Rosa disse:

– Quirino, você gosta de mim?

– Como demais...

– Quer bem ao seu filhinho que vai nascer?

– Mais do que a luz do dia!

– Pois se não quiser que seu filho morra, mate o boi barroso que eu quero comer o fígado bem assadinho...

Quirino ficou assombrado mas obedeceu. Matou o boi barroso e a mulher comeu o fígado assado.

Dias depois era o tempo de o vaqueiro ir até a presença do Rei. Rosa mandou dizer ao seu Pai que o boi barroso fora morto.

Quirino vestiu a véstia de couro, perneiras, gibão, guarda-peito, calçou o guante, pôs o chapéu na cabeça, passou o barbicacho, montou no cavalo de confiança e galopou para a casa do Rei.

Foi viajando e pensando. Finalmente avistou o palácio e parou o cavalo. Que ia dizer ao Rei? Era melhor preparar a conversa. Deu de rédeas, andou uns passos, riscou o cavalo e disse:

– Chego e digo assim: “Pronto senhor meu amo! Aqui está Quirino, vaqueiro do Rei!” – Ele diz: “Como vai, Quirino?” – Eu respondo: “Com a graça de Deus e o favor do meu amo!” “A obrigação?” “Em paz e a salvamento!” “As vacas?” “Umas gordas e outras magras!” “E o boi barroso?” – Eu faço que estou triste e digo – “Saiba el-rei meu senhor que o boi barroso saltou um serrote e quebrou o pescoço...”

Interrompendo-se, falava, alto, indignado:

– Isto não é palavra de Quirino, Vaqueiro do Rei!

– Posso dizer que o boi barroso ia passando o açude e se afogou. Só pude salvar o couro.

– Isso não é palavra de Quirino, Vaqueiro do Rei!

E, chega não chega no pátio do palácio do Rei, Quirino resolveu a questão. Pulou do cavalo, amarrou-o, subiu as escadas, pediu para falar ao Rei. Entrou na sala e o Rei estava com o dito fidalgo que fizera a aposta, todo satisfeito, certo de ganhar.

– Pronto, meu amo!

– Como vai, Quirino.

– Com a graça de Deus e o favor do meu amo!

– A obrigação?

– Em paz e a salvamento!

– As vacas?

– Umas magras e outras gordas!

– E o boi barroso?

– Saiba o senhor meu amo que o boi barroso deu o fígado para o meu filhinho não morrer!

– Que história é essa, Quirino?

Quirino contou toda a história e, quando terminou, disse:

– Assim é que fala Quirino, Vaqueiro do Rei!

O fidalgo ficou preto de vergonha. O rei findou dizendo:

– Quirino, Vaqueiro do Rei, o que eu ganhei na aposta com esse amigo é o dote para casares com a mãe do teu filhinho...

O que estava feito, estava feito. Quirino casou com Rosa e foram felizes como Deus com os Anjos.

*João Monteiro,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – É a variante norte-rio-grandense do *Boi Leição* alagoana, *Boi Cardil e Rabil* em Portugal, *Boi Barroso* em Espanha. As notas estão no conto de Alagoas. No último diálogo do Rei com Quirino, o primeiro pergunta pela *obrigação*, sinônimo sertanejo, no Nordeste brasileiro pelo menos, de família.

# O Bem se Paga com o Bem

A onça caiu numa armadilha preparada pelos caçadores e, por mais que tentasse escapar, ficou prisioneira. Resignara-se a morrer, quando viu passar um homem. Chamou-o e lhe pediu que a libertasse.

– Deus me livre – disse o transeunte. – Se você ficar solta, devorar-me-á.

A onça jurou que seria eternamente agradecida, e o homem desatou as cordas que seguravam a tampa do alçapão e ajudou a onça a deixar a cova. Logo que esta se encontrou livre, agarrou seu salvador por um braço, dizendo:

– Agora você é o meu jantar.

Debalde o homem pediu e rogou. A onça, finalmente, decidiu:

– Vamos combinar uma cousa. Ouvirei a sentença de três animais. Se a maioria for favorável ao meu desejo, comê-lo-ei.

O homem aceitou e saíram os dois. Encontraram um cavalo, velho, doente, abandonado. A onça narrou o caso. O cavalo disse:

– Quando eu era moço e forte trabalhei e ajudei o homem a enriquecer. Qual foi o meu pagamento? Largaram-me aqui para morrer, sem um auxílio. O Bem só se paga com o Mal.

Adiante depararam um boi. Consultado, opinou pela razão da onça. Contou sua vida de serviços ao homem e,

quando julgava que ia ser recompensado, soube que fora vendido para ser morto e retalhado pelo açougueiro. O Bem só se paga com o Mal.

O homem, triste, acompanhava a onça que lambia o beiço, quando viram um macaco. Chamaram o macaco e pediram seu parecer. O macaco começou a rir. E saltava, fazendo caretas e rindo. A onça ia-se zangando:

– Por que tanta risada, camarada macaco?

– Não é fazendo pouco – explicou o macaco –, é que eu não acredito que o homem caísse na armadilha que ele mesmo preparou.

– Ele não caiu. Quem caiu fui eu – contava a onça.

– Foi você? Então como é que esse homem fraquinho pôde libertar um bicho tão grande e forte como a camarada onça?

A onça, despeitada pelo macaco julgá-la mentirosa, foi até o alçapão e saltou para o fundo do fosso, gritando lá de baixo:

– Está vendo? Foi assim!

Mais que depressa o macaco empurrou o engradado de varas pesadas que fazia de tampa e a onça tornou a ficar prisioneira.

– Camarada onça – sentenciou o macaco –, o Bem só se paga com o Bem. E você fez o Mal, receba o Mal.

E se foi embora com o homem, deixando a onça para morrer de fome na armadilha.

**Nota** – Esse conto, ouvi-o, menino, em Natal, e repetido no Recife (Pernambuco) pela ama da pensão onde eu estava, durante meu curso de Direito. Figura no *Panchatantra*, assim como na coleção de *Fábulas de Bidpai*, popularizadas sob a denominação de *Fábulas de Pilpay*. Nessa fonte os personagens são o Homem, a Serpente que ele salvara do fogo, a Vaca e a Árvore, votando essas favoravelmente à Serpente, e a Raposa. Esta faz

com que a Serpente se meta dentro do saco e o Homem a mata. O conto se divulgou, vindo da Índia, a partir do ano 570. E continua sendo narrado em toda a parte do Mundo. J. F. Steel e R. C. Temple, *Wide-Awake-Stories* (Bombay and London, 1884), recolheram uma versão no Panjap. Um tigre caiu numa armadilha e foi libertado por um homem piedoso (Brâmane) que, ameaçado de morte, apelou para uma árvore, uma vaca e um caminho, dando estes razão ao tigre, baseados na ingratidão humana. O Chacal, consultado, fingindo-se desorientado e incapaz de compreender, conseguiu a reconstituição da cena, abandonando o tigre em sua prisão. O general Couto de Magalhães ouviu esse episódio entre os indígenas de fala tupi, como Steel-Temple aos hindus de Kashir e Panjap. Couto de Magalhães incluiu o conto n'*O Selvagem* (Edição Fac-Símile da Obra *O Selvagem* do General Couto de Magalhães, Belo Horizonte, 1975, Coleção Reconquista do Brasil, 1ª série, volume 16), na seção *Nomeucauca Micura Receuára*, lendas acerca da Raposa, em tupi e português. A onça foi tirada de um buraco pela raposa e a quis devorar, pretextando que o Bem se paga com o Mal. Consultaram o Homem e este pediu que a onça pulasse para a fossa, para ver como ela se encontrara, anteriormente. A onça saltou para o valado e nunca mais pôde sair. *Cuhira requáu rameãma: mira omehe munhã catú recuidara munhã catú*. *Iaureté opitá ápe; amu itá oçoãna*: – Agora tu sabendo ficaste: a gente dá o bem em troco do bem. A onça ficou lá; os outros foram-se... O prof. Aurélio M. Espinosa, *Cuentos Populares Españoles*, IIIº, p. 490, Stanford University, Califórnia, U.S.A., 1926, registra uma variante espanhola, ouvida em Leon, *Un bien con un mal se paga*. O camponês salvou a cobra de morrer de frio e esta quis devorá-lo. Ouvidos o asno e o boi, ambos deram razão à cobra, mas a zorra (raposa) exigiu a encenação do fato primitivo e a cobra retomou seu lugar no alforje do homem, onde este a matou. Conto nº 264. Está espalhadíssimo pelas Américas. Maria de Nogueira registrou a versão de Costa Rica, entre um tigre que é salvo pelo boi, entendendo comê-lo. *O conejo* (coelho), Juiz de Paz, exige a repetição do episódio e o tigre fica preso para sempre, *El fallo de Tio Conejo, Cuentos Viejos*, p. 145, San José da Costa Rica, 1938. Uma outra versão, sul-americana, está no *Del Tiempo de Naupa* (Folclore Norteño, Buenos Aires, 1930, p. 213) onde o sr. Rafael Cano registra o conto com maior desdobramento moral. O tigre, libertado pelo homem, quer sacrificá-lo e vão à consulta. O cavalo, o boi, o bode apoiam o tigre. O zorro manda repetir a cena e o tigre fica amarrado. Ante os reiterados oferecimentos do homem, desejoso de ser grato, o zorro pede apenas que seja enterrado com o focinho de fora qualquer membro de sua família que for encontrado. Ele mesmo se finge morto e o Homem sepulta-o, com a ponta do focinho para fora. Foge o zorro e volta a fazer-se de morto. Novo sepultamento na forma prometida, mas de mau humor. Na terceira vez, o homem abre um buraco e sacode o zorro lá dentro, cobrindo-o inteiramente de areia e pedras. Arnon de Melo (*África*, p. 240, Rio de Janeiro, 1941) transcreve uma versão d'África Oriental Portuguesa, ouvida em Moçambique

e traduzida pelo padre Francisco Manuel de Castro. O Peru Bravo, preso numa ratoeira, é libertado por Narrapurrapu e Nantetete, duas crianças, filhas de Moxia, dono da armadilha. O Peru Bravo ia matar os dois meninos mas o Coelho conseguiu que ele se metesse dentro da ratoeira, dizendo não crer que um bicho tão grande coubesse numa armadilha pequena. O Peru Bravo ficou preso e o Coelho acompanhou os dois meninos para casa. O episódio, narrado pelos negros Macuas, deve ter vindo através dos árabes muçulmanos, outrora onipotentes e ainda influentes em Moçambique.

Em Antti Aarne e Stith Thompson, *The types of the folk-tale* (Folklore Fellows Communications, vol. XXV, nº 74, Helsink, 1928) é o Mt. 155, *The Ungrateful Serpent Returned to Captivity*, corrente nos folclores da Alemanha, Itália, Estônia, Finlândia, Lapônia, Dinamarca, Flandres, Sicília e entre os africanos e bantus, p. 35-36.

A versão que Heli Chatelain recolheu ao "Folk-Tales of Angola", nº XVIII, p. 157, *Nianga di ngenga ni na ngo*, Nianga Dia Ngenga e o Leopardo, é semelhante. Nianga solta o leopardo que caíra na forquilha de uma árvore e, depois de haver sacrificado seus cães à fome do ingrato bicho, volta a fazê-lo enforquilhar-se; sob a razão de ver como estivera. E o deixa ficar. A decisão se deveu ao coelho (Rabbit, Hare) que assistiu ao final da discussão, quando o leopardo já comera dois cães e a própria cartucheira de Nianga Dia Ngenga.

Leo Frobenius, no *African Genesis* (seleção de Douglas C. Fox, New York, 1937) no "*Nupe Folk-Tales*", registra outra versão africana, "Gratitude", onde um caçador encontra perdido e guia para o Niger um jacaré. O jacaré quer comê-lo. O caçador apela para Asubi (esteira), um pano e uma velha égua e todos votaram com o Jacaré (crocodilo). Boaji (almíscar) salvou o caçador, deixando o crocodilo novamente perdido. Os Nues são negros sudaneses.

Blaise Cendras, *Anthologie Nègre* (Paris, 1927), divulga um conto dos haussás (sudaneses) – *Le Caiman, L'homme et le Chacal*, nº 68, uma variante dos negros Nupes, registrada por Leo Frobenius.

No meu "Os melhores contos populares de Portugal", Rio de Janeiro, 191, divulgo "A gratidão do Leopardo", tradução do conto XVIII de Heli Chatelain, René Basset, *Mille et un Contes, Récits & Légends Arabes*, vol. IIIº, 556, *L'Ingratitude Punie* (Paris, 1927) divulga a versão de Ah'med el Qalyoubi, com indicações de fontes árabes. Está igualmente no *Gesta Romanorum*, 174 e no *Scala Celi*, 86, b, 502, do estudo de Minnie Luella Carter ("Studies in the Scala Celi of Johannes Gobii Junior", manuscrito em meu poder).

# Os quatro Ladrões

Diz que era uma vez quatro ladrões muito sabidos e finos. Num domingo de manhã estavam deitados, gozando a sombra de uma árvore, quando viram passar na estrada um homem levando um carneiro grande e gordo. Palpitaram furtar o carneiro e comê-lo assado. Acertaram um plano e se espalharam por dentro do mato.

O primeiro ladrão foi para o caminho, encontrando o homem do carneiro e salvou-o:

– Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

– Para sempre seja louvado!

– O senhor, que mal pergunto, para onde leva este cachorrinho?

– Que cachorrinho?

– Esse aí que está amarrado numa corda! Bem bonitinho!

– Isso não é cachorro. É carneiro. Repare direito.

– Estou reparando mas é cachorro inteiro. Vigie o focinho, as patas, o pelo. É cachorro e dos bons.

Separaram-se e o dono do carneiro ficou olhando o animal meio desconfiado. Adiante saiu o segundo ladrão, deu as horas, e foi logo entrando na conversa:

– Cachorro bonito! Esse dá para tatu e cotia. Focinho fino, bom para farejar. Perna fina corredeira. É capaz de correr veado. Onde comprou o bicho?

– O senhor repare que não é cachorro. É um carneiro. Já outro cidadão ali atrás veio com essa palúxia para meu lado. Bote os olhos direito no bicho.

– Homem, desde que nasci que conheço cachorro e carneiro. Se esse aí não é cachorro eu ando espritado. Deixar de conhecer cachorro?

O homem seguiu sozinho, mas não tirava os olhos do carneiro quase convencido que comprara o bicho errado. O outro ladrão apareceu e fez a mesma conversa, misturando os dois animais, e ficando espantado quando o dono dizia que era um carneiro. Discutiram um bom pedaço e o terceiro ladrão espirrou para dentro do marmeleiro.

O quarto camarada veio e puxou conversa, oferecendo preço para o cachorro que dizia ser bom caçador de preás. Deu os sinais de cachorro de faro e todos encontravam no bicho que o homem ia levando.

Assim que despediu, o dono do carneiro, que ia comendo o animal com os olhos, parou, desatou o laço da corda e soltou o carneiro, certo e mais que certo que o carneiro era cachorro.

Os quatro ladrões que vinham acompanhando por dentro da capoeira, agarraram o carneiro e fizeram dele um almoço especial.

*João Monteiro,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Ouvi essa história como sendo uma aventura de Pedro Malazartes e, com algumas notas, divulguei-a (*Um Conto Indiano no Sertão*, Revista Nacional, Fevereiro de 1934, Rio de Janeiro). Depois, repetindo-se a narrativa sem alusão ao herói popular, convenci-me estar ouvindo um conto secular, independente do ciclo do Malazartes. João Monteiro, antigo sargento da

Força Pública, viajara todo interior do Rio Grande do Norte e Paraíba, sabendo e gostando de contar história “de Trancoso”. Morou vinte anos nas vizinhanças de nossa casa. Sabia contar, gesticulando e tendo entonações diversas para as entradas dos personagens.

Teófilo Braga (*Contos Tradicionais do Povo Português*, 2, 45, conto 138) transcreveu *Os Quatro Ribaldos, do Orto do Sposo*, de Frei Hermenegildo de Tancos, manuscrito da livraria de Alcobaça, incorporado à Biblioteca de Lisboa. É uma reunião de contos morais, datando do século XIV. “Hum rustico aldeano matou hum carneiro e esfolouo e levava-o as costas para vender en o mercado. E falaronse quatro ribaldos que estevessem em quatro lugares en a carreyra per hu avia de hir aquelle aldeeão, e cada um lhe dissesse de ssy, que aquel carneyro era cam, por tal que a deitasse de ssy, e que o ouvessem elles. E quando o aldeão passou per hu estava o primeiro ribaldo disse-lhe: – Para que levaes assy esse cã? Respondeu o aldeão: – Irmaão, nom sabês o que dizees, ca certamente carneyro he e nom cam. E o ribaldo aperfiou com elle que era cam. E asy o fezerom os outros tres ribaldos. E o aldeão veendo esto disse antre sy: – Eu cuidava que esto era carneyro; mas poys todos dizem que he cam, nom hei que faça dele, – E lançou o carneyro em terra e foyse. E os ribaldos tomaram-no. E bem assy communalmente todo mundo fala mentirosamente”.

O original é da Índia e se encontra no *Pantchartantra* ou *Les Cinq Livres* (tradução de Edourad Lancereau, Paris, 1871, p. 225) com o título de “O Brâmane e os Ladrões”, assim como na *Histopadezxa* (tradução de Mons. Sebastião Rodolfo Delgado. Lisboa, 1897, p. 245, fábula IX, “O Brâmane, o Carneiro e os Gatunos”). Assim traduz do sânscrito Mons. Delgado: – “Era uma vez um brâmane do bosque de Guatama, que tinha começado um sacrifício. E como ele fosse comprar um carneiro para o sacrifício a uma aldeia vizinha, enquanto voltava transportando-o sobre os ombros, viram-no três gatunos. “Se conseguíssemos, discorreram então os gatunos entre si, apoderarmo-nos daquele carneiro por alguma manha, seria grande sutileza de engenho” e foram postar-se na estrada ao pé de três árvores, à distância de uma *kroxa*, aguardando a passagem do brâmane. Quando este passava, perguntou-lhe um dos gatunos: – “O brâmane, como é que levas um cão aos ombros?” “Este não é cão, respondeu o brâmane, mas é um carneiro para sacrifício”. Logo depois disse-lhe também o mesmo outro gatuno que estava mais adiante. Assim que o brâmane ouviu as suas palavras, pôs o carneiro na terra, examinou-o repetidas vezes e prosseguiu o caminho com o espírito vacilante. Depois que brâmane ouviu o que dizia o terceiro gatuno, convencido de que estava em erro, largou o carneiro, fez as abluções e voltou para sua casa. E os gatunos levaram o carneiro e o comeram” (p. 245-246 e 250).

A viagem dessa história foi feita, incidentemente, por Max Müller, quando estudou as transformações do episódio *La Laitière et le Pot au Lait*, de Fontaine, antes já popularizado em Portugal no *Auto da Mofina Mendez*, de Gil Vicente. Contos do *Pantchatantra* (ou *Panka-tantra*) tiveram versões,

adaptações e cópias inúmeras, espalhando-se pela Europa. Frei Hermenegildo de Tancos escrevia no século XIV e não podia ter conhecido a história indiana através do *Directorium Humanae Vitae*, tradução latina por João de Capua, impresso antes de 1483. Creio mais que o frade de Alcobaça o recebeu do *Califa* e *Dymna*, traduzido em espanhol por ordem do Infante D. Afonso, em 1261. Parece-me *Orto do Sposo* anterior ao *Directorium Vitae*.

É uma história que fazia rir aos Cruzados e continua, viva, na literatura oral brasileira.

No *Califa y Dimna* (versão cotejada com as mais antigas, por José Alemany Bolufer, Madrid, 1915) o episódio está no cap. VI, *los tres bribonnes y el religioso*, 275. Esta edição, feita sob os auspícios da Real Academia Española, aproxima a versão de Berzebuey no séc. VI da do frade português do séc. XIV. *Califa y Dimna*, informa Chauvin, está traduzida em quarenta idiomas. *Bibliographie des Ouvrages Arabes*. II. 79. Não houve tempo para uma versão em português. O motivo aparece, idêntico, no *Katha Sarit Sagara* ou *The Ocean of Story* (vol. V, 104, Londres, 1926), no *The Exemplar or Ilustrative Stories From the Sermones Vulgares of Jacques de Vitry*, exemplo – XX (o cardeal de Vitry faleceu em 1240) e em Etienne de Bourbon, beneditino que viveu sob Luís XI de França, exemplo-339, *Anecdotes Historiques, Légends et Apologues Tirée ou Recueil Inédit*, Paris, 1877. O volume do cardeal de Vitry foi editado pela Folklore Society de Londres em 1890, com notas do prof. T. F. Crane. Joseph Bedier, *Les Fabliaux*, 138, Paris, 1895, indicava este conto como um dos treze correntes na Europa de origem indiscutivelmente indiana. No *Trinta Estórias de Bibi* estudei longamente o assunto. O capítulo foi publicado inicialmente no “Archivos Venezolanos de Folclore”, nº 2, Caracas, julho-dezembro de 1952. *Tradución de un Cuento Brasileño*.

# O Chapim do Rei

Era uma vez um Rei viúvo que morava diante da casa de outro Rei, casado este com uma moça bonita e séria. O rei viúvo tomou-se de amores, mas a moça não correspondeu. O rei viúvo procurou falar com uma negra escrava do rei moço e lhe deu algumas moedas de ouro para que lhe fosse permitido ver a moça dormindo. A escrava prometeu e, aproveitando uma viagem do rei moço, levou o rei viúvo até o quarto da moça que dormia. O rei viúvo ficou encantado com tanta beleza. Chegou para perto da cama, abriu as cortinas e olhou muito tempo a moça dormindo. Estava nesse jeito quando o rei moço voltou e a escrava deu o sinal. O rei viúvo partiu a correr, mas, no arranco da carreira, perdeu um chapim, que o rei moço achou e maldou da mulher, pensando que ela fosse infiel. Não lhe disse uma nem duas, mas não a procurou mais.

A moça, depois de muito cismar e rezar, desconfiou de alguma cousa e resolveu certificar-se de tudo, pelo miúdo. Mandou preparar um jantar com todo gosto e pediu ao marido que convidasse o rei viúvo para tomar parte na festa. O rei moço convidou o rei viúvo e a festa começou muito bem. No fim do jantar, quando chegou a hora da saudação, a moça pediu licença e retirou-se. Foi mudar o trajo. Voltou rindo com o tempo, de bonita. Chegando à mesa, pegou num copo cheio de vinho e disse, levantando uma saudação:

*Fui casada, hoje sou solteira,*
*por que e por que não, não sei!*

O rei moço entendeu o dito de sua mulher e por sua vez levantou o copo, dizendo:

*Em meus palácios entrei*
*Rasto de ladrão achei!*
*Se comeu ou não comeu*
*Não sei!*

O rei viúvo compreendeu o que se passara e confessou a curiosidade, dizendo também, com o copo na mão:

*Nos vossos palácios entrei*
*Rasto de ladrão deixei!*
*Lindo cortinado abri,*
*– que linda uva eu vi!*
*Mas juro por c'roa minha*
*Que em tal uva não buli!*

O rei moço ajoelhou-se nos pés da mulher, pedindo perdão da suspeita. O rei viúvo também foi perdoado, assim como a escrava. E viveram todos muito felizes.

*Luísa Freire,*
*Ceará-Mirim, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Com o título "Fragmentos da Xícara do Chapim del-Rei" publiquei uma versão, ouvida de Luísa Freire, no meu *Vaqueiros e Cantadores*, 267, Belo Horizonte, 1984. Coleção Reconquista do Brasil, vol. 81[12]. Almeida Garret, *Obras Completas*, Lisboa, 1904, vol. 1º, 368, foi o primeiro a divulgar *O chapim d'el Rei* ou *Parras Verdes*, datado de março de 1843, reconstruindo uma xícara enviada de Elvas por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. Não se sabe até onde Garret colaborou. O episódio é espalhado na literatura oral portuguesa. Teófilo Braga, *Contos Tradicionais do Povo Português*, nº 59, registra o *Camareiro do Rei*, vol. Iº, 140, colhido no Algarve assim como F. Xavier d'Ataíde Oliveira, *Contos Tradicionais do Algarve*, Iº vol., 243, Tavira, 1900, colheu a versão "A mulher do mercador". Brantome, *Les Dames*

*Galantes*, 179, Paris, 1947, resume a anedota como se tendo passado com o Marquez de Pescayre, Vice-Rei na Sicília. Ocorre no Livro de Sindbad, *Book of Sindbad* (1252) exemplo II, 79-82 da edição inglesa da Folklore Society, Londres, 1882, dirigida por Domenico Comparetti, e nas demais variantes desta obra, Mischlé Sendabar, Sete Visires, Sintipas, etc. Na Argentina Rafael Cano registrou uma variante, *Del Tiempo de Ñaupa*, 249, Buenos Aires, 1930 e J. Alden Mason em Porto Rico, "The Journal of American Folk-Lore", vol. XXIX, nº CXIV, 500. No *Mil Noites e uma Noite*, reunida pelo dr. Mardrus, há *Fairuz y su esposa*, vol. XX, 103-110, Valencia, s.d. Chauvin, *Bibliographie des Ouvrages Arabes*, vol. VIIº, 120-123, Liège, resume várias versões orientais. Igualmente A. Loiseleur Deslongchamps, *Essai sur les Fables Indiennes*, etc., 96-98, Paris, 1838. O estudo clássico é de Stanislau Prato, "L'orma del leone, racconto orientale considerato nella tradizione populare". No Brasil há a versão de Silva Campos, comentada por Basílio de Magalhães, *O Príncipe e o Amigo*, *O Folk-Lore no Brasil*, 252, ed. Quaresma, Rio de Janeiro, 1928. No *Trinta Estórias de Bibi*[13] estudei mais detidamente o motivo, com documentação geral e velha.

**12** Edição atual – 3.ed. – São Paulo: Global, 2005. (N.E.)

**13** *Trinta "estórias" brasileiras,* Porto: Editora Portucalense, 1955. (N.E.)

# A História do Papagaio

Um moço inteligente e rico queria casar, mas não se agradava das moças do lugar onde morava.

– Não acho moça do meu interesse – respondia ele aos pais que desejavam muito vê-lo casado.

Deliberou então viajar e foi para outra cidade, procurar uma noiva. Estava ele na Igreja quando viu um casal tendo uma filha moça muito bonita. O moço simpatizou com ela e quis primeiro saber se ela era mesmo capaz de dar definição de tudo. Quando o casal saiu da Igreja, com a moça adiante, o rapaz saiu atrás e tirou as botinas, metendo-as num guarda-sol que levava.

Chegaram todos à beira de um riacho e, para atravessá-lo, o casal e a filha descalçaram-se e meteram-se n'água. O rapaz calçou as botas e passou a corrente com os pés calçados. Adiante, deram numa floresta fechada onde só havia sombras. O casal e a moça fecharam o guarda-sol e o rapaz abriu o seu. Quando chegaram à casa do casal, o moço aproximou-se e pediu agasalho, que lhe foi dado.

O dono da casa convidou-o para ver uma plantação de arroz e perguntou-lhe quantas cuias de arroz calculava que o baixio desse. O moço respondeu:

– Dá mais cuias do que podemos pensar!

O velho achou que ele estava amalucado. Levou-o para ver sua quinta e pedir a opinião. O rapaz disse:

– Sua casa é baixa para a quinta!

O velho cada vez ficava mais certo da maluquice do outro. Foram jantar. O moço tomou conta da serventia da mesa, cortando a galinha assada. Deu a cabeça ao velho, os pés à velha, as asas para a moça, e comeu o resto.

Foram dormir, e os velhos pegaram a conversar, dizendo que o moço era doido varrido. A moça protestou, dizendo que ele era muito sabido e fizera muito bem. Os pais pediram que ela explicasse. A moça falou por aqui assim:

– Ele tirou os sapatos na rua porque ali não há pedras nem espinhos. Calçou-se para atravessar o riacho porque pedra, espinho, estrepe só existem dentro d'água. Abriu o guarda-sol na sombra porque podia cair garrancho, pedaço de pau, frutas ou sujo das árvores. Disse que a baixa do arroz dava mais cuias do que estamos pensando porque ninguém pode calcular a safra daquele partido. As quintas são superiores à casa por isso ele disse que a casa era baixa para as quintas. Deu a cabeça da galinha a meu pai porque este é cabeça do casal, os pés à minha mãe porque dona de casa é os pés de uma casa, e as asas para mim porque moça solteira pode casar e voa para fora de casa.

Os velhos concordaram e o rapaz, que estava ouvindo tudo, ficou muito satisfeito e na manhã seguinte disse quem era e pediu a moça em casamento. Casaram e foram viver na cidade, muito felizes.

A moça vivia muito bem com seu marido e só saía de casa com ele. Dias depois ele trouxe um papagaio muito falador. Botou-o na sala da frente e pediu à mulher que,

não estando ele em casa, atendesse por cima de tudo, ao que dissesse o papagaio.

O moço tinha feito uma promessa noutra cidade e demoraria uns dias. Despediu-se da mulher, recomendando o papagaio e dizendo que não saísse de casa na sua ausência. Montou a cavalo e saiu. Assim que dobrou a esquina da rua encontrou um velho amigo com quem começou a conversar. Ao saber que o amigo tinha casado, o outro, que era dono de uma grande casa de negócio, perguntou se podia ver a mulher.

– Fica para quando eu voltar! – disse o marido.

– Qual o quê! Eu só quero ver! Vejo aqui na sua ausência!

– Vê nada! Não há homem que veja minha mulher eu não estando em casa!

– Mas eu vou ver!

– Não vê!

– Vejo! Olá, se vejo!

– Não vê! Tenho a certeza!

– Quer apostar comigo?

– Quero.

Apostaram muito dinheiro e o marido seguiu sua viagem. O outro mudou a roupa, fez-se todo bonito e foi bater na porta do amigo. O papagaio falou, de dentro:

– Quem é?

– É de paz!

– Que deseja?

– Sou um velho amigo do dono da casa e queria ver a mulher dele.

– Venha quando o marido voltar!

O outro vendo que era impossível vencer a teimosia do papagaio, deu volta e foi-se, bufando de raiva. Mas planejou outra manobra. Trouxe uma cavalhada para correr argolinhas na porta da casa do amigo. De certo a mulher havia de ver as corridas da janela. E ele olharia bem. As cavalhadas vieram e a mulher veio ver mas o papagaio não deixou ela abrir porta nem janela. Espiou pelos buraquinhos. O camarada ficou mesmo contrariado. Amanheceu o dia no balcão, zangado por ter de perder tanto dinheiro que apostara com o amigo. Nesse momento entrou uma velha esmoler e perguntou o que tinha. Depois da insistência da velha, acabou dizendo tudo. A velha achou muita graça.

– Não seja esta a razão de sua tristeza, meu netinho! Se você me prometer pagar, bem paga, vou dar um jeito. Hoje mesmo, de tarde, você enche a barriga de ver essa moça na Igreja.

– Está prometido, minha velha!

A velha empurrou-se para a casa da moça. Bateu. O papagaio perguntou quem era. A velha disse que era uma pedinte que queria ver a dona da casa.

– Faça a volta por detrás. Vá pela cozinha! – disse o papagaio.

A velha foi, conversou e fez muito agrado com a moça. Depois, fazendo cara de choro, disse que passara a noite sem dormir, pensando na desgraça que sucedera ao marido dela, preso na cidade fulana.

A moça, de boba, acreditou, e pegou a ficar agoniada, sem achar canto. A velha aconselhou que ela pagasse na Igreja a promessa que o marido tinha ido fazer na outra

cidade. A moça mandou comprar uma vela, vestiu-se e ia saindo, acompanhada pela velha, quando, atravessando a sala de fora, o papagaio perguntou para onde ela se destinava.

– Vou pagar uma promessa na Igreja, meu louro!

– Ah! Vai! Faz muito bem. Mas é cedo. Meu senhor deixou dito que eu lhe contasse uma história bonita mas nunca tive tempo. Enquanto esperamos a hora eu posso ir principiando.

– Principie, meu louro!

Sentou-se. A velha sentou-se no chão. O papagaio começou:

– Diz que era uma vez um rei que tinha uma filha formosa como os amores. Costumava ela passar a tarde numa varanda do palácio. Um criado do rei veio avisar que todos os dias um moço ficava muito tempo trepado no muro, olhando a *prinspa*[14]. O rei maldou logo que era namoro e o rapaz queria furtar sua filha. Imaginou um jeito de dificultar o negócio e saiu-se com esta. Mandou fazer uma boneca do tamanho da princesa, parecida por demais com ela, com os mesmos trajos, cabelos, olhos. A princesa gostou muito da boneca e brincava horas e horas com ela na varanda. O rapaz, no muro, ia botando sentido em tudo. Numa tarde a princesa sentou a boneca numa cadeira e ficou na outra. Acabou pegando no sono. O rapaz pulou o muro, subiu a varanda e carregou a boneca, pensando que carregava a princesa. Quando a princesa acordou não viu a boneca e começou a chorar e a gritar. Veio a gente toda do palácio e o rei tratou de consolar a filha...

Nesse ponto da história do papagaio, o sino da Igreja tocou as badaladas das “trindades”. O papagaio pediu desculpas por haver contado uma história tão comprida que fizera perder o tempo de pegar a Igreja aberta. A moça mandou a velha embora, dizendo que voltasse no outro dia, e foi tratar da ceia e de dormir.

A velha correu para o negociante e encontrou-o zangado por demais. A velha prometeu que no dia seguinte tudo sairia a contento. Contou que o papagaio atrapalhara a combinação.

No outro dia a velha voltou, bateu e o papagaio mandou que fizesse volta pela cozinha. A moça arranjou-se, embrulhou a vela e ia abrindo a porta quando o papagaio pediu licença para acabar a história que estava quase finda não finda. A moça sentou-se numa cadeira. A velha sentou-se no chão. O papagaio começou:

“Vai daí o rei prometeu que mandava fazer outra boneca, mas a princesa não parava de chorar e dizer que só servia a boneca furtada. E tanto pediu para ir procurar a boneca, e tanto rogou e sapateou, que o rei, com medo que ela ficasse maluca, deu licença. A princesa saiu pelo mundo à cata da sua boneca perdida.

Chegou numa cidade importante e pediu arrancho numa casinha pobre. A dona deu hospedagem e pegaram na conversa. A moça disse que era uma médica. A dona da casa contou que a cidade estava triste porque o filho do rei, filho único, um *prinspo*[15] delicado, estava à morte, sem querer comer, fechado num quarto, sem remédio. A médica se ofereceu para ir ver o príncipe. A dona da casa preparou a janta, botou na

mesa, deixou a moça comendo, e correu para contar ao rei o que havia. O rei disse que ela trouxesse a médica no outro dia. Assim mesmo foi. No outro dia a moça e a dona foram para o palácio falar com o rei. O rei fez muito agrado à moça e disse:

– Se você tratar de meu filho e o curar, eu darei a metade de tudo quanto tenho, até a metade de um copo da minha mesa fica sendo seu!

A moça aceitou tudo, de tinta e papel, e disse que só se encarregava do tratamento se fosse dormir no mesmo quarto do príncipe, para o ouvir suspirar quando ele estivesse dormindo ou a respiração quando estivesse acordado. O rei aceitou e foi com a moça ensinar onde era o quarto do príncipe seu filho...”

Neste, como da vez passada, o sino da Igreja bateu as três badaladas da “Ave-Maria”. O papagaio calou-se. A moça mandou a velha embora e disse que voltasse na tarde do outro dia. O papagaio fazia a história tão comprida, com vozes e ditos, que atrapalhara a maldade da velha.

O negociante ficou irado mesmo, dizendo muito desaforo à velha, embora esta contasse o que se dera e prometesse que não passaria do dia seguinte.

No outro dia foi a mesma cousa. O papagaio fez a velha entrar pela cozinha, para não abrir a porta da rua. A moça preparou-se, segurou a vela, chamou a velha e foi abrir a porta. O papagaio pediu licença para acabar sua história, que estava no fim, no finzinho. A moça sentou-se. O papagaio começou.

“O rei levou a médica até o quarto do príncipe e mandou ela entrar sozinha. A moça entrou e olhou tudo direitinho. Viu um rapaz bonito, deitado numa cama, com os olhos fechados. Chegando mais perto reconheceu que era o tal moço que vivia trepado no muro, espiando para a varanda e que furtara a boneca. Assim que viu bem direito, passou a mão no rosto do moço e perguntou, quando ele abriu os olhos:

– Onde está minha boneca, hem? Onde está minha boneca?

O príncipe abriu os olhos e nem acreditava no que estava vendo. Deu um pulo da cama, ficando em pé, agarrou a moça, e foi dizendo:

– Princesa, minha senhora! Eu estava morrendo de saudades! É você mesmo? Parece um sonho!

Passava as mãos nos olhos, esfregando, com medo que fosse visagem. Depois conversaram muito e a moça perguntou pela boneca. O príncipe mostrou a boneca guardada num armário grande. Foram dormir e pela manhãzinha o príncipe foi falar com o rei. O rei quando viu o príncipe andando, contente, chorou de alegria. Contaram tudo que se tinha sucedido e o rei abraçou a moça como sua nora. Mandaram chamar o rei-velho, pai da médica, e houve um casamento de estrondo. Uma festa tão bonita, com as músicas tão alegres que até eu dancei também... Sabe como foi que eu dancei?”

A moça respondia:

– Não sei, não, meu louro!

E o papagaio, para ir ganhando tempo e dar espaço para o sino tocar, ia cantarolando uma toada muito

desafinada e dançava, todo capenga, uma dança que era de a gente morrer de rir.

E quando o papagaio estava nesse passo, riscou um cavalo na porta e o marido da moça bateu e entrou. Abraçou-a e foi logo dizendo que apostara muito dinheiro com um amigo como este não havia de ver sua mulher ele estando ausente. Acabava de chegar e já recebera o dinheiro da aposta. O amigo contara tudo quanto tinha feito e os conselhos da velha. Deu uns safanões na velha e botou-a de casa para fora. A velha correu para o negociante, mas este, furioso por ter perdido tanto dinheiro numa aposta sem proveito, recebeu-a ainda pior, com pancadas e desaforos, dizendo que não a queria ver mais enquanto vivesse.

O casal viveu sempre na felicidade, tendo o papagaio na maior estimação.

*Manuel Galdino Pessoa,*
*Sapé, Paraíba.*

**Nota** – Esse conto é um curioso exemplo de convergência. Duas histórias, populares ambas, constituem seu enredo. A primeira termina pelo casamento do rapaz com a moça que explicou e compreendeu a originalidade de seus gestos e respostas. A divisão da galinha ocorre noutros contos, impressos e orais. Confronte-se com "Camareiro do Rei", no "*Melhores Contos Populares de Portugal*", p. 113. Rio de Janeiro, 1945.

A história do Papagaio é variante do "Príncipe Cornudo" que Sílvio Romero registrou em Sergipe. Variante quanto ao tipo e não enredo das histórias que o papagaio vai contando à dona, afastando-a da cilada. Na versão do "Príncipe Cornudo" o príncipe tivera a *sina* de ser traído pela esposa. Compra um papagaio. Casa. Vai para guerra. Na sua ausência, um primo da mulher tenta conquistá-la. Faz festas diante do palácio mas o papagaio não deixa que a moça chegue à janela. O enamorado apela para uma velha que pedia esmolas. A velha pede à moça que vá a um batizado. A moça vai sair. O papagaio pergunta: – *Aonde vai, princesa minha senhora, tão bonita e bandarrona a esta hora?* E começa a contar-lhe uma história. Essa história dura três dias, findando pelo regresso do príncipe. O tema da

história do papagaio é mais complexo que o da minha versão. Uma princesa perde a luva indispensável para que possa tomar a bênção ao pai. Sai para procurá-la, dizendo-se *fada-santa*. Num reino cura uma princesa muda, ameaçando-a de contar que esta escondia o namorado num armário. Noutro, encontrou o príncipe desaparecido. Era o moço que se escondia no quarto da princesa. No terceiro, um príncipe estava para morrer de amor. Furtara a luva de uma princesa. A fada-santa, depois de várias cerimônias, dá-se a conhecer e tudo finda em casamento e festa. A história da boneca, contada pelo papagaio do velho Manuel Galdino Pessoa, difere.

Alberto Faria (*Aérides*, Rio de Janeiro, 1918, p. 156) e Gustavo Barroso (*Através dos Folk-lores*, S. Paulo, 1927, p. 7) estudaram esse motivo. Gédeon Huet indicou o *Çuka-saptati*, "Os setenta contos dum Papagaio", como a origem do tema. São as setenta histórias que o papagaio contou para impedir que a mulher traísse o marido ausente. Divulgou-se através do *Touti-Nameh*, de Ziayed-Din Nakhcabi que traduziu para o persa a coleção indiana *Souka-Saptati*, os setenta contos do papagaio. Traduziu reduzindo para 52 histórias. A edição mais completa é a versão alemã de Georg Rosen, feita de um texto turco, *Tuti-Nameh*, *das Papageinbuch* (Haldimann verlag, Basel). Outra seleção persa é a de Mohammed Qaderi, traduzida por Emile Muler que tornou os 52 contos de Nackchabi em 35 (Paris, 1934) e possuo ambas. Há várias traduções inglesas, francesas e alemãs da versão Qaderi. O tema geral é o seguinte: Meimoun, filho do rei Ahmad Soltan, casa com a princesa Khodjesté e presenteia-a com um papagaio falador. Viajando, a mulher é tentada por um estrangeiro e o papagaio entretém a impaciência amorosa da princesa com uma série de contos. No último momento regressa Meimoun e sabendo da verdade mata a esposa. Em Portugal só conheço a variante "Um papagaio", de Ataíde, no *Contos Tradicionais do Algarve*, vol. I, 251, Tavira, 1900. Há outras versões castelhanas.

**14** Princesa.

**15** Príncipe.

# O Velho Ambicioso

Um velho tinha um filho muito trabalhador. Não podendo ganhar a vida como desejava em sua terra, despediu-se do pai e seguiu viagem para longe a fim de trabalhar. A princípio mandava notícias e dinheiro mas depois deixou de escrever e o velho o julgava morto. Anos depois, numa tarde, chegou à casa do velho um homem e pediu agasalho por uma noite. Durante a ceia conversou pouco e deitou-se logo para dormir. O velho, reparando que o desconhecido trazia muito dinheiro, resolveu matá-lo. Relutou muito mas acabou cedendo à tentação e assassinou o hóspede, enterrando-o no quintal do sítio. Voltou para a sala e abriu a mala do morto. Encontrou as provas de que se tratava do próprio filho, agora rico, e que vinha fazer-lhe uma surpresa. Cheio de horror, o pai e matador foi entregar-se à justiça e morreu na prisão, carregado de remorsos.

*Mons. Alfredo Pegado,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Monsenhor Alfredo Pegado de Castro Cortez, o saudoso Vigário-Geral, costumava contar *exemplos* morais nas suas aulas no Colégio Santo Antônio, há mais de trinta anos. Fui seu aluno e nunca esqueci essa história que nos apavorou a todos, meninos do curso primário. Com surpresa, encontrei num estudo de Teófilo Braga sobre a “Novelística Popular (XXXII-XXXIII)” essa mesma narrativa, conhecida na província do Minho, *que é a que alimenta mais a emigração para o Brasil*, opinava o velho mestre português. Escreveu Teófilo Braga: “Na tradição popular do Minho é um rapaz que regressa do Brasil muito rico; procura a cabaninha de seus pais na serra, e encontra-os muito pobres e já velhos; não se lhes dá a conhecer, e pede pousada para dormir aquela noite, na esperança de se dar a conhecer

no dia seguinte. Durante a noite os velhos vão ver a mala do forasteiro, e para se apoderarem da sua riqueza matam-no e enterram-no. Passados dias é que se souberam da chegada do filho, e, confirmada a tremenda apreensão do seu remorso, a mãe enlouquece e o pai vai entregar-se à justiça". Braga cita um *vocero* corso, de Gregorovius, quase igual. Apenas o desconhecido se faz reconhecer pela irmã. Os pais o matam e a irmã, não mais o vendo, pergunta por ele e denuncia a identidade fraterna. Sabe-se do crime e o remorso dos pais é trágico. Gregorovius acrescenta: – *Esta história é verdadeira...* "*Contos Tradicionais do Povo Português*", I, p. XXXII-II, Porto, 1883.

Antti Aarne, nos resumos dos contos não incluídos na sua classificação menciona, sob o nº 939, a narrativa de O. Loorits, tirado do seu livro de contos da Livônia: "*The son return home from military service, brings a large sum of money with him, and is unwinttingly killed by his parents* (N. 321), *The Types of the Folk-Tale, a Classification and Bibliography*, FF Commucations nº 74, Helsinki, 1928, p. 237. Tradução do prof. Stith Thompson, da Universidade de Indiana, Estados Unidos.

Humberto de Campos narra no conto O Seringueiro (*O Monstro e Outros Contos*, Liv. Editora Marisa – 1932, p. 101) um caso idêntico passado com um seringueiro, Joaquim Lucrécio, que, voltando com um dinheirinho do Amazonas, é morto pela irmã e pelo cunhado, para o furtarem, e que descobrem o parentesco, pela assinatura de uma conta achada na bagagem da vítima.

# O Mendigo Rico

Um rapaz rico, filho único, dono de fazendas e sítios, foi uma vez procurado por um aleijado maltrapilho, montando um velho cavalo. O rapaz deu-lhe de comer, abrigo e uma esmola quando o pobre partiu. Meses depois o aleijado voltou e foi recebido pela mesma forma. Ao despedir-se pediu que o moço o visitasse. “Ora, que casa terá esse miserável! Vive embaixo duma árvore. Não me incomodo”, pensou o rapaz. Quando o aleijado apareceu, para nova esmola e hospedagem, repetindo o convite, o rapaz prometeu e, tempos passados, viajou com um criado, indo visitar o aleijado.

Na cidade ninguém conhecia o tal pobre, mas o rapaz tanto virou e perguntou que ensinaram a residência de um capitão, homem rico, que era aleijado. O rapaz foi a essa casa e reconheceu no rico proprietário o aleijado que por três vezes lhe pedira esmola. O aleijado tratou-o como a um príncipe, mostrando sua riqueza, engenhos de cana, lojas de ferragens e fazendas, padarias, gado, mil cousas. Tinha uma filha bonita e o moço começou gostando dela. No fim de três dias despediu-se e viajou. No meio do caminho, na hora do descanso, o rapaz disse ao arreeiro que se não casasse com a moça ficaria doido. O criado aconselhou que ele voltasse. O moço voltou, sendo hospedado com toda alegria e trato. Na ceia, entregou ao capitão uma carta pedindo a mão de sua filha e este leu e passou para a moça, que aceitou, se o

pai fosse do mesmo parecer. O capitão disse que tinha prazer em fazer o casamento, mas punha apenas uma condição: era o rapaz pedir esmolas durante seis meses. O rapaz ficou assombrado com aquela obrigação e não quis dar sua palavra. Voltou para casa, mas no meio do caminho estava arrependido. Ouvindo os conselhos do companheiro, tornou a voltar para a casa do capitão e aceitou a ideia de pedir esmolas seis meses.

Chegando em sua casa, o rapaz contou tudo a sua mãe, que ficou espantada com aquela conversa. Acabou concordando. O arreeiro foi comprar todos os preparos, chapéu de palha, alpercatas, mochila, muleta. A mãe escolheu roupa mais velha e saíram os dois, o moço e o criado por esse mundo, implorando a caridade. No fim dos seis meses voltaram os dois e contaram o dinheiro que ia a cinquenta contos. A velha mãe disse que o filho podia adiar o casamento e tornar a pedir outros seis meses. Ela ficou dizendo a quem perguntava pelo filho que ele se achava na fazenda, ferrando o gado. O capitão aceitou o adiamento e o rapaz tirou outros cinquenta contos de esmolas. Depois, fizeram o casamento com tanta festa que até eu dancei.

*Manuel Galdino Pessoa,*
*Sapé, Paraíba.*

**Nota** – Teófilo Braga, *Contos Tradicionais do Povo Português*, I, 122º, p. 221, registra um conto da Ilha de S. Miguel, *O Príncipe Mendigo*, que é uma versão-fonte. O príncipe apaixonou-se pela filha de um mendigo e este exigiu que o fidalgo pedisse esmolas durante um ano. O príncipe vestiu andrajos e esmolou. Gostou tanto da profissão que não quis casar com a moça nem voltar a ser príncipe. *E assim continuou e veio a acabar na vida de pedinte*. Ataíde, *Contos Tradicionais do Algarve*, vol. IIº, 360, Porto, 1905, dá uma variante, *Como se junta casa*, colhida em Silves.

# Mata-Sete

Era uma vez um alfaiate muito pobre e muito medroso. Um dia estava ele costurando e sendo importunado pelas moscas. Deu uma pancada com a mão em cima da mesa e reparou que havia matado sete moscas de uma vez. Ficou radiante e escreveu numa tábua:

"Mata sete de uma vez" – e pregou esse letreiro na porta.

Sucedeu que o Rei soube dessa fama e mandou chamar o alfaiate que foi tremendo de medo. Lá chegando, o Rei perguntou se era verdade que ele matava sete num golpe e, ouvindo a resposta do rapaz, disse que queria que provasse sua valentia.

Na floresta moravam dois gigantes ferozes que viviam matando quem passava por perto. O rei mandou que Mata-Sete fosse prender os dois gigantes. Mata-Sete foi em procura dos gigantes, mais morto do que vivo, e, assim que ouviu as pisadas dos dois, escondeu-se bem escondido. Os dois gigantes chegaram muito cansados e estiraram-se na sombra de umas árvores, para dormir. Mata-Sete, assim que viu os dois agarrados no sono, apanhou uma pedra e atirou com bem força na cabeça de um deles. O gigante acordou, passou a mão na cabeça, olhou para todos os lados e continuou no sono. Vai Mata-Sete e joga outra pedra no segundo gigante. Este fez o mesmo, mas não vendo vivalma dormiu de novo. Mata-Sete repetiu a pedrada. O gigante acordou e

balançou o companheiro com toda vontade, protestando contra aquela brincadeira bruta de bater com uma pedra na cabeça dele. O outro defendeu-se acusando o amigo. Aquietaram-se, mas Mata-Sete seguiu atirando pedras ora num, ora noutro e os dois gigantes terminaram zangados, discutindo, e agarraram-se numa luta de morte, caindo pelos barrancos, derrubando árvores, até que ficaram cobertos de sangue e quase mortos. Mata-Sete tirou a espada de um gigante e acabou de matar os dois grandões, levando as orelhas para mostrar ao rei que o festejou muito.

Não satisfeito, o rei mandou que Mata-Sete trouxesse o touro bravio que não deixava pessoa alguma passar por perto da cidade. Mata-Sete foi morrendo de medo, mas não tinha outro jeito. Chegou numa campina e avistou o touro, um bicho enorme e feroz que correu imediatamente para cima do rapaz. Mais que depressa Mata-Sete se colocou diante de uma árvore e esperou o touro, fazendo toda a sorte de gestos. Quando o touro estava pega não pega, Mata-Sete rodou para trás da árvore e o touro deu tamanha cabeçada que ficou desacordado no chão. Mata-Sete amarrou-o bem amarrado e correu para avisar o rei do que tinha feito.

Havia uma onça que devorava quase todo o gado. O rei mandou Mata-Sete prender a onça. Mata-Sete ficou certo de que desta vez morria no dente da onça. Escolheu um canto no mato e fez uma casinha de troncos de paus, amarrados com cipós. Abriu uma porta na frente e outra estreitinha, atrás, com uma tranca por fora. Pegou uma ovelha e deixou na frente da casinha, escondendo-se

dentro da sala. Lá para as tantas a onça apareceu farejando a ovelha. Mata-Sete puxou o bichinho para dentro e a onça, para não perder a caça, foi entrando devagar. Assim que ela entrou, o rapaz correu e saiu pela porta de trás e, fazendo a volta, fechou a da frente, deixando a onça presa, urrando de raiva.

O rei ficou certo da coragem de Mata-Sete mas querendo dar-lhe a mão da princesa achou bem que ele fosse comandar nas guerras com outro rei. Mata-Sete montou o cavalo e, como este fosse árdego, arrancou numa carreira doida, levando o rapaz agarrado nas crinas. Na carreira em que ia, o cavalo pulou o muro do cemitério e Mata-Sete caiu como uma trouxa lá dentro. A briga era do lado de fora e, quando Mata-Sete saiu do cemitério, correndo, assombrado, os soldados inimigos tomaram-no por um fantasma e debandaram como coelhos, dando a vitória aos outros, que trouxeram Mata-Sete de charola até o palácio do rei.

A princesa já queria mesmo casar com o rapaz, mas o rei não se resolvia e mandou dez soldados prenderem Mata-Sete e sacudirem ele fora do reino. Mata-Sete vivia esperando uma maldade, por isso viu os dez soldados subindo a escada para o quarto onde ele estava. Fez que estava dormindo e falou alto.

– Vida triste! Inferno! Acabo aleijado por não brigar! Não aparece quem queira lutar comigo! Diabo! Se aparecesse agora um grupo de soldados era uma beleza! Uns dez soldados que eu matasse de um golpe acalmavam meu gênio!

Os soldados, que ouviram essas palavras, voaram de escada abaixo e foram contar tudo ao rei. Este, vendo que Mata-Sete era mesmo valente, deu a filha a casamento e foram os dois muito felizes, vivendo no meio de festas.

*Benvenuta de Araújo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – A história do Mata-Sete é popularíssima na Europa e na América. Teófilo Braga dá uma variante do Porto, *Dom Caio*, dizendo-o variante do episódio "O oleiro e o rei" no "Panchatantra". O oleiro Yudhichthira do "Panchatantra" nada tem de comum. A variante clássica europeia é o *Alfaiate valente,* dos irmãos Grimm. É o Mt. 1640, de Aarne-Thompson, *The Brave Tailor*. Sílvio Romero publicou a versão brasileira, *João Gurumete* (*que de um golpe matou sete*). Na coleção Espinosa, nº 194, há um conto de Soria, *Don Juan Chiruguete mata ocho e espanta siete*. As notas de Bolte e Polivka, comentando o conto dos Grimm, quase encerram o assunto. Excelente a bibliografia de Aurélio M. Espinosa no *Cuentos Populares Españoles*, vol. III, 222-228, Madrid, 1947.

# As Três Velhas

Uma viúva tinha uma filha muito bonita e religiosa que agradava a toda a gente. A viúva queria casar a filha com homem rico e para isso fazia o possível. Na esquina da rua onde moravam as duas havia uma casa de comércio afreguesada, cujo dono era solteiro e de posses. A viúva fazia as compras nessa casa e vivia estudando um meio de conseguir fazer com que o homem conhecesse e simpatizasse com sua filha.

Um dia ouviu-o dizer que só se casaria com uma moça trabalhadeira e que fiasse muito mais do que todas na cidade. A viúva comprou logo uma porção de linho, dizendo que era para a filha fiar, e que esta era a melhor fiandeira do mundo.

A moça ia todas as madrugadas à *Missa das Almas* e encontrava lá três velhas muito devotas que a cumprimentavam.

A viúva chegando a casa entregou o linho à moça, dizendo que teria de fiá-lo completamente até a manhã seguinte. A moça se valeu dos olhos, chorando, e foi sentar-se no batente da cozinha, rezando, desconsolada da vida. Estava nesse ponto quando ouviu uma voz perguntar.

– Chorando por quê, minha filha?

Levantou os olhos e viu uma das três velhinhas da *Missa das Almas*.

– E não hei de chorar? Minha mãe quer que eu fie todo esse linho e o entregue dobado amanhã de manhã...

– Não se agonie, minha filha. Se você me convidar para seu casamento e prometer que três vezes me chamará tia, em voz alta, darei uma ajuda.

A moça prometeu. A velha despediu-se e foi embora, deixando o monte de linho fiado e pronto. A viúva, quando achou a tarefa pronta, só faltou morrer de satisfeita. Correu até a loja do negociante, mostrando as habilidades da filha e pediu uma porção ainda maior de linho. O negociante espantado pelo trabalho da moça não quis receber dinheiro pela compra.

Vendo que as cousas se encaminhavam como ela desejava, a viúva voltou a dar o linho para a filha fiar até a manhã seguinte. Novamente a moça se agoniou muito e foi chorar na cozinha. Novamente apareceu uma velha, a segunda das três, que lhe propôs ajudá-la se ela a convidasse para o seu casamento e a chamasse tia por três vezes. A moça aceitou e o linho ficou pronto num minuto.

A viúva voltou correndo à loja do homem rico, mostrando o linho fiado e gabando a filha. O negociante estava simpatizando muito com a moça que fiava tão depressa e tamanhas qualidades. A viúva voltou com uma carga de linho enorme, entregando aquela penitência à sua filha.

Aconteceu como nas outras vezes. A terceira velha, mediante convite para o casamento e chamá-la tia três vezes, fiou o linho num rápido.

Quando o negociante viu o linho fiado, pediu para conhecer a moça, conversou com ela e acabou falando em casamento. Como era de agradável presença, a moça aceitou e marcou-se o casamento. O homem mandou preparar sua casa com todos os arranjos decentes e encheu uma mesa de fusos, rocas, linhos, tudo para que a mulher se ocupasse durante o santo dia em fiar.

Depois do casamento, na hora do jantar, estavam todos reunidos e muito alegres, quando bateram palmas e entrou uma das três velhas da *Missa das Almas*. A noiva correu logo dizendo:

– Que alegria, minha tia! Entre, minha tia, sente-se aqui perto de mim, minha tia.

Assim que a velha sentou na cadeira, chegou a outra, recebida com a mesma satisfação:

– Entre minha tia! Sente-se aqui, minha tia! Vai jantar comigo, minha tia!

A terceira velha chegou também e a noiva abraçou-a logo:

– Dê cá um abraço, minha tia! Vamos sentar, minha tia! Quero apresentá-la ao meu marido, minha tia!

Foram para o jantar e o marido e convidados não tiravam os olhos de cima das três velhas que eram feias como o pecado mortal.

Depois do jantar, o marido não se conteve e perguntou por que a primeira era tão corcovada, a segunda com a boca torta e a terceira com os dedos finos e compridos como patas de aranhas. As velhinhas responderam:

– Eu fiquei corcunda de tanto fiar linho, curvada para rodar o fuso!

– Eu fiquei com a boca torta de tanto riçar os fios de linho quando fiava!

– Eu fiquei com os dedos assim de tanto puxar e remexer o linho quando fiava!

Ouvindo isso o marido mandou buscar os fusos, rocas, meadas, linhos, e tudo que servisse para fiar, e fez com que queimassem tudo, jurando a Deus que jamais sua mulher havia de ficar feia como as três tias fiandeiras, por causa do encargo de fiar.

Depois, as três velhas desapareceram para sempre. O casal viveu muito feliz.

*Maria Severa Torres de Almeida Souza,*
*Paraíba.*

**Nota** – A narradora, irmã do meu pai, faleceu septuagenária e ouvira contar a história quando menina, dizendo-a corrente no interior do Rio Grande do Norte e Paraíba. Teófilo Braga registrou essa história, "As Fiandeiras", ouvida no Algarve, nº 7, e Consiglieri Pedroso denominou-a "As Tias", nº XIX, na edição inglesa de Ralston. Os irmãos Grimm incluíram a versão alemã, "As três fiandeiras", conto 14, e Kennedy, no "Fire Side Stories of Ireland", traz a variante irlandesa, "A preguiçosa e as tias". Braga cita abundante bibliografia francesa, italiana, sueca-calabresa, etc. É o Mt. 501 de Aarne-Thompson, *The Three Old Women Helpers*, perfeita e totalmente indicado em todos os seus elementos característicos. Fama de fiandeira espalhada pela mãe da moça, H 914; auxílio de três velhas fiandeiras, G 210, N 826; deformadas pelo muito trabalho de fiar, G 212; convidadas para o casamento da moça, G 211; e comparecendo as três, o marido espanta-se do físico das três velhas e vem a saber que ficaram horríveis porque fiaram demasiado. O marido declara que jamais sua mulher fiará, J 51. Há os estudos clássicos sobre essa história, o de Von Sydow, *Tva Spinnsagor*, e as citações de Bolte e Polivka quando monumentalmente comentaram os contos dos irmãos Grimm. Ocorre nos Folclores da Estônia, Finlândia, Lapônia, Dinamarca, Noruega, Suécia, França, Itália, Alemanha, Portugal, Espanha, Brasil etc. A versão brasileira que conheço é a que Silva Campos obteve no Pará, "*A devota das Almas*": A moça não sabia fiar, bordar e engomar, mas era muito devota das almas. Disse um dia às amigas que se casasse com o rei havia de fiar, bordar e engomar uma camisa como ele nunca tinha vestido. O rei mandou-a buscar e exigiu a satisfação da

promessa, sob pena de morte. Casou com o rei e no outro dia apareceram três velhas, altas, magras, esquisitas, dizendo-se tias da rainha. Uma tinha corcovas, uma giba enorme, a segunda olhos esbugalhados e vermelhos e a última braços tão longos que quase arrastavam no chão. Quando o rei perguntou a razão explicaram que a corcunda provinha de tanto engomar, a segunda de tanto bordar e a terceira de tanto fiar. O rei, com medo que a mulher ficasse feia como as velhas, deu ordem para que jamais ela pegasse num fuso para fiar, num ferro para engomar ou numa agulha para bordar. “Contos e Fábulas da Bahia”, p. 322.

# O Conde-Pastor

Não havia ninguém mais orgulhoso que a princesa Sidônia. Era muito bonita e ainda se julgava mais. Todo mundo era indigno de olhar para ela e nem respondia aos cumprimentos. O rei seu pai vivia desgostoso do gênio insuportável de sua filha. Quando chegou na idade do matrimônio, o rei mandou convidar os príncipes e as pessoas importantes para que a princesa escolhesse um noivo. Vieram todos e o rei deu festas deslumbrantes. Apesar de tudo, a princesa não se engraçou de nenhum moço e andava de cara fechada e andando duro sem prestar atenção aos convidados.

No fim das festas o rei perguntou quem ela havia preferido e Sidônia disse que nenhum agradara.

O rei mandou chamar os moços de outros lugares mais longe e ofereceu novas festas. Foi a mesma cousa. Sidônia desagradou de todos e ninguém simpatizou com ela.

Pela terceira vez o Rei fez as festas e novamente a filha ficou sem escolher. Furioso, o rei disse:

– Palavra de Rei! O primeiro homem solteiro que pedir a mão dessa orgulhosa, eu a dou em casamento.

Palavras não eram ditas, apareceu um pastor, ainda moço e bem parecido, pedindo a mão de Sidônia. Esta fechou-se no quarto gritando e chorando. O rei não amoleceu. Mandou chamar a filha e a entregou ao

pastor, com algum dinheiro, e disse que saíssem os dois do seu reinado.

Sidônia acompanhou o marido soluçando. Dormiram debaixo de uma árvore e a chuva molhou-os até os ossos. No outro dia chegaram a uma pobre choupana onde o pastor morava.

– Todos os dias eu vou levar o gado do conde Lourenço para a pastagem. Você fica tomando conta da casa, traz água do rio e lenha do monte.

Sidônia não queria obedecer mas o pastor obrigou-a. Partiu para o campo e a princesa fez todo o serviço de casa, indo buscar água no rio e lenha no monte.

Assim correram os dias, sempre a moça trabalhando de criada para lavar as panelas.

– Não posso mais trabalhar, mas o cozinheiro do palácio do conde Lourenço prometeu que empregaria você como criada para lavar as panelas. É dinheiro que dá para viver e ainda pode trazer jantar para mim todas as noites.

Sidônia chorou como uma condenada, mas teve de ir. Chegou a um palácio que era uma Babilônia de grande, cheio de criados e de carros. Ensinaram o caminho da cozinha e ela apresentou-se ao cozinheiro que lhe entregou um monte de panelas sujas de gordura e um pano de esfregão para limpar. Quando acabou a tarefa, o cozinheiro mandou-a jantar e deu uns restos que ela levou para o marido.

Um mês depois, Sidônia estava acostumada embora tivesse uma certa tristeza quando ouvia a música tocando e o barulho das festas lá nos salões do palácio. Os criados diziam que o conde Lourenço era muito rico e

muito bom. Sidônia lembrava-se que não quisera casar com príncipes e barões e acabara sendo mulher de um pastor de quem gostava muito.

Numa noite, saindo com a lata da comida para casa, ia atravessando, escondida, o jardim claro como o dia, quando um grupo de convidados bem-vestidos e alegres cercou-a, puxando-a para a sala. Sidônia só faltava morrer de vergonha, com aquela roupa feia e manchada de tisne e gordura dos pratos que lavara. Os convidados carregaram-na à força até o meio da sala e um deles, alto, todo barbado, parecendo o chefe de tudo, quis abraçá-la, mas a moça empurrou-o com toda a força, gritando por socorro.

O barbadão voltou para perto dela e perguntou se não queria ficar morando naquele palácio, com roupas e comidas finas, em vez de viver numa choupana escura na companhia de um pastor bruto e feio.

– É pastor bruto e feio mas é o marido que Deus me deu e que eu gosto. Não o troco pelas riquezas nem pelo melhor palácio desse mundo...

Assim que Sidônia disse essas palavras, o barbudão começou a rir e, arrancando as barbas fingidas, mostrou o rosto, e a moça, assombrada, reconheceu o pastor seu marido.

– Eu sou o conde Lourenço, meu bem. Disfarcei-me de pastor combinando tudo com o rei seu pai. Queria também ver se você gostava mesmo de mim e não do que eu possuía. Agora em vez de uma princesa vaidosa tenho uma mulher cheia de virtudes e de bondade. Esses

senhores são todos da minha família e aqui vieram conhecer você.

Abraçou-a e a festa redobrou até de manhã. Chegou no outro dia o rei pai de Sidônia e todos viveram na maior felicidade.

*Benvenuta de Araújo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – É o Mt. 900 de Aarne-Thompson, *King Thrushbeard*. Popularizou-se na Europa com a divulgação alemã dos irmãos Grimm, nº 52, *Koning Drosselbart*. A única versão portuguesa que conheço é a de Adolfo Coelho, XXX, "Conde de Paris" em que o fidalgo se finge de preto. Corrente no século XVII no Conto de Giambattista Basille, *Pride Punished*, *Pentamerone*, IV, 10. Cosquin, "Contes Populaires de Lorraine", II, 99, registrou *La Princesse d'Angleterre,* que é uma variante típica. O estudo definitivo fez Ernst Philippson, *Der Märchentypus von König Drosselbart*. FF. Communications, nº 50, Greifswald, 1923.

# Joãozinho e Maria

Diz que era uma vez um lenhador muito pobre e carregado de família, vivendo numa casinha no meio das matas. Apesar de muito trabalhador passava fome. Numa noite, depois da ceia, a mulher disse que não havia cousa alguma que comer na manhã do outro dia. O homem começou a imaginar e acabou dizendo:

– Não vale a pena eu estar com meus filhos juntos comigo para que morram de fome. É melhor deixar uns dois na mata. Pode ser que encontrem uma alma caridosa e Deus tenha pena deles, que são inocentes.

A mulher não dizia sim nem não e rezava.

Entre os filhos havia um casal, gêmeo, chamado João e Maria. Eram muito pegados um com o outro. Joãozinho ouviu a conversa do pai e compreendeu tudo. Pela manhã o lenhador mandou-os vestir e acompanhá-los para fazer lenha. Joãozinho levou o bolso cheio de pedrinhas brancas do terreiro da casa. Iam andando, andando, e aqui e acolá o menino punha uma pedrinha de sinal. Perto do pino do meio-dia o lenhador parou e disse:

– Fiquem aqui descansando que eu vou procurar umas abelhas de mel. Quando ouvirem um assobio grosso, sou eu. Vão no rumo...

E sumiu-se na mata escura. Joãozinho e Maria esperaram um horror de tempo e nada de ouvir o assobio grosso. Finalmente o menino disse que estava ouvindo

qualquer cousa parecida com que o pai dissera. Foram procurar e encontraram um cabaço, de boca virada para o vento, fazendo aquela zoada grossa.

– Estamos perdidos, valha-me Deus – chorou Maria.

– Vamos voltar pra casa – respondeu Joãozinho.

Botaram o pé no caminho, olhando as pedrinhas e lá para tantas da noite riscaram em casa. Estavam todos ceando porque um devedor pagara a conta e havia dinheiro para vários dias. Fizeram muita festa e foram dormir.

Quando o dinheiro acabou e a fome apareceu, o lenhador começou remoendo a ideia de deixar os dois filhos no meio da mata. Joãozinho não pôde ir apanhar as pedrinhas brancas porque a porta estava fechada e a chave tirada. Guardou o pão que recebera para a marcha e, quando amanheceu, os três seguiram viagem. Joãozinho ia ficando atrás e espalhava pedacinhos de pão. Os passarinhos comiam.

Sucedeu a mesma cousa da vez passada. O lenhador foi caçar abelhas e quando os filhos o procuraram só viram o cabacinho. O menino quis voltar mas não viu mais os sinais que deixara. Ficou triste mas não perdeu a coragem.

Andaram, andaram. Quando ia escurecendo de tudo, Joãozinho subiu num pé de pau que era um despotismo de grande. Lá de cima enxergou, ao longe, uma fumacinha. Desceu mais que depressa, e foi na direção levando a irmã.

Encontraram uma casa muito bonita, toda clara por dentro e uma pessoa cantando. Chegando para mais

perto as duas crianças viram que a casinha era feita de bolos e as telas açucaradas. Joãozinho quebrou um pedaço e entregou a Maria e se apoderou de outro. Uma voz perguntou:

– Quem está bulindo aí?

Esconderam-se depressa mas voltaram para comer.

E de novo a voz perguntou. Na terceira vez ouviram a voz bem descansada, bem nas costas deles:

– Ah! São vocês, meus netinhos? Tão bonitinhos e magrinhos! Entrem.

Era uma velha muito feia, seca como um pau de vassoura, cega de um olho. Dera a volta por detrás e pegara os dois comendo à vontade.

Entraram e a velha, que era uma feiticeira, deu um jantar gostoso e depois levou-os para um quarto onde havia de um tudo. Fechou a porta e deixou-os dormir. No outro dia passou comida e água, e assim sucedeu nos dias todos. Joãozinho conheceu que a velha comia gente e estava engordando os dois para manjá-los. Caçou uma lagartixa, cortou-lhe o rabo e toda vez que a velha trazia a comida e perguntava como eles estavam, respondia:

– Vamos bem.

– Mostre o dedinho!

Joãozinho passava a cauda da lagartixa. A velha, quase cega, palpava e dizia:

– Tão magrinhos! Vamos comer, meus netinhos!

E os tratava muito bem. Meses depois Joãozinho e Maria estavam gordos, corados e fortes, mas sempre mostrando o rabinho da lagartixa. Infelizmente, numa vez, Maria perdeu o rabo da lagartixa e quando a velha

pediu que passassem o dedinho, Maria, que era muito sem juízo, mostrou o mindinho. A velha apalpou, lambeu os beiços.

– Estão no ponto. Vão saindo, meus netinhos...

Deixou os dois saírem e deu um jantar de gente rica. Passou a noite fazendo arranjos e amassando pão. Pela madrugada acordou Joãozinho e disse que fosse buscar lenha, que estava cortada lá fora. O menino saiu, ainda escuro, e viu um monte de lenha cortada em toros. Ficou olhando para um lado e para outro pensando no que devia fazer quando ouviu umas vozes dizendo:

– Joãozinho?

– Oi?

– Leva a lenha para dentro e, quando a velha acender a coivara e pedir que você e sua irmã atravessem a tábua que ela botou no meio, digam que é melhor ela fazer primeiro para ensinar. Empurrem a velha no fogo e não tenham pena.

Assim mesmo foi. A velha acendeu uma coivara que dava para assar dois bois. Atravessou uma tábua no meio e pediu que as crianças passassem para o lado de lá. Joãozinho disse que era perigoso porque não sabia fazer. Melhor era a velha ensinar. A feiticeira subiu para a tábua e, quando estava justamente na metade, os dois puxaram bem depressa. A velha perdeu o compasso e pulou no coivarão, batendo as brasas e labaredas, queimando-se toda. E começou a gritar como uma desesperada:

– Água, meus netinhos!

– Azeite, senhora avó! – respondiam eles. E a velha ficou esturricada, dando um estouro como se fosse uma bomba.

Joãozinho e Maria correram a casa toda, vendo os quartos cheios de riqueza, roupa, pedras preciosas e muita comida e bebida.

Encheram uma porção de cargas e tocaram-se para a casa dos pais onde chegaram, depois de muitos dias. O lenhador, muito arrependido, ficou quase doido de contenteza, e abraçou os filhos chorando. A mãe e os irmãos, nem se fala na alegria deles. Ficaram todos ricos e felizes. E entrou por uma perna de pato e saiu por uma perna de pinto, mandou El-Rei Meu Senhor, que me contassem cinco...

*Francisco Ildefonso (Chico Preto),*
*Praia de Areia Preta, Natal.*

**Nota** – É o episódio de Hansel e Gretel, que os irmãos Grimm reuniram na sua famosa coleção “Kinder und Haus marchen”, sob o nº 15, Jank e Hanka, Jennot e Margot, João e Maria, em todos os Folclores europeus. Teófilo Braga coligiu variantes portuguesas, “As crianças abandonadas”, “O afilhado de Santo Antônio”, 51 e 52 do “Contos Tradicionais do Povo Português”, assim como J. Leite de Vasconcelos, “Tradições Populares de Portugal”, e Consiglieri Pedroso, na versão inglesa dos contos portugueses que fez W. R. S. Ralston, nº XIX, publicação 9 (1882) da “The Folk Lore Society”, de Londres. Ver Mt. 327-A do “Types of the Folk-tale”, de Aarne-Thompson. Ver minhas notas ao conto de Sílvio Romero, “João mais Maria”, *Folclore Brasileiro, Contos Populares do Brasil*, 85-86, Belo Horizonte, 1985. Coleção Reconquista do Brasil, vol. 87.

# O Pequeno Polegar

Havia um casal que tinha doze filhos. Um deles era do tamanho de um dedo polegar e por isso o chamavam Pequeno Polegar. Essa família, que era muito pobre, e às vezes não tinha o que comer, resolveu abandonar seus filhos na floresta. O Pequeno Polegar, ouvindo a conversa, foi buscar umas pedrinhas nas areias das margens do rio. Pela manhã, o pai levou-os para a floresta e disse:

– Fiquem aqui que eu vou cortar lenha.

Os meninos ficaram, e o mau pai foi para casa, deixando-os perdidos. Os meninos choraram com medo das feras, mas o Pequeno Polegar sossegou-os, e os levou para casa, guiando-se pelas pedrinhas que na vinda havia deixado cair para marcar o caminho. O pai tinha recebido algum dinheiro, e tendo comprado comida, lastimava-se:

– Ai! meus filhinhos! Se eles estivessem aqui!

O Pequeno Polegar, que estava com seus irmãos atrás da porta, apareceu e foi abraçado pelos pais.

Novamente, tempos depois, voltou a fome, e os pais pensaram em deixar os filhos na floresta. O Pequeno Polegar, ouvindo a conversa, correu para fora, mas encontrou a porta fechada. Foi à despensa e trouxe alguns grãos de arroz. De manhã, aconteceu a mesma cousa, mas, quando o Pequeno Polegar quis voltar, notou que os passarinhos tinham comido todos os grãos.

Ficaram desta vez perdidos, pois não sabiam a estrada para a casa. Vindo a noite, Polegar trepou-se numa árvore e lá de cima avistou uma luzinha. Desceu, e, reunindo os irmãos, dirigiu-se nessa direção.

Chegou a uma casa grande e bonita e bateu, pedindo agasalho. A mulher que os recebeu era uma Papona, pegou-os e prendeu-os. O Papão, quando chegou, soube de tudo, mandou que guardassem os meninos para depois.

A Papona deitou-os todos numa cama, perto de outra em que estavam dormindo as filhas do Papão, cada uma com uma coroa de ouro na cabeça. Quando o Papão, a Papona e todos adormeceram, o Pequeno Polegar tirou os gorrinhos da cabeça dos irmãos e da sua e trocou-os pelas coroas das filhas do Papão. Este, acordando alta noite, teve vontade de matar as crianças e, pegando na espada, dirigiu-se para o quarto. Lá chegando, no escuro da noite, foi apalpando as cabeças e, encontrando as coroas nas cabeças dos meninos, disse, baixinho:

– Arre! que eu ia matando minhas filhinhas!...

Passou a mão pelas cabeças das filhas e achou os gorrinhos:

– Aqui estão eles! E passou a espada, degolando todas.

Assim que o Papão foi dormir, Polegar acordou os irmãos e fugiram bem depressa. De manhã, a Papona foi ao quarto das filhas e desmaiou! O Papão, vendo-se enganado, calçou as botas de sete léguas e foi à procura dos fujões.

Polegar, percebendo o perigo, escondeu-se numa gruta. O Papão estava muito cansado e, parando perto deles,

deitou-se e pegou no sono. Polegar, bem devagarinho, tirou as botas do Papão e desembainhando a espada cortou-lhe o pescoço. Depois calçou as botas de sete léguas e partiu na direção da casa do Papão. Chegando lá, chamou a Papona e falou assim:

– Seu marido está prisioneiro, e manda buscar seu tesouro!

A Papona entregou tudo, Polegar carregou o que pôde, voltou para junto dos seus irmãos, indo todos para casa. Entregou o tesouro a seu pai e mais tarde foi nomeado correio real por causa das botas de sete léguas.

*Fernando Luís da Câmara Cascudo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Transcrevo uma versão escrita pelo meu filho, com onze anos de idade, talqualmente a ouviu das empregadas da casa, no passar dos anos. É o secular “Le Petit Poucet”, de Perrault, impresso desde a segunda metade do século XVII. A única diferença é o número das crianças, sete em Perrault, doze na versão que registrei. Lembremos que numa versão francesa, do século XVIII, de Cifflé de Lunéville, o “Ptiat Pousset”, o casal passa a ter onze filhos. Petit Poucet, Tom Pouce, Petit Bout d’Homme, Jean Bout d’Homme, Daumerdick, dos irmãos Grimm, Daumerleng, dos austríacos, Swend-tomling e Thaumelin da região escandinava, Maltchick dos eslavos, Tom Thumb dos ingleses, corre toda Europa, estudado, examinado, discutido como um problema. Paul Saintyves dedicou páginas densas de erudição no “*Les Contes de Perrault et les Récits Parallèles*”, 245-318. Gastão Paris escreveu um ensaio, “Le Petit Poucet et la Grande Ourse”, 1875, ligando o herói minúsculo à Ursa Maior, como Robert Lehmann-Nitsche faria posteriormente como Saci Pererê. Teófilo Braga recolheu uma variante portuguesa em Porto e Açores onde o chamam “Manuel Feijão”. Meu filho informou-me que existia outra versão, onde o Pequeno Polegar era denominado “Miudinho”. Uma variante russa chama-o “Dedo Mindinho”. Há, entretanto, dois temas inteiramente diversos com o mesmo título de “Pequeno Polegar”, etc. No primeiro mantém-se a tradição de Perrault, como a que transcrevo. A outra, um ser minúsculo, nascido milagrosa ou estranhamente, ajuda os pais viverem, escondendo-se na orelha do cavalo que puxa a charrua, roubando bois, sendo engolido por um lobo, etc. Nessa versão não aparecem os motivos de Perrault, a floresta, o abandono das crianças, o papão, ogre,

gigante, a troca das coroas, as botas da sete léguas, etc. A maior divulgação é da segunda fonte. Assim é o “Manuel Feijão”, de Teófilo Braga e o “Grão de Milho”, de Adolfo Coelho de Afanasiev, etc., etc. O “Periquillo”, que o prof. Aurélio M. Espinosa registrou em Córdoba, na Espanha, 158º, IIº, dos “*Cuentos Populaires Españoles*”, pertence ao mesmo tipo. É neste sentido, o Mt. 700, de Aarne-Thompson, *Tom Thumb*.

# Seis Aventuras de Pedro Malazarte

## I

Um casal de velhos possuía dois filhos homens, João e Pedro, este tão astucioso e vadio que o chamavam Pedro Malazarte. Como era gente pobre, o filho mais velho saiu para ganhar a vida e empregou-se numa fazenda onde o proprietário era rico e cheio de velhacarias, não pagando aos empregados porque fazia contratos impossíveis de cumprimento. João trabalhou quase um ano e voltou quase morto. O patrão tirara-lhe uma tira de couro desde o pescoço até o fim das costas e nada mais lhe dera. Pedro ficou furioso e saiu para vingar o irmão.

Procurou o mesmo fazendeiro e pediu trabalho. O fazendeiro disse que o empregava com duas condições: não enjeitar serviços e do que primeiro ficasse zangado tirava o outro uma tira de couro. Pedro Malazarte aceitou.

No primeiro dia foi trabalhar numa plantação de milho. O patrão mandou que uma cachorrinha o acompanhasse. Só podia voltar quando a cachorra voltasse para casa. Pedro meteu o braço no serviço até meio-dia. A cachorrinha deitada na sombra nem se mexia. Vendo que era combinação, Malazarte largou uma paulada na cachorra que saiu ganindo e correu até o alpendre da casa. O rapaz voltou e almoçou. Pela tarde nem precisou

bater na cachorra. Fez o gesto e o bicho voou no caminho.

No outro dia o fazendeiro escolheu outra tarefa. Mandou-o limpar a roça de mandioca. Pedro arrancou toda a plantação, deixando o terreno completamente limpo. Quando foi dizer ao patrão o que fizera este ficou feio.

– Zangou-se, meu amo?

– Não, senhor – respondeu o patrão.

No outro dia disse que Pedro trouxesse o carro de bois carregado de pau sem nós. Malazarte cortou quase todo o bananal, explicando que bananeira é pau que não tem nó. O patrão ficou frio.

– Zangou-se, meu amo?

– Não, senhor.

No outro dia mandou-o levar o carro, com a junta de bois, para dentro de uma sala numa casinha perto, sem passar pela porta. E, para melhor atrapalhar, fechou a porta e escondeu a chave. Malazarte agarrou um machado e fez o carro em pedaços, matou os bois, esquartejou-os e sacudiu, carnes e madeiras, pela janela, para dentro da sala. O patrão, quando viu, ficou preto.

– Zangou-se, meu amo?

– Não, senhor.

Mandou vender na feira um bando de porcos. Malazarte levou os porcos, cortou as caudas e vendeu-os todos, por bom preço. Voltando enterrou os rabinhos num lamaçal e chegou em casa gritando que a porcada estava atolada no lameiro. O patrão foi ver e deu o desespero. Malazarte sugeriu cavar com duas pás. Correu para casa e pediu à

dona que lhe entregasse dois contos de réis. A velha não queria, mas o rapaz, para certificá-la, perguntava ao patrão por gestos se devia levar um ou dois, e mostrava os dedos. Ante os gritos do amo, a velha entregou o dinheiro ao Pedro. Voltou para o lameiro e começou a puxar a cauda de cada porco que dizia estar enterrado. Ia ficando com todas na mão. O patrão ficou suando, mas não deu mostras de zanga. E Pedro ainda negou que tivesse recebido dinheiro.

Vendo que ficava pobre com aquele empregado, o fazendeiro resolveu matá-lo o mais depressa possível, de um modo que não o levasse à justiça. Disse que andava um ladrão rondando o curral e deviam vigiar, armados, para prender ou afugentar a tiros. A ideia era atirar em Malazarte e dizer que se tinha enganado, supondo-o um malfeitor. De noite o fazendeiro foi para o curral e Pedro devia substituí-lo ao primeiro cantar do galo. Quando o galo cantou, Malazarte acordou a velha e disse que o marido a esperava no curral, e que levasse a outra espingarda, porque ele, Pedro, ia fazer o cerco pelo outro lado. A velha apanhou a carabina e foi, sendo morta pelo fazendeiro com um tiro, certo de que abatia, pelo vulto, o atrevido criado. Assim que a velha caiu, Pedro apareceu chorando e acusando o amo. Este, assombrado, pagou muito dinheiro para não haver conhecimento da justiça e ofereceu ainda mais dinheiro se o Malazarte se fosse embora, sem mais outra proeza. O rapaz aceitou e voltou rico para casa dos pais.

# II

Não podendo ficar sossegado, Malazarte largou a casa, indo correr mundo. Logo no primeiro dia encontrou um urubu com uma perna e uma asa quebradas, batendo no meio da estrada. Agarrou o urubu e meteu-o dentro de um saco, seguindo caminho. Ao anoitecer estava diante de uma casa grande e bonita, alpendrada. Pela janela viu uma mulher guardando vários pratos de comidas saborosas e garrafas de vinho. Bateu e pediu abrigo mas a mulher recusou, dizendo que não estava em casa o marido e ficava feio ter um homem de portas a dentro. Malazarte foi para debaixo de uma árvore e reparou na chegada de um rapaz ainda moço, recebido com agrados pela dona da casa que o levou imediatamente para jantar. Iam os dois começando a refeição quando o dono da casa apareceu montado num cavalo alazão. O rapaz pulou uma janela e fugiu. Malazarte deu tempo para o dono da casa mudar o traje e tornou a bater e pedir dormida. O dono apareceu e mandou-o entrar, lavar as mãos e ir jantar com ele.

A comida que apareceu era outra, bem pobre e malfeita. Malazarte, sempre com o urubu dentro do saco, deu com o pé, fazendo-o roncar, começou a falar, baixinho, como se estivesse discutindo.

– Com quem está falando? – perguntou o dono da casa.

– Com esse urubu.

– Urubu falando?

– Sim, senhor, falando e adivinhando. Esse urubu é ensinado a adivinhar.

– E o que ele está adivinhando agora?

– Está me dizendo que naquele armário há um peru assado, arroz de forno, bolo de milho e três garrafas de vinho.

– Não me diga... Procura aí, mulher!

A mulher procurou e, fingindo-se assombrada pela surpresa, encontrou tudo quanto anunciara o urubu e trouxe os pratos e o vinho para a mesa. Comeram fartamente e o dono quis porque quis comprar o urubu. Pela manhã Malazarte, muito contrariado, aceitou o dinheiro alto e foi embora, deixando o urubu que nunca mais adivinhou cousa alguma.

## III

Malazarte encontrou uma ruma de excremento ainda fresca, no meio da estrada. Parou, curvou-se e cobriu o achado com seu próprio chapéu, ficando de cócoras, segurando as abas, como se guardasse uma preciosidade. Passou um homem, a cavalo, e parou, perguntando:

– Que está guardando aí?

– O mais bonito passarinho do mundo! Custou mas segurei-o.

– E o que vai fazer?

– Esperar que passe um conhecido para vendê-lo ou mandar comprar uma gaiola.

– Quanto quer pelo passarinho?

– Vinte mil-réis!

– Está fechado. Tome o dinheiro, monte neste cavalo e vá buscar uma gaiola, ali na vila.

Apeou-se, Malazarte meteu o dinheiro no bolso, cavalgou o animal, picou-o nas esporas e desapareceu para sempre.

O dono do passarinho esperou, esperou e, perdendo a paciência ou cutucado pela curiosidade, passou a mão para segurar a mais linda ave do mundo, ficando com ela suja e nauseante, furioso pelo logro e sem poder castigar o astucioso larápio.

# IV

Órfão de pai, Malazarte viu morrer sua mãe, ficando muito triste. Mas, sendo ardiloso por natureza, do próprio cadáver quis aproveitar-se e ganhar mais dinheiro. Saiu com ele e escondeu-o nuns capins, perto de um pomar. O dono desse pomar era homem rico e violento, tendo comprado uma matilha de cachorros ferozes para a defesa das frutas. Ao anoitecer, Malazarte levou o corpo da velha e sacudiu-o por cima da cerca. Os cachorros acudiram imediatamente ladrandro e mordendo. Nesse momento, Malazarte começou a gritar pelo dono do pomar, e quando este apareceu acusou-o de haver assassinado sua mãe, velhinha inofensiva que entrara no sítio para apanhar um graveto de lenha. Sabendo da ferocidade dos cachorros, Malazarte correra para impedir, mas já chegara tarde. O dono do pomar, cheio

de medo, pagou muito dinheiro e ainda encarregou-se de enterrar a velha com toda a decência.

## V

Pedro Malazarte comprou uma panelinha nova para cozinhar quando viajasse. Na primeira viagem que fez levou a panelinha e estava preparando seu almoço, já abrindo a fervura, quando ouviu o tropel de um comboio que carregava algodão. Mais que depressa cavou um buraco, colocou todas as brasas e tições, cobrindo de areia, e pôs a panela por cima, fervendo. Os comboieiros que iam passando ficaram admirados de ver uma panela ferver sem haver fogo. Pararam, discutiram e perguntaram se Malazarte a queria vender por bom dinheiro. O sabidão fez-se muito rogado, dizendo ter adquirido aquele objeto em terras distantes, mas terminou vendendo a panelinha. Os comboieiros seguiram jornada, muito satisfeitos da compra que no outro dia verificaram ser mais um logro do endiabrado rapaz.

## VI

Nas cercanias da casa de Pedro Malazarte morava um homem rico e muito avarento. Vivia enganando toda a gente e sendo detestado por todos os vizinhos. Não pagava ordenado aos seus empregados porque fazia apostas e não era possível cumprir-se uma das condições

porque tinham sido escolhidas com intenção de burla. Malazarte ofereceu-se para criado e o homem aceitou.

Se Malazarte ficasse trinta dias sem pedir a conta, seria pago três vezes, e, não o fazendo, nada teria de direito.

O homem mandou Malazarte com mais de duzentas ovelhas para o campo, com ordem de passar por uma garganta de serra muito estreita. As ovelhas recusavam avançar e os empregados anteriores haviam desistido com esse embaraço. Malazarte chegou ao boqueirão, agarrou uma ovelha, amarrou-a e saiu na frente puxando o animalzinho. As outras acompanharam sem dificuldade.

Não deram rede para Malazarte dormir. “Durma onde quiser”, disse-lhe o homem. Pedro, vendo que o casal guardava a comida num armário grande, trepou-se para cima, com as pernas descidas e recusou sair, dizendo ser aquela a sua cama. Como o casal queria comer, ofereceram ao novo empregado o direito de fazer as refeições com eles, marido e mulher, chegando à conclusão de que só iam comer pão e bolachas, o que davam a Pedro quando ele se empregou.

Mandou o dono que Malazarte levasse o carro de bois e o metesse numa sala sem passar pelas portas. Malazarte despedaçou o carro, partiu os bois em quatro e jogou tudo pela janela.

Dias depois o dono da casa foi viajar e recomendou a Pedro que queria encontrar o gado muito bem tratado, rindo-se com o tempo. Quando o homem voltou viu que Malazarte havia cortado os beiços dos bois, vacas, novilhos, touros, deixando-os com os dentes de fora,

como se estivessem rindo. Não quis mais conversa. Pagou três vezes e mandou que Pedro Malazarte fosse embora antes que ficasse completamente arruinado.

*Nordeste do Brasil,*
*L. da C. C.*

**Nota** – Malazarte em Portugal, Pedro de Urdemales na Espanha, popularíssimo e velhíssimo, derrama sua presença no continente ibero-americano. No Brasil, Lindolfo Gomes reuniu doze episódios no *Contos Populares*, Iº, 64, e no *Vaqueiro e Cantadores*, Belo Horizonte, 1984, Coleção Reconquista do Brasil, vol. 81[16], divulguei suas proezas em versos no sertão nordestino. Rámon A. Laval publicou *Cuentos de Pedro Urdemales*, Santiago do Chile, 1925, vinte aventuras, reeditados em 1943, e em Porto Rico Maria Cadilla de Martinez colecionou façanhas do herói no *Raices de la Tierra*, Arecibo, 1941. Já era citado na canção 1132 do *Cancioneiro de Vaticana*, fins do século XV. ... *chegou Payo de maas Artes*. É o "Pedro de Urde Lamas" da *Lozana Andaluza* (séc. XVI). Miguel Cervantes de Saavedra escreveu uma comédia "Pedro de Urdemales". Citam sua figura astuciosa e alegre Espinel, Lope de Vega, Quevedo, Salas Barbadillo, Montalbón, Calderón de la Barca. *Pedro de Urdemales eres*, fala o velho Quintana no segundo ato do *Dom Gil de las Calzas Verdes*, de Tirso de Molina. D. Francisco Manoel de Melo evoca-o no *Relógios Falantes*. O prof. Aurélio M. Espinosa estudou 68 versões hispânicas em cinco tipos, *Cuentos Populares Españoles*, IIIº, 131-150. É uma figura legítima da novela picaresca castelhana como Lazarillo de Tormes, Gusmán de Alfarache, El Buscón, Estebanillo Gonzalez. Correspondendo ao Eulenspiegel europeu ou Uhlakaniana zulu, personagem humano determinando realmente um ciclo temático na literatura oral e popular, seus episódios mais conhecidos são somas de temas diversos que ocorrem noutras histórias, espalhadas no mundo. No IIº desta coleção é motivo de entremez de Cervantes de Saavedra, *La Cueva de Salamanca*, entre 1610 e 1611. O IIIº aparece em Flandres (*Contes de la Flandre*, Mt. 1529, Maurits De Meyer, FFC 37) e na Walonia (G. Laport, *Les Contes Populares Wallons*, Mt. 1528, FFC 101). O IVº é o Mt. 1537 de Aarne-Thompson. O Vº é o elemento K-112.1, *The self-cooking pot*. No VIº a ovelha carregada, obrigando o rebanho a segui-la, é influência dos carneiros de Dindenault, *Pantagruel*, VIII, *Comment Panurge fit en mer noyer de marchant et les moutons*, que Rabelais encontrara na décima primeira *Macaronée* de Merlin Coccaie (Folengo).

**16** Edição atual – São Paulo: Global, 2005. (N.E.)

# O Boi Leição

Havia um homem muito rico, dono de uma fazenda muito grande. Entre o “gadame” de sua propriedade, possuía ele, nesta fazenda, um boi que era a “fulô” do curral. Chamava-se o boi, boi Leição.

E possuía também um vaqueiro que nunca havia faltado com a verdade.

Um dia esse fazendeiro foi visitar um seu compadre, também muito rico, que morava noutra fazenda encostada; e, no meio da conversa, teve ocasião de lhe dizer que tinha um vaqueiro que nunca havia mentido.

– Qual nada, compadre! Eu não acredito. Se eu que sou um homem branco e rico, minto, quanto mais o seu vaqueiro!...

– Pois, meu compadre, você pode mentir, eu não duvido; mas eu lhe afianço que o meu vaqueiro nunca mentiu nem mente.

– Mente, compadre!...

– Não mente.

– Então vamos fazer uma aposta!...

– Faço a aposta que o compadre quiser.

– Pois bem, todos os meus haveres contra os seus.

– Está feito.

– Mas tem uma coisa: eu só aceito passada com tinta e papel.

Então mandaram chamar o juiz de “dereito”, o escrivão e o promotor, e passaram o preto no branco, com a

assinatura deles e de todas as testemunhas presentes.

Mas o compadre que propôs a aposta e que tinha três filhas, às escondidas do outro, chamou a mais moça, que era a mais bonita de todas, e lhe disse:

– Minha filha, você vai fazer os gostos de seu pai. Siga por este “compra-fiado” até chegar na fazenda do compadre. Chegando lá procure a casa do vaqueiro e arranje todos os meios para morar com ele. Uma vez em sua companhia faça tudo para lhe agradar e iludir, e quando fizer três semanas deseje comer o “figo” do boi Leição!... Peleje com ele e só me saia de lá depois que ele tiver matado o boi, que o amor de uma mulher bonita consegue tudo no mundo, quanto mais fazer um vaqueiro mentir!...

Direitinho como o pai lhe havia ordenado, procedeu a filha. Quando chegou na casa do vaqueiro não tinha ninguém. Sentou-se no batente da porta e ficou esperando.

Às 4 horas da tarde, quando o vaqueiro apareceu tangendo uma boiada, avistou, assentada na porta dele, aquela moça, como ele nunca tinha visto tão bonita.

– Moça, faça o favor de abrir-me esta porteira!...

A moça levantou-se e abriu.

Depois de trancado o gado no curral, perguntou-lhe o vaqueiro o que andava fazendo por ali. Ela respondeu que seu pai lhe maltratava muito em casa, todo dia dava-lhe uma surra; por isso tinha saído pelo mundo, como uma desvalida, toda rasgada e com fome, atrás de uma pessoa que lhe protegesse.

– Pois minha moça, eu sou solteiro, você também, entre para dentro e vamos morar juntos.

Era o que ela queria!... E começaram a viver juntos: a moça tudo fazendo, no arranjo da casa e nos carinhos que fazia ao vaqueiro, para lhe agradar. E passaram-se assim dias de alegria e de amor. Mas, quando inteirou três semanas, a moça desejou comer o “figo” do boi Leição!...

– Não, moça, eu não faço isso! O boi Leição é a “fulô” do gado de meu senhor. É o boi de sua estimação. Você escolha em toda fazenda a rês que quiser, que eu mato; menos o boi Leição!...

Mas ela tanto agradou, tanto pediu e tanto fez, que o vaqueiro não resistiu; baixou o machado no boi Leição e matou.

Na ocasião da janta ela só provou mesmo uma pontinha do “figo”; e no outro dia, quando o vaqueiro chegou da vaquejada, encontrou a casa limpa!...

A moça tinha fugido. E ao chegar em casa, antes de dar a bênção ao pai, foi logo dando conta do seu desempenho:

– Pronto, meu pai, o vaqueiro do seu compadre matou o boi Leição!...

Não se contendo em si de satisfeito, o velho fazendeiro, depois de abraçar e abençoar a filha, mais que depressa, botou a sela no cavalo e seguiu para casa do compadre:

– Minhas “alvistas”, compadre, que o seu vaqueiro matou o boi Leição.

– Não me diga uma coisa dessa, compadre, que é uma desgraça! Mas eu lhe afianço uma coisa; se ele matou,

não nega!...

– É o que nós vamos verificar. Mande nesse instante chamar o seu vaqueiro e vamos decidir a nossa aposta. Eu quero ver se ele mente ou não mente!...

O vaqueiro morava duas léguas distante. E, quando o portador chegou em sua casa para chamá-lo, encontrou-o no terreiro, impaciente e de olhos vermelhos, pois passara a noite toda em claro, somente pensando na história que contaria ao patrão. O boi Leição era o novilho de mais estima na fazenda, o orgulho do seu senhor, a "fulô" do cercado. Que desculpa arranjaria para dar? Haveria de arranjar.

Selou o cavalo, montou-se e seguiu viagem em direção da casa do fazendeiro. Quando chegou no meio da estrada, encontrou um toco da altura de um mourão de cancela. Parou um momento "maginando". Depois "vastou" o cavalo para trás, pinicou-o com as esporas, fez carreira, deu uma esbarrada violenta de encontro ao toco e o cumprimentou:

– Bom dia, senhor meu amo.

– Beija a mão, meu vaqueiro – respondeu o próprio vaqueiro pelo toco, que naquele ensaio fazia as "veis" do patrão. – Como deixou a nossa fazenda?

– Deixei tudo em paz, senhor meu amo; só assim vindo eu uma boa tarde, duma bonita vaquejada, uma cobra mordeu e matou o boi Leição!

"Mas isso não é conversa de homem, não é história que eu conte ao meu patrão, que eu nunca menti..." – disse o vaqueiro consigo mesmo. "Estou perdido!..."

Então “vastou” outra vez o cavalo, passou-lhe as esporas novamente, riscou confronte o toco e bradou:

– Bom dia, senhor meu amo.

– Beija a mão, meu vaqueiro; como deixou a nossa fazenda, tudo em paz?

– Tudo em paz, senhor meu amo; só assim vindo eu uma boa tarde, duma bonita vaquejada, o boi Leição, que vinha na frente, despencou-se do bico dum “taiado” e “torou” o pescoço no baixio!...

“Mas isso é uma grande mentira. Eu não conto uma história dessa a meu amo.”

E de novo “vastou” o cavalo, agarrou-o nas esporas novamente e deu um encontrão tão grande no toco, que estremeceu de cima abaixo:

– Bom dia, senhor meu amo.

– Beija a mão, meu vaqueiro; como deixou a nossa fazenda?

– Tudo em paz, senhor meu amo; só assim uma grande desgraça aconteceu:

*Vindo eu, uma boa tarde,*
*Duma bonita vaquejada,*
*Chegando na minha porta,*
*Achei uma “pilingrina” assentada;*
*No passar do meu batente,*
*Vi-lhe bonitas pernas e lindo rosto,*
*Palpitou-me o coração*
*E eu matei o boi Leição!...*

“Ah! isso é que é conversa de homem!” – disse o vaqueiro confortado. – “Dê no que der, é essa conversa que eu vou dizer ao meu patrão.” – E tocou o cavalo estrada a fora.

Quando chegou na cancela do cercado e que olhou para o terreiro da casa-grande, estava coalhado de gente, que tinha vindo de toda “parage”, somente para ver o vaqueiro mentir.

E ao chegar mais perto, aprumou-se no animal, juntou-o nas esporas com toda força que tinha nas pernas, fez carreira e riscou no terreiro que o “poeirame” subiu; e tirando o chapéu de couro, levantou a cabeça e salvou o patrão:

– Bom dia, senhor meu amo.

– Beija a mão, meu vaqueiro – respondeu, severo, o patrão. – Como deixou a nossa fazenda?

– Tudo em paz, senhor meu amo; só assim tenho uma triste notícia a lhe dar:

*Vindo eu, uma boa tarde,*
*Duma bonita vaquejada,*
*Chegando na minha porta,*
*Achei um “pilingrina” assentada;*
*No passar do meu batente,*
*Vi-lhe bonitas pernas e lindo rosto,*
*Palpitou-me o coração*
*E eu matei o boi Leição!...*

Essas palavras ainda bem não acabavam de ser ditas, e o povo todo prorrompeu em palmas e vivas que foi uma coisa nunca vista!... O vaqueiro foi tirado do cavalo, nos braços.

– Então, compadre, eu não lhe disse que o meu vaqueiro não mentia? – advertiu o fazendeiro tomado de satisfação pelo que acabava de presenciar. – Mas não tem nada não, eu só aceito a metade de sua fortuna. O resto fica para você e sua família, que eu não quero lhe

deixar na miséria. Mas não se esqueça, compadre, de que o meu vaqueiro não mentiu; e fique sabendo para sempre que o homem que não mente, não mente nunca!...

A metade que o fazendeiro ganhou, essa mesma ele deu ao vaqueiro, por ter sabido sobretudo prezar a verdade; e assim ficou este muito rico e não tardou a pedir a mão da moça em casamento, com muita satisfação dos dois compadres.

E no dia do casamento houve uma festa tão grande que abalou todo o pessoal da redondeza. Dançou-se sete dias com sete noites "encastoados". Naquele tempo eu ainda era solteiro, e meti-me no meio e dancei tanto que quase me acabo!... A festa só se acabou no fim do sétimo dia; assim mesmo porque os dedos do tocador do harmônico, de tão inchados que estavam de tocar, não podiam mais arrastar o fole.

*José Maria de Melo,*
*Colhido da tradição oral, em Viçosa, Alagoas.*

**Nota** – O *Boi Leição*, registrado em Viçosa, Alagoas, é o mesmo *Boi Cardil*, nº 58, dos *Contos Tradicionais do Povo Português*, de Teófilo Braga. Anotando-o, diz o autor (p. 207, 2º vol.) encontrar-se o mesmo na tradição da Ilha da Madeira, denominado o *Boi Bragado*, e a versão de Coimbra chama-o *Boi Rabil*. Informa ainda ter vindo o conto do Algarve. O criado explica ao Rei (o fazendeiro no Brasil): "Perua alva – Corpo gentil – Me fez a mim matar – O nosso boi Cardil". Na Madeira: "Senhor meu amo – Pernas altas e cara gentil – Me fizeram matar o boi Rabil". A variante brasileira que o sr. José Maria de Melo ouviu indica as bonitas pernas e o lindo rosto, reminiscências da fonte lusitana. Aurélio M. Espinosa encontrou em Coria, na Espanha, a história espanhola, com o nome de *El Toro Barroso*. O final é assim: "Buenas noches, sñor amo. Y el amo respondia: Buenas noches, criado mio. Que tal las vacas? Y el criado le decia: – Unas gordas y otras flacas. Y el toro Barroso: – Florido y hermoso", talqualmente a versão do Rio Grande do Norte: – "Como vai, Quirino? – Com a graça de Deus e o favor do meu amo! – A obrigação? – Em paz e a salvamento. – As vacas? – Umas

gordas e outras magras. E o boi Barroso? – Vai forte, valente e mimoso!" O fim da história espanhola traz versinho: – "Por unas piernas blancas y un fandango hermoso – Dí el corazón del toro Barroso". As versões de Portugal e Espanha não terminam com o casamento. *Cuentos Populares Españoles*, nº 48, vol. Iº, p. 101, Stanford, U.S.A. 1923. Teófilo Braga junta bibliografia, dizendo que o *Boi Cardil* está nos *Contos Sicilianos*, de Laura Gonzenbach (nº VIII) sendo uma Cabra em vez de um Boi, assim como os *Contos de Pomigliano*, de Vittorio Imbriani, chamando-se o herói José Verdade. Os elementos da história ocorrem no *Gesta Romanorum* (cap. III), na fábula V, noite-III, das *Piacevoli Notte*, de Straparola, nos *Contos Turcos*, p. 315, de Loiseleur des Longchamps, e em vários apólogos orientais, como o *Scheik Chehabeddin*, no *Quarenta Visires*, etc. Victor Chauvin, *Bibliographie des Ouvrages Arabes*, vol. VIII, 166, Liége, 1904, divulga um resumo oriental, com muitas fontes de textos. O *écuyer* sacrifica um cavalo de estimação do Rei. O conto é *La véracité* (Saddyq). A. Loiseleur Deslongchamps, *Essai sur les Fables Indiennes et sur leur Introduction en Europe*, 173, Paris, 1838, estuda igualmente o tema do *Grand écuyer Sddyq*, o modelo dos nossos vaqueiros fiéis.

# 3 – CONTOS DE ANIMAIS

# O Sapo e o Coelho

O Coelho vivia zombando do Sapo. Achava-o preguiçoso e lerdo, incapaz de qualquer agilidade. O sapo ficou zangado:

– Quer apostar carreira comigo?

– Com você? – assombrou-se o coelho.

– Justamente! Vamos correr amanhã, você na estrada e eu pelo mato, até a beira do rio...

O coelho riu muito e aceitou o desafio. O sapo reuniu todos os seus parentes e distribuiu-os na margem do caminho, com ordem de responder aos gritos do coelho.

Na manhã seguinte os dois enfileiraram-se e o coelho disparou como um raio, perdendo de vista o sapo que saíra aos pulos. Correu, correu, correu, parou e perguntou:

– Camarada Sapo?

Outro sapo respondia dentro do mato:

– Oi?

O coelho recomeçou a correr. Quando julgou que seu adversário estivesse bem longe, gritou:

– Camarada Sapo?

– Oi? – coaxava um sapo.

Debalde o coelho corria e perguntava, sempre ouvindo o sinal dos sapos escondidos. Chegou à margem do rio exausto mas já encontrou o sapo, sossegado e sereno, esperando-o. O coelho declarou-se vencido.

*Henrique Torres de Almeida Souza,*

*Paraíba.*

**Nota** – É um dos contos mais populares no mundo. Divido-o em cinco tipos e vivem na literatura oral de todas as partes da terra. Ver *Literatura Oral no Brasil*, cap. VIII, Belo Horizonte, 1984, vol. 84, da Coleção Reconquista do Brasil (Nova Série)[17], as notas ao "Veado e o Sapo", de Sílvio Romero, *Folclore Brasileiro-Contos Populares do Brasil*, Belo Horizonte, 1985, p. 166-167, vol. 87, da Coleção Reconquista do Brasil (Nova Série). Esta versão paraibana de Souza corresponde ao primeiro tipo, *Relay Race*, registrado no Brasil pelo general Couto de Magalhães, Edição fac-similar da obra *O Selvagem*, vol. 16 da 1ª série da Coleção Reconquista do Brasil, Belo Horizonte, 1975. Hartt, *Os Mitos Amazônicos da Tartaruga*, minhas notas às p. 39-44 (ed. Arquivo Público Estadual, Recife, 1952); Herbert H. Smith, *The Amazon,* etc., 543-546, citando C. F. Hartt e afirmando: *The story is very comm all over the Amazons*; barão de Santana Neri, *Folk-Lore Brésilien*, 191; Sílvio Romero, citado; Tastevin, *A Lenda do Jabuti*, revista do Museu Paulista, XV, 402; Koch-Gruberg, *Von Roraima Zum Orenoco*, IIº, 139, as fontes clássicas. O prof. Aurélio M. Espinosa reuniu 375 versões destes contos de aposta em corrida (*Cuentos Populares Españoles*, IIIº, 333-349, Madrid, 1947). Parson regista cinco versões nas Antilhas e Chandler Harris dá uma variante norte-americana da Geórgia entre Brer Rabbit, o coelho, e Brer Tarrypin, a tartaruga. Outra versão do Uncle Remus o veado, Brer Deer é derrotado por Brer Cooter, o mesmo Tarrypin, a tartaruga invencível. Ocorre nas Filipinas, Dean S. Fansler, *Filipino Popular Tales*, 428; na Argentina, *El Folklore de Santiago del Estero*, 260, Orestes di Lullo; em Borneo, Ivor R. N. Evans, *Folk-Stories of the Tampassur and Tuaran Districts*, *British North Borneo*, Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland, nº 43, 475, Londres, 1913. René Basset, *Nouveaux Contes Berbéres*, 195-197, Paris, 1897, resume várias notas excelentes no assunto. Os cinco tipos apresentados por este motivo são: *a*) o animal vagaroso escalona os irmãos ao longo da pista e eles respondem aos gritos do adversário veloz, é precisamente o nosso citado; *b*) o antagonista mais fraco pendura-se no adversário que o carrega sem saber; *c*) os dois irmãos colocam-se nas extremidades da pista e o adversário veloz encontra um deles como vencedor embora não tivesse saído do lugar; *d*) tipo de convergência entre o A (*Relay Race*) e o B; (*Riding on the back*), os irmãos incontáveis são dispostos ao correr da pista e o astuto ainda se pendura à cauda do adversário; *e*) corrida de Atalanta. O animal matreiro distrai o inimigo espalhando pelo caminho objetos sedutores.

**17** Edição atual – 4. ed. São Paulo: Global, 2006. (N.E.)

# A Raposa e o Cancão

Passara a manhã chovendo, e o cancão todo molhado, sem poder voar, estava tristemente pousado à beira de uma estrada. Veio a raposa e levou-o na boca para os filhinhos. Mas o caminho era longo e o sol ardente. Mestre cancão enxugou e começou a cuidar do meio de escapar à raposa. Passam perto de um povoado. Uns meninos que brincavam começam a dirigir desaforos à astuciosa caçadora. Vai o cancão e fala:

– Comadre raposa, isto é um desaforo! Eu se fosse você não aguentava! Passava uma descompostura!...

A raposa abre a boca num impropério terrível contra a criançada. O cancão voa, pousa triunfantemente num galho e ajuda a vaiá-la.

*Colhido no Ceará, Gustavo Barroso,*
*"Terra de Sol", Rio de Janeiro, 1912, p. 261.*

**Nota** – João Ribeiro (*O Folk-lore*, Rio de Janeiro, 1919, 239-240) considerava esta "variante brasileira" uma antifábula, oposta à lição de Esopo, onde a lisonja interesseira da raposa ilude o corvo, fazendo-o perder o queijo. "Essa lacuna moral, já criticada no século XVIII, foi perfeitamente sanada nas versões populares conhecidas no Brasil". É, entretanto, tema europeu, apenas adotado ao ambiente brasileiro, onde aparece o Cancão (*Cyonocorax acahe*), o inquieto Deodactílio das catingas sertanejas. Teófilo Braga (*Contos Tradicionais do Povo Português*, 2º, p. 170) registra, sob o nº 343, a *Fábula da Raposa e do Mocho*, origem da versão cearense. "Uma raposa passou por um souto e sentiu piar um mocho; disse ela para si: – Ceia já eu tenho. E foi muito sorrateira trepando pelo castanheiro em que estava piando o mocho, e filou-o. O mocho conheceu a sorte que o esperava, e viu que não podia livrar-se da raposa sem ser por ardil. Disse então para ela: – Ó raposa, não me comas assim como qualquer frango desses que furtas pelos galinheiros; tu também sabes andar à caça de

altanaria, e é preciso que todos o saibam. Agora que me vais comer grita bem alto: – 'Mocho comi!'. A raposa levada por aquela vaidade, gritou: – 'Mocho comi!' – 'A outro sim, que manja a mi!', replicou-lhe o mocho caindo-lhe dentre os dentes e voando pelo ar livre de perigo". É uma história colhida em Airão, Minho. Existe o mesmo conto na Espanha. Aurélio M. Espinosa recolheu duas variantes, uma de Toro, em León, "*La pega y sus peguitos*", e outra em Rasueros, Avila, *La Zorra à el Alcaraván*. Em ambas o zorro, aceitando a sugestão, grita: – *Alcaraván comi*! e a ave se escapa, voando e zombando como o cancão brasileiro, *Cuentos Populares Españoles*, IIIº, p. 493-494, números 258 e 259. É o Mt. 6 de Aarne-Thompson, *Inquitry about the Direction of the Wind*. A raposa, na boca do lobo, pergunta-lhe onde sopra o vento. O lobo responde e a raposa escapa. O mesmo do galo com a raposa, do rato com o gato. Conf. Mt. 122, *The Wolf Loses his Prey*. O rato persuade o gato de olhar-lhe o focinho antes de devorá-lo. E foge. A ovelha convence o lobo que deve cantar, K 562, K 561.1. Comum em toda a Europa. Miss Beckwith encontrou o motivo entre os negros da Jamaica.

É um episódio clássico do *Roman du Renard*. Chanteclair é apanhado pela Raposa (Renard) que o leva para a floresta. A galinha Pinta cacareja protestando. Renard, atendendo a uma sugestão do galo, abre a boca para responder aos insultos de Pinta. Chanteclair escapa, voando para um galho de árvore; Leopold Sudre, *Les Sources du Roman de Renard*, p. 277 e seguintes, Paris, 1893.

# O Touro e o Homem

Um touro, que vivia nas montanhas, nunca tinha visto o homem. Mas sempre ouvia dizer por todos os animais que era ele o animal mais valente do mundo. Tanto ouviu dizer isto que, um dia, se resolveu a ir procurar o homem para saber se tal dito era verdadeiro. Saiu das brenhas, e, ganhando uma estrada, seguiu por ela. Adiante encontrou um velho que caminhava apoiado a um bastão.

Dirigindo-se a ele perguntou-lhe:

– Você é o bicho-homem?

– Não! – respondeu-lhe o velho. – Já fui, mas não sou mais!

O touro seguiu e adiante encontrou uma velha:

– Você é o bicho-homem?

– Não! Sou a mãe do bicho-homem!

Adiante encontrou um menino:

– Você é o bicho-homem?

– Não! Ainda hei de ser, sou o filho do bicho-homem.

Adiante encontrou o bicho-homem que vinha com um bacamarte no ombro.

– Você é o bicho-homem?

– Está falando com ele!

– Estou cansado de ouvir dizer que o bicho-homem é o mais valente do mundo, e vim procurá-lo para saber se é mais do que eu!

– Então, lá vai! – disse o homem, armando o bacamarte, e disparando-lhe um tiro nas ventas.

O touro, desesperado de dor, meteu-se no mato e correu até sua casa, onde passou muito tempo se tratando do ferimento.

Depois, estando ele numa reunião de animais, um lhe perguntou:

– Então, camarada touro, encontrou o bicho-homem?

– Ah! meu amigo, só com um espirro que ele me deu na cara, olhe em que estado fiquei!

*José Carvalho, "O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará",*
*Belém, Pará, 1930, p. 64-65.*

**Nota** – Este conto é popularíssimo em todo o norte do Brasil. Ocorre, com outros animais como a raposa, o lobo, etc., nas tradições orais da Alemanha, Estônia, Finlândia, Lapônia, Dinamarca, Livônia, entre os negros norte-americanos, etc. Ver "The Types of the Folk Tale", Antti Aarne e Stith Thompson (FF Comunications, nº 74. Helsinki, 1928, p. 36). É o tema 157, Learning to Fear Men. O touro está substituído por um lobo. The wolf approaches and is shot. He tells the fox (que o aconselhava a enfrentar o homem medroso) he could defeated the man but the man's spitting fire. Entre os Vátuas, da Zambézia, o conto se denomina "O Homem e o Leopardo". José Osório de Oliveira transcreve-o no seu "Literatura Africana", 195, Lisboa, 1944.

# Decreto Libertador

Havia um descontentamento muito grande. Inimizades degeneravam em consequências prejudiciais. No reino animal entendia o leão que poderia acabar com esse estado de coisas baixando um decreto. Um decreto que viesse regular a vida – e que acabasse com as competições.

Não era possível aguentar mais as reclamações que chegavam de todos os lados. Adotando a medida certamente seria da maior conveniência. E o boato espalhou-se entre os animais que nesse tempo falavam. Lá um dia estava o galo cuidando de descer do poleiro, onde passara a noite toda dormindo e onde de vez em vez soltava o seu canto de vigilância – e de virilidade. A madrugada acabara-se, o dia vinha com o alegre despertar da vida. Nisto quando cogitava de descer para o terreiro, pois era o primeiro que pisava, vindo depois o bando galináceo, foi surpreendido com o tropel de um animal espantado. Olhou e viu a raposa. Pensou que ela iria esconder-se à espera que a noite novamente chegasse. A carreira talvez fosse com esse fim. Mas desde que a raposa avistou o galo subitamente parou e entrou na conversa manhosa.

– Que faz aí, compadre galo? Calado e triste. Desça que quero contar-lhe uma grande novidade de última hora. Está tão descansado que decerto ignora o que passa pelo mundo.

– É, estou no meu lugar cuidando de minha gente, livrando-a dos perigos, pois nesse tempo de inimizades se torna indispensável muito jeito e muita habilidade. Eu vou tentando conciliar as coisas e até agora o resultado tem sido bom.

– Ora, ora... estou vendo que você não sabe de nada. Vive afastado do mundo e por isso desconhece que o rei acabou com todas as desafeições existentes. Estamos de pazes feitas. A alegria que anda por onde tenho passado é geral. Muitas festas públicas. E quer saber? É muito justo isso, pois agora podemos viver com segurança.

– Que história é essa, comadre raposa? Onde foi que a senhora colheu essa novidade? Com franqueza, não estou acreditando nisso não. É uma notícia quase impossível.

– Acredite se quiser, mas olhe este papel, é o decreto que acaba com todas as desavenças. Eu vinha na carreira porque queria alcançar Catao ainda com as sombras da noite. Por lá ninguém sabe nada, reinando algumas malquerenças terríveis, havendo necessidade de acabar com isso.

E então mostrou o decreto ao galo com o fim de convencê-lo a descer e acabar com desconfianças tão injustificadas. Esgotara a dialética para um convencimento total. Nada, de nada serviria. Ambos continuavam em seus lugares; ela embaixo, espiando para cima; ele a olhar a comadre, sem sair do seu canto, sem arredar pé, arisco que só ele mesmo.

– Desça, venha ver. Está com medo? Eu sei ler, mas se você não sabe...

Não pôde terminar a frase porque na sua direção vinha o cachorro na disparada mais danada do mundo. Vinha feito em cima do lugar onde os dois amigos estavam conversando tão cordialmente. Diante daquele vulto insólito e disposto à violência, língua e dentes de fora, a raposa por sua vez disparou, pernas para que te quero, ganhando a capoeira num carreirão desabalado, desses de levantar poeira e fazer nuvem. Atrás seguia o cachorro no seu encalço, pega não pega. É quando o galo se lembra de gritar com toda a força de seus pulmões numa voz estridente:

– Comadre raposa, mostre o decreto a ele. Você não disse que as inimizades se acabaram? Mostre o decreto a ele. Pare de correr tanto, mostre o decreto, comadre.

*Ademar Vidal,*
*João Pessoa, Paraíba.*

**Nota** – Teófilo Braga incluiu a versão portuguesa, do Airão, a Raposa e o Galo (248º, 11.c, p. 173 de *Contos Tradicionais do Povo Português*). O Galo, vendo a Raposa perseguida por uma matilha, grita-lhe: Mostre-lhe a ordem! Mostre-lhe a ordem! É a conhecida Le Coq et le Renard, XV das “Fables” (Livre Deuxième), de La Fontaine. No livro *The Types of the Folk-Tale*, p. 29, Antti Aarne e Stith Thompson registram, sob nº 62, Peace among the Animals, the Fox and the Cock. O conto nº 225 da coleção do prof. Espinosa, El gallo y la zorra, colhido em Santiponce Sevilha, Espanha, termina a raposa fugindo ao galo, e dizendo: Ya me voy, que pué que a qué no entienda bien la orden.

El libro de las Mil Noches y una Noche – trad. de Dr. G. C. Mardrus – Versão de Viscente Blasco Chañes – XVII, 61-68 – invitación á la paz universal (Prometeu Soc. Editorial Germanias. F. S. Valencia, s.d.) 795-796 noites.

# O Cágado e o Teiú

Foi uma vez uma onça que tinha uma filha. O teiú queria casar com ela e o amigo cágado também. O cágado, sabendo da pretensão do outro, disse em casa da onça que o teiú para nada valia e que até era o seu cavalo. O teiú, logo que soube disto, foi à casa da comadre onça e asseverou que ia buscar o cágado para ali e dar-lhe muita pancada à vista de todos e partiu.

O cágado, que estava em casa, quando o avistou de longe, correu para dentro e amarrou um lenço na cabeça, fingindo que estava doente. O teiú chegou na porta e o convidou para darem um passeio em casa da amiga onça; o cágado deu muitas desculpas dizendo que estava doente e não podia sair de pé naquele dia. O teiú teimou muito: “Então, disse o cágado, você me leva montado nas suas costas”. “Pois sim, respondeu o teiú, mas há de ser até longe da porta da amiga onça.” “Pois bem, mas você há de deixar eu botar o meu *canquinho* de sela, porque assim em osso é muito feio.” O teiú se maçou muito e disse: “Não, que eu não sou seu cavalo!” “Não é por ser meu cavalo, mas é muito feio.” Afinal o teiú consentiu. “Agora, disse o cágado, deixe botar minha *brida*.” Novo barulho do teiú e novos pedidos e desculpas do cágado, até que conseguiu pôr a brida no teiú e munir-se do mangoal, esporas etc. Partiram; quando chegaram em um lugar muito longe da casa da onça, o teiú pediu ao cágado que descesse e tirasse os arreios,

senão era muito feio para ele ser visto servindo de cavalo. O cágado respondeu que tivesse paciência e caminhasse mais um bocadinho, pois estava muito incomodado e não podia chegar a pé. Assim foi ganhando o teiú até a porta da casa da onça, onde ele meteu-lhe o mangoal e as esporas a valer. Então gritou para dentro de casa: “Olha, eu não disse que o teiú era meu cavalo? Venham ver!” Houve muita risada e o cágado, vitorioso, disse à filha da onça:

“Ande, moça, monte-se na minha garupa e vamos casar.” Assim aconteceu com grande vergonha para o teiú.

*Sílvio Romero, “Contos Populares do Brasil”, p. 144. Belo Horizonte, 1985.*

**Nota** – O conto que se passa entre o cágado (tartaruga terrestre) e o teiú *(Tupinambis tequixin)* é muito popular em todo Brasil, substituindo-se a comparceria. Conheço o episódio entre a onça e o macaco. As origens são africanas em sua maioria absoluta. Nina Rodrigues transcreve um conto de A. Ellis (“The Yoruba – Speaking Peoples of Slave Cost of West Africa”, Londres, 1894) idêntico, entre a tartaruga e o elefante, embora mais desenvolvido, “Os africanos no Brasil”, p. 280 (S. Paulo, 1933, vol. IX da “Brasiliana”). Na Serra Leoa há o mesmo, entre a tartaruga e o veado (“Journal of American Folk-Lore”, 1891, p. 180). Heli Chatelain transcreve um conto de Loanda Nzamba ni Dizundu, a rã e o elefante, XXVIII do “Folk-Tales of Angola”, com o mesmo tema. Em Costa Rica, dona Maria Izabel Carvajal (Carmen Lyra) registra a história do coelho que montou o tigre, ambos enamorados da veada, tio Conejo ennoviado, “Los Cuentos de mi tia Panchita”, p. 130, 1936. É o Mt. 72 de Aarne-Thompson, Rabbit Rides Fox a-courting, onde o coelho aparece cavalgando a raposa, “The Types of the Folk-tale”, p. 29.

O prof. Stith Thompson registrou uma longa bibliografia, K 1241, especialmente de origem africana e entre os negros dos Estados Unidos, Antilhas, etc. Cf. “South Carolina Folk-Tales”, 37, Bulletin of University, October, 1941, onde há outras fontes.

# O Sapo com Medo d’Água

O sapo é esperto. Uma feita o homem agarrou o sapo e levou-o para os filhos brincarem. Os meninos judiaram dele muito tempo e, quando se fartaram, resolveram matar o sapo. Como haviam de fazer?

– Vamos jogar o sapo nos espinhos!

– Espinho não fura meu couro – dizia o sapo.

– Vamos queimar o sapo!

– Eu no fogo estou em casa!

– Vamos sacudir ele nas pedras!

– Pedra não mata sapo!

– Vamos furar de faca!

– Faca não atravessa!

– Vamos botar o sapo dentro da lagoa!

Aí o sapo ficou triste e começou a pedir, com voz de choro:

– Me bote no fogo! Me bote no fogo! N’água eu me afogo! N’água eu me afogo!

– Vamos para a lagoa – gritaram os meninos.

Foram, pegaram o sapo por uma perna e, t’xim bum, rebolaram lá no meio. O sapo mergulhou, veio em cima d’água, gritando, satisfeito:

– Eu sou bicho d’água! Eu sou bicho d’água!

Por isso quando vemos alguém recusar o que mais gosta, dizemos:

– É sapo com medo d’água...

*Ana da Câmara Cascudo,*

*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Minha mãe, sendo sertaneja, não conhece histórias figurando o Jabuti. Os heróis são a Raposa, o Macaco, espertíssimos. Ouvi versões em que o Sapo é substituído pelo Jabuti. Os negros das Bahamas têm uma variante em que B' Rabbit (o coelho) escapa aos seus inimigos pelo mesmo processo do nosso Sapo. Os Xoxa Kafir africanos possuem história igual, sendo que a Tartaruga foge dos macacos empregando as falas enganosas. Heli Chatelain recolheu em Mbaka uma outra versão, possível origem do episódio brasileiro, Mutu Mbaxi, o Homem e a Tartaruga, "Folk-Tales of Angola", XVII, p. 153 (Boston and New York, 1894). A tartaruga de Koka apanhada pelo Homem no mato pergunta como vai morrer. E vai respondendo que a machadinha, as pedras, o fogo, a faca não matarão a tartaruga de Koka. Quando o Homem diz que a jogará n'água, a tartaruga deplora sua morte fatal. Atirada no poço, mergulha e vem cantando: "Mu menia, mu embu dietu! Mu menia, mu embu dietu!" Traduz Chatelain: "In water, in my home! In water, in my home!" Desde 1880 Joel Chandler Harris recolhera uma versão entre os negros norte-americanos dos Estados do Sul, "Uncle Remus, His Songs and His Savings", New York, 1924, p. 7-11, 16-19, onde a raposa prende o coelho por meio de um boneco de breu (tarbaby). O coelho suplica que a raposa o enforque, o afogue, o esfole, mas não atire para o mato (brierpatch) porque morrerá. A raposa cumpre justamente quanto o coelho queria. Atira-o para o mato onde o animalzinho desaparece, gritando: – aqui no sarçal é onde nasci e me criei!

# O Gato e a Raposa

O gato e a raposa iam por um caminho conversando. Contaram muita prosa, muita proeza e afinal de contas falaram no cachorro que era inimigo de ambos. Aí disse a raposa:

– Qual o quê! Eu lá tenho medo do cachorro, nada? Para me livrar dele eu tenho mil expedientes.

– Pois eu só tenho um – disse o gato.

Nisso apareceu ao longe o cachorro que vinha danado farejando a raposa. O gato pulou num pé de árvore e ficou lá em cima, bem de seu, dizendo à raposa:

– O meu é este.

A raposa, coitada, meteu o pé no mundo. Virou, mexeu, foi, veio, entrou em buraco, saiu de buraco, escondeu-se ali, fez mil remondiolas, até que, já morta de cansaço, o cachorro pulou-lhe no cachaço e estraçalhou-a.

*João da Silva Campos, "Contos e Fábulas Populares da Bahia", XV,*

*p. 194, "O Folk-Lore no Brasil", Basílio de Magalhães, Rio, 1928.*

**Nota** – É o Mt. 105 de Aarne-Thompson, *The Cat's Only Trick*, conhecido na Finlândia, Lapônia, Suécia, Dinamarca, Sicília, negros da Jamaica, etc.

South Carolina Folk-Tales (Columbia, 1941), The Ox and the Cat, p. 18, Orestes di Lullo, "El Folklore de Santiago del Estero" (Tucumán, Argentina, 1943, 252), El zorro y el gato. Leopold Sudre, *Les Sources du Ruman de Renart*, 273-274, Paris, 1893, mostra que o conto participa do Romance da Raposa, entre esta e o gato, talqualmente se conservou na tradição oral. Sudre informa, citando Kolmatschevsky e Krohn, que o episódio é popularíssimo.

# A Raposa e o Timbu

A raposa convidou o timbu para visitarem um galinheiro bem provido. A raposa iria às galinhas e o timbu aos ovos e pintos. Entraram por um buraco que mal permitia passagem. Comeram a fartar. A raposa, prudente, apenas satisfez o apetite. O timbu, voraz, empanturrou-se, ficando com a barriga inchada. De súbito ouviram os passos do dono da casa. A raposa passou como um raio pelo buraco e sumiu-se no mato. O timbu meteu-se a tentar, mas ficou engalhado pelo meio do corpo, ganindo como um desesperado. O homem chegou, viu o estrago e disparou a espingarda no timbu, que morreu por ser guloso.

*João Monteiro,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – É o Mt. 41 de Aarne-Thompson, The Wolf Overeats in the Cellar. Nas versões da Europa do norte a Raposa persuade o Lobo para a aventura e este finda como o timbu (Didelphis).

No *Talmud*, in *Bioc*, V, p. 2531, a "história" tem intenção moral. A raposa jejua três dias para poder passar por um buraco que leva a um jardim. Entra, engorda tanto, de comer, que é obrigada ao jejum dos três dias sob pena de ficar prisioneira. Deixa o jardim no mesmo estado em que entrou. É o símbolo da entrada e saída do Homem no Mundo.

É corrente na América Latina.

# A Raposa Furta e a Onça Paga

A raposa viu que vinha vindo um cavalo carregado com cabaças cheias de mel de abelhas. Mais que depressa deitou-se no meio da estrada, fingindo-se de morta. O tangerino parou e achou o bicho muito bonito. Não tendo tempo de esfolar, para aproveitar o pelo, sacudiu a raposa no meio da carga e seguiu viagem. Vai a raposa e se farta de mel, pulando depois para o chão e ganhando o mato. O homem ficou furioso, mas não viu mais nem a sombra da raposa.

Dias depois a raposa encontrou a onça que a achou gorda e lustrosa. Perguntou se ela descobrira algum galinheiro.

– Qual galinheiro, camarada onça, minha gordura é de mel de abelha que dá força e coragem:

– Onde você encontrou tanto mel?

– Ora, nas cargas dos comboieiros que passam pela estrada.

– Quer me levar, camarada raposa?

– Com todo gosto. Vamos indo...

Levou a onça para a estrada, depois de muita volta, ensinou a conversa. A onça deitou-se e ficou estirada, dura, fazendo que estava morta. Quando o comboieiro avistou aquele bichão estendido na areia, ficou com os cabelos em pé e puxou logo pela sua garrucha. Não vendo a onça bulir, aproximou-se, cutucou-a com o cabo do chicote e gritou para os companheiros:

– Eh lá! Uma onça morta! Vamos tirar o couro.

Meteram a faca com vontade na onça que, meio esfolada, ganhou os matos, doida de raiva com a arterice da raposa.

*João Monteiro,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – A raposa fingindo-se de morta para comer peras ou sardinhas é tradicional nos contos europeus. O prof. Espinosa recolheu os dos números 202 e 203, em Valladolid e Sevilha, Cuentos Populares Españoles, III, 435, 437. É o Mt. 1 de Aarne-Thompson, the Thief of Fish. O resumo de Antti Aarne alude à raposa que se finge de morta e é jogada para o carro que leva peixes. Come a fartar e persuade o lobo de imitá-la. O lobo perde a vida na experiência. A história é popular na Europa do norte, incluindo Rússia, entre os indígenas norte-americanos. W. H. I. Beleeck estudou o ciclo de Reynard the Fox in South Africa or Hottentot Fables and Tales, Londres, 1864, incluiu variante, segundo a citação no “The Types of Folk-Tales”.

É conhecida no continente americano.

# A Preguiça

Estando a filha com dor de parir, saiu a preguiça em busca da parteira. Sete anos depois ainda se achava em viagem, quando deu uma topada. Gritou muito zangada:

– Está no que deu o diabo das pressas...

Afinal, quando chegou em casa com a parteira, encontrou os netos da filha brincando no terreiro.

*Contos e Fábulas Populares da Bahia, coligidos por João da Silva Campos,*

*"O Folk-Lore no Brasil", p. 194, Basílio de Magalhães, Rio de Janeiro, 1928.*

**Nota** – O prof. Aurélio M. Espinosa reuniu em Espanha várias histórias semelhantes, onde o sapo, o escaravelho e o galápago substituem a lentidão da Preguiça. A sob o número 238 assim diz: "Este era un sapo que queria subir una escalera, y se tardó siete años. Y cuando ya iba al último tranco se cayó de golpazo y dijo: – Caramba! lo que son las prisas! Y por esso cuando una persona se tarda mucho tiempo para haver una cosa y luego sale mal dice le gente, "Te ha passao lo del sapo. Después de los sietes años las prisas". Tudanca, Santander. *Cuentos Populares Españoles*, IIIº, p. 467.

# A Rolinha e a Raposa

Linda rolinha estava no seu ninho, no alto de uma árvore, com seus dois filhinhos. Chegou ao pé da árvore uma raposa e lhe disse:

– Bote um dos seus filhos, para eu comer!

– Não! Não! Não dou meu filhinho!

– Bote!

– Não boto!

– Bote um, senão eu como os dois! – disse-lhe a raposa.

– Não boto!

– Ah! não bota, pois eu derrubo a árvore e como todos os dois!

E enrolou o rabo na árvore para derrubá-la.

A rolinha, então – a tola –, pegou e botou para o chão um dos filhinhos com medo que a raposa derrubasse o pau e comesse os dois.

A raposa comeu o filhinho da rola e foi-se embora.

A rolinha ficou chorando! Chorou, chorou, chorou o dia inteiro com pena do filhinho.

Aí apareceu o cancão e perguntou:

– Camarada rola, por que você está chorando?

– Ah! por que não hei de chorar, camarada cancão!

E lhe contou a história. Então o cancão respondeu:

– Ora, camarada rola, você é muito tola!

– Por quê?

– Porque a raposa não podia derrubar a árvore com o rabo! Quer ver? Quando ela voltar e lhe pedir seu outro

filhinho e fizer a mesma cousa, você diga:

– Pode derrubar!

Aí, foi que a rolinha chorou de pena e de arrependida! Chorou, chorou, chorou! No outro dia, voltou a raposa e tornou a dizer:

– Bote o outro filho, para eu comer!

– Não boto!

– Bote, senão eu derrubo a árvore.

– Pode derrubar!

A raposa enrolou o rabo na árvore e disse:

– Bota ou não bota?

– Não boto, sua miserável, que comeu meu filhinho, tão bonito e querido!

Aí, a raposa disse:

– Ah! já sei quem te ensinou isto: foi o cancão! Deixe estar que ele me paga!

*José Carvalho, "O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará", p. 85.*

*Belém do Pará, 1930.*

**Nota** – Essa história ouviu-a José Carvalho no sertão do Ceará, terminando-a pela raposa prender o cancão e este livrar-se, sugerindo que a raposa diga qual palavra de júbilo pela vitória. Ver "A Raposa e o Cancão". Idêntica é a história que o prof. Aurélio M. Espinosa recolheu em Toro, Leon, *Cuentos Populares Españoles*, II, nº 258, p. 493. Um resumo: – La Pega á sus Peguitos. Habia una vez una pega que vivia en um ponjo donde tenía un nido con varios peguitos. Todos los dias venia un zorro y le decía a la pega:

– Peguita, dame un peguito,
Que si no, te corto el ponjo.

La pega, con grande dolor de su corazón le tiraba del ponjo un peguito y el picaro del zorro se lo comia. Ya el zorro acababa con los peguitos cuando llegó un dia a visitar a la pega su primo, el alcaraván. Cuando éste se enteró de lo pasaba de dijo a si prima, la pega: – Si el zorro viene otra vez no le des un peguito. Y si te dice que te corta el ponjo le dices tú:

– El hocil sí corta el ponjo,
pero no el rabo (d) del raposo.

A pega assim fez, livrando os filhos da voracidade do raposo e, furioso, atinou que o conselho viera do alcaravão. Conseguiu segurá-lo mas este fugiu pelo mesmo processo do Cancão nordestino no Brasil.

Leo Frobenius, no “African Genesis” (seleção por Douglas C. Foz, New York, 1937) entre os Kabyl Folk Tales, registra o episódio entre the Jackal an the Hen, o chacal e a galinha. O chacal comia os pintos, ameaçando a galinha de subir no alto de uma rocha escarpada onde havia o ninho. Uma águia aconselhou a galinha que desafiasse o chacal a cumprir a promessa. No outro dia houve a mesma cena e o chacal ficou desmoralizado, p. 83. Nos contos das cabilas o agressor foi castigado. A águia levou-o no dorso para o país da abundância em pintos, e atirou-o de uma altura imensa. The jackal prayed to God: – Let me fall in water or on a pile of straw. But the jackal fell on a rock and died.

# A Onça e o Bode

O Bode foi ao mato procurar lugar para fazer uma casa. Achou um sítio bom. Roçou-o e foi-se embora. A Onça, que tivera a mesma ideia, chegando ao mato e encontrando o lugar já limpo, ficou radiante. Cortou as madeiras e deixou-as no ponto. O Bode, deparando a madeira já pronta, aproveitou-se, erguendo a casinha. A Onça voltou e tapou-a de taipa. Foi buscar seus móveis e quando regressou encontrou o Bode instalado. Verificando que o trabalho tinha sido de ambos, decidiram morar juntos.

Viviam desconfiados um do outro. Cada um teria sua semana para caçar. Foi a Onça e trouxe um cabrito, enchendo o Bode de pavor. Quando chegou a vez deste, viu uma Onça abatida por uns caçadores e a carregou até a casa, deixando-a no terreiro. A Onça, vendo a companheira morta, ficou espantada:

– Amigo Bode, como foi que você matou essa Onça?

– Ora, ora... Matando!... – respondeu o Bode cheio de empáfia.

Porém, insistindo sempre a Onça em perguntar-lhe como havia matado a companheira, disse o Bode:

– Eu enfiei este anel de contas no dedo, apontei-lhe o dedo e ela caiu morta.

A Onça ficou toda arrepiada, olhando o Bode pelo canto do olho. Depois de algum tempo, disse o Bode:

– Amiga Onça, eu lhe aponto o dedo...

A Onça pulou para o meio da sala, gritando:

– Amigo Bode, deixe de brinquedo...

Tornou o Bode a dizer que lhe apontava o dedo, pulando a Onça para o meio do terreiro. Repetiu o Bode a ameaça e a onça desembandeirou pelo mato adentro, numa carreira danada, enquanto ouviu a voz do Bode:

– Amiga Onça, eu lhe aponto o dedo...

Nunca mais a Onça voltou. O Bode ficou, então, sozinho na sua casa, vivendo de papo para o ar, bem descansado.

*J. da Silva Campos, "Contos e Fábulas Populares da Bahia",*

*p. 166,* in *"O Folk-Lore no Brasil", Basílio Magalhães. Rio de Janeiro, 1928.*

**Nota** – Uma variante dessa história foi coligida pelo general Couto de Magalhães entre indígenas tupis, "O Veado e a Onça" ("O Selvagem", Coleção Reconquista do Brasil, 1ª Série, vol. 16). Fazem uma casa em horários diversos, identificando-se vão morar juntos. A onça caçou veado, assustando o colega de casa. O veado disse ao tamanduá que a onça andava falando mal dele. O tamanduá surpreendeu uma onça e matou-a com um abraço. O veado carregou-a, assombrando a companheira que não pôde dormir. Numa noite, ambos tomados de medo súbito, fugiram, um para cada lado, com medo um do outro. Gustavo Barroso registrou a versão do Ceará, popularíssima em todo Nordeste, "A Onça e o Bode", diferindo apenas no final, quanto à variante indígena de Couto Magalhães. A Onça avisa ao Bode que a deve temer quando a vir com o couro da testa todo franzido. O Bode, por sua vez, informa que estaria perigoso quando espirrasse pela manhã e abalasse a cabeça. Uma manhã, ambos fizeram os sinais ameaçadores e fugiram, abandonando a casa que haviam construído juntos, *Ao som da viola*, p. 648, Rio de Janeiro, 1921. Corresponde à versão registrada por Sílvio Romero, "A Onça e o Coelho", *Contos Populares do Brasil*, p. 170 (vol. 87 da Coleção Reconquista do Brasil). Preferi resumir a variante baiana de Silva Campos por haver a curiosa ameaça de o Bode matar a Onça apontando-a com o dedo. É uma reminiscência africana, resquício religioso dos negros do Congo-Zambese, na IV área cultural de Herskovit, região Bantu. Leo Frobenius resume um conto em que o negro Mutembo era Muloschi (feiticeiro) e iniciou seu filho Tembotembo entre os

Muloschis, fazendo cair frutas pela voz e, caracteristicamente, podendo matar pela simples indicação com o dedo. Quando Tembotembo acabou sua iniciação, os Muloschis disseram: *Tu es Muloschi à présent*. *A l'avenir, quand tu montreras un homme du doigt, il mourra*. Dias depois Tembotembo matou um menino apontando-lhe o dedo, apenas, in *Histoire de la Civilisation Africaine*, tradução de Back e Ermont, 6ª ed., Paris, 1936, p. 253. René Basset, *Contes Populares d'Afrique*, 210, Paris, divulga um conto dos negros de Togo, na Guiné. Ver minhas notas ao conto "A Onça e o Bode" de Sílvio Romero, *Contos Populares do Brasil*, p. 149. É africano e não indígena. William R. Bascom, *The Relationship of Yoruba Folklore to Divining*, *Jafl*, vol. 59, nº 220, 128, transcreve uma versão de Ifa na Nigéria, idêntica à brasileira. Ocorre ainda no Paraguai e no Haiti, Venezuela, Cabo Verde e também entre os árabes, registrado por Richard F. Burton no *Supplemental Nights*.

# O Bicho Folharal

Cansada de ser enganada pela raposa e de não poder segurá-la, a onça resolveu atraí-la à sua furna. Fez para esse efeito correr a notícia de que tinha morrido e deitou-se no meio da sua caverna, fingindo-se de cadáver. Todos os bichos vieram olhar o seu corpo, contentíssimos. A raposa também veio, mas prudentemente de longe. E, por trás de outros animais gritou:

– Minha avó, quando morreu, espirrou três vezes. Espirrar é o sinal verdadeiro da morte.

A onça, para mostrar que estava morta de verdade, espirrou três vezes. A raposa fugiu, às gargalhadas.

Furiosa, a onça resolveu apanhá-la ao beber água. Havia seca no sertão e somente uma cacimba ao pé duma serra tinha ainda um pouco de água. Todos os animais selvagens eram obrigados a beber ali. A onça ficou à espera da adversária, junto da cacimba, dia e noite.

Nunca a raposa curtiu tanta sede. Ao fim de três dias já não aguentava mais. Resolveu ir beber, usando duma astúcia qualquer. Achou um cortiço de abelhas, furou-o e com o mel que dele escorreu untou todo o seu corpo. Depois, espojou-se num monte de folhas secas, que se pregaram aos seus pelos e cobriram-na toda.

Ao lusco-fusco, foi à cacimba. A onça olhou-a bem e perguntou-lhe:

– Que bicho és tu que eu não conheço, que eu nunca vi?

Respondeu cinicamente:

– Sou o bicho Folharal.

– Podes beber.

Desceu a rampa do bebedouro, meteu-se n'água, sorvendo-a com delícia, e a onça lá em cima, desconfiada, vendo-a beber demais, como quem trazia sede de vários dias, murmurava:

– Quanto bebes, Folharal!

Mas a água amoleceu o mel e as folhas foram caindo às porções. Quando fartara as entranhas ressequidas, a última folha caíra, a onça reconhecera a inimiga esperta e pulara ferozmente sobre ela, mas a raposa conseguira fugir.

*Gustavo Barroso, "Ao Som da Viola",*
*p. 698, Rio de Janeiro, 1921.*

**Nota** – Conheço apenas uma versão de Costa Rica, "De cómo el tío Conejo salió de un apuro", de Carmen Lyra, *Los cuentos de mi tia Panchita*, p. 123, onde o coelho se disfarça como a raposa, tomando o título sonoro de Hojarascal del Monte, para afastar o tigre que guardava ciumentamente a bebida única, *un yurro con una miseritica de água*. A origem será europeia, visivelmente. Couto de Magalhães, "O Selvagem" (vol. 16 da Coleção Reconquista do Brasil, 1975), divulga, no ciclo da Raposa, *Momeucaua Micura Receuára*, XX, p. 129, aventura inteiramente idêntica. A Raposa, quando a Onça lhe pergunta quem é, responde: *Ixé coo caha xirica*, eu sou o bicho folha-seca. A tradução do general Couto de Magalhães assim diz: "A raposa estava outra vez com muita sede, bateu um pé de sorveira, lambuzou-se bem na resina, espojou-se sobre folhas secas, e foi para o poço. A onça perguntou: – Quem és? – Sou o bicho Folha Seca. A onça disse: – Entra nágua, sai e depois bebe. A raposa entrou, seu disfarce não boiou, porque a resina não se derreteu dentro d'água; saiu, e depois bebeu e assim sempre até chegar o tempo da chuva". Que o motivo estivesse diluído entre os tupis ouvidos pelo general de Couto Magalhães, vindo de Espanha-Portugal, ou se desse o contrário, não há elemento decisivo para opinião atual, assim como apontá-lo figurando, idêntico, nos Folclores africanos. Na lenda XIX a raposa emprega o mel (*ira*) para prender as folhas secas, p. 129. No mesmo conto de Gustavo Barroso, transcrito por mim, há o episódio em

que a Raposa pergunta se a Onça, que se finge morta, já espirrou, pois sua avó quando faleceu espirrara três vezes. A Onça, confiada, espirrou, e a Raposa fugiu. A lenda XXI (“O Selvagem”, p. 129) registra o mesmo. A Raposa, vendo a Onça deitada, imóvel, pergunta aos animais se a falecida já arrotou. *Ceramuia amira, omano ana ramé, opinu muçapirai*, meu finado avô, quando morreu, arrotou três vezes. A Onça arrotou e a Raposa gargalha: vocês já ouviram quem morreu arrotar? E foge. O problema é o mesmo.

Chandler Harris narra identicamente, Uncle Remus, XI. Mr. Rabbit pergunta se o Lobo, Brer Wolf que se finge morto, já fez *wahoo*! O Lobo grita: *Wahoo*! O coelho foge. No folclore do norte-americano, *Agua que habla no bebo io*! Rafael Cano, Del Tiemplo de Naupa, 209, Buenos Aires, 1930, e na coleção de Orestes di Lullo, *El zorro y el tigre*, *opus cit*., 259. Há também a prova da morte real se o defunto fizer o *supe* correspondendo ao *opinu* tupi.

O “folharal” brasileiro reaparece no don Jarasquin del Monte, *Stories and Songs from Mexico*, William Hubbs Mechling, *Jafl*, XXIX, 553.

# O Macaco e a Negrinha de Cera

*O* macaco saía todos os dias vendendo mingau para ter o seu vintém para comprar o seu confeito. Então, tinha uma moça que era sua freguesa.

Um belo dia, o macaco o que fez? Preparou uma panela, botou *porcaria* dentro, cobriu a panela com uma toalha bem alva e saiu por ali a fora, com a panela na cabeça. Foi direitinho à casa da moça. Quando chegou lá, que a moça foi se aproximando com a tigela para botar o mingau, ele derramou *a porcaria* em cima dela, deu um pinote e desembandeirou pela rua, nas *carreiras* – *qui-qui-qui*, *qui-qui-qui*... A moça ficou toda suja, toda *lambuzada* e, muito furiosa, disse:

– Deixa-te estar, macaco, que eu te pego.

Mandou fazer uma negrinha de cera, com um cachimbo na boca e botou-a na porta da rua. Tempos depois, passando o macaco pela casa da moça, viu a negrinha. Chegou junto dela e disse:

– Negrinha, me dá uma fumaça do teu cachimbo?

A negrinha calada.

– Negrinha, me dá uma fumaça do teu cachimbo, senão eu te dou uma bofetada.

A negrinha não respondeu e ele – *pá*... –, deu-lhe uma bofetada, ficando com a mão presa na cera.

– Negrinha, solta a minha mão, senão eu te dou outra bofetada.

A negrinha calada. Ele aí deu-lhe outra bofetada, ficando com a outra mão presa.

– Negrinha, solta as minhas mãos, senão eu te dou um pontapé.

Deu um pontapé e ficou com o pé preso na cera. Deu outro pontapé, ficando com os dois pés presos. Por fim, deu uma cabeçada, ficando com a cabeça também segura. Então a moça mandou agarrá-lo e matá-lo, para comer.

Quando o estavam matando, ele pegou a cantar:

*– Me mate devagar*
*Que me dói, dói, dói.*
*Nhen, nhen, nhen,*
*Foi menina que eu vi.*

O mesmo fez quando o esfolaram, quando o cortaram aos pedaços para botar na panela, quando o mexeram e quando o puseram no prato. Porém a moça sem se importar com coisa nenhuma, sentou-se à mesa e pôs-se a comê-lo. E o macaco cantando:

*– Me coma devagar, etc.*

Assim que a moça se levantou da mesa, o macaco começou a dizer dentro da barriga dela:

– Quero sair.

– Saia pelos ouvidos.

– Não saio pelos ouvidos, que tem cera – tornou o macaco. – Quero sair...

– Saia pela boca.

– Não saio pela boca que tem *cuspe.* Quero sair...

– Saia pelo nariz.

– Não saio pelo nariz, que tem catarro. Quero sair...

– Saia pelo *vintém*.

– Não saio pelo *vintém*, que tem *macriação*.

Afinal deu um estouro, arrebentando a barriga da moça que caiu morta e saiu por ali a fora, danado, assoviando: *fi, fi, fi-fi-fi*...

*João da Silva Campos, "Contos e Fábulas Populares da Bahia", p. 180, "O Folk-lore no Brasil", Basílio de Magalhães, Rio, 1928.*

**Nota** – Esta história, que Silva Campos ouviu contada pelos negros do recôncavo baiano, é uma interessante convergência de dois temas populares em vários Folclores. Conheço outro exemplo da união de dois motivos. Muitas vezes também ouvi contar, separadamente os dois contos: a prisão do macaco pelo boneco de cera e a morte de quem comeu uma carne (peixe, coelho, veado) encantada. A outra versão é a de Sílvio Romero. O boneco de cera é o *tarbaby*, de universal presença nos folclores. O prof. Aurélio M. Espinosa, da Universidade de Stanford, U. S. A., reuniu 311 versões de *tarbaby*, da Índia, Lituânia, Espanha, América Espanhola (35), Cabo Verde, Brasil, Pequenas Antilhas, Guiana Holandesa, indígenas do Rio Orenoco, América do Norte, Filipinas, África (26), Ilha Maurício, anglo-africanas, dos negros americanos, Antilhas Inglesas. O prof. Espinosa recusa a fonte africana e é partidário da origem oriental. O boneco de cera provirá da *Jataka* 55, velha de quase dois mil anos, publicada por E. B. Cowell, "The Jataka or Stories of the Budha's Births". O Bodhisatta foi vencido por um gigante que tinha o pelo pegajoso. O herói bateu-lhe com as mãos, os pés, a cabeça, ficando preso inteiramente. O ogre perdoou-lhe a vida. O prof. Espinosa lembra que a lebre, o coelho, são personalizações do Bodhisatta. Setenta e cinco por cento das histórias do *tarbaby* trazem o coelho (Rabbit) como o personagem. Assim constitui o Mt. 175 de Aarne-Thompson, *The Tarbaby and the Rabbit*. A história ainda corre entre os africanos Kaffir, Rodésia, Hotentotes, etc. Sobre o assunto, prof. Espinosa: "Notes on the Origin and History of the Tar-Baby Story", Journal of American Folk-Lore, tomo XLIII, 168 (1930), "European Version of the Tar-Baby Story", Folk-Lore (Londres, vol. XL, nº III, setembro de 1929), "Sobre los orígenes del Cuento del Muñeco de Brea", separata do Boletim de la Biblioteca Menéndez y Pelayo, Santander, 1931, "More Notes on the Origin and History of the Tar-Baby Story", Folk-Lore (Londres), vol. XLIX, junho de 1938, etc. A primeira versão no idioma inglês é a de Joel Chandler Harris, em 1880, "Uncle Remus, His Song and His Savings", no conto "*Wonderful tar-baby story*", entre a

raposa e o coelho, onde há também o episódio do *Sapo com medo d'água*, da literatura oral brasileira. Vinte e três anos antes, em 1857, August Schleider publicava em Weimar uma coleção de contos da Lituânia ("Litauische Marchen") onde aparece um cavalo coberto de breu para prender, como realmente prende, a uma feiticeira. No "More Notes" (Londres, Folk-Lore, Volume XLIX, junho de 1938) o prof. Espinosa publicou um esquema gráfico do percurso do tema, irradiando-se na Índia (p. 180). O dr. W. Norman Brown tem publicado ensaios sobre o *Tarbaby*, dizendo-o africano. Ver "The Tar-Baby Story at Home", Scientific Monthly", XV, 227-33, 1922, e "The Stickfast Motif in the Tar-Baby Story", Twenty-Fifth Anniversary Studies, Philadelphia Anthropological Society, 1937. A versão brasileira do *Tarbaby* que Sílvio Romero registrou no seu "Contos Populares do Brasil" tem o nome de "O Macaco e o Moleque de cera", ouvida no Estado de Sergipe. O animal (ave ou peixe) que fica falando ou cantando quando é apanhado, cozido, devorado e ainda fala no ventre da mulher, rebentando-a e voltando, intacto, a viver, é outro tema igualmente popular. Silva Campos (p. 209-110, conto XXVIII). "O Rei dos Pássaros" narra o episódio de um caçador que encontrou um pássaro muito bonito que cantou, pedindo que não o matassem. O caçador matou-o. Foi depená-lo o pássaro cantou que não o depenassem. Cortou-o em pedaços e o pássaro cantou pedindo que não o cortassem. Colocaram-no na panela, puseram-no no prato, comeram-no e sempre o pássaro cantando e pedindo. Finalmente estourou e o homem caiu morto. Arthur Ramos ("O Folk-lore Negro do Brasil", p. 185, Rio, 1935) recolheu uma variante das Alagoas. Depois de ingerido, o pássaro sai durante a defecação, acompanhado por uma porção de diabinhos pretos, pulando e cantando. Heli Chatelain ("Folk-Tales of Angola", conto IV, p. 82) registra a história *Muhatu, Uasema Mbiji*. A mulher que desejava peixe, de Luanda, o peixe apanhado, canta em todas as ocasiões e, devorado, pergunta por onde deverá sair. Saia por onde quiser, disse por fim a mulher. O peixe saiu, rebentando a mulher pelo meio. O Padre dr. Constantino Tastevin, em carta de 12-XI-1935, em Paris, informava-me haver publicado na revista "Les Recherches Congolaises" um conto que ouvira entre os negros Ba Kamba, da margem esquerda do Nyari, altura de Mandiga, Congo-Oceano, entre Point-Noire e Brazavile. É o mesmo tema sendo o macaco, o coelho, o peixe substituídos por um antílope. O animal cantou todo o tempo, durante todas as operações e quem o comeu morreu. Jogaram o resto no mato e o antílope reconstituiu-se e desapareceu. Dizia-me o Pe. Tastevin, professor de Etnologia do Instituto Católico de Paris: "Essa fábula é encontrada – equivalente – em toda esta região. Os negros creem que os maus viram antílope, elefante, etc., depois da morte, mas são animais encantados". As duas versões brasileiras, a de Sílvio Romero e a de Silva Campos, idênticas, mostram a interessante fusão de dois temas, a do *tarbaby* com o animal sacrificado e vingativo, distintos noutros continentes. Incluo uma outra versão brasileira, de Minas Gerais, que o prof. Lindolfo Gomes publicou no seu "Contos Populares", 1, p. 82, "O Macaco e a Velha",

onde há convergência do boneco de cera e do animal vingador. Em Portugal, o episódio é denominado “Homem de Visgo” e pertence ao ciclo de Pedro Malazartes, segundo J. Leite de Vasconcelos, “Tradições de Portugal”, p. 294-295, “Pedro Malazarte e o homem de visgo”, Porto, 182. Há uma curiosa modificação numa variante brasileira do Amazonas, que o barão de Sant’Ana Neri registrou no seu “Folk-Lore Brésilien” (Paris, 189, p. 208). O macaco, grande ladrão de banana, é preso pela mulher porque esta cobriu as frutas com resina. Não há o boneco. Sant’Ana Neri registrou o “Tarbaby” clássico, nº 8. O prof. Espinosa recolheu uma versão em San Esteban de Muñama, Avila, “Sansón”, 35º, tomo-I, p. 80. Sansão, gigantesco, comilão e bruto, foi preso por um *hombre de pez* (*Cuentos Populares Españoles*). O prof. Aurélio M. Espinosa, da Stanford University, reuniu 318 versões deste conto. Ver minhas notas ao conto de Sílvio Romero, “O macaco e o moleque de cera”, *Contos Populares do Brasil*, 175-176, Belo Horizonte, 1985. Coleção Reconquista do Brasil, vol. 87.

# A Aranha-Caranguejeira e o Quibungo

Houve uma seca muito grande e não tinha nada para os bichos comerem. Então, apareceu uma árvore cobertinha de frutas maduras, muito doces, e todos eles foram comer. Só a aranha-caranguejeira não pôde ir, porque tinha de atravessar um rio muito largo para chegar ao pé da árvore. Passou o urubu e a aranha disse:

– Oi! Urubu, me leva, que eu também quero ir comer uma fruta.

– Trepa aqui nas minhas costas – respondeu o urubu.

A aranha encarapitou-se nas costas do urubu, que saiu voando por ali afora, em busca da árvore... Chegando lá, arriou a aranha e, quando se foi preparando para comer uma fruta, ela gritou-lhe:

– Não, urubu, essa é minha. Eu já tinha marcado *ela* para mim, assim que fui chegando.

O urubu voou e foi pousar junto a outra fruta. E, quando foi fazendo menção de bicá-la, a aranha tornou a gritar, dizendo:

– Não, urubu, essa não, que eu também já tinha marcado para mim.

E assim fez todas as vezes que o urubu ia comer uma fruta, até que o pobre do bicho se aborreceu com aquilo, voou e foi-se embora com a barriga vazia, deixando a aranha sozinha. Quando a aranha matou bem a fome, desceu e pôs-se em caminho para casa. Chegando,

porém, à beira do rio e, não podendo atravessá-lo, começou a chorar, a maldizer-se da sorte. Nisso veio o jacaré e disse:

– Comadre aranha, vamos para casa. Vosmincê dorme hoje lá com a gente e amanhã eu mando os meninos *lhe* passarem.

Foram chegar em casa já de noite. O jacaré disse aos filhos que fizessem logo a cama da aranha, que ela estava muito cansada. Os jacarezinhos fizeram a cama dentro do ninho do jacaré, em cima dos ovos. Assim que a aranha se agasalhou, foi recomendando:

– Compadre, mande me passar bem cedo.

E começou a comer os ovos. Quando ela quebrou o primeiro – *paco*! – os meninos, pensando que a aranha estava se *soltando*, gritaram:

– Bufa de hóspede, papai!

O jacaré repreendeu-os:

– Meninos, deixem comadre aranha dormir!

Nessa pândega levaram a noite inteira. De vez em quando a aranha quebrava um ovo – *paco*! –, e os meninos gritavam que era “bufa de hóspede”, enquanto o jacaré, arreliado, mandava que eles se calassem, para a aranha dormir. Mal foram rompendo as barras do dia, a aranha, que já tinha metido no papo todos os ovos do jacaré, gritou:

– Compadre, mande os meninos me levarem.

– Ainda é muito cedo, comadre.

– Não é não, compadre. Eu tenho muita pressa de chegar em casa.

Tanto insistiu, até que o compadre mandou os filhos passarem-na. Quando o jacaré foi ver o ninho, que só encontrou as cascas dos ovos, ficou para a vida não ter. Correu à beira do rio e gritou aos filhos que já iam bem longe:

– Meninos, tragam comadre aranha cá...

– Qual nada – retrucou a aranha. – O compadre está dizendo para vocês me levarem depressa. Botem a canoa para a frente.

E o jacaré, na beira do rio, acabando-se de gritar:

– Meninos, tragam comadre aranha para cá...

Os jacarezinhos bem que estavam ouvindo. Mas a aranha repetia que o pai deles estava era mandando levarem-na depressa. Assim que a canoa foi chegando à beira do rio, a aranha foi pulando em terra e, mais que depressa, escondeu-se no mato.

Foi a aranha por ali, bangolando, quando viu o quibungo (*Negro africano, quando fica muito velho, vira* quibungo. *É um macacão todo peludo, que come crianças. Recôncavo da Bahia*) pescando e atirando os peixes para trás das costas. Foi chegando-se devagar, e começou a comer os peixes, que, quando o quibungo acabou de pescar e foi apanhá-los, não encontrou um só. Disse o quibungo:

– Ah! Foi você, aranha, que comeu os meus peixes? Eu quero já *eles* pra aqui.

– Não fui eu que comi os seus peixes, não, quibungo...

Estavam nesta resinga: foi, não foi, foi, não foi. Nisso passa uma juriti voando: *rrruuuu*... Foi a aranha e disse:

– Ah! juriti! Se eu não te tivesse feito ficar bonita assim desse jeito, tu não irias voando por aí afora, tão contente.

Ouvindo essas vozes, o quibungo perguntou mais que depressa:

– Oi! aranha, tu sabes fazer a gente ficar bonito?

– Ora se sei...

– Pois então eu quero que tu me faças ficar bonito.

– Está bem. Vamos andando.

Lá se foram os dois por ali afora. Chegando adiante, encontraram um roçado muito grande e a aranha mandou que o quibungo experimentasse todos os tocos de pau, até encontrar um bem resistente. Afinal o quibungo deu com um toco como a aranha queria. Então disse a bicha:

– Quibungo, é aqui. Agora vai ver um bocado de cipó, do mais grosso que encontrares.

O quibungo foi para o mato e voltou gemendo debaixo de um rolo de cipós tão grossos que se podia amarrar um boi com cada um deles. Aí, disse a aranha:

– Encosta-te aqui no toco, para eu te amarrar bem, que é para eu te fazer ficar bonito.

O tolo do quibungo encostou-se ao toco e a aranha enlinhou-o, enlinhou-o, amarrou-o, amarrou-o, até que ele ficou sem poder se mexer.

– Quibungo, vê lá se tu podes te bulir – disse então a aranha.

Qual nada. O quibungo *inchou nas coronhas*, mas foi debalde. Estava arrochado que não podia nem dizer *piu*. A aranha, aí, deu uma risadinha gostosa, puxou por uma

quicezinha bem amolada começando a cortar os pedacinhos de carne do quibungo e a comê-los. O pobre gritava pelo rei de França. Porém a aranha bem de seu. Quando encheu o bucho, foi-se embora. No dia seguinte, voltou e tornou a comer um bocado do quibungo. Assim fez todos os dias, até que o deixou nos ossos.

A todo bicho que passava, o quibungo pedia para lhe cortar os cipós que o prendiam ao toco. Mas nenhum quis fazer-lhe o favor, dizendo:

– Eu não. Para, quando acabar, tu ires comer meus filhos.

Por fim passou o cupim e ele pediu com voz de choro:

– Cupim, me dá aqui nestes cipós, cupim...

– Eu não. Para quando acabar, tu ires comer meus filhos...

– *Me* solta, cupim, que eu não como mais, não!

Tanto pediu, tanto rogou, até que o cupim ajuntou os companheiros e num instante roeram os cipós.

Assim que o quibungo se viu solto, foi logo à procura da aranha, que já andava muito longe.

Passado algum tempo, houve uma seca muito grande e os bichos reuniram-se para fazer uma fonte. Então o quibungo pensou logo em pegar a aranha. Todos os dias ficava de sentinela na fonte, para ver se lhe punha a mão em cima quando fosse beber água.

A aranha ficou escogitando um meio de ir beber na fonte, sem ser reconhecida pelo quibungo. Afinal de contas, achou o couro de um veado que havia morrido esturricado de sede. Meteu-se dentro dele e saiu por ali a fora, toda *corocochó,* cai aqui, cai acolá, sem poder com

o peso do couro, até que deu na fonte. Chegando lá, o quibungo perguntou-lhe:

– Oh! amigo veado, o que foi que você teve, que ficou seco assim desse jeito?

Respondeu a aranha, de dentro do couro, dando um suspiro muito comprido:

– Ai! Amigo quibungo... hum! Quem me pôs assim neste estado que você está vendo foi aquela malvada da aranha-caranguejeira, aquela excomungada!

– O quê? A aranha-caranguejeira? Ai! Amigo veado, se você soubesse o que aquela peste me fez!...

Aí contou o que se passara, arrematando:

– Mas deixe estar, que eu pego *ela* aqui e dou-lhe o troco...

A aranha desceu, chegou à beira da fonte, bebeu água, tomou banho e raspou-se.

Quando já estava um bocado distante, saiu de dentro do couro do veado, subiu numa árvore bem alta e gritou:

– Quibungo! Oi! Quibungo! Sou eu, olha...

O quibungo ficou fulo de raiva, porém não pôde agarrá-la.

*João da Silva Campos, "Contos e Fábulas Populares da Bahia", XXXIV, p. 217, "O Folk-lore no Brasil", Basílio de Magalhães, Rio, 1928.*

**Nota** – Silva Campos recolheu este conto entre os trabalhadores negros do Recôncavo da Bahia. É a única história que conheço das aventuras da aranha, além de um breve conto de expressão religiosa, também registrado neste volume. Agora identificamos a aranha africana, especialmente da Costa do Ouro, entre os negros Tshi ou Ashanti em cuja literatura oral a aranha é dominadora, com os *Anansiasen*, contos da aranha, *Aiya Anansi*. Pai Aranha, origem do gênero humano, segundo o coronel Ellis. O conto baiano mostra-a astuciosa, prudente, traiçoeira, sábia e pérfida, invencida

apesar das perversidades com o urubu, o jacaré e o quibungo. Os Penard (A. P. e T. S. no “Surinam Folk-tales”, *Jafl*, XXX, 239-250, 1917) informam que *Anansi is a wise wily, treacherous rascal; a liar, a thief, and a murderer*, sábia, astuciosa, traidora, marota, mentindo, roubando e matando. A aranha da Guiana Holandesa estudada pelos Penard é a mesma da Costa do Ouro. William C. Bates, *Creole Folk-Lore From Jamaica*, II, *Nancy stories*, *Jafl*, IX, 1896, diz que “Nanci” é sua denominação vulgar, significando um duende familiar do campo, das matas e das residências, espécies de Puck na Inglaterra do norte. *Nancy stories usually end in a proverb or moral*. Mas a moral da aranha expressa bem o primitivismo de sua concepção, dando a vitória ao mais hábil embora ingrato e mau. Walter Jekyll, *Jamaican Song and Story: Annancy Stories*, etc. (“Pub. The Folk-Lore Society, LV, 1904, Londres, 1907) limita o reino da Anansi na costa africana, desde o Cabo Verde até Camerun. O conto transcrito é, evidentemente, um dos espécimens da sobrevivência africana na literatura oral brasileira com o motivo puro e legítimo da aranha, talqualmente vivia há séculos no continente negro onde nasceu e emigrou. Uma aranha agindo na Bahia sem influência cristã moralizadora. Naturalmente os motivos não são privados da África no plano da ferocidade natural. A Onça ameríndia nos contos de Couto de Magalhães é igual à aranha africana. Sobre o Quibungo ver *Geografia dos Mitos Brasileiros*[18]. Aranha amarrando o Quibungo para torná-lo bonito como a juriti lembra o Mt. 8 de Aarne-Thompson. O urso deixa-se amarrar pela raposa para ter as cores da pega. Morreu queimado. É um conto da Europa do norte (Stith Thompson, *The Folktale*, 220-221, New York, 1946).

**18** Edição atual – 3. ed. São Paulo: Global, 2002. (N.E.)

# 4 – FACÉCIAS

# O Caboclo, o Padre e o Estudante

Um estudante e um padre viajavam pelo sertão, tendo como bagageiro um caboclo. Deram-lhes numa casa um pequeno queijo de cabra. Não sabendo como dividi-lo, mesmo porque chegaria um pequenino pedaço para cada um, o padre resolveu que todos dormissem e o queijo seria daquele que tivesse, durante a noite, o sonho mais bonito, pensando engabelar todos com os seus recursos oratórios. Todos aceitaram e foram dormir. À noite, o caboclo acordou, foi ao queijo e comeu-o.

Pela manhã, os três sentaram à mesa para tomar café e cada qual teve de contar o seu sonho. O frade disse ter sonhado com a escada de Jacob e descreveu-a brilhantemente. Por ela, ele subia triunfalmente para o céu. O estudante, então, narrou que sonhara já dentro do céu à espera do padre que subia. O caboclo sorriu e falou:

– Eu sonhei que via *seu* padre subindo a escada e *seu* doutor lá dentro do céu, rodeado de amigos. Eu ficava na terra e gritava:

– *Seu* doutor, *seu* padre, o queijo! Vosmincês esqueceram o queijo.

Então, vosmincês respondiam de longe, do céu:

– Come o queijo, caboclo! Come o queijo, caboclo! Nós estamos no céu, não queremos queijo.

O sonho foi tão forte que eu pensei que era verdade, levantei-me, enquanto vosmincês dormiam, e comi o queijo...

*Colhida no Ceará, Gustavo Barroso,*
*"Ao Som da Viola", Rio de Janeiro, 1921, p. 413.*

**Nota** – Publiquei na "Revista do Brasil" (*Jesus Christo no Sertão*, nº 79, julho de 1922, S. Paulo) uma variante em que aparecem Jesus Cristo, S. Pedro e Judas. Antônio Torres (*Prós & Contra*) registrara a versão de Minas Gerais, com um Jesuíta, um Dominicano e um Capuchinho. O conto é oriental e já fora incluído no secular livro árabe *Nushetol Udeba*, entre um cristão, um maometano e um judeu. Divulgou-se na Europa através do *Disciplina Clericalis*, fins do século XI ou princípios do XII, reunião de contos e apólogos morais, coordenados pelo judeu converso Pedro Afonso, com dois burgueses e um camponês. No século XVI, Giraldi Cintio incluiu o episódio no seu *Eccatomiti*, dizendo-o ocorrido em Roma, no ano de 1527, sendo os personagens um filósofo, um astrólogo e um soldado. A tradição popular encarna infalivelmente os vitoriosos do amor e da fortuna nos pobres, nos humildes, nos desprotegidos. Está nisto a suprema ironia e a suprema bondade do Folclore. É o Mt. 1926 de Aarne-Thompson, *Dream Bread*. O resumo de Antti Aarne diz que três peregrinos combinaram que o último pão fosse comido por quem tivesse o mais lindo sonho. Um dos peregrinos comeu o pão e disse ter sonhado com a morte dos dois companheiros, FFC. 74, p. 189. No recente *A Treasury of American Folklore*, de B. A. Botking, New York, 1944, 452, *The Three Dreams* se passa entre dois irlandeses e um judeu. Cf. D. P. Rotunda, *Motif-Index of the Italian Novelia in Prosa*, Bloomington, 1942, K 444, *Dream sausage* (*bread*): *the most wonderful dream.*

# A Velha Amorosa

Apesar de bem idosa, passada nos anos e em tempo de desiludir-se, uma velha apaixonou-se por um rapaz que tinha direito de parecer-lhe neto.

Começou a velha a importunar o moço, acompanhando-o para toda a parte, espalhando a notícia de seu namoro e fitando-o escandalosamente no templo sagrado. O rapaz ia ficando aborrecido com a insistência, embora houvesse rido ao principiar, mas os seus amigos faziam toda sorte de troças, chamando-o avozinho, dindinho e mais nomes que usamos para os anciãos. Como a velha não esmorecesse na perseguição amorosa e o rapaz não pudesse conter sua cólera, resolveu livrar-se da falsa noiva. Encontrando-se com ela, entabulou conversa, entrou no assunto, perguntando se era verdade sua inclinação por ele. A velha, inebriada, tudo confirmou com abundância de palavras e gestos. O moço exigiu uma prova de constância. A velha prontificou-se para cumprir quantas fossem solicitadas.

– Basta que a senhora passe uma noite de chuva, em junho, diante do telheiro, perto de minha casa, cantando uma vez por outra para que eu saiba da vigilância.

A velha não deixou de prometer e, numa noite chuvosa de junho, lá se foi para perto do telheiro. Firme, debaixo do aguaceiro, aguentou as bátegas incessantes e para aliviar-se, com a ideia do próximo matrimônio, ia cantando, espaçadamente:

*Hoje engelhada*
*Amanhã casada!*

As horas foram passando e a chuva era contínua. A velha espirrando, tossindo, gelada, suportava tudo, esperançada de casar-se.

*Hoje engelhada*
*Amanhã casada.*

Foi indo, batida pela intempérie, até pela madrugada, quando, caída no chão, queimando de febre, foi levada para a casa e visitada pelo médico que a desenganou. Morreu dias depois, livrando o moço da sua teimosa paixão serôdia. Em vez de pedir perdão a Deus pelos muitos pecados, a velha ainda murmurou, pensando no que o Mundo lhe negara.

*Hoje engelhada*
*Amanhã casada.*

*Ana da Câmara Cascudo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – É facécia de origem portuguesa e já popular em princípios do século XVI. Gil Vicente (*Triunfo do Inverno*, edição de Mendes dos Remédios, Coimbra, 1912, 2, 210) inclui no Auto uma Velha que se quer casar com o filho do prior de Aveiro, Fernando, sapateiro, e este responde: “Praz-me pois que vós querees, – Com condição que passees – Aquela serra nevada – Sem levar nada nos pees”. A velha Brazia Caiada dançando toda alegre já exausta atira-se à façanha, cujo fim, possivelmente, é a morte. Outra versão de Portugal ouviu-a do nosso jardineiro, Antônio Portel, da Cidade do Porto. A Velha, que morreu gelada, cantava: – “Hoje na lama – Amanhã na cama”. O prof. Lindolfo Gomes (*Contos Populares*, episódicos, cíclicos e sentenciosos, colhidos da tradição oral, no Estado de Minas, 1, 36, S. Paulo, s. d.) registra uma variante, “*A Velha no Estaleiro*”, colhida em Juiz de Fora, Minas Gerais, onde a velha canta, debaixo da neve que *caía como poeira de fubá*: – “Tremei, tremei, corpo maldito, – Amanhã, por estas horas, – Estareis em glórias bendito”. A que registrei ouvi narrada por minha mãe.

# A Gulosa Disfarçada

Um homem casara com excelente mulher, dona de casa arranjadeira e honrada mas muito gulosa. Para disfarçar seu apetite fingia-se sem vontade de alimentar-se sempre que o marido a convidava nas refeições. Apesar desse regime, engordava cada vez mais e o esposo admirava alguém poder viver com tão pouca comida. Uma manhã resolveu certificar-se se a mulher comia em sua ausência. Disse que ia para o trabalho e escondeu-se num lugar onde podia acompanhar os passos da esposa.

No almoço, viu-a fazer umas tapiocas de goma, bem grossas, molhadas no leite de coco, e comê-las todas, deliciada. Na merenda, mastigou um sem-número de alfenins finos, branquinhos e gostosos. Na hora do jantar matou um capão, ensopou-o em molho espesso, saboreando-o. À ceia, devorou um prato de macaxeiras, enxutinhas, acompanhando-as com manteiga.

Ao anoitecer, o marido apareceu, fingindo-se fatigado. Chovera o dia inteiro e o homem estava como se estivesse passado, como realmente passara, o dia à sombra. A mulher perguntou:

– Homem, como é que trabalhando na chuva você não se molhou?

O marido respondeu:

– Se a chuva fosse grossa como as tapiocas que você almoçou, eu teria vindo ensopado como o capão que

você jantou. Mas a chuva era fina como os alfenins que você merendou e eu fiquei enxuto como as macaxeiras que você ceou.

A mulher compreendeu que fora descoberta em seu disfarce e não mais escondeu o seu apetite ao marido.

*Leopoldino Viana de Melo,*
*Macaíba, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Sílvio Romero coligiu essa facécia em Pernambuco, *A Mulher Dengosa*. Teófilo Braga incluiu a versão de Portugal, provinda da Cidade do Porto no *Contos Tradicionais do Povo Português*, onde é o 83º. A resposta do marido é então: – "Chovia miudinho – Como os formigos que almoçaste – Se chovesse graudinho – Como as migas que jantaste – Eu viria ensopadinho – Como os frangos que ceaste". Aurélio M. Espinosa incluiu no *Cuentos Populares Españoles* duas variantes, uma de Jaén, 44º, *La Mujer que no comia con su marido*, e outra de Fresno, Santander, 45º, *El Ama del Cura*. O final da primeira, mais típica, é assim: – "Mia, Maria, caía una agua tan menuíta como er pan e miga que te almorzaste, y si no me meto debajo der vuelo e la tortilla que te merendaste me pongo má negro que er gallo que te cenaste". Um dos indícios de antiguidade desse episódio é a hora da ceia, antes do crepúsculo. O processo de adaptação dos versos à culinária brasileira diz igualmente da dispersão da historieta por todo o Brasil.

# A Roupa do Rei

Era uma vez um rei tão vaidoso de sua pessoa que só faltava pisar por cima do povo. De uma feita procuraram-no uns homens que eram tecelões maravilhosos e que fariam uma roupa encantada, a mais bonita e rara deste mundo, tendo o condão de só poder ser enxergada por quem fosse filho legítimo.

O rei achou muita graça na proposta e encomendou o traje, dando muito dinheiro para sua fatura. Os homens trabalhavam dia e noite num tear vazio, cosendo com linha invisível, um pano que ninguém via. O rei mandava sempre ministros visitarem a oficina e eles voltavam deslumbrados, elogiando a roupa e a perícia dos alfaiates. Finalmente, depois de muito dinheiro gasto, o rei recebeu a tal roupa e marcou uma festa pública para ter o gosto de mostrá-la ao povo.

Os alfaiates compareceram ao palácio, vestindo o rei de camisas e ceroulas, e cobriram-no com as peças de tal traje encantado, ricamente bordado mas invisível aos filhos bastardos.

O povo esperou lá fora pela presença do rei e, quando este apareceu, deram muitas palmas. Os alfaiates desapareceram. O rei seguiu com o cortejo, mas, atravessando uma das ruas pobres da cidade, um menino gritou:

– O Rei está de camisa!

Toda a gente reparou e viu que realmente o rei estava apenas de camisa e ceroulas. Rebentou uma vaia estrondosa e o rei chegou ao palácio corrido de vergonha. Corrigiu-se do seu orgulho e foi daí em diante um rei cordato e simples.

*Francisco Cascudo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Na coleção de contos orientais, "Libro de Patronio ou do Conde Lucanor", de dom Juan Manuel (século XV) encontra-se esse episódio, divulgado durante a Idade Média. Andersen transformou-o literalmente, incluindo-o num dos seus "Contos", variante dinamarquesa que Teófilo Braga traduziu e há versão de Guerra Junqueiro e de Ramalho Ortigão ("As Farpas", tomo IV, p. 5. Lisboa, 1888). É o Mt. 1620 de Aarne-Thompson, *The King's New Clothen*, (K 445). "*An impostor feigns to make clothes for the king and says that they are visible only to those of legitimate birth. King and courtiers are all afraid to admit that they cannot see them*". *Types of the "Folk-Tales"*, p. 189. Contos para a Infância, Lisboa, 1913, p. 109, "O Fato novo do Sultão" – Guerra Junqueiro. *Contes d'Anderson*, versão francesa de D. Soldi, Paris, 1920, *Les habits neufs du Grand Duc*, 21. No *Livro de Los Ejemplos del Conde Lucanor y de Patronio*, Juan Manuel, ed. Losada Buenos Aires, 1942, o conto é o XXXII, *De lo que contesció a un rey con los burladores que fizieron el pano*. O livro de dom Juan Manuel é de 1335, 51 exemplares de origem oriental em sua maioria.

# Adivinha, Adivinhão!

Era uma vez um homem muito sabido mas infeliz nos negócios. Já estava ficando velho e continuava pobre como Job. Pensou muito em melhorar sua vida e resolveu sair pelo mundo dizendo-se adivinhão. Dito e feito. Arranjou uma trouxa com a roupa e largou-se. Depois de muito andar chegou ao palácio de um rei e pediu licença para dormir. Quando estava ceando o rei lhe disse que o palácio estava cheio de ladrões astuciosos. Vai o homem e se oferece para descobrir tudo ficando um mês naquela beleza. O rei aceitou. No outro dia o homem passou do bom e do melhor e não descobriu cousa nenhuma. Na hora de cear, quando o criado trazia o café, o adivinho exclamou, referindo-se ao dia que passara:

– Um está visto!

O criado ficou branco de medo porque era justamente um dos larápios. No dia seguinte veio outro criado ao anoitecer e o adivinhão repetiu:

– O segundo está aqui!

O criado, também gatuno, empalideceu e atirou-se de joelhos, confessando tudo e dando o nome do terceiro cúmplice. Foram presos e o rei ficou satisfeito com as habilidades do adivinho.

Dias depois roubaram a coroa do rei e este prometeu uma riqueza a quem adivinhasse o ladrão. O adivinho reuniu todos os criados numa sala e cobriu um galo com uma toalha. Depois explicou que todos deviam passar a

mão nas costas do galo. O ladrão havia de ser denunciado pelo canto do galo. Todos os criados passaram a mão. O adivinho, cada vez que alguém ia meter o braço debaixo da toalha, fazia umas piruetas e dizia, alto:

*Adivinha, adivinhão,*
*A mão do ladrão!*

Todos acabaram de fazer o serviço e o adivinho mandou que mostrassem a palma da mão. Dois homens estavam com as mãos limpas e os demais sujos de fuligem.

– Prendam estes dois que são os ladrões da coroa!

Os homens foram presos e eram eles mesmos. A coroa foi achada. O adivinho explicou a manobra. O galo estava coberto de tisna de panela, emporcalhando a mão de quem lhe tocasse nas costas. Os dois ladrões não quiseram arriscar a sorte e por isso fingiram apenas que o faziam, ficando com as mãos limpas.

O rei deu muito dinheiro ao adivinhão e este voltou rico para sua terra.

*Benvenuta de Araújo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – É o Mt. 1641, de Aarne-Thompson, *Doctor Know-All*. O episódio do descobrimento dos ladrões do palácio é o elemento N 611. O galo sujo de fuligem não está incluído entre os "itens" da classificação Aarne-Thompson. O mesmo tema é corrente na literatura oral portuguesa, de onde nos veio o conto. Teófilo Braga registra "João Ratão (ou Grillo)", nº 72, versão coimbrã, com o mesmo caso inicial mas não tendo o emprego do galo. Alfredo Apell ("Contos Populares Russos") divulga três variantes russas, II, III e IV, "A mulher que adivinha", "As pérolas roubadas" e "O adivinhão", com largo comentário e confronto. O assunto aparece em sânscrito, na lenda de Hariçarman, em mongol, em calmuco, russo, italiano, alemão, francês, norueguês, versões portuguesas de Adolfo Coelho, em Coimbra, de F. X. d'Ataíde Oliveira, no Algarve, Consiglieri Pedroso, uma em latim citada por

Benfey (*Deus bene vertat, jam unus accessit*, dizia o carvoeiro referindo-se ao primeiro dia e o ladrão se julga denunciado) no “Facetiarum Heinrici Bebeli Poetae a D. Maximiliano Iaureati Libri tres”, escrito em 1506 pelo humanista de Wurttemberg, Heinrich Bebel (Henricus Bebelius), numa *Noveli* de Straparola (XIII, 6), na Cochinchina num conto anamita que Abel des Michels traduziu e entre os camaônios hindus, descoberto pelo orientalista russo João Pavlovitch Minaev, Apell, *opus cit*. 75-100. Não há o galo tisnado da versão nortista (que julgo convergência brasileira de uma história francesa). O versinho:

*Adivinha, adivinhão,*
*A mão do ladrão!*

aparece no conto russo “O adivinhão”: – “Ora se é adivinhão, adivinhe lá o que tenho fechado nesta mão?”, p. 74, num episódio que não ocorre na história que ouvi. Afanasiev registra uma versão russa bem típica, *Cuentos Populares Russos*, 139-142, Buenos Aires, 1948, *El adivinho*.

# O Homem que Pôs um Ovo!

Um marido tinha uma mulher muito gabola de saber guardar segredo. Vivia dizendo que as outras eram saco rasgado e ninguém podia confiar senão no juízo dela. Tanto se gabou e se gabou que o marido pensou em fazer uma experiência para ver se a mulher era mesmo segura de língua.

Uma noite, voltando tarde para casa, o homem trouxe um grande ovo de pata, que é muito maior do que os da galinha, e deitou-se na cama. Lá para as tantas da madrugada, acordou a mulher, todo assustado e, pedindo que ela guardasse todo segredo, contou que acabara de pôr um ovo! A mulher só faltou morrer de admiração, mas o marido mostrou o ovo e ela acreditou, jurando que nem ao padre confessor havia de dizer o que soubera.

Ora muito bem. Pela manhã, assim que o marido saiu para o trabalho a mulher correu para a vizinha e, pedindo segredo de amiga, contou que o marido pusera um ovo na cama e estava todo aborrecido com essa desgraça. A vizinha prometeu que ninguém saberia, mas passou o dia contando o caso, ao marido, aos vizinhos, aos conhecidos, sempre pedindo segredo. E, como quem conta um conto aumenta um ponto, toda vez que a história passava adiante o ovo ia mudando de número. Primeiro era um, depois dois, depois três. Ao anoitecer já o homem pusera meio cento de ovos. Voltando para

casa, o marido encontrou-se com um amigo e este lhe disse que havia novidade naquela rua.

– Qual é a novidade?

– Não soube? Uma cousa esquisita! Imagine que um morador nesta rua pôs, penso eu, quase um cento de ovos, seu mano! Diz que está muito doente e que cada ovo tem duas gemas. É o fim do mundo.

O marido não quis saber quem estava de vigia. Entrou em casa, chamou a mulher, agarrou uma bengala e passou-lhe a lenha com vontade, dando uma surra de preceito, que a deixou de cama, toda doída e com panos de água e sal.

Depois o homem saiu contando como o caso começara e a mulher ficou desmoralizada. Por isso é que os antigos diziam que:

*Quem tiver o seu segredo,*
*Não conte a mulher casada,*
*Esta conta ao seu marido,*
*O marido aos camaradas...*

*Antônio Alves,*
*Praia da Areia Preta, Natal.*

**Nota** – O velho Antônio Alves, um dos mais antigos pescadores de Natal, já não podia ir para o mar. Passava quase todo o dia na sombra de uma duna, na praia de Areia Preta. Nas minhas férias, ficava horas ouvindo-o responder aos questionários folclóricos que lhe propunha. Contou-me a história do “Marido da Mãe-d’água” e esta anedota da indiscrição feminina. Guardo centenas de notas suas, referentes às superstições de pescadores, aos mistérios e assombrações do mar. O “Homem que pôs um ovo!” é de origem europeia e o documento mais antigo que conheço é a carta de Francisco Xavier de Oliveira, o Cavaleiro de Oliveira, ao abade Ludovico Felix Romani, Cônego de Aquileia, datada de Viena de Áustria a 12 de Dezembro de 1736, nº LIV das “Cartas Familiares, Históricas, Políticas e Críticas, Discursos Sérios e Jocosos”, tomo I, Lisboa 1855 (Amsterdam, 1741), p. 600-603.

“Pede-me V. M. huma prova que possa dar de que a molher he incapaz de segredo, e diz-me que quer que seja a prova da minha mão. Impedido assim de consultar escritos antigos e modernos, de examinar as histórias passadas, e presentes, e de adivinhar as futuras para poder achar a prova, he necessario fase-la como V. M. ordena muito facil, e muito inteligivel sem autoridades, nem argumentos que a confundão. Exaqui, meu Senhor, huma certesa natural, clara, e decisiva não se me offerecendo por ora outra mais á mão.

Quiz hum homem conhecer se sua molher era capaz de guardar o seu segredo. Levou para a cama hum grande ovo que devia ser de Peru, ou de Abestruz. No meyo da noyte começou a gritar fingindo as dores, e a novidade de estar pondo hum ovo. Hum ovo? lhe perguntava a molher admirada! Sim, meu amor, hum ovo novo, e fresco e ey-lo aqui disse o parido, apresentando-o á consorte. Guardai-vos bem de o dizer-lhe recommendou ao mesmo tempo. Todo o mundo me teria por huma galinha, não digais nada vos peço. Atonita a molher com o caso creo a cousa, e prometeo com juramento de não falar na materia. Extingue-se com as sombras da noyte a obrigação da promessa, levanta-se a molher mais cedo, e mais indiscreta do que costumava, e parte logo para a casa de huma vizinha. Sabeis o que vay Comadre? disse a molher do parido. Não digais nada a ninguem; meu marido me mataria. Poz esta noyte hum ovo como quatro, não publiqueis o prodigio, vede bem o que faseis. Zombaes vós minha vizinha? Respondeo logo a Comadre. Não temaes, hide segura se he que sabeis conhecer-me. Volta a molher do parido para casa, sahe a outra fóra da sua, e estourando com o segredo, arrebenta em algumas que em lugar de hum tinha o homem posto tres ovos. Huma sua amiga disse que quatro, e espalhandose o segredo de orelha em orelha com toda a precaução necessaria, foi-se augmentando-se de boca em boca o numero dos ovos. Fnalmente antes da noyte era publico em toda a Cidade, que o homem tinha posto hum cento delles.

Não tenho prova nem história que mostre melhor o muito que pesa o segredo às molheres para o levarem muito longe. Como V. M. não quer discurso sobre a prova, acabo a carta disendo a V. M. que conheço muitos homens que são molheres. Declaro que nesta mesma materia, e em todas as de servir a V. M. declaro que me achará sempre prompto. Guarde Deus a V. M. muitos anos. Amigo, e Criado de V. M. Viena de Áustria 12 de Dezembro de 1736. F. X. D. O.”

No *Gesta Romanorum*, reunião de contos e apólogos, de várias origens, com finalidade moral, popular desde o século XIII, há um conto dos “*Três Corvos Pretos*”. Um clérigo que tinha irmão casado aconselhava a não confiar segredo às mulheres. O homem pôs a mulher em prova, dizendo-lhe ter evacuado um corvo negro. A mulher jurou segredo e contou à vizinha, aumentando para dois corvos. A vizinha, sempre em segredo, passou adiante e a história terminou com o homem tendo evacuado sessenta

corvos, *Gesta Romanorum*, excertos publicados no volume V, p. 2501, da "Biblioteca Internacional de Obras Célebres".

No Brasil Monteiro Lobato incluiu-a nas suas Fábulas, oitava ed., S. Paulo, 1943, p. 121, *Segredo de Mulher*, Rotunda, *cit.*, J 2353. I, *Man tells wife that he has laid an egg,* citada na *Novelle*, 3, de Anton Francesco Doni, novelista florentino do séc. XVI.

# As Irmãs Tatas

Eram quatro irmãs tatibitates e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito. Como as queria casar, aconselhava que não falassem diante de gente estranha, dando uma impressão má.

– Quem falar, não casará – ameaçava a velha.

Uma vez, saíra a mãe, e as quatro moças estavam em casa quando apareceu um rapaz bem-vestido, pedindo um copo d'água para beber. A mais velha correu para buscar a bilha, mas o fez tão estouvadamente que lhe escapou das mãos e espatifou-se no chão.

A moça, não se contendo, exclamou:

– *Lá si quêbou a tatinha de mamãe*! (Lá se quebrou a quartinha de mamãe!)

A segunda:

– *Que si quêbou, que si québásse*! (Que se quebrou, que se quebrasse!)

A terceira, lembrada das recomendações maternas:

– *Mamãe nun dissi que a genti num fáiásse*? (Mamãe não disse que a gente não falasse?)

A última, tranquila pela sua conduta:

– *Eu cumu nun faiêi, cazaêi*! (Eu, como não falei, casarei!)

*Dáhlia Freire Cascudo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Teófilo Braga, "Contos Tradicionais do Povo Português", I, 179, registra uma versão do Porto, "As irmãs gagas", nº 84. Um pretendente,

ignorando a gagueira das três manas, visitou-as, na presença da mãe que vivia recomendando silêncio às filhas. A mais velha, ouvindo o pucarinho chiar no lume, falou: – Oh, mãe, o *tutalino fede*! (o pucarinho ferve). A outra: – *Tira-le o têto e mete-le a tolé* (tira-lhe o testo e mete-lhe a colher). A derradeira, zangada pela desobediência fraterna, exclamou: – *A mãe nam di que não falará tu? pois agora não tasará tu*! (A mãe não disse que não falarás tu? pois agora não casarás tu). O noivo fugiu, rindo. Ataíde, *As quatro filhas tartamudas*. *Contos Tradicionais do Algarve*, IIº, 431, 1905, colhido em Algôs.

# Mostrando as Prendas

Três moças vaidosas receberam presentes muito bonitos, um anel, um par de brincos e uns sapatinhos de baile, todos obra de luxo e vistosos.

Um dia receberam elas uma visita e, para mostrar os presentes, chamando atenção sobre eles, imaginaram uma cena que foi assim:

A mais velha, apontando com o dedo onde brilhava o anel, indicou a sala:

– Negra, vai varrer esta sala!

A do meio, sacudindo a cabeça e fazendo faiscar os brincos, completou:

– Que sala suja!

A última, passando o pé no chão, concluía:

– Neste canto já está limpo! Neste canto já está limpo!

E as três mostraram as ricas prendas que tinham recebido.

*Ângela da Câmara Oliveira,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Lindolfo Gomes dá uma variante dessa facécia em Minas Gerais, "As três irmãs: a do anel, a dos sapatinhos e a dos brincos". *Contos Populares*, volume I, p. 88-89. A do anel, apontando para o chão:

– "*Óia* um bicho aí!" A dos sapatinhos, suspendendo o pé e mostrando o sapato bonito: – "Eu vou *matá*". A última, dos brincos, ria, balançando a cabeça onde rebrilhavam os diamantes. Marcano Curiel Merchan, *Cuentos Extrameños*, 257, Madrid, 1944, registra uma versão expressiva, *Las tres hermanas*.

# As Três Favas Mágicas

Era uma mulher que comia escondida do marido. Na hora do almoço ou jantar sempre dizia não ter fome ou comia tão pouquinho que assombrava. O marido acabou ficando desconfiado porque uma criatura humana não podia viver com tão pouco alimento. Queria acabar com aquele fingimento da mulher e procurou um amigo muito entendido e este lhe deu três favas dizendo que as botasse uma debaixo de cada pedra da trempe. O marido assim fez sem que a mulher visse. E foi para o trabalho.

Quando o almoço se aprontou, a mulher preparou o prato para comer e, assim que sua mão tocou na tampa da panela, uma voz disse alto:

– Já vai bulir!...

A mulher tirou a mão medrosa e procurou ver quem estava falando. Não vendo ninguém, estirou o braço de novo e outra voz disse:

– Não é o costume dela?

A mulher, com medo, parou e percorreu a casa toda mas não enxergou vivalma. Veio para a cozinha e ia abrindo a panela quando a terceira voz falou:

– Comer sem o marido?...

A mulher não buliu em cousa alguma e esperou o marido. Como estava com muita fome comeu deveras. No outro dia quis comer escondida mas as três favas, que ela não sabia onde estavam, tornaram a falar e ela

ficou tremendo. Tornou a comer com o marido e nunca mais procurou servir-se sozinha.

*Lourença Maria da Conceição,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Silva Campos dá uma versão da Bahia, “A Mulher Dengosa”, LVI. A bruxa deu três pedras ao marido da gulosa dissimulada e as pedras falaram: – Ói! Já vai comer? ... Sem seu marido? ... Se é seu costume!... Não pôde comer escondida e acabou o fingimento. O prof. Aurélio M. Espinosa registra a versão de Vilafranca de La Sierra, Avila, “La mujer golosa”, nº 46 dos *Cuentos Populares Españoles*, 1, p. 99. A bruxa dá três favas e estas dizem sempre que a mulher tenta alimentar-se na ausência do esposo:

*Y que se lo come todo y sin su marido?*
*El demonio me lleve si no lo digo.*
*E a mulher se corrige.*

# O Menino Sabido e o Padre

Um padre, que andava de viagem, chegou, um dia, a uma casa, à beira da estrada e próxima de um rio, onde encontrou um menino de cócoras, junto a uma panela que fervia o fogo.

– Que estás fazendo? – perguntou ao menino.

Este respondeu:

– Estou comendo os que vêm e esperando os que hão de vir! (Queria dizer comia os pequenos pedaços de carne que subiam com a fervura d'água na panela e esperava os que vinham depois.)

– Menino, que é de teu pai?

– Meu pai está no canto dos arrependidos. (O pai, no ano passado, tinha feito um grande roçado e não chovera para plantá-lo: neste ano, que não fizera roçado, houvera um bom inverno. Esta circunstância está a indicar que a história se deu na terra das secas.)

– E tua mãe, onde está? – perguntou o padre.

– Minha mãe está pagando os gostos do ano passado! (A mãe estava de resguardo, de um parto.)

O padre perguntou:

– Menino, este rio é fundo?

– Não! O gado de meu pai passa com água pelas costelas! (O gado do pai do menino era os pastos!)

O padre, depois, disse ao menino:

– Se tu quiseres morar comigo, eu te ensinarei a ler e muita cousa mais.

O menino aceitou o convite e foi para a casa do padre. Quando lá chegaram, o padre, armado de uma palmatória, foi ensinar ao menino.

– Como é meu nome? – perguntou.

O menino respondeu:

– Não é padre?

– Padre, não! Papa-hóstia! – disse o mestre, e... bolo!

– Como se chama aquilo?

– Não é mulher?

– Mulher, não! Folgazona... – bolo!

– E aquilo?

– Gato!

– Gato, não! Papa-rato... – bolo!

– E aquilo?

– Fogo!

– Fogo, não! Claro-no-mundo! – bolo!

– E aquilo?

– Água!

– Água, não! Abundância... – bolo!

– E aquilo?

– Casa!

– Casa, não! Traficância!... – bolo!

Foi aquele o primeiro dia de aula.

À noite, quando o padre se recolheu para dormir, o menino colou mesas, cadeiras, bancos e mais mobília à porta do seu quarto, formando uma trincheira de trastes.

Fez depois um facho de pano, ensopado em gordura, amarrou-o no rabo do gato, tocou fogo e gritou:

– Acorde, *seu* papa-hóstia, dos braços da folgazona, que lá vai o papa-ratos com o claro-no-mundo no rabo, se

não acudir com a abundância, leva o diabo a traficância!

O padre, ao abrir a porta do quarto para correr, a trincheira caiu em cima e quebrou-lhe um braço, além de outros ferimentos.

O menino tinha desaparecido.

*José Carvalho, "O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará",*
*p. 80, Belém do Pará. 1930.*

**Nota** – Gustavo Barroso registrou uma outra versão dessa história no seu "Ao Som da Viola", p. 620, "A vingança do menino" (Rio de Janeiro, 1921). O prof. Espinosa registra páginas semelhantes, recolhidas em Burgos, Zamora e León, nº 57, "El Agnus Dei", nº 58 "Ladóisima próisima" e 59 "La Chipiritaina". O final desta última dá ideia de identidade do processo: – Señor Cura, usté que está en los *Altos de San Sebastián*, deje la *Prójima Nostra*, calce los *Calzavitatis*, que aquél *Cazalosrates* sube y baja por las *Estinencias*, lleva la *Grande Alegria en el rabo*, y si no baja usté a encharle da *Grande Abundancia* puede ser que nos queme la *Chipiritaina*! Altos-se-San-Sebastián são leitos, *Prójima Nostra* é a criada ou ama, Calzavitatis são sapatos, Calzalosrates é o gato, Estinencias são as escadas, Grande-Alegria é fogo, lume, Grande-Abundância é água e Chipiritaina é casa. Na versão do "Ao Som da Viola" o menino, repetindo a lição ensinada à custa de palmatória, pergunta-lhe o patrão quem fizera toda aquela tremenda alteração, respondeu, como Ulisses a Polifemo, *ninguém*!

# O Caboclo e o Sol

Um fazendeiro apostou com um caboclo tantos para quem em primeiro lugar visse, de manhã, o primeiro raio do sol nascente. Ambos foram de madrugada para o terreiro da fazenda. Estava escuro. O branco ficou de pé, olhando o nascente, à espera. O caboclo sentou-se numa pedra de costas para ele, olhando o poente. Intimamente, o fazendeiro ria da asneira do outro. De repente, o caboclo grita:

– Meu amo, o sol! O sol!

Espantado que o outro visse o sol nascer no poente, o fazendeiro volta-se e, com efeito, um brilho de luz clareava ao longe, vindo do nascente por sobre as nuvens amontoadas, os talhados de granito das serras. Era o primeiro raio do sol. O caboclo ganhou a aposta.

*Gustavo Barroso,* “*Ao Som da Vida*”, *p. 415, Rio de Janeiro, 1921.*

**Nota** – Nota o sr. Gustavo Barroso, mestre no folclore brasileiro: “Esta história é velha como o mundo. A título de curiosidade e de *rapprochement* literário, leiamos o que conta Justino no livro XVIII do seu resumo da História Universal do Trogo Pompeu. – Enquanto todos os outros, reunidos desde o meio da noite numa planície, tinham os olhos voltados para o nascente, somente ele dirigia o seu olhar para o poente. Procurar o primeiro raio do sol no ocaso parecia a todos um ato de sandice. Mas, quando à aproximação do dia os pontos mais elevados da cidade douraram-se com os primeiros raios do astro, ele mostrou aos seus companheiros o que eles em vão procuravam ver no nascente. – Foi assim que um escravo, segundo esse historiador, obteve o governo, quando duma revolta dos escravos em Tyro” (p. 115). Etraton, dono do escravo que olhara o poente, obedecendo aos seus conselhos, foi coroado Rei. Página 208, tradução de Jules Pierrot e E. Boitard, edição de Garnier Frères. A história é popular na Europa do norte, Kristensen

a registra entre dois homens como na versão brasileira. É o Mt. 120 de Aarne-Thompson, *The First to See the Sunrise.* O resumo de Antti Aarne (“Types of the Folk-tale”, p. 33) é uma aposta entre a raposa e o porco. A raposa fica olhando o leste e o porco o oeste, onde há grandes árvores. Os primeiros raios do sol iluminam o topo das árvores e ganhou o porco.

# O Conselho do Doutor Doido

Um rapaz rico e solteiro desejava casar-se e começou a procurar noiva. Um dia mandou preparar sua carruagem e passou por uma rua da cidade. Mandou parar, desceu e entrou numa casa. Saiu uma mulher bonita e agradável.

– Senhora dona, me alcance um copo d'água!

A mulher foi buscar um copo dágua e agradou muito o rapaz que ficou satisfeito. Voltando para casa pensou em casar com ela.

No outro dia foi pedir água numa outra casa e saiu-lhe uma mulher ainda mais bonita e mais agradável. O rapaz ficou contente e achou que devia casar com ela.

No terceiro dia foi pedir de beber num rancho de palha onde foi servido por uma mocinha muito acanhada e bem-parecida. O rapaz ainda gostou mais desta do que das outras. Para decidir procurou o padre-vigário e pediu um conselho. O sacerdote disse:

– Vá procurar o Doutor Doido na Cidade Fulana. Ele não presta atenção a ninguém e vive passeando, para lá e para cá, numa calçada. Diga o que quer e ouça o que ele disser.

O rapaz tomou sua carruagem e tocou-se para a Cidade Fulana. De tarde um criado do hotel levou-o para a tal rua, onde ele viu o Doutor Doido andando para cima e para baixo, falando alto. O rapaz aproximou-se e contou o seu caso.

– Estou querendo casar e achei três mulheres que me agradam. Uma é mulher-dama, outra uma viúva e a terceira uma moça donzela. Com quem devo dar a mão de esposo?

O Doutor veio cá e foi lá, e, sem parar a marcha, respondeu:

– Quem sempre foi, sempre é! Besta velha não se acostuma em pasto novo! Quem nunca foi, vai-se fazer!

O rapaz tomou a carruagem, voltou e casou com a moça.

*Manuel Galdino Pessoa,*
*Sapé, Paraíba.*

**Nota** – Pertence esta história à classe dos casos outrora denominados *exemplos*, episódios sentenciosos, com finalidade moral, o epimítio clássico. Esta será destinada a uma guia para matrimônio, valorização da donzela, apta ao ensinamento marital. Cavalo feito e mulher por fazer, *A horse made and a wife to make*, como diziam os velhos ingleses. Sobre *mulher-dama* já escrevia Nuno Marques Pereira no seu *Peregrino da América*, primeira edição em 1728... *me disseram que não havia negra, nem mulata, nem mulher-dama, que não a cantasse*; 6ª ed., 1º, 216, Rio de Janeiro, 1939. O tipo do Doutor Doido lembra o filósofo Secundus, respondendo por escrito e de forma sibilina e oracular às perguntas que lhe faziam. Foi este filósofo que nunca existiu muito popular há uns quatro séculos e muita literatura derramou-se em seu nome.

# O Menino e o Burrinho

Um roceiro dos nossos vinha do roçado ali pelos cafus. Suado, enxada ao ombro, sonhando com a lavoura. Atrás a mulher, que o acompanhava, feliz, silenciosa, carregada de milho-verde; mais atrás vinha o pirralho do filho, também suarento, de calcinhas de algodão e chapéu de palha de carnaúba. Empunhava um bodoque e trazia um embornal cheio de balas de barro para a sua arma.

O campônio, no devaneio constante do pequeno agricultor, disse: este ano, se Deus quiser, faço umas cinco sacas de lã, tenho muito milho, tenho muito feijão, Deus louvado! e vou *comprá un animá*. (Um animal quer dizer um cavalo ou égua.)

– Um cavalo, Reimundo? – pergunta a mulher.

– Não, quero uma *bisquara*. Quero ver se compro a poldra do compadre Xico Tetéu. *Perfiro* besta porque com certeza para o ano ela pare um burrinho, e sendo esquipador, a Deus querer, posso vender por duzentos *bagos*.

– Compre, pai! Compre a bestinha, que eu quero *amontá* no burrinho, e *corrê* nele que só uma flecha!

O matuto, violento, avançou para o filho.

– *Estais doido, grandecíssimo; pois queres logo escambichar o bichinho*!

E deu forte *bufirra* no pobre do rapazito, tão vão nos seus anelos de felicidade como o pai.

*Rodrigues de Carvalho, “Cancioneiro do Norte”, 2ª ed., p. 9, Paraíba do Norte, 1928.*

**Nota** – Numa pesquisa sobre este tema tão popular na literatura tradicional brasileira, europeia e oriental, *O Poldrinho Sertanejo* e *Os Filhos do Vizir do Egito*, separata da revista *Bando*, vol. III, nº 3, Natal, 1952, estabeleci a diferença entre este e o motivo da Mofina Mendes de Gil Vicente, dezembro de 1954, que Max Müller não parece ter conhecido quando estudou as raízes temáticas da *La Laittère et le pot au lait* de La Fontaine (1678), assunto do “Menino e o Burrinho” é variante perfeita da história de Noureddin Ali e Bedredin Hassan, no *Mil e Uma Noites* (vol. 3, 205, da coleção Eduardo Dias; em Mardrus, vol. 1º, nº 249, em Lane, Iº, nº 230; em Chauvin, “Bibliographie des Ouvrages Arabes”, VIº, nº 270, e na edição de João Romano Torres, Lisboa, 1909, Iº, 292) onde os dois irmãos, ainda solteiros, brigam por causa do casamento dos filhos que ainda não tinham nascido. O tema é considerado, pela existência nas mais antigas coleções, como já conhecido no século X. Gonçalo Fernandes Trancoso, *Histórias de Proveito e Exemplo*, impressa na segunda metade do século XVI, traz o caso das crianças seminuas que saltam alegremente quando o pai lhes promete caçotes (calções) de um linho que ia ser semeado. “Eu dou o demo à canalha, que, como se sentem vestidos, não há quem possa com eles!” É o tema do entremez *La Azitunas*, de Lope de Rueda, 1560, em que Torvio e Agueda disputam sobre o preço das azeitonas da colheita do futuro olival nos próximos seis anos. Os irmãos Grimm, conto nº 164, fazem o caçador perder as lebres gritando o nome do filho Diogo que nasceria muito remotamente. O des. Felipe Guerra, *Secas Contra a Seca*, 182, Rio de Janeiro, 1909, registrou uma versão idêntica à paraibana de Rodrigues de Carvalho. Estas informações denunciam antiguidade e vulgarização do assunto.

# A Mulher do Piolho

Uma mulher, por qualquer motivo insignificante, travou-se de razões com o marido; entre outras palavras injuriosas, chamou-lhe de *piolhento.*

– Mentes! – retruca o marido. – Não tenho piolhos.

– Tens, sim, tens piolhos.

Esgotada a paciência, o marido batia-lhe, e ela sempre a dizer:

– Tens piolhos! Piolhos! Piolhos!

O marido, enfim, amarrou-a com cordas e desceu-a num poço. Com água pela barba, ela respondia sempre com a mesma injúria. O marido fê-la mergulhar; e ela, já sem poder articular palavra, pondo as mãos fora d'água, fazia cascar as unhas, com o gesto de quem esborracha o asqueroso inseto.

*João Ribeiro, "O Folk-Lore. A Mulher porfiosa. Origens de uma história popular", p. 255, Rio de Janeiro, 1919.*

**Nota** – A história tornou-se adágio. *Teimosa como a mulher do piolho*, diz-se comumente. João Ribeiro estudou completamente o tema, num capítulo de erudição e perspicácia, citando abundante bibliografia na espécie. Mostrou a origem europeia, dando o "Sermones vulgares de materis proedicabilius", de Etiene de Bourbon, e Jacques de Vitry, "autores do século XII". São do imediato. Há outra variante popularíssima, em que a mulher, debaixo d'água ainda, com os dedos maiores, finge o gazear da tesoura. É a esta que ele refere a quadra de Nicolau Tolentino:

*Toma enfim a lição minha;*
*Mas, se estás na mesma frágua*
*Daquela mulher mesquinha,*
*Que alçando a mão fora d'água,*

*Fez c'os dedos tesourinha.*

("Poesias", p. 76, A Função. Ed. Liv. Sá da Costa. Lisboa, 1940). João Ribeiro indica, nas fontes remotas, autores do século XI, conhecida de russos, turcos, alemães, etc. É o Mt. 1365 de Aarne-Thompson, *The Obstinate Wife, B, Cutting with Knife or the Scissors*, e *C, The Wife Insults the Husband as Lousy-head*. Teófilo Braga registra uma variante do Porto, nº 106, "A Mulher Teimosa", obstinada em dizer que o queijo se partia com uma tesoura e não com uma faca. Nas "notas", lembra um manuscrito da Biblioteca de Bruxelas, do século XV, com a fábula *De homine et uxore letigiosa*, onde a porfiosa, com a língua cortada, repetia o sinal da tesoura com os dedos, *forcipi forman et officium digitis ostentans*. Alfredo Appell ("Contos Populares Russos", Lisboa, s. d.) registra uma versão, "A Mulher Teimosa", XXIII, 339, além das variantes norueguesas de Asbjornsen, outra russa de Afanasiev e uma da Sérvia. Gustavo Barroso compendiou muita informação preciosa no "O ciclo da mulher teimosa", *O Sertão e o Mundo*, p. 143, Rio de Janeiro, 1923, acompanhando a literatura tradicional europeia. Pereira da Costa, *Vocabulário Pernambucano*, colheu o verbete da *Mulher do mata piolho*, teimosa, intransigente, cabeçuda, tenaz, opinosa. Dessa variante, Mt. 1365, C. *The Wife Insults the Husband as Lousy-head*, a fonte mais antiga é realmente o cardeal Jacques de Vitry, nº 221, p. 222, *Sermones Vulgares*. Poggio, *Facecies*, XIX, cita *de muliere obstinata quae virum pediculosum vocabit*, evidenciando a popularidade da facécia no séc. XV. Cláudio Basto, *A Teimosia das Mulheres nos Contos Populares*, recolheu sete variantes portuguesas, in *Brasilia*, vol. II, Coimbra, 1943.

Joseph Bédier, *Les Fabliaux*, 45-48, Paris, 1895, divulga uma síntese brilhante do tema, *Femme au pouilleux*, versão do nosso conto, da citação de Frederico Mistral a uma fábula de Maria de France em 1180.

# 5 – CONTOS RELIGIOSOS

# Quem Tudo Quer, Tudo Perde

Quando Nosso Senhor andava no mundo chegou a uma casinha de gente muito pobre e pediu de comer e de beber. Os velhos que moravam aí deram o que possuíam e agradaram muito a Nosso Senhor. Quando este ia embora, abençoou-os e disse:

– Pelo que fizeram por mim, e, como são pobres e tementes a Deus, podem pedir três coisas que serão realizadas imediatamente.

O velho e a velha ficaram saltando de contentes. À noite, foram jantar e conversaram sobre o sucedido, meio desconfiados daquelas promessas. A velha, vendo a pobreza da janta, disse alto:

– O que eu queria agora era uma roda de linguiças assando naquele fogo!

Palavras não eram ditas e apareceu uma roda de linguiças assando em cima das brasas.

O velho ficou tão zangado com o pedido da mulher que não se conteve e gritou:

– E a minha vontade é que essa linguiça fique na ponta de sua venta para você não ser maluca!

A linguiça voou do fogo e grudou-se na ponta do nariz da velhota que começou a chorar e lastimar-se pela desgraça.

– Acuda-me, maridinho de minh’alma! Acuda-me maridinho!

Tanto chorou e se lastimou que o velho marido teve pena do caso e pediu que a linguiça saísse do nariz de sua mulher.

A linguiça desapareceu.

Os três pedidos não serviram de nada. Quem tudo quer, tudo perde.

*Francisco Cascudo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Meu pai repetia esse conto aplicando-o aos casos vividos pelas sociedades e nunca o esqueci por tantas vezes ouvi-lo contar. É o *Les souhaits ridicules*, de Charles Perrault que Paul Saintyves estudou demoradamente no *Les Contes de Perrault et les Récits Parallèles*, 569-608, Paris, 1923. O tema está no *Panchatantra*, 333, da edição de Lancereau e se espalhou pela China, Pérsia, todo mundo árabe, Europa, desde o *Mil e Uma Noites* (vol. XII, 40-43, da ed. Mardrus) ao *Book of Sindibad*, XIX, até La Fontaine que escreveu uma fábula deliciosa, *Les Souhaits*. É o Mt. 750-A de Aarne-Thompson, *The Wishes*.

Nos “Contos Pátrios” Coelho Neto e Olavo Bilac aproveitam este mote “Quem tudo quer, tudo perde”, para criarem um apólogo, porém com versão completamente diversa desta. “Contos Pátrios”, Ed. Francisco Alves, Rio, 1912.

# A Moça e a Vela

– *M*inha filha – dizia sempre a mãe de uma moça que tinha por costume ficar à janela até as tantas da noite –, quem se deixa ficar à janela até alta hora vê coisas que não deve ver. Isto é exemplo dos antigos que sabiam mais do que nós.

– Qual o quê! – dizia a moça –, nunca vi nada de espantar. Não tenho sono, não hei de dormir com as galinhas.

A mãe repetia-lhe sempre o conselho, mas a moça, com quem ia às vezes falar o namorado, continuou com o seu costume.

Vai por uma vez estava a teimosa à janela, quando, ao soar a última badalada da meia-noite, viu aproximar-se uma figura envolta num hábito muito branco, caminhando com passo apressado e trazendo, numa das mãos, uma vela acesa. A moça estava tão distraída, a pensar nos seus amores e naquele que esperava, que nem pavor sentiu. Foi como se não tivesse visto nada.

O desconhecido saudou-a e, apagando a vela, pediu-lhe que a guardasse até a sua volta.

Maquinalmente a rapariga foi colocar a vela sobre o leito e, quando voltou, já não encontrou mais o desconhecido.

Nem se lembrou dos conselhos da mãe nem a aparição lhe causou o menor abalo. Continuou à janela toda preocupada com os seus pensamentos de amores.

Às duas da madrugada, que é quando as almas penadas se recolhem, ela ainda estava apreciando a noite. O desconhecido chegou-se rapidamente e pediu-lhe a vela.

A moça foi buscá-la ao leito, mas soltou um grito de horror. Em vez de vela, se lhe apresentou um esqueleto, estendido na cama. *A caveira* ergueu-se e foi, diante de seus olhos, saindo pela janela, como se fosse uma pluma.

Desde esse dia a moça ficou pateta, rindo e chorando à toa, e foi exemplo a todas as filhas desobedientes, no lugar onde esse caso se deu.

*(S. João del-Rei). Lindolfo Gomes, "Contos Populares", etc.*

*vol. II, p. 13, São Paulo, sem data.*

**Nota** – O prof. Lindolfo Gomes, anotando essa história, cita uma variante portuguesa recolhida por d. Maria da Conceição P. Dias (Revista Lusitana, nº 20, 132-133): – Uma mulher sai pela madrugada, e eis que encontra uma procissão. Acompanha-a. Dão-lhe uma vela. De repente desaparece o préstito. A mulher volta para casa e vê que a vela se transformara numa *canela de defunto*. À noite batem-lhe à porta. De fora pedem-lhe o que lhe haviam dado na véspera. Ela restitui sem abrir a porta. Este conto é lá narrado como verídico, p. 107. A tradição é comum a Portugal e Espanha onde os episódios são incontáveis. A vela se transforma em canela ou braço de defunto, ardendo. A mulher amanhece morta, enlouquece ou se corrige do sestro de janelar até madrugada. Teófilo Braga registra uma versão do Algarve, "A mulher curiosa", nº 63, *Contos tradicionais*, etc., 1, p. 148, dizendo haver encontrado a mesma *história* nos "Contos Populares da Grã-Bretanha", p. 273, que de Brueyre traduziu para o francês. O prof. Espinosa recolheu duas versões espanholas, uma em Córdoba, "La Calle de la Pierna" e outra de Ciudad Real, "La averiguarona", nos 95 e 96. A primeira é assim: – "En Córdoba hay una calle que se llama lá calle de la Pierna. Y se llama asin porque dicen que ali vivia una vieja mu curiosa, que simpre que passaba argo en la ciudá queria il a vel que era. Y toa la noche se ponia a la ventana e su casa a vel a lo passabam y vel lo que ocurria em la calla. Y cuando staba mu oscuro que no podia ver bien cogía una vela y con a vela

en la mano se sentaba en er balcón a curioseal. Y una noche staba asin en er balcón con su vela en la mano viendo por la calle cuando vido que subía poquito a poco del suelo hasta sua balcón un cura vestido de blanco con una vela en la mano. Y fué subiendo, subindo aqué cura hasta que llégo en frente e la vieja y le dió la vela sin decil naa. Y entonce se desapareció er cura. Y ela cogió la vela â la dejó en arto de una mesa. Y entonce a vieja ya se retiró del balcón y se acostó. Y otro dia por la mañana fué a vel la vela y en la mesa vido que an guar de la vela staba una pierna de un muerto. Y halló un papelito que decía, “Por curiosa”. Y la probe mujé a vel la pierna se puso enfelma y a poco tiempo se morió. Y por eso le dicen a esa calle taviá hoy la Calle de la Pierna. Y en un nicho de la casa está tavía la pierna puesta”. Na versão de Ciudad Real são doze defuntos que passam. Na versão portuguesa do Algarve é uma procissão de mortos. Essa tradição se prende à Procissão das Almas, préstito invisível de almas do outro mundo, em determinados dias, às Trindades ou à meia-noite. Só a vê quem tem uma palavra a menos no latim do batismo ou quem morrerá nesse ano.

No *Melhores Contos Populares de Portugal*, 202, incluí “A Mulher Curiosa”, com documentação curiosa, testificando a contemporaneidade do mito em Portugal, e também no Brasil. O prof. Stith Thompson registra bibliografia no elemento E 491, *Procession of the dead*, e S 424, *Ghost punish intruders into massa* (*procession*) *of ghosts*.

# Viva Deus e Ninguém Mais!

Era uma vez um casal de velhos muito unidos e religiosos. O velho, que era pescador, só falava dizendo um versinho assim:

*Viva Deus e ninguém mais,*
*Quando Deus não quer,*
*No mundo nada se faz!*

Tanto dizia que acabou chegando aos ouvidos do rei que era orgulhoso por demais. Aborreceu-se muito e mandou chamar o velho pescador. Este, logo subindo a escadaria e mesmo na presença dele, foi dizendo o versinho: *Viva Deus e ninguém mais*...

Aí é que o rei ficou furioso com aquele atrevimento. Deu ao pescador um anel muito precioso e disse que voltasse quinze dias depois, trazendo a joia.

O pescador entregou o anel à mulher, recomendando muito, e continuou na sua vida no mar. O rei mandou um criado de confiança comprar o anel. A velha não queria vender, mas o criado tanto dinheiro ofereceu que a velha ficou tonta e vendeu o anel. O criado entregou ao rei e este, por segurança, atirou-o no mar.

Quando o velho voltou e achou tanto dinheiro em casa e soube da verdade, botou as mãos na cabeça, vendo que estava morto. Não deixou de ir pescar na madrugada e logo no primeiro lanço de tarrafa trouxe um peixe grande e gordo que ele separou para sua ceia. Voltando,

vendeu os peixes e mandou preparar o tal peixe. Assim que a velha abriu a barriga do peixe encontrou o anel. Levou-o ao marido que não tinha deixado de dizer o seu *Viva Deus e ninguém mais*.

No dia marcado o pescador subiu as escadas do palácio e, quando o rei pediu a joia, o velho a entregou, limpinha como a tinha recebido. O rei ficou assombrado e disse:

– O senhor tem toda razão. Viva Deus e ninguém mais, quando Deus não quer, no mundo nada se faz.

Deu-lhe muito dinheiro e despediu-o. O velho voltou e morreu com mais de cem anos, sempre cantando o verso:

*Viva Deus e ninguém mais,*
*Quando Deus não quer,*
*No mundo nada se faz...*

*Clotilde Caridade Gomes,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Silva Campos traz duas versões da Bahia, “Deus é bem bom”, LXXIII, e “Nada mais do que Deus”, LXXIV, com a joia dada pelo rei, encontrada no bucho do peixe. Frei Hermenegildo de Tancos, frade de Alcobaça, que escreveu no século XIV, o “Orto do Sposo”, registra episódio do barão que deu uma joia a guardar e fê-la furtar, e jogar ao mar. A dama encontrou a joia num peixe e restituiu-a ao dono. É o “Firmal de Prata” que Teófilo Braga transcreve no *Contos Tradicionais*, 2º, nº 142, p. 49. Braga informa que há o mesmo motivo nas “Cantigas de Santa Maria”, de Dom Alfonso El Sabio, no século XI, cantiga CCCLXIX.

# Os Rins da Ovelha

Quando Nosso Senhor andava no mundo ia, de uma feita, com São Pedro e São João comer uma ovelha que recebera de presente. S. Pedro encarregou-se de assar, mas, ao tratar, provou os rins e achou-os tão gostosos que os comeu. Na hora do almoço, Nosso Senhor pediu os rins e S. Pedro procurou, procurou, e acabou dizendo:

– Esta ovelha não tem rins!

– Não pode ser, Pedro. Todos os animais têm rins!

– Eu sei, mas essa ovelha não os tinha.

Por mais que Nosso Senhor perguntasse, S. Pedro teimou em dizer que a ovelha não tinha rins. Nosso Senhor não quis discutir e seguiram viagem.

Lá adiante encontraram um rio e não havia ponte. Nosso Senhor meteu o pé em cima d'água e saiu como se pisasse em terra firme. São João fez o mesmo. São Pedro deu os primeiros passos mas foi-se afundando. Começou a gritar.

– Acode-me, Senhor!

Nosso Senhor dizia:

– Quem comeu os rins da ovelha?

– Sei lá quem os comeu! A ovelha não os tinha! – E ia afundando, afundando.

Nosso Senhor puxou-o pelos cabelos e continuaram a viagem.

Depois iam atravessando um tabuleiro comprido quando apareceu fogo por todos os lados. Estavam

queimando para fundar os roçados e a queima pegara no pasto. As lavaredas foram subindo e cercando os três homens. Nosso Senhor foi com o mesmo passo, pelo meio do fogo. S. João acompanhou-o. S. Pedro foi-se queimando todo e gritou:

– Senhor acode-me!

– Quem comeu os rins da ovelha?

– Sei lá? A ovelha não os tinha!

Nosso Senhor vendo que S. Pedro ficava estorricado, afastou o fogo e seguiram o caminho.

Pela tarde deram numa casa rica onde o filho único estava morrendo, cercado de médicos. Nosso Senhor aproximou-se do doente, abençoou-o e ele levantou, bonzinho de saúde.

O fazendeiro, morrendo de alegria, deu um saco cheio de moedas de ouro a Nosso Senhor.

Depois da ceia, Nosso Senhor botou as moedas em cima da mesa e dividiu o dinheiro em quatro lotes.

– Para que dividistes o dinheiro em quatro partes? Somos três! – perguntava S. Pedro.

– Não se agonie – respondeu Nosso Senhor –, uma parte é minha, outra de João, a terceira é tua e a quarta de quem comeu os rins da ovelha!

– Fui eu, Senhor, fui eu! – gritou São Pedro.

E ficou com as duas partes.

O homem resiste mais à água e ao fogo do que ao dinheiro. O que o dinheiro não arrumar, não tem mais arrumação.

*João Monteiro,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – É uma “patranha” conhecida em todo Brasil, muito aproveitada literariamente. Constitui o M. 785 de Aarne-Thompson, *Who Ate the Lamb’s Heart*?, pertencendo na Europa ao ciclo de S. Pedro. No resumo de Antti Aarne um companheiro de S. Pedro come o coração do cordeiro e afirma que tal não existira. S. Pedro cura uma princesa e recebe ouro. Divide-o em três partes, sendo dois os caminhantes. *When the money is divided, the third part is assigned to the who has eaten the lamb’s heart*, e, naturalmente, *the companion confesses in order to get his part*, J. 1181. Os irmãos Grimm incluíram essa tradição nos seus contos, nº 81, popular também na Estônia, Finlândia, Livônia, Flandres, etc.

# Como a Aranha Salvou o Menino Jesus

Fugindo para o Egito, Nossa Senhora, seu Bento Filho e São José eram perseguidos pelos soldados do rei Herodes. Como os inimigos iam avançando sempre, a Sagrada Família estava cada vez mais arriscada a cair nas mãos dos carrascos.

Numa tarde, São José avistou uma gruta e entrou com Nossa Senhora e Nosso Senhor para descansar. Uma aranha que estava na abertura teceu uma longa teia tomando toda a entrada da gruta. Logo depois chegaram os soldados no rasto do jumentinho que carregava Nossa Senhora e seu Divino Filho. Vieram até a caverna e pretendiam entrar quando o comandante, reparando na teia de aranha, exclamou:

– Nem devemos perder tempo, companheiros! Aí dentro não tem viv'alma. Reparem que há uma teia de aranha na boca dessa furna. Se alguém tivesse entrado a teia estava rasgada. E, como estão vendo, está inteira e perfeita. Vamos embora...

E foram embora. A Sagrada Família dormiu tranquilamente a noite e na manhã seguinte Nossa Senhora abençoou a aranha e sua teia, que haviam defendido o Menino-Deus.

Por isso não devemos matar aranha porque dá infelicidade.

*Benvenuta de Araújo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Esse conto é muito conhecido em todo Brasil. Não li muitas versões portuguesas ou espanholas. Nos *Types not included* do seu "The Types of the Folk-Tale", Antti Aarne o registra sob o número 967, *The Man Saved by a Spider Web*, inteiramente idêntico, exceto os personagens. Dähnhardt cita-o no seu *Natursagen*, IIº, 66, e é coerente na Lapônia. Ao lado da Anansi pérfida e cruel dos Ashanti existe a tradição dos negros Efan, Fons, Fan, sudaneses, louvando a bondade da aranha compassiva e apiedada. Blaise Cendrars, *Anthologie Nègre*, *Bingo et l'Araignée*, 19, conta que Bingo perseguido por Nzamé ocultou-se numa gruta cuja entrada uma aranha teceu com sua teia. O camaleão negou ter visto o herói e Nzamé, enganado pela teia, convenceu-se de ter perdido a pista e se foi. Bingo concedeu ao camaleão o poder de mudar de cores para livrar-se dos inimigos e a Ndanabo, a aranha, disse: *ta présence donnera le bonheur*. A aranha, como se sabe, é *mascote*. Dá felicidade. F. Xavier d'Ataíde, *Contos Tradicionais do Algarve*, Iº, 282, Tavira, 1900, divulga uma versão idêntica à brasileira, ligada ao ciclo popular da Fugida para o Egito. É conhecida na literatura tradicional de Flandres, Maurits de Meyer, *Contes de la Flandre*, *Le moucheron et l'araignée sauvent la vie à l'homme poursuivi*, FFC 37, 39, Helsinki, 1921. Ester Penetta, *L'Arabo Parlato a Bengasi*, Iº, XXI, 177, Roma, 1943, registra uma versão árabe, referindo-se à fuga de Maomé, *La Lucertola*, "Du Brês", fixando a origem oriental do conto.

# Felicidade e Sorte

Era um dia um sapateiro muito pobre e carregado de filhos e, apesar de trabalhar como um condenado, vivia na miséria. De uma feita estava ele batendo sola quando passaram dois amigos, muito ricos, que vinham discutindo sobre a fortuna. Um dizia que a fortuna era dada pela felicidade e o outro pelos auxílios. Viram o sapateiro e tiveram piedade dele ao mesmo tempo que resolveram experimentar a opinião de cada um. O que sustentava a fortuna pelos auxílios foi ao sapateiro e lhe deu cinquenta moedas de ouro. O sapateiro quase morre de alegria. Acabou depressa o serviço e voltou para sua choupana. Aí chegando, não querendo dizer a sua mulher o que sucedera, enterrou o dinheiro num vaso que tinha um pé de manjericão, deixando para depois estudar como empregava aquele ouro. No outro dia acordou mais tarde e foi ver o pé de manjericão. Não o encontrou. Perguntou, já assustado, à mulher, onde pusera o vaso e soube que ela vendera a um homem que passava, apurando com que almoçar. O sapateiro botou as mãos na cabeça e contou sua desgraça, chorando os dois a falta de sorte que os perseguia.

Tempos depois estava o sapateiro na sua ocupação quando os dois amigos ricos cruzaram a rua e vieram saber notícias das cinquenta moedas de ouro. O sapateiro narrou sua desventura.

– É minha vez de provar o que penso. Tome este pedaço de chumbo que encontrei no chão. Pode ser que seja mais feliz com o chumbo do que foi com o ouro.

Foram embora e o sapateiro trouxe o pedaço de chumbo para casa, cada vez mais triste. Lá para as tantas da noite acordou com a voz da mulher de um pescador seu vizinho. Abriu a porta e perguntou o que desejava. A mulher vinha pedir um pedaço de chumbo para completar a chumbada da tarrafa do marido que ia pescar. O sapateiro entregou o que recebera e a mulher do pescador agradeceu muito, retirando-se.

Ao anoitecer, o sapateiro estava em casa, quando veio a mulher do pescador com um grande peixe na mão. Era um presente pelo chumbo. O sapateiro agradeceu e mandou sua mulher preparar o peixe para a ceia. Quando a mulher abriu a barriga do peixe encontrou um enorme diamante. Como não conhecia diamantes, julgou-o um pedaço de vidro. Depois da ceia, como a mulher levasse a lamparina de uma sala para a cozinha, o tal vidro ficou iluminando todo o aposento, divertindo os meninos e assombrando o sapateiro.

No dia seguinte a mulher do sapateiro, não se contendo, contou a história do vidro luminoso e essa notícia foi-se espalhando pelo bairro. Muita gente veio ver e admirar. Um homem, depois de olhar muito o tal vidro, ofereceu cem moedas de ouro por ele. O sapateiro, espantado por uma quantia dessas, achou que o vidro devia valer muitíssimo mais. Fez-se de rogado e o homem foi oferecendo mais e mais dinheiro, até que ficou em mil moedas de ouro. O sapateiro não quis e foi

mostrar a pedra ao rei que ficou estatelado quando viu o tamanho do diamante. Comprou-o por uma riqueza. O sapateiro mandou construir casa confortável para morar, colocou os filhos nas melhores escolas, e começou a viver como uma pessoa rica.

Estava uma tarde na janela de sua casa quando os dois amigos passaram. O antigo sapateiro chamou-os, abraçando-os, agradecendo o que fizeram por ele e contando tudo. O amigo que pensava nos auxílios reconheceu que estava errado e disse:

– Tens razão, amigo. Felicidade é fortuna. Mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga...

*Francisco Cascudo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Recordo essa história tantas vezes contada por meu Pai. É a história de Cogia Hassan Alhabal, “As Mil e Umas Noites”, vol. 2, p. 588, edição de João Romano Torres, Lisboa, sem data. É o Mt. 736 de Aarne-Thompson, *Luck and Wealth*. O resumo de Antti Aarne: – *A poor man gets a piece of tin. He gives it to a fisherman under the agreement that the first catcoh fish shall be given to tin. The net is a fish with a precious stone in his body* (N 421). Teófilo Braga dá uma versão portuguesa do Porto, “Nascer para ser rico”, 78, p. 169. Alfredo Apell (“Contos Populares Russos”, XIV, 213) registra a variante eslava, “Felicidade e Infelicidade”, não havendo a pedra preciosa, mas o peixe fazia rir quem olhasse para ele e o fidalgo comprou-o por muito dinheiro.

# A Mãe de São Pedro

A mãe de São Pedro era uma velhinha muito má, *rezinguenta,* somítica, com cara de poucos amigos. Não tinha amizades, todos lhe fugiam.

Aconteceu que um dia estava a lavar num córrego um *molhe* de folhinha de cebolas, quando uma delas se desprendeu, ganhou a correnteza e lá se foi pela água abaixo.

A velha tentou reavê-la, e, não o conseguindo, exclamou:

– Ora, seja tudo pelo amor de Deus!

Não levou muito tempo morreu e foi apresentar-se no céu. Foi pesada na balança de S. Miguel e não houve outro remédio senão mandá-la para o inferno, tão grande era o peso de seus pecados.

O filho ainda andava pelo mundo. Não lhe podia valer.

Quando S. Pedro morreu foi nomeado chaveiro do céu.

Das profundezas do abismo, avistou a velha ao filho no gozo e posse das glórias celestes e pediu-lhe por gestos que a salvasse.

O santo chaveiro, que não podia resolver nada por si, foi ter com o Senhor.

– Salva minha mãe, Divino Mestre.

O Senhor respondeu-lhe assim por estas palavras:

– Se houver registada no livro das almas, na vida de tua mãe, ao menos uma boa ação, estará salva, caso ela saiba aproveitá-la.

Examinou-se o livro e às folhas tantas, nas contas da mãe de São Pedro, se encontrou a folhinha de cebola, nada mais! Era a mesma que motivara aquele dizer com que a velha, ao menos uma vez, se mostrara conformada:

– Seja tudo pelo amor de Deus!

O Senhor disse a Pedro:

– Lança uma das pontas da folhinha em direção ao inferno. Tua mãe que se agarre a ela. Tu puxarás. Se conseguir subir até cá, estará salva.

Pedro fez tudo o que o Senhor lhe ordenara.

A velhinha agarrou-se à folha, mas uma porção de almas, querendo aproveitar o ensejo de salvação, segura-se às pernas da velha. Apesar disto esta subia.

Quando já estava o grupo a certa altura, outras almas se iam apegando às pernas das primeiras.

A velha indignada, de avara que era, esperneou e atirou novamente ao inferno as companheiras, não querendo levá-las para o céu.

Mas, no mesmo instante, a folha de cebola partiu-se, e a mãe de São Pedro ficou no espaço.

Não tinha por onde subir ao céu e o pedacinho da folha que conservava nas mãos não a deixava voltar ao inferno.

E assim vive até hoje: nem na terra, nem no céu.

*Colhida em Juiz de Fora, Minas Gerais – Lindolfo Gomes, "Contos Populares, etc.", volume II, p. 86, Ciclo de S. Pedro.*

**Nota** – A história é popular em Portugal, Espanha, Itália, Alemanha, Finlândia, etc. Na versão de Teófilo Braga, nº 120, "Lenda da Mãe de S.

Pedro”, não ocorre a colaboração das almas querendo subir ao céu com a velha. Na tradição italiana, segundo Pitré, é uma simples folha de pereira que a velha agarra para a divina ascensão. Na Alemanha, o conto fora registrado pelos irmãos Grimm e comentado, eruditamente, por Johannes Bolte e George Polivka. É o Mt. 804 de Aarne-Thompson, *Peter’s Mother Falls from Heaven*. O resumo de Antti Aarne informa que foi permitido ao filho no céu içar sua mãe do inferno por meio de uma haste ou talo (*stalk*). Quando outra alma segurou-se aos pés da velha esta lhe deu uma patada, rompendo-se a vergôntea e recaindo tudo no inferno (Q 219, I Q 645). Paul Sébillot, “Contes des Provinces de France” (Paris, 1920), cita um conto italiano de Ortoli, “Contes Populaires de l’Ile de Corse”, *La Mère de Saint Pierre*, em que a velha sobe por uma folha de alho que dera a um pobre, a única esmola feita em sua vida. As outras almas que estavam no inferno agarram-se a ela mas a velha tanto esperneou que Nosso Senhor a julgou indigna de entrar no céu. São Pedro soltou a folha de alho e *laissa retomber sa mère au fond des enfers*, p. 219, XLII.

O prof. Espinosa, *Cuentos Populares Españoles*, I, nº 78, recolheu uma variante em Jaraiz de la Vere, Cáceres, “Santa Catalina”. A mãe da santa, mandada buscar no inferno, foi deixada ali por sua violência contra as almas que se agarravam a ela, na esperança de alcançar o céu. – *Apártense, apártense! Si quieren subir al cielo tengan una hija santa como la he tenido yo*, p. 139. Espinosa crê o conto *es de origem cristiano y occidental, estudando seis versões ibéricas. Las más numerosas y más interessantes versiones son las italianas*. Ver ainda Ralph S. Boggs, *Index of Spanish Folktales*, Mt. 804, FFC 90.

# Uma Lição do Rei Salomão

Um pai educou muito bem o filho, dando-lhe a letra, mas não lhe dando a ciência do mundo. O filho pediu para sair, percorrendo as terras, e o pai lhe entregou dinheiro. O filho ganhou o mundo e gastou tudo quanto tinha. Não querendo voltar para casa pobre como Jó, soube que o remédio era procurar o rei Salomão e pedir um diretório (conselho). Foi o rapaz ao palácio, bateu palmas, o rei Salomão mandou que ele subisse e sentasse. O moço sentou-se e contou seu caso. O rei Salomão disse:

– Todos aparecem aqui chorando miséria e eu arranjo tudo, mas esquecem o bem.

– Eu não esquecerei.

– Já bebeu café? – perguntou o rei Salomão.

– Senhor, não, rei-senhor!

Salomão mandou preparar o café. Neste momento riscou uma carruagem e vieram dizer ao rei que procuravam o rapaz para um recado urgente. O moço foi saber o que era. Era um tio seu, rei, que morrera, deixando a coroa e o reinado para ele.

– Vá s'embora receber a coroa! – disse Salomão.

O moço foi, recebeu a coroa, ficou num palácio lindo. Salomão se vestiu de padre velho, com um bastão, e foi se arrastando até o palácio do rei. Não mandaram ele subir.

– Pergunte o que ele quer – disse o rei.

Salomão, se fazendo de padre velho, contou que queria um lugar para um seu sobrinho, que era também padre.

– Venha depois! – mandou dizer o rei.

Dias depois Salomão voltou, sempre se fazendo de padre velho. Não mandaram ele subir, nem sentar, nem preparar café. Bateu palmas e o criado desceu para ver quem era. Voltou e disse ao rei que era o padre velho da outra vez.

– Qual é a conversa? – perguntou o rei. O criado contou o pedido do padre velho. O rei, lá dentro, gritou:

– Diga a ele que mande o sobrinho limpar cana nos engenhos!

Assim que disse estas palavras sumiu-se palácio, o reinado, a coroa, os vestidos bonitos. O moço ficou com a roupa rasgada como dantes e sentado na mesma cadeira, diante do rei Salomão.

Nesse momento chegou o criado trazendo o café. O moço compreendeu que tudo aquilo fora uma mágica do rei Salomão para experimentar se ele tinha ou não orgulho. E, como provara que era orgulhoso, ficou muito triste. O rei Salomão mandou o moço tomar o café e disse:

– Você mandou meu sobrinho limpar as canas nos engenhos. Vá você ou volte para a casa de seus pais.

O moço, envergonhado, voltou para a casa dos pais e nunca mais tornou a ser orgulhoso.

*Manuel Galdino Pessoa,*
*Sapé, Paraíba.*

**Nota** – Durante a Idade Média divulgou-se abundante literatura popular sobre o rei Salomão, ampliada pela imaginação coletiva que o transformou

em mago e feiticeiro, correndo aventuras e a todos vencendo pela astúcia e inteligência. Em França, Itália, península ibérica, essa literatura se tornou oral, dispersa em histórias, exemplos, mesmo facécias ou patranhas cômicas. Esse episódio do ciclo do Rei Salomão pertence a uma série multiforme que, vez por outra, fica gravitando derredor de outro centro de atração, outro herói popular.

A origem dessa "história" é o "exemplo XI" do *El Conde Lucanor*, de Juan Manuel, *De lo que contesció a um Deán de Sanctiago con D. Illán, el grand maestro de Toledo*, o mesmo da coleção árabe "Quarenta manhãs e quarenta noites" e assunto de uma comédia de Juan Ruiz de Alarcón, *La Prueba de las Promessas*.

# 6 – CONTOS ETIOLÓGICOS

# Por que o Negro é Preto

Por que o negro tem a sola dos pés e a palma das mãos inteiramente brancas? É uma pergunta para iniciar uma história de quando Cristo andou na Paraíba. Mestre Alípio, vaqueiro conceituado, administrador do Engenho Itaipu, foi logo dizendo o que sabia a respeito. Não se fez de rogado. E contou que era voz corrente, disso sabendo desde menino, que Jesus, “ao aparecer por aqui”, costumava passear por todos os recantos numa como visita da inspeção.

Avistando-o a distância a mulher de um camponês ficou envergonhada de ser muito moça e já possuir 16 filhos e, então, meteu alguns deles escondidos num quarto. Esperou que chegasse a vez de ser interrogada, o que não tardou. Jesus, aproximando-se, perguntou-lhe se aqueles meninos que estavam no terreiro eram seus filhos, obtendo resposta afirmativa; e indagou ainda se estava satisfeita com a instalação, passadio e condições de vida. A casa lhe parecia bem grande, até confortável. E de repente se mostrou com a curiosidade de saber o que havia no tal quarto onde as crianças se achavam ocultas. Respondeu a jovem mãe, um tanto embaraçada:

– É um depósito de carvão.

Despedindo-se e abençoando a todos, Jesus teve estas palavras sentenciosas:

– Sendo carvão não mudará a cor.

Depois a mulher foi soltar o resto de sua ninhada e ficou surpreendida em ver que os filhos estavam pretos. Por causa de uma mentira se tornara mãe de oito filhos negros. Seu desgosto não podia ser senão enorme. Que fazer, então? Revoltada consigo mesma, não escondia a sua tristeza, até que um dos apóstolos de Jesus, o santo Pedro, recomendara, cheio de confiança:

– Leve os meninos ao Jordão e faça-os banhar nas suas águas que eles ficarão brancos.

Porém quando a camponesa chegou com a metade de seus filhos às margens do rio sagrado, inexplicavelmente este se achava quase seco, com um fiozinho de nada correndo, mal chegando para que as crianças pudessem molhar a sola dos pés e a palma das mãos. E como estivessem com sede, beberam gotas apenas para enganar o desejo, resultando de tudo isso ficarem brancas aquelas partes do corpo, inclusive a boca.

– A boca, Alípio? – interrogamos.

– Sim senhor – respondeu ele. E acrescentou:

– A água foi pouquinha, dando apenas para clarear, puxando mais para o roxo.

É a explicação que se conhece com o fim de decifrar o mistério. Os escravos da Várzea costumavam contar essa história nas suas reuniões domésticas das senzalas e também da casa-grande, não deixando de fazer as suas "variações de largo fôlego", entrando detalhes interessantes, enxertos de improvisação, traços de vivo pitoresco, mas o essencial está no que ficou relatado em conformidade com a tradição. E sem tirar e nem pôr.

*Ademar Vidal,*

*João Pessoa, Paraíba.*

**Nota** – João Ribeiro (*O Folk-Lore*, Rio de Janeiro,1919, p. 86) refere-se ao conto alemão de Dähnhardt, do "Naturgeschichtlich Volksmarchen", nº 14. 26) e cita uma variante brasileira, de Medeiros e Albuquerque ("Em Voz Alta"): – "Conta-se que os primeiros homens eram pretos. O barro de que Deus se serviu para fazer Adão era escuro. Mas o Senhor, complacente, pôs o remédio junto ao mal. Fez com que aparecesse perto dali um lago de águas claras, onde quem se banhasse ficaria branco. Os homens, que já eram muitos, precipitaram-se. Os que chegaram primeiro ficaram de perfeita alvura. Os que já encontraram a água manchada pelos que os tinham precedido tomaram os tons intermédios entre o branco e o preto. E, como a água ia assim esgotando, os últimos chegados apenas encontraram um restinho no fundo, que só lhes permitiu molharem as solas dos pés e as palmas das mãos. Isso explica, segundo essa velha lenda, porque as pessoas de cor têm as plantas do pés e as palmas das mãos muito claras". Noutra versão que me foi contada por meu tio Luiz Manuel Fernandes Pimenta (Quimquim), Caim, depois da maldição divina, ficou preto e recuperaria a cor anterior lavando-se n'água corrente. Todos os rios, riachos e córregos fugiam ao seu contacto, secando. O córrego, não podendo desaparecer de pronto, foi obrigado a alvejar as regiões palmares do preto. Joel Chandler Harris (*Uncle Remus*, *his Songs and his Sayings*), recolheu entre os negros norte-americanos dos Estados do Sul nas *Legendas of the old plantations,* uma variante possivelmente africana de história (p. 166-168), *Why the Negro is black.* Nela ocorrem detalhes das versões brasileiras exceto a relativa brancura-arroxeada dos lábios dos pretos. O rio Jordão da história paraibana, substituído pelo lago do conto de Medeiros e Albuquerque, este mais fiel ao original *pond*, registrado por Chandler Harris. No *lingô* das plantações, a história é esta: – "... In dem times we uz all un us black; we' all noggers tergedder, en cordin' ter all de'counts w'at 1 years fokes 'uz gittin' long' bout ez well in dem days ez dey is now. But atter 'w'ile de new come dat dere muz a pon' er Water some'rs in de naberhood, w'ich ef dey'd he wash off nice eu w'ite, en den one un um, he fnne de place em make er splunge inter de pon", en come our w'ite ez a town gal. En den, bless grashus! w'en de fokes seed it, dey make a break fer de pon', en dem w'at wuz de nox' soopless, dey got in fus' en dea comme out w'ite; en dem w'at wuz de soopless, dey got in jus' on dey come out merlatters; en dey wuz sech a crowd un um deat dey might nigh use de water up, w'ic w'en dem yuthers come' long de mrest dey could do wuz ter paddle about wid der foots en dable in wid der han's. Dem wuz de niggers, en down ter dis day ain't no w'te' bout a nigger' ceppin' de pa'ms er der han's en de soles er der foot". É, essencialmente, a mesma história; todos os homens eram negros e o lago daria brancura mediante imersão. Os primeiros que mergulharam obtêm alvura e beleza, os outros ficam mulatos e os derradeiros tendo apenas lama para chapinhar os pés e borrifar as mãos, lugares que

branquejaram, palma da mão e sola dos pés, são os negros. C. Tastevin, *Les idées de africains* (“La Géographie”, tomo LXII, nº 5-6, Novembre-Décembre de 1934, Paris), registra alguns elementos desse conto, a unidade da cor primitiva, Nz’ambi atirando a pele negra ao lago e os homens brancos ficando vermelhos, etc. Na versão paraibana de Ademar Vidal a mãe, escondendo os filhos porque são pretos, mente a Jesus Cristo, dizendo-os carvão. Numa lenda da Gasconha, “Le voyage de Notre-Seigneur”, um rendeiro, que hospedava Nosso Senhor e S. Pedro, escondeu os filhos e disse que havia na outra sala três porquinhos. E as crianças ficaram porquinhos. O caseiro contou a verdade e os meninos voltaram à forma humana. A lenda, recolhida por Jean François Bladé, “Contes populaires recueillis en Agenais”, é o XXXIII do “Contes des Provinces de France”, de Paul Sébillot, Paris, 1920, p. 195.

# A Causa das Secas no Ceará

Em priscas eras, os cearenses malquistaram-se com o Bom Jesus. Resolveram então expulsá-lo do Ceará. Para esse fim, prepararam uma jangada e nela puseram o Santo com os mantimentos que julgaram necessários para a longa travessia que, a seu juízo, ia o mesmo empreender. Desfraldaram a vela da embarcação e impeliram o Santo de mar afora, rumo a Portugal, donde procedera.

O Bom Jesus, na agoniada viagem, já muito distante das praias cearenses, “entre o mar e o céu”, sentiu sede. Por esquecimento, ou mui propositadamente, os seus perseguidores não haviam acondicionado água na jangada. Nem uma gota sequer existia do precioso líquido...

Nesse transe doloroso, sedento de sede, o Bom Jesus proferiu então essas palavras:

Sim, cearenses ingratos e maus; vocês também não terão água quando tiverem sede.

O Vento Leste, que passava, acolheu as palavras do aflito Santo e, varrendo do nosso céu todas as nuvens, trouxe para o Ceará a primeira seca.

*Eusébio de Souza, Fortaleza,*
*Ceará.*

**Nota** – Eusébio de Souza, diretor do Museu do Estado do Ceará, antigo magistrado, informa-me existir uma variante em que figura Santo Antônio

de Lisboa. A lenda é popular, mas visivelmente de fundo literário e moderno relativamente.

# Cantador de Modinhas

Houve um tempo em que os bichos falavam. Mantinham entre si uma sociedade em que discutiam os assuntos mais palpitantes e que se relacionavam com os seus interesses. Nada ficava por apreciar. Conversava-se à vontade numa tagarelice abundante e desprevenida. Nessa sociedade se encontrava de tudo desde o orador até o funileiro. Alfaiates e marceneiros, vaqueiros e ferreiros, viviam todos trabalhando em cooperação, daí resultando uma vida regradamente feliz. Os acontecimentos se sucediam com certa normalidade. Os crimes não eram frequentes, lá, um ou outro só para se dizer que havia transgressores da lei, alguns espíritos mais rebeldes que não se sujeitavam facilmente ao estabelecido. Também se ia verificar o que fora – e a conclusão era que o ocorrido quase sempre não passava de fruto de ímpetos não contidos.

Entre os bichos mais educados não se via essa novidade de lutas pessoais. Somente no meio mais baixo é que se notava um certo desalinho nas atitudes. As ordens eram terminantes: nenhuma tolerância quanto aos transgressores. Aquele que cometesse uma falta podia ficar certo de que a punição não se faria tardar. Teria de vir e de ser aplicada para exemplo a outros indivíduos menos avisados. Havia, pois, ordem estabelecida. A sociedade dos bichos podia servir de modelo a outras sociedades mal organizadas. Quando

eles falavam muito é que a coisa se transtornava um pouco. Um começo de confusão não se fazia esperar. De modo que as discussões eram terminantemente proibidas e parecia bem acertada a medida, porque sempre elas originavam conflitos lamentáveis, fazendo lembrar as competições políticas nas suas arengas na praça pública, correrias, tiros e o governo de seu, palitando os dentes. E por falar em políticos, havia entre os bichos, bichos poetas, bichos homens de letras, médicos, advogados, engenheiros, havia de tudo, até cantadores de serenatas e tocadores de violão.

Num meio tão ilustre se destacavam o cachorro e o gato – aquele um famigerado cantador de modinhas e este gostando das ressonâncias do pinho, deitando-o no peito e de suas cordas tirando sons melancólicos. Nas noites de lua clara se acendia no coração dos dois um desejo louco de sair pelas ruas da cidade a tocar e a cantar. As namoradas não podiam dormir mais, perdiam o sossego com uma serenata assim, quebrando o silêncio da madrugada e, sobretudo, trazendo-lhes recordações agradáveis ao sentimentalismo lacrimoso. E o cachorro e o gato ali no duro: derramados no afeto, empenhados na obra de conquistar corações femininos. O cachorro tinha uma voz sonora e melodiosa, era um perigo que o gato precisava evitar quanto antes, acabar com aquilo que já estava lhe prejudicando; embora tocasse violão como ninguém e nele pusesse todos os dengues de sua alma de felino. Ouviam mais a voz do que a música. Esta ficava num plano secundário, num acompanhamento

escravizado, ignóbil e que, por isso mesmo, precisava ser posto em situação mais destacada.

A astúcia entrou em maquinações demoradas, cuja execução dependia apenas de um momento favorável. Havia de chegar a hora. E essa hora desde muito que inquietava o gato na sua macieza, na sua aparente impassibilidade. A inveja não fora feita para sua raça. O predicado maior era mesmo o de sibaritismo. A voluptuosidade surgia sempre como o prazer máximo e adorado pela sua gente que tudo conseguia da vida com o algodão dos pés e a agilidade dos movimentos oportunos. Mas uma noite ambos os amigos andavam em serenata. O gato aproveitou o ensejo para ir incutindo solertemente no espírito do cachorro que a sua voz poderia ser muito melhor do que era. Estava no seu querer torná-la mais cheia e vigorosa nos acentos, muito mais ressonante nos agudos, macia e adocicada nos seus contornos líricos – era só ele mesmo querer e pronto, fazia-se a modificação com a maior rapidez possível. Insistiu na obra catequizadora. E foi com tanto jeito que o fez a ponto de o cachorro começar a impacientar-se: perguntando com insistência se a operação transformadora requeria sacrifício extraordinário. A resposta não variava: “qual nada, coisa nenhuma, vagabunda mesmo, qualquer um suportará bem”. E rematava: “a questão é você querer”.

O convencimento fez-se afinal. Decidiu-se o cachorro a empreender a modificação orientada pelo gato. Este convenceu ao amigo sentimental que a sua voz ficaria muito melhor se a boca fosse rasgada nos cantos até

perto das orelhas. Ficaria com bastante espaço para tornar a voz mais melodiosa e mais cheia de liberdade. Aceita a proposta, começou a rasgá-la a faca. Cortou-a ele mesmo um pedaço. Experimentou como ficava e começou então a uivar, coisa que nunca havia feito. Porém nem desconfiou e perguntou: “que tal?”. Teve como resposta do gato: “está chegando no ponto”. Animado com isso, mordido de ambição por possuir uma voz mais rica do que a que tinha, tratou de rasgar mais a boca até, como propunha o gato, à “vizinhança das orelhas”. A ferida sangrava demais e precisava de ser curada quanto antes. Foi o que se fez. Depois de vários dias de tratamento ficou finalmente bom e em condições de prosseguir na realização de suas serenatas ao luar. Marcou o dia para ensaiar e ouvir o regalo da voz nova que obtivera.

A desilusão foi, entretanto, a mais completa possível porque agora somente fazia era latir. Na primeira etapa uivou, na segunda latiu. Estava perdido para sempre com a operação que fizera. A raça que dependia de sua virilidade de chefe sultânico iria ficar privada eternamente da voz que fazia o encanto das madrugadas cheias de sombras emocionais. Diante de tamanha decepção não havia outra alternativa senão declarar guerra eterna ao gato. Onde ele estivesse, a perseguição se impunha como uma necessidade de uma raça digna, aviltada, todavia, na confiança e na sua boa-fé.

Afirmam que nasceu desse dia a rivalidade entre cão e gato. Pelo menos é o que se diz nos engenhos da várzea.

*Ademar Vidal,*

*João Pessoa, Paraíba.*

**Nota** – Ocorre no Folclore norte-americano, especialmente nos Estados do Sul. No *Mules And Men*, *de* Zora Neale Hurston,145, Filadélfia e Londres,1935, a autora recolheu os contos populares negros da série *Brer Dog and Brer Rabbit*, aventuras do cão e do coelho. Um desses episódios é justamente *How Brer Dog Lost His Beautiful Voice*, transcrita no *Treasury of American Folklore,* de B. A. Botkin, 667. O Rabbit que substituiu o Gato da versão brasileira convenceu ao Cão, cantor e tocador de banjo, que ficaria com a voz extremamente doce depois de uma operação que ele sabia fazer. E rasgou-lhe a boca até altura dos olhos afiando-lhe a língua. Nunca mais o Cão pôde cantar. O conto é, evidentemente, de origem africana, dos negros sudaneses.

# A Maraçapeba

A Maraçapeba deste conto é o peixe conhecido pelo nome de *linguado* e que tem a configuração de uma folha de árvore semelhante à pariparoba ou malvaísco e a boca torta.

O conto encerra a explicação de ambas as particularidades e é assim concebido.

Quando Cristo andou pelo mundo, certa vez, no mar, em companhia de S. Pedro, desejou saber que horas seriam, porque a maré parecia não encher nem vazar.

S. Pedro, vendo-o assim preocupado, lhe disse:

– Senhor, qualquer peixe dirá que horas serão, porque todos eles têm as horas de suas refeições marcadas.

Jesus ouvindo-o, passeou os olhos pelo mar e vendo um linguado ou maraçapeba à superfície indagou:

– Maraçapeba, a maré enche ou vaza?

O peixe, por inexplicável desdém, procurou imitar a voz do Salvador e, fazendo um trejeito como quem torce o queixo para um lado, reproduziu a pergunta sem lhe dar resposta. Então Jesus assim falou:

– De hoje em diante, como pena à zombaria e afronta que fizeste ao teu criador, te arrastarás na lama como uma folha que o vento atira ao lado, para granjear o teu sustento e a tua boca será torta, a fim de que todos os teus irmãos te evitem e contigo jamais se confundam.

*Des. Affonso Cláudio, "Trovas e Cantares Capichabas", p. 125-6, Rio de Janeiro, 1923.*

**Nota** – É o episódio europeu de Nossa Senhora com a solha, popularíssimo em Portugal e Espanha. Teófilo Braga registrou variante da Foz e do Posto, nº 221 de sua coleção. “Nossa Senhora e a Solha”. Estando Nossa Senhora à beira do rio, viu uma solha e perguntou-lhe: – Oh, solha! a maré enche ou vaza? A solha pôs a boca à banda, e repetiu com escárnio: – Oh, solha, a maré enche ou vaza? – Nossa Senhora disse: – “Assim fiques sempre com a boca à banda”. Em Portugal, segundo Braga e Consiglieri Pedroso, sempre é a Solha o peixe atrevido. No Brasil é a Maraçapeba, a Solha ou o Aramaçá, *Solea reticulata*, *Pleuronectes aramaçá*, Cuv & Val. Agenor Couto de Magalhães, na sua “Monographia Brasileira de Peixes Fluviais” (S. Paulo, 1931, p. 84), recolheu uma versão sobre o Aramaçá. Contam que, no tempo em que todos os animais falavam, Nossa Senhora, chegando à praia e vendo o aramaçá, perguntou-lhe: – “Aramaçá, a maré enche ou vaza? – Ao que o atrevido peixinho lhe respondeu, imitando-lhe a voz: – Aramaçá, a maré enche ou vaza? – Nesse momento a boca do peixe ficou torta para sempre por castigo da Nossa Senhora”. No Estado do Espírito Santo o Linguado ou Solha é denominado Maraçapeba e com ele se deu o motivo do conto etiológico. A versão do sr. Agenor Couto de Magalhães é corrente no Estado do Pará. Na maioria dos casos a Solha é a mais citada. A lenda é espalhada. Dähnhardt registrou-a no seu clássico “Natursagen”, II, 253, assim como Santana Neri no “Folklore Brésilien”, 224, Paris, sendo corrente na Europa do Norte, o Peixe Castigado, *bestrafte Fisch*, por uma sentença divina. O prof. Robert Lehmann-Nitsche, que tão bem conhecia o Folclore norte, centro e sul-americano, estudou os motivos da História Natural constituindo temas etnográficos continentais e insulares. Resumiu, com informações sobre a persistência do mito na Europa, a lenda etiológica da Solha, no verbete *Aramaça*, *Maul seitlich*, 129 e nota-1 do “Studien zur Sudamerikanischen die Atiologischen Motive”, Hamburg, 1939, publicação póstuma.

# A Festa no Céu

Entre todas as aves espalhou-se a notícia de uma festa no Céu. Todas as aves compareceriam e começaram a fazer inveja aos animais e a outros bichos da terra incapazes de voo.

Imaginem quem foi dizer que ia também à festa... O sapo! Logo ele, pesadão e nem sabendo dar uma carreira, seria capaz de aparecer naquelas alturas. Pois o sapo disse que tinha sido convidado e que ia sem dúvida nenhuma. Os bichos só faltaram morrer de rir. Os pássaros, então, nem se fala.

O sapo tinha seu plano. Na véspera, procurou o urubu e deu uma prosa boa, divertindo muito o dono da casa. Depois disse:

– Bem, camarada urubu, quem é coxo parte cedo e eu vou indo porque o caminho é comprido.

O urubu respondeu:

– Você vai mesmo?

– Se vou? Até lá, sem falta!

Em vez de sair, o sapo deu uma volta, entrou na camarinha do urubu e, vendo a viola em cima da cama, meteu-se dentro, encolhendo-se todo.

O urubu, mais tarde, pegou na viola, amarrou-a a tiracolo e bateu asas para o céu, rru-rru-rru...

Chegando ao céu o urubu arriou a viola num canto e foi procurar as outras aves. O sapo botou um olho de fora e

vendo que estava sozinho, deu um pulo e ganhou a rua, todo satisfeito.

Nem queiram saber o espanto que as aves tiveram vendo o sapo pulando no céu! Perguntaram, perguntaram, mas o sapo só fazia conversa mole. A festa começou e o sapo tomou parte de grande. Pela madrugada, sabendo que só podia voltar do mesmo jeito da vinda, mestre sapo foi se esgueirando e correu para onde o urubu havia se hospedado. Procurou a viola e acomodou-se como da outra feita.

O sol saindo, acabou-se a festa e os convidados foram voando, cada um no seu destino. O urubu agarrou a viola e tocou-se para a terra, rru-rru-rru...

Ia pelo meio do caminho quando, numa curva, o sapo mexeu-se e o urubu espiando para dentro do instrumento viu o bicho lá no escuro, todo curvado, feito uma bola.

– Ah! camarada sapo! É assim que você vai à festa no Céu? Deixe de ser confiado...

E naquelas lonjuras emborcou a viola. O sapo despencou-se para baixo que vinha zunindo. E dizia, na queda:

*Béu-Béu!*
*Se eu desta escapar*
*Nunca mais bodas ao céu!...*

E, vendo as serras lá embaixo:

– Arreda pedras, senão eu te rebento!

Bateu em cima das pedras como um jenipapo, espapaçando-se todo. Ficou em pedaços. Nossa Senhora, com pena do sapo, juntou todos os pedaços e o sapo enviveceu de novo.

Por isso o sapo tem o couro todo cheio de remendos.

*Ana da Câmara Cascudo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – É uma das fábulas mais populares no Brasil. Nalgumas regiões o sapo é substituído pelo cágado. O barão de Santana Neri, *Folk-Lore Brésilien,* Paris, 1889, registrou as duas versões, ambas correntes, *Le Jaboty et l'Urubu e L'Urubu et le Crapaud*. João Ribeiro, *O Folk-Lore*, Rio de Janeiro, 1919, estudou longamente o motivo mostrando sua origem oriental e evolução. O conto figura em quase todas as coleções brasileiras e portuguesas, *Era Uma Vez*, de Viriato Corrêa e João do Rio, 7, Barbosa Rodrigues, *Poranduba Amazonense*, III-IV, Carmem Dolores, *Lendas Brasileiras,* 59, Adolfo Coelho, *Contos Populares Portugueses*, 15, *Contos da Carochinha*, 30, Sílvio Romero, *Contos Populares do Brasil*, 154, Belo Horizonte, 1985. O motivo clássico é a tartaruga levada por duas grandes aves de um para outro lado. Vendo-a tão alta os aldeões se assombram e a tartaruga abre a boca para responder-lhes e despenca-se, espatifando-se. Assim são as fontes velhas, *Panchatantra*, ed. José Alemany Bolufer, 13, *Hitopadexa*, ed. Dalgado, 221, *Calila y Dimna,* 136, ed. Bolufer, onde a tartaruga Kambugriva ou Fulatpala é carregada por galápagos, gansos ou ánades, agarrada pela boca a um bastão. Divulgou-a Esopo e os Isopetes e fabulistas, Babrio, Fedro, Aviano, até La Fontaine, vulgarizavam a triste aventura. Para o quadro geral das variantes sul-americanas ver Lehmann-Nitsche, *Studien Sur Sudamerikanischen Mythologie die Atiologischen Motive,* Hamburgo,1939, verbete *krote*, 117. Ver minhas notas ao conto de Sílvio Romero, *opus cit*. 280-283. As variantes sul-americanas se afastam do modelo típico. O jabuti ou o sapo viajam clandestinamente ocultos num paneiro, cesto ou bojo de viola do urubu, garça, águia, etc. e, de regresso, são atirados à terra em castigo do atrevimento. Participa do conto etiológico porque Nossa Senhora lhe restitui a vida e conserta a carapaça ou couro que ficam remendados e ásperos nos pontos da divina costura. Não há a forma intencional da fábula clássica. O animal escondido é um elemento sul-americano.

# A Goela e o Rabo da Baleia

A Baleia era o bicho do mar mais veloz e mais comilão. Nadava mais do que todos os outros peixes e comia por peste. Nosso Senhor torceu o rabo da Baleia. Por isso ela nada mais devagar e é o único peixe que tem a barbatana do rabo virada para baixo, batendo água de baixo para cima, em vez de ser da direita para a esquerda como todos os viventes d'água.

Também a Baleia comia tudo. Uma feita uma moça devota de Santo Antonio ia rezando com uma imagem desse Santo, pedindo que o navio entrasse logo na barra, quando o Sant'Antonio escapuliu e *t'xim bum*! caiu no mar. A Baleia, vendo o clarear, veio em cima e, sem reconhecer, engoliu a imagem. Sant'Antonio, para castigar a gulodice, fez a Baleia ficar engasgada e tanto se engasgava mais a goela ia ficando estreita. Sant'Antonio desapareceu e a Baleia ficou, até hoje, só engolindo peixe pichititinho.

*A Baleia é peixe nobre,*
*Não come senão sardinha!*
*Abre a boca, pega miles,*
*Engole a mais miudinha!...*

*Francisco Ildefonso (Chico Preto),*
*Areia Preta, Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – "A expressão *conto etiológico* é técnica entre os folcloristas; quer dizer que o conto foi sugerido e inventado para explicar e dar a razão de ser de um aspecto, propriedade, caráter de qualquer ente natural. Assim há

*contos* para explicar o *pescoço longo* da girafa, o porquê da cauda dos macacos, etc.” João Ribeiro, *O Folk-Lore*, p. 20, Rio de Janeiro, 1919. A história acima é um conto etiológico, em toda sua legitimidade.

# Por que o Cachorro é Inimigo de Gato... e Gato de Rato

Antigamente todos os bichos eram amigos e o leão governava todos. Cachorro, gato, rato, ovelha, onça, raposa, timbu, pinto, tudo vivia junto e sem briga.

Uma feita Nosso Senhor mandou o leão libertar os bichos, passando carta de alforria a todos, para que pudessem ir onde quisessem. Havia muita contenteza. O leão chamou os bichos mais ligeiros e entregou as cartas de liberdade para ir dando aos outros animais.

Chamou o gato e deu a ele a carta de alforria do cachorro. O gato saiu numa carreira danada. No caminho encontrou o rato que estava entretido bebendo mel de abelhas.

– Camarada gato! Para onde vai nesse desadoro?

– Vou entregar essa carta ao camarada cachorro!

– Deixe de vexame! Descanse e beba esse melzinho gostoso.

O gato foi lamber o mel e tanto lambeu e gostou que acabou enfarado e dormindo. O rato, de curioso, foi cascavalhar a bruaca que o gato trazia a tiracolo e encontrou uns papéis. Meteu o dente, roendo, roendo, roendo, e deixou tudo virado em bagaço. Vendo que fizera uma desgraça, fez um bolo e sacudiu dentro da bruaca do gato e ganhou a mata.

O gato, acordando, largou numa carreira “timive” até encontrar o cachorro, a quem entregou o papel. O

cachorro foi ler e viu que tudo estava esbagaçado e roído. Não podia provar ao homem que era bicho-livre e ficou zangado de ferro e fogo com o gato, dando uma carreira atrás dele para matá-lo. O gato, por sua vez, sabendo que aquilo era trabalho do rato, não procurou coisa senão passar-lhe o dente para vingar-se.

E até hoje, cachorro, gato e rato são inimigos até debaixo d'água.

*João Monteiro.*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – É um conto etiológico, explicando a inimizade de cães, gatos e ratos. Corrente nos folclores da Europa do norte e leste. É o Mt. 200 de Aarne-Thompson, *The Dog's Certificate.* João Ribeiro, "*O Folk-Lore*, XLIV, 3135. Fábula e provérbio, estudou o motivo, transcrevendo uma versão africana de Libolo, Angola. Cão, gato e rato brigam porque o último não restituiu (a rata roera) a carta de alforria que o primeiro confiara ao segundo, p. 316-318. Motivo idêntico ocorre na "La Querelle des Chiens et des Chats", de La Fontaine, não aparecendo os ratos.

# 7 – DEMÔNIO LOGRADO

# Toca por Pauta

**T**odo mundo conhece o mestre Narciso com os seus oitenta e muitos anos de idade quase inteiramente dedicados à pescaria. Longa luta com o rio e com o oceano. É senhor dos segredos existentes nas rotas de sua predileção diuturna. Envelheceu nesse vai e vem da pesca. Acha que durante o dia é melhor entregar-se ao trabalho e deixar a noite para o repouso. Mas nem sempre foi assim. Exatamente à noite é quando deve empregar maiores esforços e colher resultados positivos. Colher também ensinamentos para os quais se faz indispensável um bocado de sangue-frio. Os fantasmas povoam o mar numa liberdade que chega a tomar o caminho dos pescadores. Torna-se preciso grande cuidado. Ter muita atenção, pois que, do contrário, consequências desagradáveis têm de ser mencionadas, ou mesmo inesquecíveis pela violência e pelo medo que despertam.

No meio desses imprevistos, o mestre Narciso se acostumou a ceder passagem, no seu pequeno barco de pesca, a um moço alourado e de olho azul – e que permanecia sempre à sua espera. Sabia da hora em que passava. E podia escrever-se que ele lá estaria na tocaia. Era uma coisa mesmo impossível. Mas não havia outro jeito senão atender à exigência de condução. Quanta vez o encontrara no porto do Moinho, nas Barreiras, já cansado da espera, porém com uma cara boa, sempre

aberta para a alegria. Gostava de ver aquela paciência infatigável. E o que mais admirava era o violão que o rapaz conduzia consigo. Um violão apenas com quatro cordas, faltando o ré e o dó. Ainda assim executava música com uma harmonia tocante que a todos deixava enlevados. Era um prazer ouvir-se a extraordinária habilidade do moço na execução de trechos conhecidos, que tomavam, ao contato de seus dedos mágicos, uma tonalidade suave, dulcíssima e que abrandava o gênio de quem estivesse por perto.

Jamais o velho pescador havia tido coragem de dirigir a palavra ao estranho personagem. Mesmo não queria entrar em negócio com duendes. Bastava-lhe a distância. Até se sentia bem com isso. E no caso apreciava a conduta do moço que só demonstrava duas preocupações: tomar passagem na sua embarcação e extrair notas dolentes do seu custoso instrumento de corda. Era coisa de luxo, muito bem tratada e rica, parecia ser, e o era, sem dúvida, um objeto da maior estimação. E a verdade é que Narciso gostava daquela companhia que não lhe fazia mal, até o distraía, tornando o trabalho menos pesado, mais atraente e mesmo convidativo. A separação entre ambos não podia durar mais muito tempo. Por que não entrar em relações amistosas com o companheiro? Não seria mau que lhe dirigisse a palavra. E foi o que fez depois de matutar bem. Para começar entendeu de perguntar-lhe o motivo porque o violão contava com a ausência de duas cordas, o ré e o dó não tendo sido pequena a surpresa em constatar que havia ocasionado um sério transtorno,

fazendo com que o moço ficasse subitamente colérico e de seus olhos azuis saíssem lâminas de fogo.

– Se quer ser meu amigo não fale nisso – foi a resposta.

Mestre Narciso ficou arrependido de haver se metido em embrulhos com fantasma. Não havia levado um tempão sem fim viajando com ele, cada qual no seu canto, sem dar palavra? E por que não prosseguira na atitude? O resultado estava ali, com aquela manifestação de raiva, revelada por pouco, pois que a pergunta que fizera lhe veio à mente por causa da esquisitice de um violão com apenas quatro cordas.

Devia existir uma explicação razoável para a construção de um instrumento musical diferente do que se conhecia. Iria procurar os colegas para indagar do mistério. Este não ficaria sem ser devidamente destrinçado de uma vez por todas. O pescador em verdade ficou arrependido de haver entrado em conversa com uma visagem simpática e que não lhe fizera até então mal algum. Desde, porém, que se modificara a situação, cumpria-lhe ir adiante. E foi exatamente o que procurou fazer. Dirigiu-se à casa de um amigo que era também professor e que havia se aposentado há muito das refregas que tivera com o rio Paraíba e o mar Atlântico. Bem possível que ele soubesse dar uma explicação cabal daquela história enigmática. O professor e ex-pescador era um homem religioso, muito conhecedor dos segredos, loquaz e afável. Depois de ouvir as informações de mestre Narciso, logo falou:

– És o único que não sabe da verdade. Me admiro que tendo vivido tanto não tenhas achado ninguém para te

dar notícia sobre esse rapaz que toma lugar na sua canoa.

– Confesso...

O ex-pescador foi logo atalhando para obter um esclarecimento:

– As cordas que faltam no violão de seu passageiro...

– São duas, ré e dó.

E explicando melhor acrescentou:

– Quer ver se é ou não? Pois escute, tome nota. Quando ele tomar a canoa, diga-lhe que vai acrescentar uma letra ao nome das duas cordas que faltam no violão. Ele estremecerá e perguntará que letra vem a ser. A resposta lhe digo no ouvido.

Cochichou qualquer informação ao mestre Narciso, pedindo, após, que lhe desse notícia do novo encontro. Queria saber do resultado. Disto fazia questão fechada. Conhecia bem o assunto, que era muito divulgado, chegando a se espantar que houvesse gente que o ignorasse. Entretanto ficou o pescador numa contingência difícil: precisava esclarecer o caso, mas temia que o fantasma não estivesse pelos autos e, num ímpeto de cólera, tentasse uma violência com os seus poderes sobrenaturais. Levou horas perdidas a pensar e a fazer cogitações. Não devia ter se metido naquilo, nem muito menos ir fazer perguntas incabíveis. A curiosidade dava nisso. E, por outro lado: por que não se calara com o incidente e dele guardasse segredo? Mas não, nem se demorou, foi rente falar com o amigo professor tornando o caso quase público. Apresentava-se deste modo apenas uma saída que era ir até o fim. Era homem de

bem, não sabia mentir. Teria de aclarar tudo. Com a noite seguiu para a pescaria. Mal entrou no barco, também viu tomar lugar o rapaz louro, de olho azul, com o seu violão debaixo do braço, satisfeito alegre de seu.

– Moço, se me desse licença eu botava uma letra antes das duas cordas que faltam...

– Qual será?

– O *c* ficava bem.

– Quem foi que te disse?

– Foi Nossa Senhora.

Mestre Narciso viu de repente o rapaz cair na água e esta ferver ao contato de seu corpo. A impressão do aço avermelhado e esverdeado pelo fogo entrando em águas profundas. Teve seu medo diante do temporal que se levantou em roda. As ondas cresceram e um barulho ensurdecedor enchia os ouvidos. Perdera finalmente a companhia amável do fantasma só porque fora pela cabeça tonta do professor. Acrescentara um *c* antes do *re* e *dó*. A consequência fora aquela desgraça. Chegou a sentir ódio depois que a serenidade voltou a reinar completamente. Amanhecia nas barras do horizonte que se preparava para o nascimento do sol. Rumou ao porto do Moinho e quando era dia cheio foi levar ao amigo o resultado de sua aventura.

– Então? – disse.

– Botei o *c*...

– Ele não deve ter gostado nada. C – RE – DO = Credo. Esta palavra “credo” afugenta-o para sempre de qualquer companhia. Está satisfeito? Não era isso que você queria?

E o ex-pescador e professor muito se surpreendeu com a confissão de mestre Narciso:

– Ele realmente não gosta desse nome. Mas se eu soubesse que ia perder a sua camaradagem não teria dado uma palavra. O seu violão vai me deixar saudades. E a sua presença nas horas mansas ou tormentosas, com aquela alegria, com aquela confiança ante o perigo, tudo isso me fazia muito bem ao ânimo e ao coração. Vou sentir a ausência dessa companhia que não amava Nossa Senhora mas que tocava por pauta – tocava esplendidamente.

*Ademar Vidal,*
*João Pessoa, Paraíba.*

**Nota** – Todos os contos brasileiros da intervenção satânica pertencem ao ciclo catequístico. Curioso é anotar a adaptação do Diabo ao canto e sua participação, noutras tradições, nas lutas da poesia de improviso, batendo-se com os mais famosos cantadores, para ser, inevitavelmente, vencido. Registrei alguns desses episódios, *Vaqueiros e Cantadores,* p. 312 e 314, Porto Alegre, Rio G. do Sul, 1930.[19] Na Argentina o famoso *payador* Santos Vega foi derrotado, num duelo poético, pelo Demônio. O ter *pauta*, contrato, com o Diabo para cantar bem ou tocar maravilhosamente viola, é comum nas memórias do sertão brasileiro. Lehmann-Nitsche, *Santos Vega,* 52, 55, etc. Buenos Aires, 1917. Nuno Pereira, no *Peregrino da América*, ed. *princeps* em 1728, regista o caso da mulher que tocava viola e cantava, possessa do Demônio, I, 216-117, 6ª ed. Rio de Janeiro, 1939.

**19** Edição atual – 3 ed. – São Paulo: Global, 2005. (N.E.)

# O Afilhado do Diabo

Um velho tinha tantos filhos e era tão pobre que já não sabia mais a quem convidar para ser padrinho de seus rebentos. Quando nasceu o mais novo, ficou atrapalhado. Estava pensando no caso, quando viu um homem muito bem-vestido, montado num cavalo bonito, que parou e o salvou. O velho perguntou se ele queria ser padrinho do seu filhinho mais novo. O homem aceitou e deu uma bolsa cheia de ouro, indo embora logo. Todos os anos o desconhecido voltava para ver o afilhado e o compadre recebia uma bolsa de ouro. Estava rico e vivia muito tranquilamente quando o padrinho apareceu e disse que vinha buscar o menino para educá-lo. O velho não queria, mas o homem tanto insistiu, tanto insistiu que ele acabou cedendo e o menino lá se foi, na lua da sela do padrinho.

O padrinho morava numas serras altas e sem gente, num casarão enorme, cheio de quartos e salas. O menino tinha do bom e do melhor, muitos livros e aprendia depressa tudo, ficando instruído por demais. O padrinho tratava-o bem, mas era carrancudo e de poucas falas, viajando sempre. Raramente estava em casa.

O menino examinando a casa encontrou, numa estante, um livro grande que ensinava todas as sabedorias e mágicas. Por elas ficou sabendo que seu padrinho era o próprio Diabo. Nas escondidas do padrinho estudou as sabedorias e mágicas, ficando dia a dia preparado como

um verdadeiro mágico. Quando achou que estava no ponto de lutar contra ele, fugiu de casa. O Diabo teve notícia e veio como um raio para pegá-lo. O rapaz já estava em casa e o Diabo não podia agarrá-lo à força.

Dias depois o rapaz disse ao pai que podia arranjar ainda mais dinheiro. Ia-se virar num cavalo que o velho devia montar e ir passear nas ruas. Vendesse por muito bom dinheiro, mas não entregasse o animal com o freio, senão não se desencantava mais. O velho prometeu tudo mas não resistiu aos oferecimentos de tanto dinheiro e vendeu o cavalo, esquecendo-se de tirar o freio.

O Diabo, que era o comprador, passou três dias com três noites correndo em cima do afilhado, virado em cavalo, cortando-o de chibata e esporas. Chegou finalmente a uma casa e desceu para servir-se do jantar que lhe era insistentemente oferecido. Recomendou que dessem água ao animal, mas sem retirar-lhe o freio. O criado, vendo que o cavalo não queria e não podia beber água do rio com o freio no focinho, tirou-o. Logo o cavalo voltou a ser gente e o rapaz disse: ai de mim, uma piaba! E tornou-se uma piaba, mergulhando no rio e desaparecendo.

O criado correu para o amo e contou o que se passava. O Diabo veio à toda e, sabendo onde a piaba se sumira, gritou: ai de mim, uma traíra! E caiu n'água, virando em traíra, atrás do afilhado. Este vendo que o padrinho o alcançava, veio para a tona e disse: ai de mim, uma rolinha! E saiu voando. O Diabo, por sua vez: ai de mim, um gavião! E botou-se no rastro da rolinha.

A princesa estava na varanda do palácio quando a rolinha a avistou e foi logo dizendo: ai de mim, anel no dedo daquela moça! E ficou anel no dedo da moça, a quem disse: Vai aparecer aqui um homem rico querendo comprar este anel. Diga a seu pai que venda bem caro e não dê na mão dele. Rebole o anel no chão!

A moça assim fez. O homem rico chegou e ofereceu uma fortuna pelo anel. O rei aceitou, mas a princesa tirou o anel do dedo e jogou-o no chão. O anel disse: ai de mim, cinco caroços de milho! Apareceram cinco caroços de milho. O homem gritou: ai de mim, um galo! E virou galo que pulou em cima do milho, bicando com vontade. A moça, que compreendeu tudo, pôs o pé em cima de um caroço e, assim que o galo acabou de comer o milho, pensando que tinha acabado, a moça sentiu o caroço inchado debaixo da palma do pé, tirou-o de cima e o grão de milho disse: ai de mim, uma raposa! apareceu uma raposa que imediatamente comeu o galo num bocado.

A raposa desencantou-se no rapaz que casou com a princesa e nunca mais quis saber das sabedorias e mágicas que aprendera com o livro do Diabo.

*Clotilde Caridade Gomes,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Teófilo Braga dá três versões dessa história no seu *Contos Tradicionais*, 9º, "O Mágico", Algarve,10º, "O mestre das artes", ilha de S. Miguel, e 11º, "O aprendiz do Mago", Eixo, distrito de Aveiro. A variante brasileira mais se aproxima da versão açoriana de S. Miguel. Alfredo Apell divulgou ("Contos Populares Russos") a versão eslava de Afanasiev, "A ciência manhosa", X, reunindo as variantes mais conhecidas. Assim, com pequeninas diferenças, é o tema russo de Afanasiev, o grego de Hahn, o alemão dos irmãos Grimm, um português de Ourilhe (Celorico de Bastos), coligido por Adolfo Coelho (nº XV), havendo o encadeamento das transformações em todos, o agressor finda devorado. Apell cita ainda o

“Pantchatantra”, edição de Benfey, onde há um conto mongol semelhante. Nas “Mil e Uma Noites” há o episódio da filha do rei das Índias e sua luta com um demônio, usando as metamorfoses do conto. Braga cita a Notte VIII, fábula de Straparola (“Notte Piaccevoli”) com o motivo idêntico. É o Mt. 325 de Aarne-Thompson, *The Magician and his Pupil*, cujos elementos, múltiplos, enquadram-se nas diversas formas com que o mesmo é apresentado. A versão brasileira de Sílvio Romero é “O passaro preto”, bem diversa da que ouvi. *Folclore Brasileiro-Contos Populares do Brasil*, 46/48. Belo Horizonte, 1985.

# As Perguntas de Dom Lobo

Um moço trabalhador e direito morava com sua mãe, labutando pela vida com muita dificuldade. Uma feita disse:

– Minha mãe! Não podemos passar o resto da vida nesta miséria, quase sem ter o que comer. Fique minha mãe com o roçado, as cabeças de ovelhas, e bote sua bênção que vou pelo mundo ver o que posso fazer.

A mãe abençoou-o e o rapaz foi-se embora pelo mundo. Onde chegava, trabalhava uma semana e ia para diante. Tempos depois chegou a um reinado bonito mas sem gente. As ruas limpas de povo, as casas fechadas, tudo calado, sem um choro de menino ou voz de homem, parecia um descampado. O rapaz procurou a casinha de um velho e pediu agasalho. O velho recebeu-o muito bem e deu de cear. Quando estavam comendo o rapaz perguntou por que o reinado era assim triste. O velho explicou que, por mal dos pecados do povo, aparecera ali um homem encantado, de nome Dom Lobo, dono de um palácio, que botara para obrigação comer o coração de uma pessoa todo dia. Pega a criatura e faz três perguntas. Se a criatura responder, pode fazer outras três a Dom Lobo, mas não nasceu ainda esse cristão para adivinhar as perguntas de Dom Lobo. Não responde e Dom Lobo mata e come o coração dos pobres. Por isso é que toda a gente vive escondida e tremendo de medo.

O rapaz dormiu e na manhã do outro dia saiu para a rua perguntando onde era o palácio de Dom Lobo. O povo ficava espantado com o atrevimento dele, mas ensinava. O moço chegou perto de umas pedras grandes e lá em cima estava o palácio que era um monarca de grande, com um portão de ferro. O rapaz tocou-se para o palácio com coragem. Chegou, bateu, e as portas se abriram por si mesmo. O moço enfiou por dentro, sobe aqui, desce ali, até que chegou num salão que era uma beleza. Aí apareceu Dom Lobo, um homem alto, forte como um touro, todo cabeludo, com olhos de gato e uns dentes de onça-tigre. Quando viu o rapaz deu uma gargalhada de estrondar o mundo. Falou, com voz grossa de bicho encantado, mandando o rapaz sentar. Depois perguntou:

– Que é que tanto mais velho mais forte fica?

– É o vinho – respondeu o moço.

– Que é que tanto se tira mais fica?

– Água do mar!

– Qual é o lugar aonde todos vão e ninguém quer ir?

– O cemitério!

– Acertou, cabra danado! Faça as três perguntas que quiser!

– Quem é que nasceu de uma virgem, batizou-se num rio e morreu numa cruz?

O homão rangeu os dentes como um desesperado porque não podia dizer o santo nome de Jesus Cristo. Deu um estouro que estremeceu tudo e subiu aquela bola de fumaça cobrindo o mundo. Quando clareou, o rapaz estava em cima das pedras. O palácio e Dom Lobo tinham se sumido. O povo estava todo reunido batendo

palmas e levou o moço em charola para o rei. Deram uma casa com todos os preparos, fazenda de gado, muito dinheiro. O rapaz mandou uma carruagem buscar sua mãe e viveu muito bem e satisfeito.

*A,*
*Oeiras, Piauí.*

**Nota** – Não guardei o nome da empregada que contou essa história. Chamava-se Antônia, e dizia ser *filha natural de Oeiras, no Piôí.* O processo do enredo é comum nos folclores. A tradição das perguntas enigmáticas vive em toda parte do mundo, desde o mito da Esfinge e Édipo. Muitas histórias europeias têm esse assunto, entidades encantadas, malévolas ou benfazejas, que se livram do encantamento ouvindo a resposta a três perguntas. É o Mt. 812 de Aarne-Thompson, *The Devil's Riddle*. Não se ajustam os elementos. Na minha versão ignora-se quem ajudou o herói a ter as respostas imediatas e perguntas a que o Diabo não podia responder.

# AUDIÊNCIA DO CAPETA

(*resumo*)

Vô-le contá un causo sucedido.

O causo é o seguinte e seguinte é este:

Vivia n'outros tempos no sertão um casal, cujo casal vivia tão bem, que nem Deos c'os anjo. Causava inveja a todo o mundo de arruparado que andava. Vai, senão condo, pareceu em casa uma rataria, que era rato pro castigo, rato pro riba do tempo, que não houveras mãos a medi.

Um dia pariceu na dita cuja casa um gatim preto, muito gordo, muito esperto, e começou logo a fazê muitas proeza, matano e fugentano os ratos. Ora, marido e muié ficaro num contentamento có gatim que não tirava ele da mão, alisando; meu gatim praqui, meu gatim pracolá. A casa, que andava numa tribusana, numa trevoada de malassombrada, estava sossegada.

Um dia o marido fêis uma viage e a premera recomendação pra muié é o gatim. Assim qu'elle saiu, o gatim desapareceu. A muié ficou doida. Dias ô dispois, chega o marido e a premera coisa que pergunta é o gatim. Contou-lhe a muié o causo sucedido. Ella inda falava, e foi conde senão conde, saiu o bixim de dentro do quarto de drumi, e miano piadoso, veio correno topá c'o senhô, que logo sentido, ficou aborrecido, veno o probrezim esquileto de magro, de fome que estava c'o colete apertado.

Gatim continuou nas proeza e foi cresceno e cada dia engordando mais. O dono da casa teve que girá n’outra viage daí a tempos, e novas recomendação à muié. Cumo da premera veis conteceu da segunda, logo que o home chegou; mas, porém, d’esta foi uma bababá dos meus pecado, que coge c’a muié apanha no séro.

Nova nicidade d’outra viage e nova recomendação e logo có principosto de, se não achasse o gatim cum’ele dexava, ela le pagaria muito caro.

Ora, se bem disse, mió saiu. Gatim caiu no mato, virou tiririca, logo que o home saiu. A muié, coitadinha, virou, remexeu, fez premessa a conto santo houve, escogitou po conto boraco das redondezas e vizim, responso Sant’Antonho, percurou, indagou, revirou... e nada. Chega o marido e lá de longe foi logo, antes de sodá a muié, proguntano por aqui.

– Cadê o meu gatim, muié?

– Nosso gatim, meu marido...

Não acabou de falá, que o gatim, saíno de den de casa, coge de rasto foimiano piadoso s’enroscá entre as perna do seu sinhô que acabava de s’apiá. Stava coge espirano de magro e de miséria. Antonce, o homem não contou fiado não! Meteu-lhe o chicote que trazia na muié, deu-lhe pancadas de cego, fêis artes de cabeça, quebrou-lhe um braço, abriu brechas na cabeça e espancou a coitadinha promode a bestage do gatim. Passou-se. Dias ô dispois do baruio, o home arrependeu-se de tê purcedido assim, e envergonhado, s’apaxonou... ele que vivera tão bem có sua muié! Inventou por isso memo,

outra viage; mas, desta feita, com tenção de nunca mais botá pé em casa.

Arrumou o saco e meteu cara na mudança adoidamentes. Ora bens!

Andou o dia inteiro e à noite abrigou-se numa grande gameleira ramalhuda. Com o escuro iam chegando umas coisas misteriosas, falando e se reunindo numa sessão. Apareceu depois o Maioral que perguntou, a um por um, os trabalhos em que se ocupava. Houve relatório de todas as façanhas dos Diabos, tentando os cristãos. Um dos Demônios começou a historiar o que fazia na casa do homem que dera a sova na mulher por causa do gato fujão.

– O negoço stava diffirço e eu já stava dexano eles de partes, condo aconteceu a casa se enchê de rataiada. Eu, pan! pruveitei e virei um gati me acabei cós rato e me tornei-me um gatim d'estimação. O homem qu'é muito giradô, conde saía de casa, logo mil recomendação fazia à muié. Eu, entonce, se me sumia e só parecia condo ele chegava de viage. Daí começou um desaprecate entre los dois, o marido sempre jurano a muié. A principe eu era gordo, mais todas las véis que ele chegava eu me achava tocano nas espinha. Na derradeira viage eu fiquei tão magro, qu'assim qu'ele foi me vendo-me, rompeu logo c'oela, deu-lhe muitos tabefe e chicotada e cum pau socou-lhe muitas porretada, quebrou-lhe um braço, rachou-le a cabeça, arrumou a troxa e ganhou os pau na mudança, largou-le pr'uma veis.

– Que debedabo! Berado! Muito bens! brabo! brabo. Ora viva! Ist'é qu'é diligença e sabê fazê as coisa. Terá um

grande plemo conde acabá có serviço.

Nisso o homem que estava debaxo da gameleira tinha ovido tudo.

– Accoo! seu meco! Ah! é assim, eim? Stá bom!...

E arrumou outra veis a troxa e cortou pra casa, onde chegou de manhâs horas d'almoço brabo.

A muié, logo que o viu, ficou muito indimirada e foi logo arrecebê elle c'oa mão na tipoia; mais porém, adiante d'ela correu o gatim miano muito muito, mais piadoso do que das outra veis. O Home apanhou ele, alisou ele e botou, ó dispois, no chão; mas porém, o gatim inrestou c'o ele, miano... miano... enroscano po las perna d'ele.

– Muié, ocê deu dicomê a nosso gatim? – proguntou ele c'a cara muito enfarruscada e percurano já um pau.

– Não! home. Ja le tenho dito muitas veis que ele se some, logo que você sai.

– Se some! hem? Apois, eu te torno amostrá e é já.

A muié veno o perigo, correu chorano; e ele apanhano um bom porrete, desandou com ança, mas porém, na cabeça do gatim, que deu aquele estouro que fedeu enxofre pru treis dias.

O dispois, foi ele, antonce, contá à muié o causo sucedido da gameleira da encruziada. D'aquela data em diante foi ele vivê com sua muié, como d'antes era.

*Manuel Ambrósio, "Brasil Interior",*
*p. 61, São Paulo, 1934.*

**Nota** – O prof. Manuel Ambrósio, grande estudioso do Folclore da Bahia e Minas Gerais, na zona do Rio São Francisco, reuniu material precioso, em sua maioria inédito, sobre tradições e costumes. Fiz um resumo do conto que, no original impresso, está às páginas 61-69 do volume. É história conhecida nos sertões de todo Nordeste do Brasil, tendo ouvido contá-la em

Natal e Recife. A reunião dos demônios, feiticeiras, bruxas sob as árvores é clássica em todos os folclores do mundo.

# 8 – CONTOS DE ADIVINHAÇÃO

# O Filho Feito sem Pecado

Uma moça deu à luz uma criança e a mandou educar longe da cidade em que morava, para que ninguém soubesse jamais de sua culpa. O menino cresceu, fez-se homem e veio visitar a cidade, justamente onde sua mãe vivia. O rapaz viu-a, enamorou-se dela e se casou. Meses depois, descansando o marido no colo da mulher, reparou esta numa medalha de ouro, com a efígie de Nossa Senhora da Conceição, lembrança que pusera ao pescoço do filhinho ao separar-se dele. Sentindo-se criminosa e não querendo prolongar aquela união sacrílega, contou sua história ao esposo que era, sem saber, seu filho. Este partiu imediatamente para longe e não mais enviou notícias.

Depois nascia um filho, batizado com o nome de Tomé e a mãe anunciou dar um grande prêmio a quem decifrasse o enigma que apresentaria. Não acertando, pagariam uma multa. A mulher educou seu filho como um príncipe, foi muito feliz e morreu rica porque ninguém conseguiu decifrar o enigma que era assim:

*Meu filho Tomé*
*Que muito me é!*
*É filho do meu filho,*
*Irmão do meu marido.*
*É meu neto e meu cunhado,*
*Filho feito sem pecado!*

*Luísa Freire,*

*Ceará-Mirim, Rio G. do Norte.*

**Nota** – É uma variante de conto muito popular na Idade Média referente ao Papa Gregório Magno (590-604). Versão idêntica, em linhas gerais, à nossa é a novela XXX do *Heptaméron*, de Marguerite de Navarre, *Merveilleux exemple de la fragilité humaine qui pour couvrir son honneur, en court de mal de mal en pis*, com as anotações de Michel François, ed. Garnier, Paris, 1943, 475. Aurélio M. Espinosa encontrou uma versão espanhola em Llanuces, Astúrias, e J. Alden Mason uma outra na ilha de Porto Rico, *Porto-Rican Folk-Lore, Jafl,* vol. XXXIX, nº CXIV, 499, 1916. Estudei demoradamente este conto no meu *Trinta Estórias Brasileiras,* Porto, com o texto integral das versões.

# Frei João sem Cuidados

Frei João era um frade muito caridoso e simples e que não se envolvia com os negócios dos outros nem se preocupava com assuntos alheios à sua pessoa. Como dava muitas esmolas era estimado por toda a gente que o chamava “Frei João sem Cuidados”.

Ora, uma vez o Rei passou pela terra em que morava Frei João e, sabendo da tranquilidade em que vivia o frade, mandou um criado dizer a ele que no outro dia viesse procurá-lo para responder a três perguntas:

– Onde é o meio do mundo? Quanto pesa a lua? Em que pensa o Rei?

O frade ficou desesperado sem atinar com a explicação e passou a noite estudando e chorando. Pela manhã um pastor que trabalhava para ele veio vê-lo e sabendo do caso ofereceu-se para substituí-lo junto ao rei. Frei João aceitou e o pastor, vestido de frade, foi onde estava o rei nas horas combinadas. O rei, cercado de seus amigos, perguntou:

– Onde é o meio do Mundo?

– O meio do Mundo fica onde está meu rei senhor.

– Por quê?

– O mundo sendo redondo qualquer lugar é o meio!

– Bem respondido. Quanto pesa a lua?

– Pesa uma libra porque se divide em quatro quartos!

– Respondeu bem. Em que estou pensando?

– Rei meu senhor está pensando que eu sou Frei João sem Cuidados e sou apenas o seu pastor!!

O rei achou muita graça no desembaraço do pastor, recompensou-o e deixou Frei João sem Cuidados em paz.

*Francisco Cascudo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Esse conto foi-me várias vezes contado por meu Pai que o ouvira, ainda menino, ao redor de 1870, no alto sertão do Rio Grande do Norte e da Paraíba. O dominicano Etienne de Bourbon, que viveu no século XIII (sob Luís IX de França), narra o episódio do rei que desejava despojar de suas riquezas a um sábio, fazendo-lhe três perguntas: – Onde fica o centro da terra, quanta água contém o mar e até onde pode ir a misericórdia divina. O sábio respondeu pela mesma forma que o pastor na primeira pergunta, pediu que impedissem os rios de encher o mar para poder medir as águas e, para a terceira resposta, vestiu a roupa do rei e rendeu glórias por Deus lhe ter elevado às honras reais. No "Patrañuelo" de Timoneda, nº XV (século XVI), um abade é substituído por seu cozinheiro para responder às questões apresentadas pelo rei. Somente a segunda é nova: – quanto vale o rei, que se respondeu 29 dinheiros porque Jesus valera 30 apenas. Pitré ("Fiabe, Novelle", etc.) dá outras variantes do conto italiano *L'abbati senza pinzeri.* Entre as versões de Pitré está uma com o rei Noberto de Nápoles e Dante como personagens. O conde de Puymaigre resumiu muitas variantes no seu "Folk-lore", *sur quelques historiettes d'Etienne de Bourbon,* p. 239, Paris, 1885. A mais antiga fonte portuguesa é o livro de Gonçalo Fernandes Trancoso (XII da edição resumida e anotada pelo prof. Agostinho de Campos, p. 77, Lisboa, 1921). O comendador Simão é representado ante o rei pelo seu hortelão. Onde está o meio do mundo, quanto é daqui da terra ao céu (é uma vista de olhos), que coisa está imaginando o meu coração (que sou o comendador e realmente sou o hortelão). Teófilo Braga publica outra variante de Portugal, "Frei João sem Cuidados", colhida em Coimbra: – quanto pesa a lua, quanta água tem o mar, o que é que eu penso. O frade foi substituído pelo moleiro, "Contos Tradicionais do Povo Português", 1, 71, p. 157, Porto, 1883. Na coleção do prof. Aurélio M. Espinosa há a versão de Utrera, Sevilha, "Las tres preguntas", o coronel é valido pelo seu assistente que responde ao rei: – Quanto vale o rei, em quanto tempo se pode dar a volta do mundo, uma verdade-mentira. À segunda pergunta responde-se: – em um cavalo na carreira, em vinte e quatro horas, "Cuentos Populares Españoles", conto 13, 1, 59, Stanford University, Califórnia, U. S. A., 1923. É o Mt. 922 de Aarne-Thompson, *The Shepherd Substituting for the Priest's Answers the King's Questions.* É um conto espalhado pelo mundo inteiro. Alfredo Apell registra uma variante da Rússia, "O soldado que adivinha",

XXIV, 343, *Contos Populares Russos*, Lisboa, s. d., em que o Rei pergunta ao soldado que se vestiu de frade: – quantas gotas há no mar? (mande tapar todos os rios preliminarmente); quantas estrelas há no céu? (um número alto e se o Rei acredita que mande contar); em que estou a pensar? (vem a resposta clássica). Na versão brasileira de Sergipe, Sílvio Romero informa que o criado diz ao Rei: – O monte tem um cesto se este for do tamanho dele; dá um número alto para as estrelas e responde não ser o Padre Sem Cuidados e sim seu servo. Apell registra muitas variantes. Em Portugal ainda Guerra Jungueiro divulgou o "Carlos Magno e o abade de S. Gall", *Contos para a Infância*, 158, Lisboa, 1913; F. X. Ataíde Oliveira, *Contos Tradicionais do Algarve,* Iº, 41-43 e Bernardino Barbosa, *Contos Populares de Évora,* Revista Lusitana, XXII, 33, registram versões. Elsie Clews Parson, *Folk-Lore From Cape Verde Islands,* IIº, 63, tirou uma da ilha de São Nicolau. Se a mais antiga versão em Portugal é a de Gonçalo Fernandes Trancoso, 1575, na Espanha é *a patraña* XIV de Juan de Timoneda, Patrañuelo, 1566. Na portuguesa: – onde está o meio do mundo?; Que há daqui da terra ao céu?; que está imaginando o meu coração?. Na castelhana: – *Yo cuánto valgo? Adondé está el medio del mundo? Que és lo que yo pienso?* O prof. Walter Anderson, *Kaiser Und Abt, Die Geschichte Eines Schwanks,* FFC 42, vol. IX, Helsinki, 1923, estudou definitivamente o assunto, examinando 560 versões. O conto é de origem oriental e a versão mais antiga é do século IX, um conto de Ibn-Abdulhakam, historiador árabe, no seu *Futuhu Misra Walmagrib.* As perguntas iniciais foram: – "Quantas estrelas há no céu? Quanto se deve pagar numa diária de trabalho a um filho de Adão? Que faz Deus?" Quatrocentos anos depois estava figurando em sermonários e corria oralmente na Europa. No século XIV a pergunta "Que faz Deus" foi substituída pela "Em que estou pensando?" que se tornou típica. Ver minhas notas ao conto *O Padre sem Cuidados,* de Sílvio Romero, *Folclore Brasileiro-Contos Populares do Brasil,* 131-132, Belo Horizonte, 1985. As notas do prof. Espinosa são excelentes, *Cuentos Populares Españoles,* IIº, 101-111, Madrid, 1947.

# A Princesa Adivinhona

Era uma vez um rei que tinha uma filha muito inteligente e perspicaz. Quando se pôs moça não havia problema que ela não decifrasse nem pergunta que ficasse sem resposta. O rei ficou tão orgulhoso da prenda da princesa que disse dar a mão em casamento a quem desse uma adivinhação e ela não destrinchasse em três dias. Muita gente correu para ganhar a mão da princesa, mas ela explicou todas as charadas, e os candidatos apanhavam uma surra, voltando envergonhados. Os tempos foram se passando e ninguém aparecia para vencer a princesa.

Muito longe da cidade vivia uma velha com um filho muito amarelo, mas sabido como ele só. O rapaz entendeu de tentar a sorte e não houve conselho que o arredasse desse desejo. Agarrou uma espingarda e tocou-se para a cidade.

Depois de muito caminhar, sentindo fome, procurou caçar e avistou um veado comendo. Foi devagar e largou-lhe um tiro que o matou. Indo esfolar verificou que era uma veada, com uma veadinha no ventre. Tirou o couro e seguiu viagem. Adiante encontrou os carpinteiros trabalhando numa Igreja e colocaram um altar muito velho do lado de fora. O rapaz carregou umas tábuas desse altar. Adiante parou, fez uma fogueira com os paus do altar, assou a veadinha e comeu. Estava comendo quando viu que um jumento morto ia descendo pelas

águas do rio, com muitos urubus trepados em cima. Bebeu água que estava entre as folhas das macambiras.

Logo que chegou à cidade procurou o palácio do rei e disse que queria apresentar um problema. No dia marcado a princesa veio para o salão, com muito povo, e o rapaz amarelo sentou-se em cima do couro da veada e disse:

*Atirei no que vi*
*Fui matar o que não vi.*
*Foi com madeira santa*
*Que cozinhei e comi.*

*Bebi água não do céu...*
*Um morto-vivo levava.*
*O que me serve de assento,*
*Acerte, para seu tormento.*

A princesa pensou, pensou, matutou, matutou e pediu três dias para estudar. Vendo que não arranjava nada mandou uma criada fazer-se de namorada do amarelo e saber o segredo. O amarelo conversou e pediu que a moça lhe desse a camisa que ele dizia o segredo. A moça cedeu e ele deu umas explicações sem pé e sem cabeça. A princesa mandou outra criada e saiu a mesma coisa. Foi ela mesma na terceira noite, e o rapaz pediu a camisa, recebeu-a e deu a explicação direita.

Quando ficaram todos no salão a princesa contou tudo direitinho. Atirei num veado, matei uma veada com uma veadinha. Assei a comida com lenha que fora do altar. Bebi água da macambira. Um jumento morto ia levando uma porção de urubus. Ficou sentado em cima do couro da veadinha.

Fizeram muita festa à princesa e o rei ia mandar dar uma surra no amarelo quando este pediu que o deixassem falar. O rei deixou. O amarelo disse:

*Quando no Paço cheguei*
*Três pombinhas encontrei,*
*Três penas já lhes tirei*
*E agora mostrarei!*

E foi mostrando as camisas das criadas. Quando ia puxando a camisa da princesa, esta correu para ele e disse que queria casar, que gostava muito do rapaz e só adivinhara porque ele mesmo dissera. O rei fez o casamento e foram todos muito felizes.

*Benvenuta de Araújo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Era minha ama das grandes sabedoras de histórias e gostando de contar. A "Princesa Adivinhona" é o Mt. 851 de Aarne-Thompson, *The Princess who Cannot Slove the Riddle.* Os elementos da versão acima estão registrados nos itens H 341.1, H 126. É episódio popular na Europa do Norte, Rússia, Costa do Ouro, Jamaica, etc. Na coleção do Prof. Espinosa há quatro variantes, 5, 6, 7 e 8, "El acertijo" ou "El acertajo", colhidas em Córdoba, Toledo e Granada, "Cuentos Populares Españoles", 1, 41-48, no capítulo "La adivinanza del Pastor", Teófilo Braga traz o conto 56, "A Princesa que adivinha", versão de São João de Airão, Minho, "Contos Tradicionais do Povo Português", 1, 134. Emanuel Cosquim dá uma variante francesa da Lorena onde os três irmãos competem junto à princesa que adivinha. Sílvio Romero recolheu a versão brasileira, *O matuto João*. Na "Princesa Adivinhona" há a adaptação, figurando água existente entre as palmas duras da macambira, uma bromeliácea comum no Nordeste do Brasil, *Agallosítachys lacinosa*. Carmen Lyra registra uma variante de Costa Rica, "El tonto de las adivinanzas", "Cuentos de mi tia Panchita", p. 5, S. José de Costa Rica, 1936.

# 9 – NATUREZA DENUNCIANTE

# As testemunhas de Valdivino

*D*izem que um homem chamado Valdivino atravessava uma mata quando foi assaltado por dois ladrões que lhe tomaram todo dinheiro que conduzia. Depois, resolveram matá-lo para que o roubo ficasse impune. Debalde rogou o assaltado que poupassem sua vida, mas os ladrões riam. Valdivino, erguendo o olhar, viu duas garças que passavam voando. Disse, então:

– Garças, sede as testemunhas de Valdivino!

Os bandidos assassinaram Valdivino e o enterraram.

Anos depois estavam os dois ladrões conversando numa roda de amigos, na cidade próxima. Era pela tarde e duas garças voavam. Um deles, distraidamente, exclamou:

– Lá vão as testemunhas de Valdivino!...

Os amigos que sabiam do desaparecimento de Valdivino, cercaram os dois ladrões de perguntas e eles acabaram confessando o crime. Foram presos e condenados.

**Nota** – Essa história foi-me contada, muitas vezes, por Ana da Câmara Cascudo, minha mãe, que a ouviu, menina, na fazenda Logradouro, município de Campo Grande (Augusto Severo), Rio G. do Norte. Pertence ao ciclo da *Natureza Denunciante*. É a lenda dos Grous de Ibico. O poeta Ibico fora morto por um ladrão e um bando de grous, testemunhas do crime, denunciou o assassino com seus gritos. Paul Sébillot (*Folk Lore de France*, III) recolheu duas variantes francesas, uma em que a vítima é um judeu e os grous são substituídos pelas perdizes. Noutra, arredores de Vire, os corvos entregam à justiça os matadores do comerciante Pousias. Alberto Faria, *Aérides*, cita o conto de Christoph von Schmid, *Der haushahm*, onde o galo é o denunciante. Louis Jacolliot, *Viagem aos países misteriosos* (trad.

portuguesa de A. Mascarenhas, 1), registra uma versão africana, narrada pelo chefe negro Obi-Tchadé. “Um dia, um enviado do rei de Douma (Dahomey) apresentou-se na corte de Hodé-Yébou, onde foi recebido com honra, e lhe serviram de comer. Entre as iguarias encontravam-se duas perdizes cozidas. O mensageiro, ao vê-las, perturbou-se e recusou-se a comer delas. Espantado o sova pelo que via, perguntou-lhe o motivo por que rejeitava esse prato. O nosso homem balbuciou algumas palavras; parecia contudo estar sob o peso dum terror profundo e recusou explicar-se. – Que fechem este homem –, disse o sova –; debaixo disto esconde-se algum mistério, e eu quero conhecê-lo. Pressinto que os fetiches me enviaram algum grande criminoso para que eu lhe faça justiça. Por mais poderoso que ele seja, replicou o sova –, não te virá arrancar das minhas mãos. Vamos. Que o encarcerem já, e que ninguém lhe dê de comer, se acaso ele teimar em não dizer o motivo por que recusou provar as perdizes que lhe mandei servir. Apesar dos seus protestos, o enviado de Dahomey foi encarcerado imediatamente, e alguns soldados foram colocados de sentinela no lugar onde ele estava encerrado, para que ninguém pudesse transgredir as ordens do sova. Logo no segundo dia a resistência do mensageiro foi vencida. Pediu de comer e declarou que, apenas tivesse aplacado a fome, contaria ao rei a sua história. – Seja – respondeu Oba-Ochoué. – Mas previno-te de que, se hesitares em falar quando estiveres farto de comer, mandar-te-ei cortar a cabeça. O dahomeano comeu e bebeu à sua vontade, e contou o seguinte: – Outrora eu era ladrão de estrada. Um dia que estava à espera dos viandantes numa passagem muito frequentada, vi passar um mercador montado numa mula, levando um saco com dinheiro. Obriguei-o a parar, e dispunha-me a matá-lo, quando ele me disse: – Não é o teu fim roubares-me este dinheiro? – Certamente – respondi eu. – Nesse caso, guarda a mula e o saco que ela traz, e deixa-me partir. – Impossível, meu caro. Tu irias denunciar-me à aldeia vizinha e voltarias com todos os habitantes para me prenderem. – E agarrei-o por um braço para o matar. – Juro-te por meu pai que não te denunciarei. – É inútil. Preciso que morras. – Insistes então nessa ideia? – Sim; e vais morrer já. – Deixa-me ao menos dirigir uma oração aos deuses. – Dirige tua oração, mas despacha-te. – O mercador começou a rezar. Porém, como prolongasse a tal oração a fim de ganhar tempo, resolvi agarrá-lo pelo pescoço. – Eu te suplico por tua mãe, que me deixes em paz. – Não te canses. Morres imediatamente. – Em seguida olhou em derredor de si; e vendo duas perdizes, gritou de repente dirigindo-se a estas aves: – Tiroubas: sede testemunhas de que morro sem motivos, e sede minhas vingadoras. – Pus-me a rir desta singular exclamação, matei o homem, e levei comigo a mula e o dinheiro. Ora, estas duas perdizes recordam-me essa triste aventura. Agora que já te contei tudo, e que a minha missão está acabada, deixa-me voltar para junto do rei meu amo. – Estas perdizes acabam de pronunciar a tua sentença de morte – gritou o sova com voz trêmula de cólera. Não se dirá que o pobre mercador invocou em vão o testemunho das tiroubas. E depois dum sinal feito ao executor, que

acompanha o rei para toda a parte, um alfange se levantou e rapidamente caiu sobre a cabeça do dahomeano, a qual rolou no pó. O rei Yébou encerrou-a depois num odre e enviou-a ao rei Dahomey, mandando-lhe dizer que, quando tornasse a enviar-lhe assassinos e ladrões como mensageiros, lhes faria ter a mesma sorte...” (115-117), Lisboa, 1912. Constitui o tema N 271.3, no *Motif·Index of Folk-Literature*, de Stith Thompson, Indiana University Studies, Bloomington, Indiana, vol. 22, Studies nº 108, 109, 110, p. 70. Ocorre ainda no *Scala Celi*, fins do século XIII onde as perdizes aparecem como na variante africana, Chauvin, VII, 146, indica várias coleções do *Mil e Uma Noites* (Habicht, Burton, Payne) que incluíram o episódio, *Le temoignage des perdix*. Teófilo Braga, *Contos Tradicionais do Povo Português,* IIº, 31-32, da 2ª ed. Lisboa, 1915, divulga o *Judeu*, *o Escureiro e as Perdizes*, do *Fabulário Português,* século XV, ms. da Biblioteca de Viena (*Revista Lusitana*, vol. 8, 136). René Basset, *Mille et un Contes, Récits* & *Légendes Arabes,* IIº 381, fixa a bibliografia oriental e divulga uma versão de Ah’med el Qalyoubi. As fontes são inumeráveis. O assunto foi mais analisado no meu *Anúbis e Outros Ensaios*, in *Superstição no Brasil, Os grous de Ibicus voam em português*, 167, Belo Horizonte, 1985, Coleção Reconquista do Brasil, vol. 91, com as versões brasileiras.

# A Menina Enterrada Viva

Era um dia um viúvo que tinha uma filha muito boa e bonita. Vizinha ao viúvo residia uma viúva, com outra filha, feia e má. A viúva vivia agradando a menina, dando presentes e bolos de mel. A menina ia simpatizando com a viúva, embora não se esquecesse de sua defunta mãe que a acariciava e penteava carinhosamente. A viúva tanto adulou, tanto adulou a menina que esta acabou pedindo que seu pai casasse com ela.

– Case com ela, papai. Ela é muito boa e me dá mel!

– Agora ela lhe dá mel, minha filha, amanhã lhe dará fel – respondeu o viúvo.

A menina insistiu e o pai, para satisfazê-la, casou com a vizinha. Obrigado por seus negócios, o homem viajava muito e a madrasta aproveitou essas ausências para mostrar o que era. Ficou arrebatada, muito bruta e malvada, tratando a menina como se fosse a um cachorro. Dava muito pouco de comer e a fazia dormir no chão em cima de uma esteira velha. Depois mandou que a menina se encarregasse dos trabalhos mais pesados da casa. Quando não havia coisa alguma que fazer, a madrasta não deixava a menina brincar. Mandava que fosse vigiar um pé de figos que estava carregadinho, para os passarinhos não bicarem as frutas.

A pobre da menina passava horas e horas guardando os figos e gritando – chô! passarinho! – quando algum voava por perto. Uma tarde estava tão cansada que adormeceu

e quando acordou os passarinhos tinham picado todos os figos. A madrasta veio ver e ficou doida de raiva. Achou que aquilo era um crime e no ímpeto do gênio matou a menina e enterrou-a no fundo do quintal. Quando o pai voltou da viagem a madrasta disse que a menina fugira da casa e andava pelo mundo, sem juízo. O pai ficou muito triste.

Em cima da sepultura da órfã nasceu um capinzal bonito. O dono da casa mandou que o empregado fosse cortar o capim. O capineiro foi pela manhã e, quando começou a cortar o capim, saiu uma voz do chão, cantando:

*Capineiro de meu pai!*
*Não me cortes os cabelos...*
*Minha mãe me penteou,*
*Minha madrasta me enterrou,*
*Pelo figo da figueira*
*Que o passarinho picou...*
*Chô! Passarinho!*

O capineiro deu uma carreira, assombrado, e foi contar o que ouvira. O pai veio logo e ouviu as vozes cantando aquela cantiga tocante. Cavou a terra e encontrou uma laje. Por baixo estava vivinha, a menina. O pai chorando de alegria abraçou-a e levou-a para casa. Quando a madrasta avistou de longe a enteada, saiu pela porta afora, e nunca mais deu notícia se era viva ou morta.

O pai ficou vivendo muito bem com sua filhinha.

*Benvenuta de Araújo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

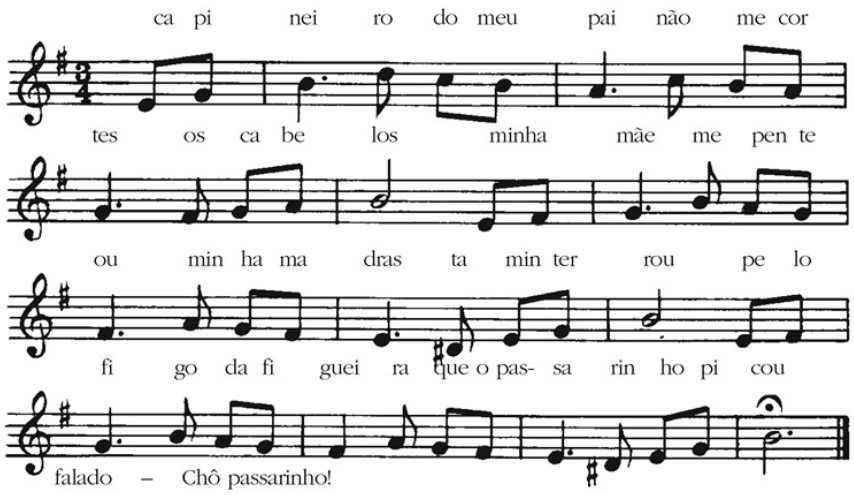
**Nota** – É a versão brasileira do “Figuinho da Figueira”, popular em Portugal, colhido por Teófilo Braga no Algarve, nº 27. O versinho português é assim:

Cantiga da menina enterrada viva
*Não me arranquem os meus cabelos*
*Que minha mãe os criou,*
*Minha madrasta mos enterrou*
*Pelo figo da figueira*
*Que o milhano levou*

in “*Contos Tradicionais do Povo Português*”, I, p. 60. Sílvio Romero registrou “A Madrasta”, nº XLI do “Contos Populares Portugueses”. Há uma versão corrente na América Central, “Los Niños sin mamá”, que a sra. Maria do Nogueira incluiu nos seus “Cuentos Viejos”, p. 137 (San José da Costa Rica, 1938). Os cabelos da menina sepultada pela madrasta transformaram-se numa mata de Zecate. Não há a cantiga, mas a voz se ergue: *Ay, hermanito, no me cortes el cabello! Ay papacito, no me cortes el cabello!* A menina não ressuscita. O Prof. Aurélio M. Espinosa, *Cuentos Populares Españoles*, II, 152º, p. 320, “Las tres bolitas de oro”, dá uma variante de Torrijo de Cañada, Aragão, com enredo mais desdobrado, assim findando : – “Y la madrasta de rabia que tenia con ella le dijo que pa qué le habia dao los higos a la Virgem, y la llevó y enterró vivia en trigal con sus tres bolitas de oro. Y ya se fué la madrasta creyendo que ya estaba muerta. Pero la ñina seguía viva enterrada en el trigal. Y el pelo de la niña creció por la tierra con el trigo. Y logo fueron los segadores a segar el trigo. Y cuando llegaron onde estaba enterrada la ñina y segaban el trigo junto con su pelo que cantava:

Segadores, que vais a segar, no seguéis mi lindo pelo,
que la tuna de mi madre me enterró por higo y medio.

Y los segadores hicieron oído y ya oyeron bien las voces de la ñina y dieron parte y vinieron los del pueblo y sacaron a la niña, que estaba viva, y salió riendo con sus tres bolitas de oro. Y a la madrasta la quemaron viva”.




Comunicado pela senhora Câmara Cascudo. Registro musical do Maestro Waldemar de Almeida.

# 10 – CONTOS ACUMULATIVOS

# O Menino e a Avó Gulosa

O menino só possuía um guiné. Numa ocasião de necessidade matou o guinezinho e saiu para adquirir farinha. Quando voltou, a avó, que morava com ele, comera o guinezinho inteiro. O menino reclamou muito e a avó lhe deu um machadinho.

Saiu o menino pela estrada e encontrou o Pica-Pau furando uma árvore com o bico.

– Pica-Pau! Não se usa mais o bico para cortar pau. Usa-se um machadinho como esse...

– Oh! menino! Empreste-me o machadinho.

O menino emprestou o machadinho ao Pica-Pau e este tanto bateu que o quebrou.

O menino recomeçou a choradeira:

– Pica-Pau, quero meu machadinho que minha avó me deu, matei meu guinezinho e minha avó comeu.

O Pica-Pau deu ao menino um cabacinho de mel de abelhas. O menino continuou a viagem e lá adiante viu o Papa-Mel lambendo um barreiro que só tinha lama.

– Papa-Mel! Não se usa mais beber lama. Usa-se a beber um melzinho como este...

– Oh! menino! Me dê um pouquinho desse mel!

Que pouquinho foi esse que o Papa-Mel engoliu todo o mel e ainda quebrou o cabacinho. O menino abriu a boca no mundo, berrando. O Papa-Mel presenteou-o com uma linda pena de pato. O menino seguiu.

Lá na frente encontrou um escrivão escrevendo com uma pena velha e estragada.

– Escrivão! Não se usa mais escrever com uma pena estragada como essa e sim com uma boa e novinha como esta aqui!

– Oh! menino! Empresta-me sua pena…

O bobo do menino emprestou a pena. Num instante o escrivão estragou a pena. O menino cai no pranto. O escrivão lhe deu uma corda.

Depois de muito andar, o menino avistou um vaqueiro tentando laçar um boi com um cipó do mato.

– Vaqueiro! Não se usa mais laçar boi com cipó e sim com uma corda como essa.

– Oh! menino! Me empresta essa corda.

O menino, vai, emprestou. Num minuto o vaqueiro laçou o boi mas rebentou a corda.

Novo *chororô* do menino. O vaqueiro lhe deu um boi.

O menino viu uma onça, uma enorme, comendo um resto de carniça.

– Onça! Não se usa mais comer carniça e sim um boi como este meu!

– Oh! menino! Me dê o seu boi!

E comeu o boi. O menino ficou no soluço, choramingando e pedindo o boi:

– Onça, me dê meu boi que o vaqueiro me deu; o vaqueiro quebrou minha cordinha, a cordinha que o escrivão me deu; o escrivão quebrou minha peninha, a peninha que o Papa-Mel me deu; o Papa-Mel bebeu meu melzinho, o melzinho que o Pica-Pau me deu; Pica-Pau

quebrou meu machadinho, o machadinho que minha avó me deu; matei meu guinezinho e minha avó comeu!

A onça como não tinha coisa alguma para dar ao menino, disse, rosnando:

– O boi foi pouco e vou comer você!

E comeu o menino.

*Dáhlia Freire Cascudo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Minha mulher ouviu esse conto em Macaíba, de pessoas da família. É um dos contos acumulativos, *Cumulative Tales.* A forma final, que dei completa, é repetida progressivamente, de figura a figura, declamada num tom de parlenda monótona e extremamente simples. O barão de Sant'Ana Neri ("Folk-Lore Brésilien", Paris, 1889, p. 206) registra um outro conto acumulativo, o "Macaco e a viola" (*Le Singe et la Mandoline*). O macaco teve a ponta do rabo cortada pelo barbeiro não a podendo restituir, perdeu a navalha. Uma mulher que escamava peixe aceitou a navalha e não pôde entregar. O macaco levou uma sardinha que deu a um padeiro. Este, comeu-a, e ficou sem uma barrica de farinha. O macaco ofereceu a farinha a uma professora para ela e as alunas e depois cobrou. Não recebendo a farinha, levou uma menina que deu a uma lavadeira. A lavadeira não deu a menina ao macaco e este furtou uma camisa. Deu a camisa a um homem que vendia instrumentos de música e quando a cobrou, não a recebendo, ficou com uma viola. Trepou para o alto da casa e de lá cantou:

*Do meu rabo, fiz navalha;*
*Da navalha, fiz sardinha;*
*Da sardinha, fiz farinha;*
*Da farinha, fiz menina*
*Da menina, fiz viola.*
*Dum! Dum! Dum!*
*Vou-me embora!*

ELUCIDÁRIO:

Guiné, Capote, Galinha-d'angola, Galinha-da-índia, Tô-Fraco (Estou-fraco), *Numida meleagris*.

*Pica-Pau*, nome genérico para as aves Pícidas.

Papa-Mel, Iara, uma Mustélida, *Tayra barbara,* Lin.

*Chororô*, choradeira prolongada, intérmina, irritante.

Blaise Cendrars ("Anthologie Nègre", Paris, 1927) registra "Les Échanges", um conto *waissou-kouma*, do gênero acumulativo. É o mesmo processo do encadeamento temático: – "Un jeune avait du miel. Il le donne à

sa grand-mère. Celle-ci le mange. A son retour, il le réclame. Elle l'avait mangé. Elle dut lui donner du grain. Il l'emporte. Des poulets viennent, le trouvent et le mettent en tas. Il leur dit: Vous, dites: "Nous sommes de grand mangeurs". Il leur donne le grain. Ils le mangent entièrement. Il le leur réclame et ils donnent un oeuf en échange. Il s'en va et recontre des bergers qui jouaient à la belle. Il leur dit: Donnez-moi votre balle, je voudrais la regarder. Ils la lui donnent. Il leur dit: Vous jouez mal. Il leux remet l'oeuf en disant: Frappez bien ma balle; jetez les vôtres. Ils frappent l'oeuf et le brisent. Il leur dit: Donnez-moi mon oeuf: je veu m'en aller. Il est brisé. Alors, payez-le-moi. Ils lui donnent des batons. Il s'en va, recontre des eléphants et leur dit: – Vous, dites: Nous sommes forts? Oui, répondent-il. Alors, brisez les bátons que voici. Les bâtons sont brisés. Payez-moi mes bâtons, leur dit-il. C'est toi qui as raillé notre force. Et ils lui donnent un couteau. Il s'en va et recontre des gens qui écorchaient un boeuf; ils se servaint d'éclats de roseaux. Il leur dit: C'est mauvais, jetez cela. Il leur donne son couteau: Ils écorchent leur boeuf et mettent le couteau à coté de la peau. Il le cachent et leur dit: Rendez-moi mon couteau. Il regardent après la viand. Il leur dit: Payes-le-moi. Ils lui donnent la queuse du boeuf et il s'en va. Il arrive au bord d'un marécage, il y plante la queue et crie au secours. Les gens arrivent et le trouvent lá. Il leur dit: Retirez mon bétail; il est enfoncé dans la boue. Ils tirent, tirent et ils ne sortent que la queue. Il leur dit: Vous avez mis mon bétail en pieces, payez-le-moi. Ils lui donnent des bestiaux. Les gens étaient au nombre de cent; tout payérent: Il eut cent boeufs et devint un petit chef", 208-209. Outro exemplo, desta vez francês, da região do Languedoc, "Turlendu", colhido por Montel e Lambert em La Lozère, tem a seguinte fórmula terminal: – "D'un petit pou à une petite poule – d'une petite poule à un petit porc – d'un petit porc à une petite mule – d'une petite mule à une jeune fille – d'un jeune fille à un gros chien – qui m'a emporté le nez". *Contes des Provinces de France,* XLIV, p. 319.

Os waissou-kouma, Wa-Sukuma, são negros bantus. O original do acumulativo que Santana Néri traduziu para o francês é de Portugal, divulgado por Adolfo Coelho ("*Contos da Carochinha*", O rabo do gato, X, Lisboa, 1927) onde o gato substitui o macaco, herói natural de contos africanos e brasileiros. O final é: – *Da farinha fiz menina*; – *Da menina fiz camisa; – Da camisa fiz viola; – Frum, fum, fum... ai! – Vou deportado p'ra Angola*, p. 40.

Ver minhas notas ao conto "O macaco e o rabo", *Folclore Brasileiro-Contos Populares do Brasil*, de Sílvio Romero, 176 e 177. Estes contos, típicos do gênero acumulativo, foram na espécie estudados magnificamente pelo prof. Martti Haavio, da Universidade de Helsinki, *Ketten-Marchenstudien*, vol. XXXI, nº 88, 1929 e vol. XXXV, nº 99, Helsinki, 1923. Ainda Stith Thompson, *Motif-Index of Folk-Literature*, vol. Vº, 414, Bloomington, Indiana, 1935.

# O Macaco Perdeu a Banana

O macaco estava comendo uma banana num galho de pau quando a fruta lhe escorregou da mão e caiu num oco da árvore. O macaco desceu e pediu que o pau lhe desse a banana:

– Pau, me dá minha banana!

O pé de pau nem como cousa. O macaco foi ter com o ferreiro e pediu que viesse com o machado cortar o pau.

– Ferreiro, traga o machado para cortar o pau que ficou com a banana!

O ferreiro nem se importou. O macaco procurou o soldado a quem pediu que prendesse o ferreiro. O soldado não quis. O macaco foi ao rei para mandar o soldado prender o ferreiro para este ir com o machado cortar o pau que tinha a banana. O rei não prestou atenção. O macaco apelou para a rainha. A rainha não o ouviu. O macaco foi ao rato para roer a roupa da rainha. O rato recusou. O macaco recorreu ao gato para comer o rato. O gato nem ligou. O macaco foi ao cachorro para morder o gato. O cachorro recusou. O macaco procurou a onça para comer o cachorro. A onça não esteve pelos autos. O macaco foi ao caçador para matar a onça. O caçador se negou. O macaco foi até a Morte.

A morte ficou com pena do macaco e ameaçou o caçador, este procurou a onça, que perseguiu o cachorro, que seguiu o gato, que correu o rato, que quis roer a roupa da rainha, que mandou o rei, que ordenou ao

soldado que quis prender o ferreiro, que cortou com o machado o pau, de onde o macaco tirou a banana e comeu.

*Benvenuta de Araújo,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Silva Campos, na sua coleção, X, "O Macaco e o Confeito", dá uma variante. Chamam a esses *Contos Acumulativos, Cumulative Tales,* dos folcloristas da língua inglesa. O prof. Espinosa reuniu dez contos dessa espécie, número 271 a 280, de seus "*Cuentos Populares Españoles*", III, 503-516. Num desses, o 275, "Las bodas del tío Perico", o final é assim: – "Y entonces Dios envió la muerte a que se llevara al herrero. Y entonces la muerte queria llevarse al herrero y el herrero queria romper el cuchilo y el cuchilo queria matar la vaca y la vaca queria beber el agua y el agua queria apagar la lumbre y la lumbre queria quemar el palo y el palo queria pegar al perro y el perro queria comer al lobo y el lobo queria comer a la oveja y la oveja queria comer la malva. Y entonces la malva le limpió el pico al gallo y el gallo entonces se puso muy contento y fué a las bodas de tio Perico". É um gênero muito espalhado na América. É o Mt. 2021 de Aarne-Thompson, que dá o exemplo do *The Frost-bitten Foot,* de origem europeia, traduzido e conhecido no Brasil. O resumo de Antti Aarne diz : – "*God how strong you are – God who sends kills steer, steer that drinks water, water that quenches fire, fire that bourns stick, stick that kills cat, cat that eats mouse, mouse that perforates wall, wall that resists wind, wind that dissolves cloud, cloud that covers sun, sun that thaws frost, frost that broke my foot* (Z 43). É a história da neve que pegou a pata da formiguinha e esta recorreu ao sol, nuvens, vento, muro, rato, gato, vara, fogo, água, ovelha, faca, ferreiro, morte e Deus. Cf. "El marranito gloton y la gallinita", na revista infantil da Venezuela, "*Onza, Tigre y Leon*", nº 24, Janeiro, 1941, p. 5, comunicação da menina Etelvina Gouverneur, da Escola Federal 357, S. José da Tiznados.

# 11 – CICLO DA MORTE

# O Compadre da Morte

Diz que era uma vez um homem que tinha tantos filhos que não achava mais quem fosse seu compadre. Nascendo mais um filhinho, saiu para procurar quem o apadrinhasse e, depois de muito andar encontrou a Morte, a quem convidou. A Morte aceitou e foi a madrinha da criança. Quando acabou o batizado voltaram para casa e a madrinha disse ao compadre:

– Compadre! Quero fazer um presente ao meu afilhado e penso que é melhor enriquecer o pai. Você vai ser médico de hoje em diante e nunca errará no que disser. Quando for visitar um doente me verá sempre. Se eu estiver na cabeceira do enfermo, receite até água pura que ele ficará bom. Se eu estiver nos pés, não faça nada porque é um caso perdido.

O homem assim fez. Botou aviso que era médico e ficou rico do dia para a noite porque não errava. Olhava o doente e ia logo dizendo:

– Este escapa!

Ou então:

– Tratem do caixão dele!

Quem ele tratava, ficava bom. O homem nadava em dinheiro.

Vai um dia adoeceu o filho do rei e este mandou buscar o médico, oferecendo uma riqueza pela vida do príncipe. O homem foi e viu a Morte sentada nos pés da cama. Como não queria perder a fama, resolveu enganar a

comadre, e mandou que os criados virassem a cama, os pés passaram para a cabeceira e a cabeceira para os pés. A Morte, muito contrariada, foi-se embora, resmungando.

O médico estava em casa um dia quando apareceu sua comadre e o convidou para visitá-la.

– Eu vou – disse o médico – se você jurar que voltarei!

– Prometo – disse a Morte.

Levou o homem num relâmpago até sua casa.

Tratou-o muito bem e mostrou a casa toda. O médico viu um salão cheio, cheio de velas acesas, de todos os tamanhos, uma já se apagando, outras vivas, outras esmorecendo. Perguntou o que era:

– É a vida do homem. Cada homem tem uma vela acesa. Quando a vela se acaba, o homem morre.

O médico foi perguntando pela vida dos amigos e conhecidos e vendo o estado das vidas. Até que lhe palpitou perguntar pela sua. A Morte mostrou um cotoquinho no fim.

– Virgem Maria! Essa é que é a minha? Então eu estou morre não morre!

A morte disse:

– Está com horas de vida e por isso eu trouxe você para aqui como amigo, mas você me fez jurar que voltaria e eu vou levá-lo para você morrer em casa.

O médico quando deu acordo de si estava na sua cama rodeado pela família. Chamou a comadre e pediu:

– Comadre, me faça o último favor. Deixe eu rezar um Padre-Nosso. Não me leves antes. Jura?

– Juro – prometeu a Morte.

O homem começou a rezar o Padre-Nosso que estás no céu... E calou-se. Vai a Morte e diz:

– Vamos, compadre, reze o resto da oração!

– Nem pense nisso, comadre! Você jurou que me dava tempo de rezar o Padre-Nosso mas eu não expliquei quanto tempo vai durar minha reza. Vai durar anos e anos...

A Morte foi-se embora, zangada pela sabedoria do compadre.

Anos e anos depois, o médico, velhinho e engelhado, ia passeando nas suas grandes propriedades quando reparou que os animais tinham furado a cerca e estragado o jardim, cheio de flores. O homem, bem contrariado disse:

– Só queria morrer para não ver uma miséria destas!...

Não fechou a boca e a Morte bateu em cima, carregando-o. A gente pode enganar a Morte duas vezes mas na terceira é enganado por ela.

*João Monteiro,*
*Natal, Rio G. do Norte.*

**Nota** – Há um conto da Baixa-Bretanha, “L’Homme Juste”, recolhido por F. M. Luezl, quase idêntico. A Morte é padrinho (Morte em bretão, *ann Ankou*, é masculino) do menino e faz o mesmo negócio com o compadre. Enriquece-o como médico e leva-o para visitar sua casa, mostrando a sala das velas. O médico vê sua vida findando, mas não protesta porque escolheu a Morte para padrinho do filho justamente por ser a mais justa das entidades. Paul Sébillot, “Contes des Provinces de France”, LIV, 264. A representação da vida humana pela vela, lâmpada, é universal. Leo Frobenius registra um conto dos Kabilas, África setentrional, onde as Teriel (feiticeiras antropófagas) têm uma sala com as lâmpadas da vida, “Histoire de la Civilization Africaine”, tradução de Back e Ermont, 6ª ed., Paris, 1936, XLIV, 263. É o Mt. 332 de Aarne-Thompson, *Death as Godfather*, com os elementos Z 111, Z 113, K 557, K 551.1. Conheço as versões portuguesas de Adolfo Coelho, “Comadre Morte”, e a de Consiglieri Pedroso, “A Morte que

fez um homem rico”, XLII. O compadre enganou-a pedindo vida enquanto rezasse um Padre-Nosso, interminável. Em ambos os contos a Morte finge de homem morto e o compadre, não a reconhecendo, reza o Padre-Nosso e perde a vida.

Alfred Russel Wallace, *Viagens pelos Rios Amazonas e Negro*, tradução de Eugênio Amado, 237/239, Belo Horizonte, 1979, Coleção Reconquista do Brasil, vol. 50, divulga uma versão ouvida na foz do Tocantins em junho de 1852. O amigo e protegido da Morte, para escapar ao compromisso de acompanhá-la em data determinada, raspou-se, pintando-se de escuro, fingindo-se preto velho. A Morte, não o encontrando, resolveu, para não perder oportunidade e tempo, levar justamente o negro velho.

# 12 – TRADIÇÃO

# A Música dos Chifres Ocos e Perfurados

Na capoeira de Mamanguape pasta uma notável população de veados. Vivem soltos e perseguidos pelos caçadores impenitentes. Muitos vão dar na praia enlouquecidos pela perseguição. Ficam bêbedos de cansaço e desespero. Nestas circunstâncias não é difícil ser abatido pelos pescadores que gostam muito de carne. O peixe é prato de todos os dias. Vez por outra não faz mal uma variação de alimento. E assim a espécie dos “galhudos” vai rareando. Entretanto a maioria dos caçadores não lhes come a carne e até a abandona em pleno mato. Tirado o couro, gostam é de chegar com o troféu, exibindo-o, só pelo prazer de ostentá-lo – e mais nada. A caça verifica-se em certos dias. Não se faz assim de repente apenas pela alegria da aventura. Veado nem sempre pode ser pegado pelos cachorros e pelas balas da espingarda.

O motivo da escolha cuidadosa da ocasião de persegui-lo vem de um fato bem notório que toda gente entendida no negócio proclama como absolutamente verdadeiro. Existem nas capoeiras alguns veados chefes de bando que costumam reunir o seu “povo” para um remoer mais demorado na tranquilidade. A convocação é feita por intermédio de uma harmonia de música que toca a todos os corações. Ninguém poderá ouvi-la sem ficar inteiramente dominado e vencido nos seus propósitos

inferiores. A beleza tem disso: amolece as energias empregadas no sentido do mal. E como caçar não deixa de ser uma impiedade, fica adiada a perseguição, fica para outro dia, pois o caçador foi posto à margem, é supersticioso e não ama contrariar as forças da natureza quando elas se manifestam tão maravilhosamente.

A demonstração de uma intensa melodia (notas estranhas e deliciosas já bem conhecidas do homem que corre as matas de arma ao ombro e sacola de balas a tiracolo) vem como sinal de advertência generosa. Quem transgredir a norma histórica terá de arcar com as consequências nem sempre agradáveis. As surpresas então se tornarão constantes e prejudiciais. E não há necessidade de enfrentá-las assim de caso pensado. O melhor é aguardar outra vez. Fica para amanhã. Fica para depois. Em qualquer tempo é tempo para o “prazer da perseguição”. Aquela música divina não é ouvida com frequência, é mesmo coisa um tanto rara nas sextas-feiras, nos sábados e nos domingos. Nos outros dias da semana a caça não se faz de preferência por causa do trabalho de campo e outras obrigações de ganha-pão a que o homem ordinariamente se acha sujeito. Portanto não convém ir de encontro às determinações dos deuses ocultos que dirigem os movimentos na floresta ou nos tabuleiros.

Rebanhos enormes se reúnem em torno dos chamados “galhudos”. Estes no meio como que dirigindo a sessão. Em torno se encontra a veadaria deitada em remansoso descanso. Os mateiros mais afoitos se arrastam cautelosamente até lá com o fim de apreciar o concerto

incomparável. Impõe-se muito cuidado para evitar o menor barulho. Qualquer atrito de folha seca é razão para que os ouvidos fiquem atentos. Ficam à escuta para uma arrancada louca de precipitação. Mas quando acontece tal curiosidade é porque prevaleceu o enfeitiçamento do caçador arrastado pelos encantos de uma música que tem qualquer coisa de sortilégio. Não tem preocupações de fazer mal. Chega mesmo a abandonar as armas para melhor facilitar a aproximação sutil nos seus movimentos de caçador.

Os veados velhos mostram vinte e três chifres ocos e perfurados como flauta. O vento sopra com uma suavidade de nordeste. E faz arrancar dos chifres os sons mais sentidos de uma orquestra completa que toca para amenizar a vida perseguida – e mesmo infeliz de uma raça que entre os animais da região faz as vezes do judeu escorraçado pela inveja dos que não possuem predicados de inteligência e habilidade. A reunião prossegue pela noite adentro. Não é difícil apurar o ouvido e sentir na madrugada fria dos tabuleiros as melodias mais belas que o vento arranca dos vinte e três chifres ocos e perfurados como flauta. Depois vem a dispersão. Cada qual para o seu canto. E que trate de livrar-se da sanha criminosa dos seus perseguidores. O fim da semana é para se viver debaixo de toda cautela. Muito cuidado. Ainda assim é quando o caçador consegue livremente exercer a sua diversão extravagante e injusta. Sai para matar sem levar na alma a menor sombra de preocupação com os imprevistos maus que lhe possam acontecer.

*Ademar Vidal,*
*João Pessoa, Paraíba.*

**Nota** – Essa curiosa tradição que o escritor Ademar Vidal recolheu em Mamanguape, Paraíba, ressuscita o Sadhuzag, o grande veado negro, de cabeça de touro, espécime de bestiário fabuloso que Gustave Flaubert recenseou na "*A Tentação de Santo Antão"* (trad. de João Barreiro, Porto, 1902, p. 220). Os veados paraibanos de Mamanguape fazem soar seus vinte e três chifres melódicos, quando o Sadhuzag seduzia pela tubulatura de setenta e quatro galhos sonoros. Assim evoca o trecho de Flaubert: – "*O Sadhuzag*" – Os meus setenta e quatro esgalhos são ocos como flautas. Quando me volto para o vento sul, produzem sons que atraem os animais encantados. As serpentes enrolam-se às minhas pernas, as vespas colam-se ao meu focinho, e os papagaios, as pombas e as ibis vêm pousar nos meus ramos. Escuta! Inclina os paus, de onde sai uma música inefavelmente doce. Então põe as mãos no peito. Parece-lhe que esta melodia lhe vai arrebatar a alma. O Sadhuzag: – Mas quando me volto para o vento norte, as minhas hastes, mais espessas que um feixe de lanças, expelem um uivo. Os bosques tremem, os rios voltam atrás, a casca dos frutos rebenta, e as ervas levantam-se como os cabelos de um medroso. Escuta! Faz pender as hastes, de onde saem gritos discordantes; Então sente-se como um dilacerado".

# Bibliografia de Luís da Câmara Cascudo

## Livros

### Década de 1920

*Alma patrícia.* (Crítica literária). Natal: Atelier Typ. M. Victorino, 1921. 189p. Edição atual – 2. ed. Mossoró: ESAM, 1991. Coleção Mossoroense, série C, v. 743. 189p.

*Histórias que o tempo leva...* (Da História do Rio Grande do Norte). São Paulo: Monteiro Lobato & Co., 1924. 236p. Edição atual – Mossoró: ESAM, 1991. Coleção Mossoroense, série C, v. 757. 236p.

*Joio*. (Páginas de literatura e crítica). Natal: Off. Graf. d'A Imprensa, 1924. 176p. Edição atual – 2. ed. Mossoró: ESAM, 1991. Coleção Mossoroense, série C, v. 749. 176p.

*López do Paraguay.* Natal: Typ. d'A República, 1927. 114p. Edição atual – 2. ed. Mossoró: ESAM, 1995. Coleção Mossoroense, série C, v. 855. 114p.

### Década de 1930

*O homem americano e seus temas.* (Tentativa de síntese). Natal: Imprensa Oficial, 1933. 71p. Edição atual – 2. ed. Mossoró: ESAM, 1992. 71p.

*O Conde d'Eu.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. Brasiliana, 11. 166p.

*Viajando o sertão.* Natal: Imprensa Oficial, 1934. 52p. Edição atual – 4. ed. São Paulo: Global, 2009. 102p.

*Em memória de Stradelli (1852-1926).* Manaus: Livraria Clássica, 1936. 115p. Edição atual – 3. ed. revista.

Manaus: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2001. 132p.

*O Doutor Barata – político, democrata e jornalista.* Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1938. 68p.

*O Marquês de Olinda e seu tempo (1793-1870).* São Paulo: Editora Nacional, 1938. Brasiliana, 107. 348p.

*Governo do Rio Grande do Norte.* (Cronologia dos capitães-mores, presidentes provinciais, governadores republicanos e interventores federais, de 1897 a 1939). Natal: Livraria Cosmopolita, 1939. 234p. Edição atual – Mossoró: ESAM, 1989. Coleção Mossoroense, série C, v. DXXVI.

*Vaqueiros e cantadores.* (Folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará). Porto Alegre: Globo, 1939. Biblioteca de Investigação e Cultura. 274p. Edição atual – 3.ed. – São Paulo: Global, 2005. 357p.

**Década de 1940**

*Informação de História e Etnografia.* Recife: Of. de Renda, Priori & Cia., 1940. 211p. Edição atual – Mossoró: ESAM, 1991. Coleção Mossoroense, série C, v. I-II. 211p.

*Antologia do folclore brasileiro.* São Paulo: Livraria Martins, 1944. 2v. 502p. Edição atual – 9. ed. São Paulo: Global, 2004. v. 1. 323p. Edição atual – 6. ed. São Paulo: Global, 2004. v. 2. 333p.

*Os melhores contos populares de Portugal.* Seleção e estudo. Rio de Janeiro: Dois Mundos Editora, 1944. Coleção Clássicos e Contemporâneos, 16. 277p.

*Lendas Brasileiras.* (21 Histórias criadas pela imaginação de nosso povo) – Rio de Janeiro: Leo Jerônimo Schidrowitz, 1945. Confraria dos Bibliófilos Brasileiros Cattleya Alba. 89p. Edição atual – 9. ed. São Paulo: Global, 2005. 168p.

*Contos tradicionais do Brasil.* (Confronto e notas). Rio de Janeiro: Americ-Edit, 1946. Col. Joaquim Nabuco, 8. 405p. Edição atual – 13. ed. São Paulo: Global, 2004. 318p.

*Geografia dos mitos brasileiros.* Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1947. Coleção Documentos Brasileiros, v. 52. 467p. Edição atual – 3. ed. São Paulo: Global, 2002. 396p.

*História da Cidade do Natal.* Natal: Edição da Prefeitura Municipal, 1947. 411p. Edição atual – 4. ed. Natal, RN: EDUFRN, 2010. 692p. Coleção História Potiguar.

*O homem de espanto.* Natal: Galhardo, 1947. 204p.

*Os holandeses no Rio Grande do Norte.* Natal: Editora do Departamento de Educação, 1949. 72p.

## Década de 1950

*Anúbis e outros ensaios: mitologia e folclore.* Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1951. 281p. Edição atual – 2. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF: Achiamé; Natal: UFRN, 1983. 224p.

*Meleagro: depoimento e pesquisa sobre a magia branca no Brasil.* Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1951. 196p. Edição atual – 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1978. 208p.

*História da Imperatriz Porcina.* (Crônica de uma novela do século XVI, popular em Portugal e Brasil). Lisboa: Edições de Álvaro Pinto, Revista Ocidente, 1952. 83p.

*Literatura Oral no Brasil.* Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1952. Coleção Documentos Brasileiros, v. 6 da História da Literatura Brasileira. 465p. Edição Atual – 4. ed. São Paulo: Global, 2006. 480p.

*Em Sergipe d'El Rey.* Aracaju: Edição do Movimento Cultural de Sergipe, 1953. 106p.

*Cinco livros do povo: introdução ao estudo da novelística no Brasil.* Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1953. Coleção Documentos Brasileiros, v. 72. 449p. Edição Atual – 3. ed. (Fac-similada). João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1994. 449p.

*Antologia de Pedro Velho de Albuquerque Maranhão.* Natal: Departamento de Imprensa, 1954. 250p.

*Dicionário do Folclore Brasileiro.* Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954. 660p. Edição atual – 12. ed. São Paulo: Global, 2012. 756p.

*História de um homem: João Severiano da Câmara.* Natal: Departamento de Imprensa, 1954. 138p.

*Contos de encantamento.* Salvador: Editora Progresso, 1954. 124p.

*Contos exemplares.* Salvador: Editora Progresso, 1954. 91p.

*História do Rio Grande do Norte.* Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1955. 524p. Edição atual – Natal: Fundação José Augusto/Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. 529p.

*Notas e documentos para a História de Mossoró.* Natal: Departamento de Imprensa, 1955. Coleção Mossoroense, série C, 2.254p. Edição atual – 5. ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2010. 300p. Coleção Mossoroense, série C, v. 1.571.

*Notícia histórica do município de Santana do Matos.* Natal: Departamento de Imprensa, 1955. 139p.

*Trinta "estórias" brasileiras.* Porto: Editora Portucalense, 1955. 170p.

*Geografia do Brasil holandês.* Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956. Coleção Doc. Bras., v. 79. 303p.

*Tradições populares da pecuária nordestina.* Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Agrícola, 1956. Brasil.

Doc. Vida Rural, 9. 78p.

*Vida de Pedro Velho.* Natal: Departamento de Imprensa, 1956. 140p. Edição atual – Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2008. 170p. Coleção Câmara Cascudo: memória e biografias.

*Jangada: uma pesquisa etnográfica.* Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1957. Coleção Vida Brasileira. 181p. Edição atual – 3. ed. São Paulo: Global, 2002. 170p.

*Jangadeiros.* Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Agrícola, 1957. Brasil. Doc. Vida Rural, 11. 60p.

*Superstições e costumes.* (Pesquisas e notas de etnografia brasileira) Rio de Janeiro: Antunes, 1958. 260p.

*Canto de muro: romance de costumes.* Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1959. 266p. Edição atual – 4. ed. São Paulo: Global, 2006. 230p.

*Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica.* Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1959. Coleção Vida Brasileira, 16. 242p. Edição atual – 2. ed. São Paulo: Global, 2003. 231p.

## Década de 1960

*Ateneu norte-rio-grandense: pesquisa e notas para sua história.* Natal: Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte, 1961. Coleção Juvenal Lamartine. 65p.

*Vida breve de Auta de Souza, 1876-1901.* Recife: Imprensa Oficial, 1961. 156p. Edição atual – Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2008. 196p. Coleção Câmara Cascudo: memória e biografias.

*Grande fabulário de Portugal e do Brasil.* [Autores: Câmara Cascudo e Vieira de Almeida]. Lisboa: Fólio Edições Artísticas, 1961. 2v.

*Dante Alighieri e a tradição popular no Brasil.* Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1963. 326p. Edição atual – 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1979. 326p.

*Motivos da literatura oral da França no Brasil.* Recife: [s.ed.], 1964. 66p.

*Dois ensaios de História: A intencionalidade do descobrimento do Brasil. O mais antigo marco de posse.* Natal: Imprensa Universitária do Rio Grande do Norte, 1965. 83p.

*História da República no Rio Grande do Norte. Da propaganda à primeira eleição direta para governador.* Rio de Janeiro: Edições do Val, 1965. 306p.

*Nosso amigo Castriciano, 1874-1947: reminiscências e notas.* Recife: Imprensa Universitária, 1965. 258p. Edição atual – Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2008. Coleção Câmara Cascudo: memória e biografias.

*Made in Africa.* (Pesquisas e notas). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965. Perspectivas do Homem, 3. 193p. Edição atual – 2. ed. São Paulo: Global, 2002. 185p.

*Flor de romances trágicos.* Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1966. 188p. Edição atual – Natal: Fundação José Augusto/Rio de Janeiro: Cátedra, 1982. 189p.

*Voz de Nessus.* João Pessoa: Departamento Cultural da UFPB, 1966. 108p.

*Folclore do Brasil.* (Pesquisas e notas). Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967. 258p. Edição atual – 3. ed. São Paulo: Global, 2012. 232p.

*Jerônimo Rosado (1861-1930): uma ação brasileira na província.* Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1967. 220p.

*Mouros, franceses e judeus (Três presenças no Brasil).* Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1967. 154p. Edição

atual – 3. ed. São Paulo: Global, 2001. 111p.

*História da alimentação no Brasil.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, v. 1, 1967. 396p.; v. 2, 1968. 539p. Edição atual – 4. ed. São Paulo: Global, 2011. 954p.

*Coisas que o povo diz.* Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1968. 206p. Edição atual – 2. ed. São Paulo: Global, 2009. 155p.

*Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte.* Natal: Fundação José Augusto, 1968. 321p. Edição atual – Natal: Sebo Vermelho Edições, 2002. 321p.

*O tempo e eu: confidências e proposições.* Natal: Imprensa Universitária, 1968. 338p. Edição atual – Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2008. Coleção Câmara Cascudo: memória.

*Prelúdio da cachaça.* (Etnografia, História e Sociologia da aguardente do Brasil). Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Álcool, 1968. 98p. Edição atual – 2. ed. São Paulo: Global, 2006. 86p.

*Pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginações.* Natal: Imprensa Universitária, 1969. 109p. Edição atual – 3. ed. Natal: EDUFRN, 2010. 108p. Coleção Câmara Cascudo: memória.

*A vaquejada nordestina e sua origem.* Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais – IJNPS/MEC, 969. 60p.

## Década de 1970

*Gente viva.* Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970. 189p. Edição atual – 2. ed. Natal: EDUFRN, 2010. 222p. Coleção Câmara Cascudo: memória.

*Locuções tradicionais do Brasil.* Recife: Editora Universitária, 1970. 237p. Edição atual – 4. ed. – São

Paulo: Global, 2004. 332p.

*Ensaios de Etnografia Brasileira: pesquisa na cultura popular do Brasil.* Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro (INL), 1971. 194p.

*Na ronda do tempo.* (Diário de 1969). Natal: Universitária, 1971. 168p. Edição atual – 3. ed. Natal: EDUFRN, 2010. 198p. Coleção Câmara Cascudo: memória.

*Sociologia do açúcar: pesquisa e dedução.* Rio de Janeiro: MIC, Serviço de Documentação do Instituto do Açúcar e do Álcool, 1971. Coleção Canavieira, 5. 478p.

*Tradição, ciência do povo: pesquisas na cultura popular do Brasil.* São Paulo: Editora Perspectiva, 1971. 195p. Edição atual – 2. ed. São Paulo: Global, 2013. 168p.

*Ontem: maginações e notas de um professor de província.* Natal: Editora Universitária, 1972. 257p. Edição atual – 3. ed. Natal: EDUFRN, 2010. 254p. Coleção Câmara Cascudo: memória.

*Uma história da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte: conclusões, pesquisas e documentários.* Natal: Fundação José Augusto, 1972. 487p.

*Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. 2v. 741p. Edição atual – 3. ed. – São Paulo: Global, 2004. 726p.

*Movimento da Independência no Rio Grande do Norte.* Natal: Fundação José Augusto, 1973. 165p.

*Prelúdio e fuga do real.* Natal: Fundação José Augusto, 1974. 384p. Edição atual – 2. ed. São Paulo: Global, 2014. 328p.

*Religião no povo.* João Pessoa: Imprensa Universitária, 1974. 194p. Edição atual – 2. ed. São Paulo: Global, 2011. 187p.

*O livro das velhas figuras.* Natal: Edições do IHGRN, Fundação José Augusto, 1974. v. 1. 156p.

*Folclore.* Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1975. 62p.

*O livro das velhas figuras.* Natal: Edições do IHGRN, Fundação José Augusto, 1976. v. 2. 170p.

*História dos nossos gestos: uma pesquisa na mímica no Brasil.* São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976. 252p. Edição atual – 2. ed. São Paulo: Global, 2004. 277p.

*O livro das velhas figuras.* Natal: Edições do IHGRN, Fundação José Augusto, 1977. v. 3. 152p.

*O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied no Brasil (1815-1817).* Rio de Janeiro: Editora Kosmos, 1977. 179p.

*Antologia da alimentação no Brasil.* Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977. 254p. Edição atual – 2. ed. São Paulo: Global, 2008. 304p.

*Três ensaios franceses.* Natal: Fundação José Augusto, 1977. 84p.

*Contes traditionnels du Brésil. Alléguéde, Bernard* [Tradução]. Paris: G. P. Maisonneuve et Larose, 1978. 255p.

## Década de 1980

*O livro das velhas figuras.* Natal: Edições do IHGRN, Fundação José Augusto, 1980. v. 4. 164p.

*Mossoró: região e cidade.* Natal: Editora Universitária, 1980. Coleção Mossoroense, 103. 164p. Edição atual – 2. ed. Mossoró: ESAM, 1998. Coleção Mossoroense, série C, v. 999. 164p.

*O livro das velhas figuras.* Natal: Edições do IHGRN, Fundação José Augusto, 1981. v. 5. 136p.

*Superstição no Brasil.* (Superstições e costumes, Anúbis e outros ensaios, Religião no povo) Belo Horizonte: Itatiaia;

São Paulo: EDUSP, 1985. Coleção Reconquista do Brasil. 443p. Edição atual – 5. ed. São Paulo: Global, 2002. 496p.

*O livro das velhas figuras.* Natal: Edições do IHGRN, Coojornal, 1989. v. 6. 140p.

## Década de 1990

*Notícia sobre dez municípios potiguares.* Mossoró: ESAM, 1998. Coleção Mossoroense, série C, v. 1.001. 55p.

*Os compadres corcundas e outros contos brasileiros.* Rio de Janeiro: Ediouro, 1997. 123p. Leituras Fora de Série.

## Década de 2000

*O livro das velhas figuras.* Natal: Edições do IHGRN, Sebo Vermelho, 2002. v. 7. 260p.

*O livro das velhas figuras.* Natal: Edições do IHGRN, EDUFRN – Editora da UFRN, 2002. v. 8. 138p.

*O livro das velhas figuras.* Natal: Edições do IHGRN, EDUFRN – Editora da UFRN, 2005. v. 9. 208p.

*Lendas brasileiras para jovens.* 2. ed. São Paulo: Global, 2008. 126p.

*Contos tradicionais do Brasil para jovens.* 2. ed. São Paulo: Global, 2006. 125p.

*No caminho do avião... Notas de reportagem aérea (1922-1933).* Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2007. 84p.

*O livro das velhas figuras.* Natal: Edições do IHGRN, Sebo Vermelho, 2008. v. 10. 193p.

*A Casa de Cunhaú.* (História e Genealogia). Brasília: Edições do Senado Federal, v. 45, 2008. 182p.

*Vaqueiros e cantadores para jovens.* São Paulo: Global, 2010. 142p.

## Edições traduzidas, organizadas, compiladas e anotadas

*Versos, de Lourival Açucena.* [Organização e anotações]. Natal: Typ. d'A Imprensa, 1927. 93p. Edição atual – 2. ed. Natal: Universitária, Coleção Resgate, 1986. 113p.

*Viagens ao Nordeste do Brasil, de Henry Koster.* [Tradução]. São Paulo: Editora Nacional, 1942.

*Festas e tradições populares do Brasil, de Mello Moraes.* [Revisão e notas]. Rio de Janeiro: Briguiet, 1946. 551p.

*Os mitos amazônicos da tartaruga, de Charles Frederick Hartt.* [Tradução e notas]. Recife: Arquivo Público Estadual, 1952. 69p.

*Cantos populares do Brasil, de Sílvio Romero.* [Anotações]. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2v., 1954. Coleção Documentos Brasileiros, Folclore Brasileiro, 1. 711p.

*Contos populares do Brasil, de Sílvio Romero.* [Anotações]. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1954. Coleção Documentos Brasileiros, Folclore Brasileiro, 2. 411p.

*Poesia, de Domingos Caldas Barbosa.* [Compilação]. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1958. Coleção Nossos Clássicos, 16. 109p.

*Poesia, de Antônio Nobre.* [Compilação]. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1959. Coleção Nossos Clássicos, 41. 103p.

*Paliçadas e gases asfixiantes entre os indígenas da América do Sul, de Erland Nordenskiold.* [Introdução e notas]. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961. 56p.

*Os ciganos e cancioneiros dos ciganos, de Mello Moraes.* [Revisão e notas]. Belo Horizonte: [s.ed.], 1981.

## Opúsculos

## Década de 1930

*A intencionalidade no descobrimento do Brasil.* Natal: Imprensa Oficial, 1933. 30p.

*O mais antigo marco colonial do Brasil.* Natal: Centro de Imprensa, 1934. 18p.

*O brasão holandês do Rio Grande do Norte.* Natal: Imprensa Oficial, 1936.

*Conversa sobre a hipoteca.* São Paulo: [s.ed.], 1936. (Apud Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, v. 40, n. 28, dez. 1998.)

*Os índios conheciam a propriedade privada?* São Paulo: [s.ed.], 1936. (Apud Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, v. 40, n. 28, dez. 1998.)

*Uma interpretação da couvade.* São Paulo: [s.ed.], 1936. (Apud Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, v. 40, n. 28, dez. 1998.)

*Notas para a história do Ateneu.* Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1937. (Apud Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, v. 40, n. 28, dez. 1998.)

*Peixes no idioma Tupi.* Rio de Janeiro: [s.ed.], 1938. (Apud Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, v. 40, n. 28, dez. 1998.)

## Década de 1940

*Montaigne e o índio brasileiro.* [Tradução e notas do capítulo “Des caniballes” do Essais]. São Paulo: Cadernos da Hora Presente, 1940.

*O Presidente parrudo*. Natal: [s.ed.], 1941. (Apud Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, v. 40, n. 28, dez. 1998.)

*Sociedade Brasileira de Folk-lore.* Natal: Oficinas do DEIP, 1942. 14p.

*Simultaneidade de ciclos temáticos afro-brasileiros.* Porto: [s.ed.], 1948. (Apud Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, v. 40, n. 28, dez. 1998.)

*Conferência (Tricentenário dos Guararapes).* [separata] Revista do Arquivo Público, n. VI. Recife: Imprensa Oficial, 1949. 15p.

*Consultando São João: pesquisa sobre a origem de algumas adivinhações.* Natal: Departamento de Imprensa, 1949. Sociedade Brasileira de Folclore, 1. 22p.

*Gorgoneion* [separata]. Revista “Homenaje a Don Luís de Hoyos Sainz”, 1. Madrid: Valerá, 1949. 11p.

## Década de 1950

*O símbolo jurídico do Pelourinho.* [separata]. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Natal: [s.ed.], 1950. 21p.

*O Folk-lore nos Autos Camoneanos.* Natal: Departamento de Imprensa, 1950. 18p.

*Conversa sobre direito internacional público.* Natal: [s.ed.], 1951 (Apud Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, v. 40, n. 28, dez. 1998.)

*Atirei um limão verde.* Porto: [s.ed.], 1951 (Apud Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, v. 40, n. 28, dez. 1998.)

*Os velhos entremezes circenses.* Porto: [s.ed.], 1951 (Apud Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, v. 40, n. 28, dez. 1998.)

*Custódias com campainhas.* [separata]. Revista Oficial do Grêmio dos Industriais de Ourivesaria do Norte. Porto: Ourivesaria Portuguesa, 1951. Capítulo XI. 108p.

*A mais antiga igreja do Seridó.* Natal: [s.ed.], 1952 (Apud Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, v. 40, n. 28, dez. 1998.)

*Tradición de un cuento brasileño.* [separata]. Archivos Venezolanos de Folklore. Caracas: Universidade Central, 1952.

*Com D. Quixote no folclore brasileiro.* [separata]. Revista de Dialectología y Tradiciones Populares. Madrid: C. Bermejo, 1952. 19p.

*O poldrinho sertanejo e os filhos do vizir do Egito.* [separata]. Revista Bando, ano III, v. III, n. 3. Natal: [s.ed.], 1952. 15p.

*Na casa de surdos.* [separata]. Revista de Dialectología y Tradiciones Populares, 9. Madrid: C. Bermejo, 1952. 21p.

*A origem da vaquejada no Nordeste do Brasil.* [separata]. Douro-Litoral, 3/4, 5ª série. Porto: Simões Lopes, 1953. 7p.

*Alguns jogos infantis no Brasil.* [separata]. Douro-Litoral, 7/8, 5ª série. Porto: Simões Lopes, 1953. 5p.

*No tempo em que os bichos falavam.* Salvador: Editora Progresso, 1954. 37p.

*Cinco temas do Heptaméron na literatura oral ibérica.* [separata]. Douro-Litoral, 5/6, 6ªsérie. Porto: Simões Lopes, 1954. 12p.

*Os velhos caminhos do Nordeste.* Natal: [s.ed.], 1954 (Apud Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, v. 40, n. 28, dez. 1998).

*Notas para a história da Paróquia de Nova Cruz.* Natal: Arquidiocese de Natal, 1955. 30p.

*Paróquias do Rio Grande do Norte.* Natal: Departamento de Imprensa, 1955. 30p.

*Bibliografia.* Natal: Lira, 1956. 7p.

*Comadre e compadre.* [separata]. Revista de Dialectología y Tradiciones Populares, 12. Madrid: C. Bermejo, 1956. 12p.

*Sociologia da abolição em Mossoró.* [separata]. Boletim Bibliográfico, n. 95-100. Mossoró: [s.ed.], 1956. 6p.

*A função dos arquivos.* [separata]. Revista do Arquivo Público, 9/10, 1953. Recife: Arquivo Público Estadual/SIJ, 1956. 13p.

*Exibição da prova de virgindade.* [separata]. Revista Brasileira de Medicina, v. XIV, n. 11. Rio de Janeiro: [s.ed.], 1957. 6p.

*Três poemas de Walt Whitman.* [Tradução]. Recife: Imprensa Oficial, 1957. Coleção Concórdia. 15p. Edição atual – Mossoró: ESAM, 1992. Coleção Mossoroense, série B, n. 1.137. 15p.

*O mosquiteiro é ameríndio?* [separata]. Revista de Dialectología y Tradiciones Populares, 13. Madrid: C. Bermejo, 1957. 7p.

*Promessa de jantar aos cães.* [separata]. Revista de Dialectología y Tradiciones Populares, 14. Madrid: C. Bermejo, 1958. 4p.

*Assunto latrinário.* [separata]. Revista Brasileira de Medicina, v. XVI, n. 7. Rio de Janeiro: [s.ed.], 1959. 7p.

*Levantando a saia...* [separata]. Revista Brasileira de Medicina, v. XVI, n. 12. Rio de Janeiro: [s.ed.], 1959. 8p.

*Universidade e civilização.* Natal: Departamento de Imprensa, 1959. 12p. Edição atual – 2. ed. Natal: Editora Universitária, 1988. 22p.

*Canção da vida breve.* [separata]. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Faculdade de Ciências do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1959.

## Década de 1960

*Complexo sociológico do vizinho.* [separata]. Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos Dr. José Leite de

Vasconcelos, Junta de Província do Douro Litoral, 18, V. II. Porto: Imprensa Portuguesa, 1960. 10p.

*A família do Padre Miguelinho.* Natal: Departamento de Imprensa, 1960. Coleção Mossoroense, série B, 55. 32p.

*A noiva de Arraiolos.* [separata]. Revista de Dialectología y Tradiciones Populares, 16. Madrid: C. Bermejo, 1960. 3p.

*Etnografia e direito.* Recife: Imprensa Oficial, 1961. 27p.

*Breve história do Palácio da Esperança.* Natal: Departamento de Imprensa, 1961. 46p.

*Roland no Brasil.* Natal: Tip. Santa Teresinha, 1962. 11p.

*Temas do Mireio no folclore de Portugal e Brasil.* [separata]. Revista Ocidente, 64, jan. Lisboa: [s.ed.], 1963.

*História da alimentação no Brasil.* [separata]. Revista de Etnografia, 1, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1963. 7p.

*A cozinha africana no Brasil.* Luanda: Imprensa Nacional de Angola, 1964. Publicação do Museu de Angola. 36p.

*O bom paladar é dos ricos ou dos pobres?* [separata]. Revista de Etnografia, Museu de Etnografia e História. Porto: Imprensa Portuguesa, 1964. 6p.

*Ecce iterum macaco e combuca*. [separata]. Revista de Etnografia, 7, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1965. 4p.

*Macaco velho não mete a mão em cambuca.* [separata]. Revista de Etnografia, 6, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1965. 4p.

*Prelúdio da Gaita.* [separata]. Revista de Etnografia, 8, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1965. 4p.

*Presença moura no Brasil.* [separata]. Revista de Etnografia, 9, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1965. 13p.

*Prelúdio da cachaça.* [separata]. Revista de Etnografia, 11, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1966. 17p.

*História de um livro perdido.* [separata]. Arquivos do Instituto de Antropologia Câmara Cascudo, v. II, n. 1-2. Natal: UFRN, 1966. 19p.

*Abóbora e jirimum*. [separata]. Revista de Etnografia, 12, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1966. 6p.

*O mais pobre dos dois...* [separata]. Revista de Dialectología y Tradiciones Populares, tomo XXII, Cuadernos 1º y 2º. Madrid: C. Bermejo, 1966. 6p.

*Duó.* Mossoró: ESAM, 1966. Coleção Mossoroense, série B, n. 82. 19p.

*Viagem com Mofina Mendes ou da imaginação determinante.* [separata]. Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Letras, 9. Lisboa: [s.ed.], 1966. 18p.

*Ancha es Castilla!* [separata]. Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Letras, tomo X. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, 1967. 11p.

*Folclore do mar.* [separata]. Revista de Etnografia, 13, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1967. 8p.

*A banana no Paraíso*. [separata]. Revista de Etnografia, 14, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1967. 4p.

*Desejo e Couvade.* [separata]. Revista de Etnografia, 17, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1967. 4p.

*Terras de Espanha, voz do Brasil (Confrontos e semelhanças).* [separata]. Revista de Etnografia, 16, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1967. 25p.

*Calendário das festas.*. Rio de Janeiro: MEC, 1968. Caderno de Folclore, 5. 8p.

*Às de Vila Diogo.* [separata]. Revista de Etnografia, 18, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1968. 4p.

*Assunto gago.* [separata]. Revista de Etnografia, 19, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1968. 5p.

*Vista de Londres.* [separata]. Revista de Etnografia, 20, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1968. 29p.

*A vaquejada nordestina e sua origem.* Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1969. 48p.

*Aristófanes. Viva o seu Personagem...* [separata]. Revista "Dionysos", 14(17), jul. 1969. Rio de Janeiro: SNT/MEC, 1969. 11p.

*Ceca e Meca.* [separata]. Revista de Etnografia, 22, Museu de Etnografia e História da Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1969. 9p.

*Dezembrada e seus heróis: 1868/1968.* Natal: DEI, 1969. 30p.

*Disputas gastronômicas.* [separata]. Revista de Etnografia, 23, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1969. 5p.

*Esta he Lixboa Prezada...* [separata]. Revista de Etnografia, 21, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1969. 19p.

*Locuções tradicionais.* [separata]. Revista Brasileira de Cultura, 1, jul/set. Rio de Janeiro: CFC, 1969. 18p.

*Alexander von Humboldt: um patrimônio imortal – 1769-1969.* [Conferência]. Natal: Nordeste, 1969. 21p.

*Desplantes*. [separata]. Revista do Arquivo Municipal, v. 176, ano 32. São Paulo: EGTR, 1969. 12p.

**Década de 1970**

*Conversa para o estudo afro-brasileiro.* [separata]. Cadernos Brasileiros CB, n. 1, ano XII, n. 57, janeiro-fevereiro. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda., 1970. 11p.

*O morto no Brasil.* [separata]. Revista de Etnografia, 27, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1970. 18p.

*Notícias das chuvas e dos ventos no Brasil.* [separata]. Revista de Etnografia, 26, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1970. 18p.

*Três notas brasileiras.* [separata]. Boletim da Junta Distrital de Lisboa, 73/74. Lisboa: Ramos, Afonso & Moita Ltda., 1970. 14p.

*Água do Lima no Capibaribe.* [separata]. Revista de Etnografia, 28, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1971. 7p.

*Divórcio no talher.* [separata]. Revista de Etnografia, 32, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1972. 4p.

*Folclore nos Autos Camoneanos.* [separata]. Revista de Etnografia, 31, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1972. 13p.

*Uma nota sobre o cachimbo inglês.* [separata]. Revista de Etnografia, 30, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1972. 11p.

*Visão do folclore nordestino.* [separata]. Revista de Etnografia, 29, Museu de Etnografia e História, Junta Distrital do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1972. 7p.

*Caminhos da convivência brasileira.* [separata]. Revista Ocidente, 84. Lisboa: [s.ed.], 1973.

*Meu amigo Thaville: evocações e panorama.* Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1974. 48p.

*Mitos brasileiros.* Rio de Janeiro: MEC, 1976. Cadernos de Folclore, 6. 24p.

*Imagens de Espanha no popular do Brasil.* [separata]. Revista de Dialectología y Tradiciones Populares, 32. Madrid: C. Bermejo, 1976. 9p.

*Mouros e judeus na tradição popular do Brasil.* Recife: Governo do Estado de Pernambuco, Departamento de Cultura/SEC, 1978. 45p.

*Breve História do Palácio Potengi.* Natal: Fundação José Augusto, 1978. 48p.

**Década de 1990**

*Jararaca*. [separata]. Mossoró: ESAM, 1990. Coleção Mossoroense, série B, n. 716. 13p.

*Jesuíno Brilhante.* [separata]. Mossoró: ESAM, 1990. Coleção Mossoroense, série B, n. 717. 15p.

*Mossoró e Moçoró.* [separata]. Mossoró: ESAM, 1991. 10p.

*Acari, Caicó e Currais Novos.* [separata]. Revista Potyguar. Mossoró: ESAM, 1991.

*Caraúbas, Assú e Santa Cruz.* [separata]. Revista Potyguar. Mossoró: ESAM, 1991. 11p. Edição atual – Mossoró: ESAM, 1991. Coleção Mossoroense, série B, n. 1.047. 11p.

*A carnaúba.* [fac-símile]. Revista Brasileira de Geografia. Mossoró: ESAM, 1991. 61p. Edição atual – Mossoró:

ESAM, 1998. Coleção Mossoroense, série C, v. 996. 61p.

*Natal.* [separata]. Revista Potyguar. Mossoró: ESAM/FGD, 1991.

*Mossoró e Areia Branca.* [separata]. Revista Potyguar. Mossoró: ESAM/FGD, 1991. 17p.

*A família norte-rio-grandense do primeiro bispo de Mossoró.* Mossoró: ESAM/FGD, 1991.

*A "cacimba do padre" em Fernando de Noronha.* Natal: Sebo Vermelho, Fundação José Augusto, 1996. 12p.

*O padre Longino, um tema proibido.* Mossoró: ESAM, 1998. Coleção Mossoroense, série B, n. 1.500. 11p.

*Apresentação do livro de José Mauro de Vasconcelos, Banana Brava, romance editado pela AGIR em 1944.* Mossoró: ESAM, 1998. Coleção Mossoroense, série B, n. 1.586. 4p.

*História da alimentação no Brasil.* [separata]. Natal: Edições do IHGRN, 1998. 7p.

*Cidade do Natal.* Natal: Sebo Vermelho, 1999. 34p.

*O outro Monteiro Lobato.* [Acta Diurna]. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1999. 5p.

## Década de 2000

*O marido da Mãe-d'água. A princesa e o gigante.* 2. ed. São Paulo: Global, 2001. 16p. Coleção Contos de Encantamento.

*Maria Gomes.* 3. ed. São Paulo: Global, 2002. 16p. Coleção Contos de Encantamento.

*Couro de piolho.* 3. ed. São Paulo: Global, 2002. 16p. Coleção Contos de Encantamento.

*A princesa de Bambuluá.* 3. ed. São Paulo: Global, 2003. 16p. Coleção Contos de Encantamento.

*La princesa de Bambuluá.* São Paulo: Global, 2006. 16p. Colección Cuentos de Encantamientos.

*El marido de la madre de las aguas. La princesa y el gigante.* São Paulo: Global, 2006. 16p. Colección Cuentos de Encantamientos.

*O papagaio real.* São Paulo: Global, 2004. 16p. Coleção Contos de Encantamento.

*Facécias: contos populares divertidos.* São Paulo: Global, 2006. 24p.

**© Anna Maria Cascudo Barreto e Fernando Luís da Câmara Cascudo, 1999**

1ª Edição Digital, Global Editora, 2014

**Jefferson L. Alves** - diretor editorial
**Flávio Samuel** - gerente de produção
**Eduardo Okuno** - produção digital
**Dulce S. Seabra** - gerente editorial
**Daliana Cascudo Roberti Leite** - estabelecimento do texto e revisão final
**Alessandra Biral e João Reynaldo de Paiva** - assistentes editoriais
**Roberta Oliveira Stracieri e Tatiana Y. Tanaka** - revisão
**Marcelo Azevedo** - capa
**Eder Chiodetto** - foto de capa

**CIP-BRASIL. Catalogação na fonte**
**Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ**

C331c
Cascudo, Luís da Câmara, 1898-1986.
Contos tradicionais do Brasil [recurso eletrônico] / Luís da Câmara Cascudo. − São Paulo : Global, 2013
recurso digital
Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-260-1825-9 (recurso eletrônico)

1.Contos folclóricos - Brasil. 2. Livros Eletrônicos. I. Título.

13-1307.
CDD: 398.20981
CDU: 398.2(81)

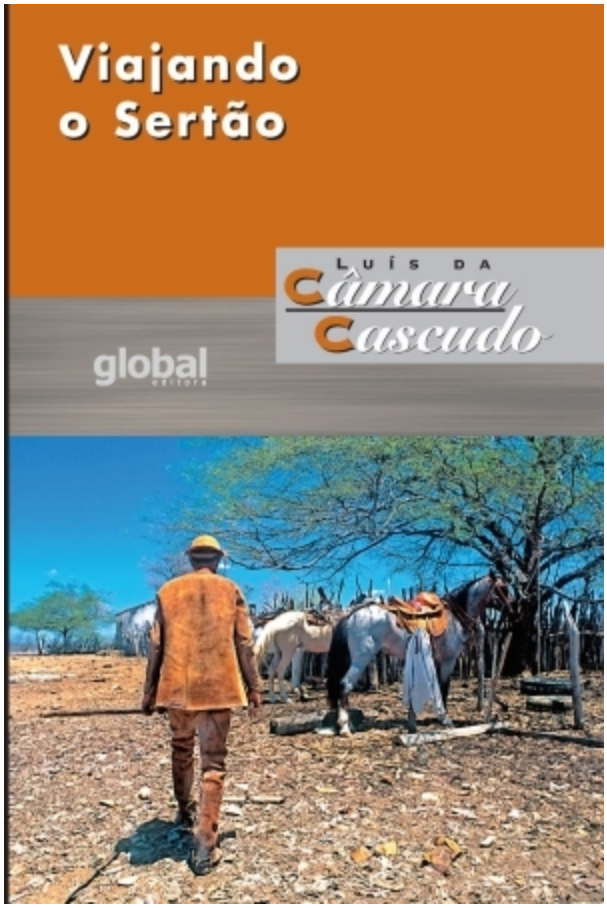
Obra atualizada conforme o
**Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**

Direitos Reservados
**global editora e distribuidora ltda.**

Rua Pirapitingui, 111 – Liberdade
CEP 01508-020 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3277-7999 – Fax: (11) 3277-8141
e-mail: global@globaleditora.com.br
www.globaleditora.com.br

Colabore com a produção científica e cultural.
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem a autorização do editor.
Nº de Catálogo: **2140.eb**


Viajando
o Sertão
Luís da
Câmara
Cascudo
global
editora

# Viajando o Sertão

Cascudo, Luís da Câmara

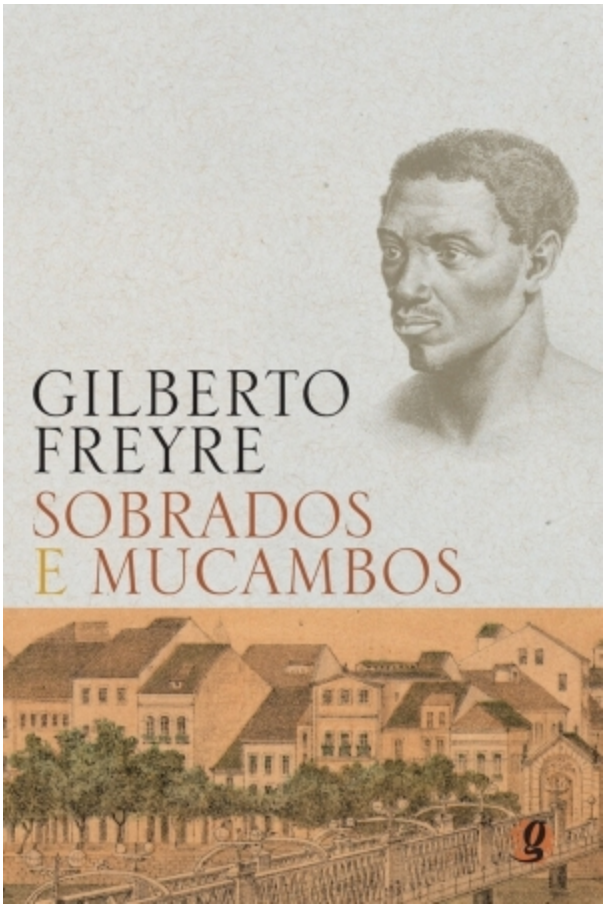
9788526017252

102 páginas

Compre agora e leia

As dezoito crônicas deste volume, publicadas originalmente no jornal A República, entre 31 de maio e 29 de junho de 1934, constituem o relato de uma viagem pelo Sertão nordestino empreendida por Câmara Cascudo ao lado do interventor federal e de outras autoridades locais.
Aqui o autor faz um minucioso relato da vida sertaneja, quase um estudo, sobre santeiros, arte religiosa e igrejas, sobre a família e as práticas de sociabilidade no Sertão, sobre o modo de falar do povo, sua música e cantorias, sobre a relevância da carnaúba na paisagem, na economia e na cultura local, sobre os caminhos sertanejos e também sobre o cangaço.
Obra da maturidade, trata-se de mais uma contribuição seminal do autor potiguar à cultura brasileira.

Compre agora e leia


GILBERTO
FREYRE
SOBRADOS
E MUCAMBOS

# Sobrados e mucambos

Freyre, Gilberto
9788526018198
976 páginas

Compre agora e leia

Em "Sobrados e Mucambos", Gilberto Freyre analisa a decadência do patriarcado rural e o desenvolvimento do urbano, no período compreendido entre o final do século XVIII e a primeira metade do XIX.
Como Casa-Grande & Senzala, a obra estuda o passado do povo brasileiro "através de seus estilos de residência e a sua influência sobre a vida e o caráter do mesmo povo", pois casa, no Brasil, é também, "como Gilberto Freyre demonstra em sua obra, escola, igreja, banco, partido político, hospital, casa comercial, hospício, local de diversão, parlamento, restaurante, e o que mais se queira", segundo a observação de Roberto DaMatta.
Por certo também teatro, no sentido usado por Calderón de la Barca - o grande teatro do mundo -, com os seus conflitos familiares, as práticas sexuais, o relacionamento de senhores e escravos, os raptos de iaiás, vaidades e orgulhos de famílias, muitas delas gabando-se de uma discutível pureza racial. Cenário ideal para a afirmação social do bacharel e do mulato, uma das características

mais marcantes do período, de acelerada transformação social, em contraste com a época estudada em Casa-Grande & Senzala, segundo Freyre "uma quase maravilha de acomodação".
A obra repete as mesmas deliciosas ousadias de estilo de Casa-Grande & Senzala e utiliza os mesmos recursos de se documentar em fontes até então menosprezadas pelos estudiosos (velhos cadernos de anotações, livros de culinária, anúncios de jornais).
A versão definitiva de Sobrados e Mucambos, como a conhecemos, foi composta em duas etapas: o texto da primeira edição, lançada em 1939, e os "acréscimos substanciais" e cinco capítulos novos incorporados à edição de 1951.
A presente edição, em bela apresentação gráfica, ilustrada a cores, vem enriquecida com um excelente prefácio de Roberto DaMatta.

Compre agora e leia

Coleção Melhores Crônicas
Coelho Neto
Seleção e Prefácio Ubiratan Machado

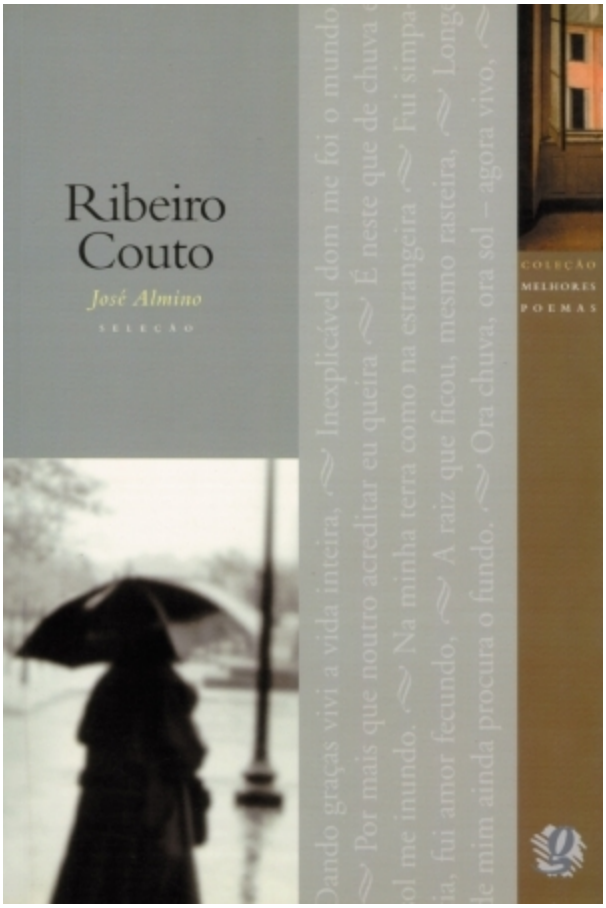
# Melhores Crônicas Coelho Neto

Neto, Coelho
9788526019089
288 páginas

Compre agora e leia

"Coelho Neto, romancista, que podemos chamar historiador, no sentido de contar a vida das almas e dos costumes. É dos nossos primeiros romancistas, e, geralmente falando, dos nossos primeiros escritores."
Machado de Assis
"Coelho Neto é contudo um poeta, um rapsodo, um bardo narrador de histórias, um encantado, feito para encantar as crianças que somos todos nós, homens."
Gilberto Amado
"Pairou sempre acima das escolas e dos grupos literários, absolutamente fiel a si mesmo e a seu destino de escritor, ao mesmo tempo chefe incontestável de toda uma geração e isolado no seu esplendor de exemplar único de sua espécie no Brasil."
Otávio de Faria

Compre agora e leia


Ribeiro
Couto
José Almino
SELECÇÃO
COLEÇÃO
MELHORES
POEMAS

# Melhores Poemas Ribeiro Couto

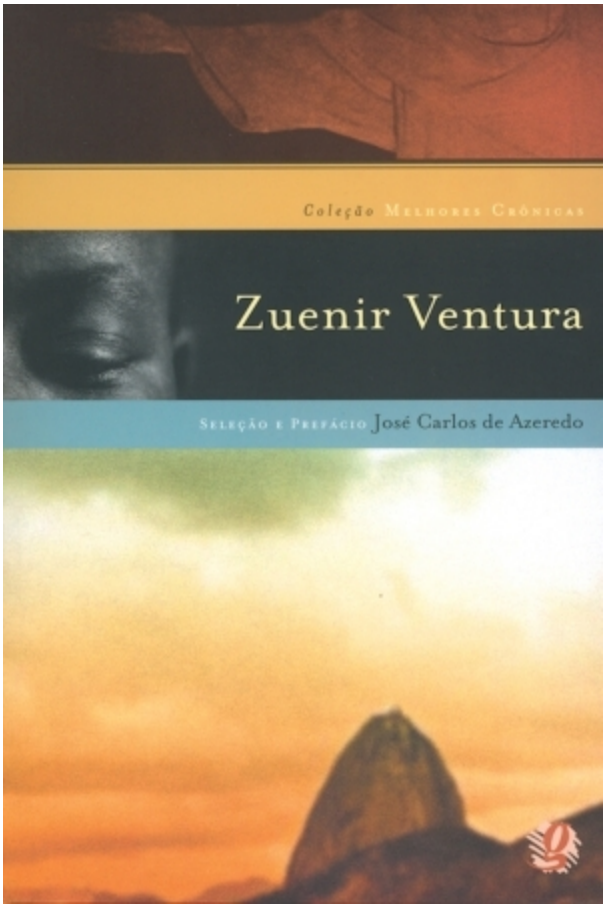
Couto, Ribeiro
9788526019140
200 páginas

Compre agora e leia

Sem nunca deixar de ser um romântico, apesar da eventual tonalidade moderna e modernista de sua poesia, Ribeiro Couto foi o poeta da província, das pequenas cidades espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, silenciosas, das casas misteriosas, dos quintais com goiabeiras magras e pés de chuchu trepando pelos galhos, dos domingos onde nada acontece, dos crepúsculos ao som do sino, das vidas obscuras.
Nascido em Santos (1898), Rui Ribeiro Couto cursou a Faculdade de Direito de São Paulo, que não concluiu, formando-se pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Jornalista, promotor público em São Paulo e em Minas Gerais, ingressou na diplomacia em 1934, servindo em diversos países da Europa, num exílio que se refletiria em sua poesia, com uma nota de acentuado saudosismo.
Nos primeiros livros - O Jardim das Confidências e Poemetos de Ternura e de Melancolia -, o poeta parece um tanto temeroso de se atirar à vida, vista através de

uma certa penumbra, que se dissolve nos livros seguintes. Sem violentar a sua sensibilidade, o poeta integra-se ao mundo - Um Homem na Multidão (1926) - consciente do valor da "experiência vivida".
A experiência vivida pelo poeta, então, era amarga. Tuberculoso, passa dois anos em Campos de Jordão, vagueia pelas cidades mortas do Vale do Paraíba, ambientes que se refletem em Província (1933).
Homem do mundo, diplomata, vivendo nas civilizadas cidades europeias, Ribeiro Couto se volta, singularmente, e cada vez mais, para a simplicidade e a nostalgia, o mundo perdido da infância, o lirismo das modinhas populares, que marcam os seus livros da maturidade, Cancioneiro do Ausente (1943), Entre Mar e Rio (1952), Longe (1961).
Como observa José Almino, "poetas como ele não tiveram muita influência nem deixaram linhagem. Mas são pontos luminosos. Inapagáveis".

Compre agora e leia


Coleção Melhores Crônicas
Zuenir Ventura
Seleção e Prefácio José Carlos de Azeredo

# Melhores Crônicas Zuenir Ventura

Ventura, Zuenir

9788526018426

400 páginas

Compre agora e leia

Dizem que a boa crônica é como um passeio sem sair da poltrona, graças às artes mágicas do cronista. Se assim for, as crônicas de Zuenir Ventura são como um grande passeio pelo Brasil, os múltiplos Brasis que convivem entre as fronteiras amazônicas e o oceano Atlântico, um país marcado pela violência, os conflitos sociais, as espertezas de toda espécie, mas também por um invejável senso de humor, muito mais interessante e espontâneo que o tal sense of humour dos ingleses, um negócio meio artificial, feito de ironia e desilusão. No humor um tanto ingênuo do brasileiro palpita vida, irreverência, esperança, por vezes sarcasmo e violência. Como entender esse país contraditório, esbanjando alegria de viver, rebelde e conformado, ao mesmo tempo?
Muitos já tentaram decifrar o enigma. O cronista tem também as suas explicações, formuladas na instigante crônica O Brasil o que é? A conclusão? Bem, o Brasil não

é um país para principiantes. E ninguém melhor do que Zuenir conhece essa verdade elementar. Ele é um veterano no conhecimento do Brasil.
Como jornalista viajou milhares de quilômetros pelo país, embrenhou-se na selva, conheceu moradores da floresta e das favelas, as igrejas baianas e mineiras, os pampas e o sertão, conviveu com escritores, músicos, homens públicos. Como morador do Rio de Janeiro elegeu a cidade, uma espécie de síntese dos mil e um contrastes do Brasil (que podem ser apreciados numa viagem de Ipanema ao Complexo da Maré) como um dos motivos preferidos de suas crônicas.
E desses fatos, personagens e cidades, Zuenir Ventura extrai a matéria viva de suas crônicas, pessoais, leves e incisivas, com ligeiras pitadas de ironia e um intenso poder de comunicação, nas quais "domina a arte mais difícil que existe, a arte de parecer que não há arte" (Luis Fernando Verissimo).

Compre agora e leia